

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

WARLEY JOSÉ CAMPOS ROCHA

***VOCÊ E CÊ: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONAL EM UMA COMUNIDADE DO
SERTÃO DA RESSACA***

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2017

WARLEY JOSÉ CAMPOS ROCHA

***VOCÊ E CÊ: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONAL EM UMA COMUNIDADE DO
SERTÃO DA RESSACA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa

Coorientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2017

Rocha, Warley José Campos.

R57v Você e cê: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca. / Warley José Campos Rocha, 2017. 200f.: il. (algumas color.).

Orientador (a): Valéria Viana Sousa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2017.
Inclui referências. F. 176 – 189.

1. Língua Portuguesa - Pronome. 2. Pronome – Você. 3. Variante – Cê. 4. Sociofuncionalismo. 5. Variação – Estratificação. I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- em Linguística - PPGLin. III. T.

CDD: 469.5

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/54-P
UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

Título em inglês: *Você and Cê: a sociofunctional study in a community of Sertão da Ressaca.*

Palavras-chave em inglês (keywords): Portuguese. Pronoun *Você*. Variant *Cê*. Sociofunctionalism. Variation. Stratification.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca Examinadora: Prof^ª Dr^ª Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Coorientador); Prof^ª Dr^ª Cristiane Namiuti Temponi (UESB); Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva (UFPB).

Data da Defesa: 09 de fevereiro de 2017

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

FOLHA DE APROVAÇÃO

WARLEY JOSÉ CAMPOS ROCHA

VOCÊ E CÊ: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONAL EM UMA COMUNIDADE DO
SERTÃO DA RESSACA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 09 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Valéria Viana Sousa

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Vice-Presidente)

Ass.: Jorge Augusto Alves da Silva

Profª. Dra. Cristiane Namiuti Temponi
Instituição: UESB

Ass.: Cristiane Namiuti Temponi

Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva
Instituição: UFPB

Ass.: Camilo Rosa da Silva

Dedico todo esse trabalho de mestrado às minhas avós: a Arlinda, avó paterna (presente em minha memória) que, um pouco antes da sua partida, indagou-se se Deus a permitiria me ver formar – minha vó, onde quer que a senhora esteja, saiba que a sua pergunta nunca mais me deixou parar de buscar o conhecimento; a Euzébia, avó materna, que com seus mais de 100 anos, é um verdadeiro exemplo de vida e sabedoria para mim.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha caminhada estudando o *(VO)CÊ*, percebi que uma das coisas que mais me fascinam nesse pronome é exatamente a sua natureza multifuncional. Nele, eu posso encontrar meu interlocutor, encontrar-me e encontrar vários referentes. Por isso, nada mais justo do que começar os meus agradecimentos explorando essa multifuncionalidade, a partir da seguinte declaração:

A VOCÊ, que foi fundamental nesta jornada, TODA A MINHA GRATIDÃO!

Dentro desse grande **VOCÊ**:

Eu encontro **Deus**, o Ser supremo, que, em todo tempo, foi lâmpada e suporte para os meus pés, afinal, ainda que eu tenha tropeçado na caminhada, de modo algum, entreguei-me à queda ou ao fracasso.

Eu encontro **meu pai, minha mãe e meu irmão**, as pessoas que, com frequência, viram-me perder noites inteiras estudando, escrevendo artigos, construindo minha dissertação, preparando-me para viagens e apresentações de trabalhos em eventos, com bom ou mau humor, com paz ou apreensivo, enfim, gerando um sonho que é NOSSO!

Eu encontro **Tia Lia**, a minha eterna *Mamãe-Tia Lia*, cujo amor incondicional deu-me forças e motivos para jamais desistir; encontro **Vó Euzébia**, que com seus mais de 100 anos sempre me inspirou a buscar a SABEDORIA; encontro **Vó Arlinda**, uma das pessoas mais sorridentes que já conheci, e a quem sempre vou me lembrar quando alcançar qualquer vitória na vida; e encontro cada um dos **meus familiares**, que, genuinamente, esteve comigo nessa jornada, ainda que fosse em pensamentos positivos.

Eu encontro **Igor Uerlison**, uma pessoa em quem me inspiro muito, afinal, é um exemplo de força, fé, administração, afeto e companheirismo. Com quem, inclusive, aprendi a praticar, em meus dias, a empatia, além de vestir o meu melhor sorriso!

Eu encontro quatro anjos muito especiais que me acompanham desde a graduação, sendo eles: **Lorena**, a minha amiga-irmã-gêmea, que está comigo de maneira muito próxima e afetuosa, segurando-me na mão e correndo sempre em direção a um futuro de sucesso; **Evangeline**, a minha amiga de idas e vindas para a UESB, nas quais fomos e somos ouvidos um para o outro; **Gabriela**, a minha amiga que sempre tem palavras de experiência e sabedoria para compartilhar comigo; e **Hayat**, a minha amiga que mais parece uma fortaleza e nos braços de quem sempre me escondo nos abraços fortes.

Eu encontro cada um dos meus **verdadeiros amigos**, que não arrisco, agora, pormenorizá-los, pois posso me esquecer de algum; encontro algumas pessoas parceiras que me ajudaram, especialmente, nas demandas do mestrado, a saber: **Caio Aguiar, Cida Guimarães, Daniel Teixeira, Edneilton Gomes, Emerson Souza, Ivana Ivo, Jonathan Lopes, Lucas Porto, Luiz Fernando, Mirlane Rodrigues, Paulo Henrique, Ronaldo Júnior, Vânia Raquel e Sinval Medeiros**; encontro, também, **todos os informantes** da minha pesquisa.

Eu encontro os meus grandes mestres, que, gentil e pacientemente, foram verdadeiros mediadores do conhecimento, dentre eles, destaco aqui: **Adilson Ventura, Jorge Miranda e Jorge Viana**, professores que me ensinaram bastante nas disciplinas do mestrado; **Cristiane Namiuti e Vera Pacheco**, as quais, além de serem minhas professoras no mestrado, muito prontamente, aceitaram o convite para compor o grupo de membros da minha banca examinadora tanto do exame de qualificação quanto da defesa da dissertação; **Edvânia Gomes, Marian Oliveira e Nirvana Sampaio**, as quais, apesar de não terem sido minhas professoras na pós-graduação, são pessoas muito especiais para mim; e o professor **Jorge Augusto**, que me acompanha da graduação até o mestrado como meu coorientador e mestre.

Eu encontro minha orientadora, **Valéria Viana Sousa**, a qual reconheço como um dos luzeiros mais importantes da minha vida. Valéria, nesses quase seis anos em que estivemos trabalhando em parceria, tem sido aquela pessoa que está sempre disposta a me mostrar todas as possibilidades, a me inquietar, de maneira construtiva, quanto àquilo que escrevi ou falei, a ser não somente uma orientadora, mas uma verdadeira AMIGA!

Eu encontro o professor **Camilo Rosa**, que, tão atenciosamente, não mediu esforços para ser um parceiro nesse momento, lançando o seu olhar cuidadoso e experiente para o meu texto; encontro, também, a professora **Ariadne Domingues**, que se colocou à disposição, ocupando o lugar de suplente na banca examinadora da defesa.

Eu encontro cada um dos membros do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo, mais carinhosamente conhecido como **Grupo Janus**, que, de modo tão amistoso, me acolhe, sendo sempre uma das minhas molas propulsoras mais importantes nessa jornada, além de, é claro, lembrar-me, com frequência, da necessidade do olhar tanto para o passado quanto para o futuro.

Eu encontro a **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB**, a instituição em que me formei e dei continuidade aos meus estudos; e encontro a **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES**, fundação responsável por tornar mais leve a minha caminhada ao longo da pós-graduação.

Há palavras que crescem a partir de dez mil coisas e palavras que crescem a partir de outras palavras. Seu número não tem fim. Mas há uma palavra que brota do silêncio, a Palavra que é o começo do mundo.

Rubem Alves, 2013

RESUMO

Esta pesquisa refere-se a um estudo cujo objetivo consistiu em descrever a variação/estratificação entre o pronome *você* e a sua forma variante *cê*, em posição pré-verbal, na função de sujeito de orações finitas, no vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista – BA. Diante disso, demos início ao nosso texto particularizando o objeto de estudo à luz da Sócio-história, perpassando pelas gramáticas (históricas, prescritivas e descritivas) e registrando um número substancial de estudos linguísticos já desenvolvidos no Brasil dentro da temática. Em seguida, apresentamos o Sociofuncionalismo, teoria que surge da conciliação de outras duas teorias (Sociolinguística Variacionista e Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização), que subsidiou a discussão dos resultados. Na sequência, apresentamos a metodologia empregada, delineando os grupos de fatores que consideramos para analisar a alternância entre *você* e *cê*, sendo eles: (i) *natureza semântico-funcional*; (ii) *paralelismo formal*; (iii) *superestrutura textual*; (iv) *faixa etária*; (v) *sexo*; e (vi) *escolaridade*. Posto isso, apresentamos os nossos resultados, os quais foram decorrentes da investigação da variação/estratificação entre o pronome *você* e a sua forma variante *cê* em uma amostra composta por 24 entrevistas, extraídas de dois *corpora* orais, o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). As entrevistas foram selecionadas segundo três faixas etárias, a saber: (a) faixa I – de 15 a 35 anos; (b) faixa II – de 36 anos a 49 anos; (c) faixa III – de 50 anos em diante, e respeitando as seguintes especificações: 12 entrevistas de informantes do sexo masculino e outras 12 de informantes do sexo feminino. Feitas as considerações metodológicas, damos continuidade ao texto, apresentando as análises dos dados e suas discussões, seguidas das considerações finais e referências. Coletamos um total de 788 dados, sendo 56% das ocorrências do pronome *você* e 44% da forma variante *cê*. Em suma, entre outras considerações, tivemos claros indícios de que, em Vitória da Conquista – BA, a variação entre o pronome *você* e a sua forma variante *cê* encontra-se em mudança em curso em direções divergentes, posto que se considerarmos a fala dos informantes mais jovens do Português Popular, a variante *cê* está em franca expansão de uso, ao passo que o comportamento linguístico dos informantes do Português Culto das primeiras faixas etárias revela uma atitude linguística mais conservadora, uma vez que é pronome *você* a variante que goza de favorecimento nesse caso. Além disso, a partir dos resultados, pudemos notar que a forma inovadora *cê*, além de ser mais marcada, segundo o subprincípio da

frequência/marcação, não pode ser considerada como uma forma estigmatizada, se nos basearmos em análises que associam tanto elementos internos quanto externos à língua.

PALAVRAS-CHAVE

Pronome *você*. Variante *cê*. Sociofuncionalismo. Variação/Estratificação.

ABSTRACT

This research refers to a study whose objective was to describe the variation / stratification between the pronoun *você* and its variant form *cê*, in pre-verbal position, in the subject pronoun function. Thus, we began our text individualising the object of study according to the socio-history, passing by the grammars (historical, prescriptive and descriptive) and registering a substantial number of linguistic studies already developed in Brazil in the current subject. Then we presented the Sociofunctionalism, theory arising from the reconciliation of two other theories (Sociolinguistics and North-American Functionalism) and that supported the discussion of our results. Following, we presented the methodology employed, outlining the factors specification groups that we considered to analyze the alternation between *você* and *cê*, being: (i) semantic-functional nature; (ii) formal parallelism; (iii) textual superstructure; (iv) age; (v) sex; and (vi) education. That said, we present our results, which were related to the investigation of variation / stratification between the pronoun *você* and its variant form *cê* in a sample of 24 interviews, drawn from two oral *corpora*, the *Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC)* and the *Corpus do Português Culto de Vitória da Conquista (Corpus PCVC)*. Interviews were selected in three age groups, namely: (a) age group I - 15-35 years; (b) age group II - 36 years to 49 years; (c) age group III - 50 years on, and respecting the following specifications: 12 interviews of male informants and 12 of female informants. In addition, given the methodological considerations, we continued the text, presenting the analyzes of the data and their discussions, followed by the final considerations and references. We collected a total of 788 data, 56% of the pronoun *você* occurrences and 44% of the variant form *cê*. In short, among other considerations, we had clear evidence that, in Vitória da Conquista - BA, the variation between the pronoun *você* and its variant form *cê* is in ongoing change in different directions. That occurs because if we consider the speech of the young informants who do not have high schooling levels, we will note the increase of the use of the variant *cê*. In other hand, if we take into consideration the speech of the young informants who have high schooling levels, we will notice the increase of the use of the pronoun *você*. Furthermore, from the results, we noted that the innovative form *cê*, besides being more marked, according to the subprinciple frequency/markedness, it cannot be considered as a stigmatic form, if we base our study on analyzes which combine both internal elements and external ones of language.

KEYWORDS

Pronoun *voce*. Variant *ce*. Sociofunctionalism. Variation/Stratification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cline proposto por Hopper e Traugott (2003, p.7, tradução nossa)	80
Figura 2 - Ciclos entre mudança e variação linguísticas	90
Figura 3 - (VO)CÊ: gramaticalizando-se e variando.....	91
Figura 4 - Delimitação histórico-geográfica da Região do Sertão da Ressaca proposta por Mendes (2009).....	97
Figura 5 - Ilustração do princípio de divergência relacionado ao uso das variante você e cê na comunidade de Vitória da Conquista – BA	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição da frequência de uso do pronome você segundo a referência definida (P2) e indefinida (P1 e Genérico) – Informações provenientes da amostra de Sousa (2008) (percentuais).....	52
Gráfico 2 - Distribuição de frequência das variantes você e cê – Vitória da Conquista – BA (percentuais).....	117
Gráfico 3 - Variável escolaridade (valores de aplicação do você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	125
Gráfico 4 - Variável faixa etária (valores de aplicação do você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	129
Gráfico 5 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e escolaridade (valores de aplicação de você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	131
Gráfico 6 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e natureza semântico-funcional (valores de aplicação de você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	134
Gráfico 7 - Combinação dos fatores das variáveis natureza semântico-funcional e escolaridade (valores de aplicação do você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	136
Gráfico 8 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e sexo (valores de aplicação do você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	138
Gráfico 9 - Natureza semântico- funcional (valores de aplicação do você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	142
Gráfico 10 - Distribuição geral de ocorrências de você e cê com referência definida e referência indefinida na comunidade de Vitória da Conquista (percentuais).....	144
Gráfico 11 - Cruzamento das variáveis independentes linguísticas natureza semântico-funcional e superestrutura textual (valores de aplicação de você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (percentuais).....	148
Gráfico 12 - Variável sexo (valores de aplicação do você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (percentuais).....	152
Gráfico 13 - Combinação dos fatores das variáveis sexo e escolaridade (valores de aplicação de você e do cê) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos).....	154

LISTA QUADROS

Quadro 1 – Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas históricas	37
Quadro 2 - Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas prescritivas.....	40
Quadro 3 - Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas descritivas.....	42
Quadro 4 - Os pronomes você e cê nos estudos linguísticos	47
Quadro 5 – Fatores sociais nos estudos linguísticos empreendidos por Calmon (2010), Loregian-Penkal (2012) e Loregian-Penkal e Menon (2012).....	56
Quadro 6 - Mapeamento da nossa amostra de pesquisa.....	101
Quadro 7 - Síntese das variáveis controladas.....	110
Quadro 8 - Mapeamento dos informantes conquistenses que responderam o teste de avaliação/percepção.....	113
Quadro 9 - As respostas do teste de avaliação para a primeira pergunta sobre o dialeto conquistense	156
Quadro 10 - Avaliação dos informantes com relação a algumas sentenças propostas	159
Quadro 11 - Justificativa dada pelos informantes com relação às sentenças que eles sinalizaram que não usariam.....	160
Quadro 12 - As respostas do teste de avaliação para a terceira pergunta sobre a alternância pronominal entre o você e o cê.....	162
Quadro 13 - As respostas do teste de avaliação para a quarta pergunta sobre a percepção/avaliação do uso do pronome cê	165
Quadro 14 - As respostas do teste de avaliação para a quinta pergunta sobre a percepção do informantes com relação ao seu comportamento linguístico no que tange ao uso, ou não, do pronome tu e, em casos afirmativos, em quais contextos linguísticos	167

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estudos sobre a referência do você e do cê (apresentação adaptada).....	51
Tabela 2 – Resultado global de nossa amostra – Vitória da Conquista – BA	116
Tabela 3 - Paralelismo formal (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA	120
Tabela 4 - Variável escolaridade (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA	125
Tabela 5 - Variável faixa etária (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA	128
Tabela 6 -Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e escolaridade (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA	130
Tabela 7 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e natureza semântico-funcional (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA.....	133
Tabela 8 - Combinação dos fatores das variáveis natureza semântico-funcional e escolaridade (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA.....	136
Tabela 9 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e sexo(valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA.....	137
Tabela 10 - Natureza semântico- funcional (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA	142
Tabela 11 - Cruzamentos dos grupos de fatores natureza semântico-funcional e superestrutura textual(valores aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA	147
Tabela 12 - Variável superestrutura textual (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA	149
Tabela 13 - Variável sexo (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA.....	151
Tabela 14 - Combinação dos fatores das variáveis sexo e escolaridade (valores de aplicação do você) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA.....	153

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
2 RETRATOS DO PASSADO AO PRESENTE: UM OLHAR PANCRÔNICO	24
2.1 Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao Cê.....	25
2.2 Fotografias em dois cenários: nas gramáticas e nos estudos linguísticos	31
<i>2.2.1 Contornos que antecedem</i>	<i>32</i>
<i>2.2.2 Gramáticas: em um cenário com contrastes contornados.....</i>	<i>37</i>
<i>2.2.3 Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes.....</i>	<i>46</i>
3 DUAS PERSPECTIVAS E UMA PROPOSTA CONCILIATÓRIA	60
3.1 À luz da Sociolinguística Variacionista	61
<i>3.1.1 Variação e Mudança Linguística.....</i>	<i>62</i>
3.1.1.1 Passos metodológicos de um estudo sociolinguístico variacionista.....	70
3.2 Nas lentes do Funcionalismo Linguístico Norte-Americano	73
<i>3.2.1 A língua e a gramática na ótica funcionalista</i>	<i>73</i>
<i>3.2.2 Gramaticalização: em vias de mudança</i>	<i>78</i>
3.3 Uma proposta conciliatória: o Sociofuncionalismo	87
4 DIRECIONAMENTOS METODOLÓGICOS.....	94
4.1 O locus da pesquisa	94
4.2 Descrevendo a amostra de nossa pesquisa	98
<i>4.2.1 Nossa amostra.....</i>	<i>101</i>
4.2.1.2 Critérios para exclusão de dados	102
4.3 Delineando nosso envelope de variação	103
<i>4.3.1 Variável dependente.....</i>	<i>104</i>
<i>4.3.2 Variáveis independentes</i>	<i>104</i>
4.3.2.1 Variáveis linguísticas.....	105
4.3.2.1.1 Variável linguística: natureza semântico-funcional	105
4.3.2.1.2 Variável linguística: superestrutura textual.....	106
4.3.2.1.3 Variável linguística: paralelismo formal	107
4.3.2.2 Variáveis extralinguísticas.....	107
4.3.2.2.1 Variável extralinguística: sexo	108
4.3.2.2.2 Variável extralinguística: faixa etária	108
4.3.2.2.3 Variável extralinguística: escolaridade	109
4.4 Procedimentos que viabilizaram as análises	111

4.5 Encaminhamentos para o teste de avaliação.....	113
5 VOCÊ E CÊ EM UM DUELO: OS RESULTADOS DESSA BATALHA.....	115
5.1 Ponderações que antecedem o duelo principal	115
5.2 Resultados gerais	116
5.3 Rodada geral	119
5.3.1 Paralelismo formal	120
5.3.2 Escolaridade.....	124
5.3.3 Faixa etária.....	127
5.3.3.1 Variação estável ou mudança em curso?	139
5.3.5 Considerações sobre as variáveis eliminadas	141
5.3.5.1 Natureza semântico-funcional	141
5.3.5.2 Superestrutura textual	149
5.3.5.3 Sexo	151
5.4 VOCÊ versus CÊ: esse duelo na ótica dos conquistenses	155
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
REFERÊNCIAS	176
APÊNDICE	190
APÊNDICE A - Teste de Avaliação	190
ANEXOS	192
ANEXO A – Roteiro de perguntas para a entrevista	192
ANEXO B – Ficha Social do Informante	196

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] Uma descrição adequada de uma língua natural deve partir das intenções do falante para as formas das expressões linguísticas, ou seja, a construção das expressões linguísticas se inicia na formulação da intenção do falante, que é então codificada, e termina na articulação de expressões linguísticas [...] (PEZATTI, 2014).

Desde tempos longínquos, os fatos da língua(gem) despertam a curiosidade de muitos estudiosos, apesar da Linguística, ciência responsável pelo seu estudo, só ter obtido *status* há um pouco mais de um século. Então, ao longo de sincronias, que, unidas, deram margem a uma diacronia, muitas trilhas foram percorridas e há outras tantas que carecem de devida exploração. Nesses percursos já feitos, alguns viram-se atraídos pela forma, porém outros foram seduzidos pela função. Mas, há aqueles que preferiram o olhar flutuante entre a forma e suas respectivas funções¹.

Não poderíamos deixar de lembrar que, para alguns, a linguagem resume-se à representação do mundo e expressão do pensamento; outros já a concebem como uma capacidade inata, que todos nós partilhamos e herdamos geneticamente; há, ainda, aqueles que a veem como um instrumento de comunicação; e, para outros tantos, a linguagem passa a ser o *locus* da (re)ação, ou melhor, passa a ser o lugar onde acontece a interação interlocutória.

Nessa sequência, emerge a língua, como um rio caudaloso (homogêneo para uns e heterogêneo para outros), cheio de significados e significantes, os quais se combinam (para uns arbitrariamente e para outros nem tanto), formando os signos, que, juntos, flutuam no plano paradigmático, aguardando serem selecionados e direcionados ao plano sintagmático, onde se relacionam, segundo as suas afinidades, com outros tantos signos. E nessas idas e vindas entre plano paradigmático e sintagmático, percebemos que os signos desenvolvem um espírito competitivo entre eles, protagonizando verdadeiros duelos, com vistas a gozar de exclusividade no plano sintagmático e, conseqüentemente, destituir os seus rivais daquele possível lugar.

Então, é nesse cenário que surgem os olhares curiosos científicos, visando descrever esses jogos da linguagem. Dessa maneira, os fenômenos começam a ser denominados de acordo com as teorias. Por exemplo, o que outrora, metaforicamente, descrevemos como um duelo de signos, agora, denominamos variação linguística, se lançarmos um olhar

¹ Na *Seção 3 – Duas perspectivas e uma proposta conciliatória*, aprofundaremos a discussão acerca de conceitos como *forma, função, perspectivas formalistas e funcionalistas*, retomando correntes linguísticas do século XX, como, por exemplo, Estruturalismo e Funcionalismo, das quais podemos evidenciar grandes nomes, como Ferdinand de Saussure, Paul Hopper, William Labov, Uriel Weinreich, Marvin I. Herzog, entre outros.

sociolinguístico, ou um caso de estratificação, se o olhar for funcionalista, em que variantes/camadas representam, ou concorrem para representar, um único significado ou domínio funcional.

Dentre os tantos estudos investigativos possíveis na área da Linguística, observamos um expressivo interesse dos pesquisadores em descrever e analisar a categoria pronominal do Português Brasileiro, como poderemos ver na subseção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*. Obviamente que, em função de ser uma ampla categoria, farta de outras subcategorias, os estudos empreendidos com essa temática, geralmente, são realizados a partir de uma metodologia atomizadora, em que um ou dois pares de pronomes torna(m)-se objeto(s) de estudo.

A nossa inquietação para se investigar questões relacionadas à categoria pronominal do Português Brasileiro, mais especificamente, em uma comunidade do Sertão da Ressaca, no caso Vitória da Conquista – BA, teve início, precisamente, nas aulas da disciplina *Laboratório de Leitura e Escrita I*, ainda na graduação, quando a professora tratou da extensão de sentido sofrida pelos pronomes, retomando, para tanto, o trabalho desenvolvido na Paraíba, por Sousa (2008), no qual há um estudo da variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome *você*.

Desde então, filiados ao Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq (Grupo Janus)², demos início aos estudos com o pronome *você* e a sua forma variante *cê* no vernáculo de Vitória da Conquista – BA. Diante das investigações feitas, atreladas ao nosso interesse em pesquisar com mais acuidade a alternância pronominal entre o *você* e o *cê* na referida comunidade linguística, sentimo-nos motivados o bastante para dar continuidade, no Mestrado Acadêmico, a tais estudos que principiaram no período da Iniciação Científica.

Partimos do pressuposto de que esses pronomes, apesar de serem duas formas que coexistem na língua, na verdade, surgiram no Português como a locução nominal *Vossa Mercê*, cuja especificação temporal de sua origem não é consensual, apesar de se acreditar ter sido nos idos do século XIV, estabelecendo-se no século seguinte (cf. NASCENTES, 1956; PERES, 2007; GONÇALVES, 2010). Mediante pressões de ordem interna e externa à língua, o que, nos tempos de seu surgimento, era uma forma de tratamento real cerimoniosa, na contemporaneidade, espalha-se entre os falantes como formas de se direcionar ao interlocutor, independentemente de qual seja a posição hierárquica social que ele ocupe, além de serem

² Encontramos maiores informações sobre o Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq (Grupo Janus) no blog: <http://grupojanusuesb.blogspot.com/>.

reconhecidas como pronomes pessoais ou de tratamento para alguns ou do caso reto para outros.

Sobre os estudos que abrangem as referidas formas pronominais, podemos destacar, na Região Nordeste, por exemplo, o trabalho, como já mencionado, de Sousa (2008) na Paraíba, o de Alves (2010) no Maranhão, o de Moura (2013) no Rio Grande do Norte, o de Rocha e Sousa (2015) na Bahia, entre outros³. Nesses estudos, os pesquisadores buscam, além de descrever os fenômenos relacionados aos referidos itens linguísticos, traçar o comportamento destes diatopicamente, observando as semelhanças e diferenças de comportamento dos referidos pronomes nas regiões brasileiras e apontando, por vezes, novas tendências que vêm acontecendo no Português Brasileiro.

Baseando-nos nos estudos preliminarmente realizados, bem como em nossas observações sobre o comportamento linguístico dos conquistenses, com vistas a dar encaminhamento à pesquisa, lançamos a seguinte questão-problema: quais seriam os contextos favoráveis à alternância pronominal entre o item *você* e sua forma variante *cê*, considerando as realizações em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas, na comunidade de fala de Vitória da Conquista – BA?

Movidos por essa inquietação, com o intuito de contribuir para o cenário de estudos de formas pronominais, epautando-nos nos pressupostos do Sociofuncionalismo, cuja emergência dá-se entre os princípios da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização, empreendemos o presente trabalho, tomando como objeto de estudo a variação/estratificação entre o pronome *você* e a sua forma variante *cê*, em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas, na comunidade linguística supracitada.

Neste estudo, especificamente, examinamos a variação/estratificação entre as duas formas a partir de contextos reais de uso linguístico. Para que isso fosse possível, lançamos mão de entrevistas, no modelo laboviano, as quais foram extraídas de dois *corpora* orais, o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). Selecionamos dos *corpora* 24 (vinte e quatro) entrevistas, segundo critérios bem definidos no que diz respeito à estratificação social (sexo, faixa etária e grau de escolaridade). Além disso, valemo-nos

³ Em outras regiões, podemos destacar o trabalho de Scherre et. al. (2012) em Brasília; Costa (2013) nas Capitais do Norte; Vitral (1996) e Perez (2006) em Minas Gerais; Calmon (2013) em Vitória; Lopes e Souza (2012) no Rio de Janeiro; Loregian-Penkal e Menon (2012) na Região Sul.

de uma seleção de grupos de fatores, ou variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, que viabilizaram o refinamento da análise do nosso objeto de estudo.

Estabelecemos tais parâmetros metodológicos, por entendermos, dessa forma, que conseguiríamos atingir o objetivo de responder algumas questões por nós propostas nesta pesquisa. Baseando-nos em um cenário nacional científico rico em estudos sobre o pronome *você* e sua variante *cê*, nos quais podemos verificar, pancronicamente, o processo de gramaticalização sofrido por tais formas linguísticas desde a sua origem, considerando, também, variáveis linguísticas e extralinguísticas, perguntamos: o comportamento linguístico das formas em variação no vernáculo conquistense tem seguido, parcial ou totalmente, o comportamento linguístico das mesmas formas registrado em outros estudos desenvolvidos e preconizados em diferentes regiões brasileiras?

Diante disso, lançamos algumas hipóteses, como as de que: (i) o pronome *você* e a forma variante *cê*, por serem bastante produtivos no falar de Vitória da Conquista – BA, encontrar-se-iam em um estágio de variação estável; (ii) a forma sincopada *cê* não sofreria estigma na comunidade conquistense; (iii) a forma variante *cê* seria mais frequente na variedade do Português falado em Vitória da Conquista – BA; (iv) a forma conservadora *você*, apesar de ser um pronome preconizado para se referir à segunda pessoa do singular, na comunidade conquistense, apresentaria maior produtividade com referência indefinida, ao passo que a forma inovadora *cê* lideraria com referência definida.

Visando comprovar nossas hipóteses, traçamos os objetivos que seguem:

- **Objetivo Geral**

- Descrever a variação/estratificação entre os pronomes *você* e *cê*, em posição pré-verbal, na função de sujeito de orações finitas, presente na comunidade de fala de Vitória da Conquista – BA.

- **Objetivos Específicos**

- Analisar se o comportamento linguístico do pronome *você* e da sua variante *cê*, os quais se encontram em variação no vernáculo conquistense, tem seguido, parcial ou totalmente, o comportamento linguístico das mesmas formas registrado em outros estudos desenvolvidos em diferentes regiões brasileiras, considerando elementos de ordem linguística e extralinguística, contribuindo, assim, para o cenário nacional de pesquisas com essa temática;
- Fazer o levantamento sócio-histórico do pronome *você* e, conseqüentemente, da sua forma variante *cê*;

- Pormenorizar o objeto de estudo em gramáticas históricas, prescritivas e descritivas da Língua Portuguesa;
- Localizar boa parte dos estudos realizados que envolvem nosso objeto, direta ou indiretamente, dando destaque, posteriormente, a alguns deles, com os quais seja possível dialogar a partir dos resultados obtidos;
- Estabelecer um diálogo entre o Sociofuncionalismo, corrente teórica que fundamenta essa dissertação, e os resultados obtidos;
- Analisar de forma qualitativa e quantitativa a variação/estratificação do pronome *você* e da sua forma variante *cê*, levando em conta variáveis de ordem linguística e extralinguística;
- Identificar tendências no cenário variável entre o pronome *você* e a forma variante *cê* que apontem para estágios de mudança linguística.

Com relação à organização da nossa dissertação, encontramos, além desta, outras cinco seções. Na presente seção, tecemos as considerações preliminares e apresentamos as hipóteses e objetivos. Na seção *Retratos do passado ao presente: um olhar panorâmico*, particularizamos o objeto de estudo, e, para tanto, fazemos uma trajetória partindo da Sócio-história, passando pelas gramáticas (históricas, prescritivas e descritivas) e concluindo a seção com a apresentação dos estudos linguísticos que lançamos mão para traçar diálogos ao longo das análises. Para tanto, recorreremos Oliveira (1536), Barros (1540), Cunha e Cintra (1985), Cintra (1986), Benveniste (1988), Said Ali (1964), Coelho (1999), Faraco (1996), Elia (1997), Ramos (1997), Peres (2006), Sousa (2008), Gonçalves (2008), Bechara (2009), Neves (2011, 2015), Castilho (2014), entre outros estudiosos.

Na seção *Dois perspectivas e uma proposta conciliatória*, apresentamos as duas teorias linguísticas, a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização, as quais fornecem subsídios teórico-metodológicos para o surgimento da terceira teoria, o Sociofuncionalismo, a qual também descrevemos ao final da seção. Valemo-nos dos pressupostos de Saussure (2006 [1916]), Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), Hopper (1991), Givón (1990, 1995), Guy (2001), Heine (2003), Hopper e Traugott (2003), Tavares (2003, 2013), Tarallo (2007), Tavares e Görski (2015), entre outros.

Na seção *Direcionamento metodológicos*, apontamos os materiais e métodos da pesquisa. A nossa amostra de pesquisa, por exemplo, foi constituída a partir dos *corpora* orais

PCVC e PPVC. Além disso, definimos três faixas etárias para a composição da amostra, a saber: (a) faixa I – de 15 a 35 anos; (b) faixa II – de 36 anos a 49 anos; (c) faixa III – de 50 anos em diante. Selecionamos, dos referidos *corpora*, 12 (doze) entrevistas de informantes do sexo masculino e outras 12 (doze) de informantes do sexo feminino, compondo, ao final, uma amostra com um total de 24 (vinte e quatro) entrevistas. Além disso, apresentamos nessa seção as variáveis do presente estudo, juntamente com outras hipóteses mais específicas.

Na seção *Você e cê em um duelo: os resultados dessa batalha*, apresentamos os resultados da pesquisa, por meio de tabelas e gráficos, os quais foram gerados a partir dos números fornecidos pelo programa *GoldVarb X*. Analisamos os resultados, dialogando com os trabalhos de outros pesquisadores, como, por exemplo, Coelho (1999), Ramos (1997), Peres (2006), Gonçalves (2008), Sousa (2008), Calmon (2010), Loregian-Penkal (2012), Loregian-Penkal e Menon (2012), procurando esclarecer as tendências que os números estatísticos nos levaram a identificar e finalizando a seção com as considerações acerca do teste de avaliação/percepção que foi realizado.

Finalmente, nas *Considerações finais*, tecemos as derradeiras ponderações sobre os resultados da pesquisa, os quais revelaram, por exemplo, que, em Vitória da Conquista – BA, a variação entre o pronome *você* e a sua forma variante *cê*, em posição pré-verbal, na função de sujeito de orações finitas, encontra-se, na verdade, em um estágio de mudança em curso em duas direções, quando tomamos como parâmetro o grau de escolaridade dos informantes. Em outras palavras, se focalizarmos somente no comportamento linguístico dos informantes considerados falantes do Português Popular, observaremos uma tendência de mudança linguística em direção ao contundente estabelecimento da forma inovadora *cê* no vernáculo em estudo; por outro lado, se o foco for dado apenas à produção linguística dos falantes do Português Culto, notaremos uma tendência à manutenção do pronome *você*, revelando, desse modo, um comportamento mais conservador. Ainda nessa seção, notamos que a forma inovadora *cê*, além de ser mais marcada, segundo o subprincípio da frequência (cf. Givón, 1990;1995), é uma variante que não sofre estigma social, diante de análises que perpassam tanto a estrutura linguística quanto questões outras como os fatores idade, escolaridade e diazonalidade, além, é claro, das considerações oriundas do teste de avaliação.

2 RETRATOS DO PASSADO AO PRESENTE: UM OLHAR PANCRÔNICO

(VO)CÊ

*Nos tempos de outrora,
Era Vossa Mercê.
Nos tempos de agora,
É apenas (Vo)cê.*

*Nos tempos de outrora,
O uso era real.
Nos tempos de agora,
O uso é geral.*

*Nos tempos de outrora,
Era um TU venerabundo.
Nos tempos de agora,
É um EU, um TU e TODO MUNDO.*

Warley Rocha, 2016

Movidos pelo objetivo de apresentar o protagonista deste estudo, o nosso objeto, optamos por lançar mão de duas perspectivas que podem facilitar a descrição do pronome *você* e da sua forma variante *cê*, a saber: (i) da perspectiva sócio-histórica, em que recuamos no tempo para recuperar as origens desses itens linguísticos, considerando elementos extralinguísticos, quer sejam culturais quer sejam sociais, os quais, por seu turno, são relevantes quando tratamos de questões relacionadas à língua, haja vista que esta é uma constituinte sociocultural; e (ii) da perspectiva linguística, em que ajustamos as lentes para captar os contornos dados aos referidos pronomes tanto nas gramáticas quanto nos estudos linguísticos que, igualmente, preocupam-se em descrever fenômenos da língua.

Dessa forma, dividimos essa seção em duas subseções principais: (i) a primeira é *Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao Cê*, na qual apresentamos a sócio-história do objeto de estudo deste trabalho; (ii) a segunda, *Fotografias em dois cenários: nas gramáticas e nos estudos linguísticos*, em que, ancorando-nos em registros de gramáticas e pesquisas linguísticas, delineamos o pronome *você* e sua forma variante *cê*, verticalizando, ao final, em alguns estudos da contemporaneidade.

Assim, fotografando panoramicamente os pronomes *você* e *cê*, a seguir, damos início à sua descrição.

2.1 Uma fotografia panorâmica: do *Vossa Mercê* ao *Cê*

Como anunciado anteriormente, nesta subseção, deter-nos-emos à Sócio-história, procurando demonstrar os percursos trilhados desde o sintagma nominal *Vossa Mercê* até a forma sincopada *cê*.

De acordo com Mattos e Silva (2006, p.23): “[...] Na história de qualquer língua, os fatores extralinguísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas [...]”. Concordamos com o ponto de vista da referida linguista, sobretudo, por percebermos, na sócio-história do nosso objeto de estudo, fatores de natureza linguística que foram determinados por questões sociais (extralinguísticas). Nessa direção, uma sugestão de Faraco (1996, p.52) é a de se “[...] abrir espaço para a exploração das intersecções entre o externo e o interno, aceitando a ideia de que a heterogeneidade social e as mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua [...]”.

Verticalizando, assim, em nossa discussão, a forma de tratamento *Vossa Mercê* surge na língua quando duas outras formas de tratamento direto, *tu* e *vós*, já estavam a serviço dos falantes para se dirigir a pessoas situadas em posições sociais divergentes ou, até mesmo, iguais às delas. Cintra (1986) chama a atenção para dois planos, o da intimidade e o da igualdade ou cortesia, e esclarece que, para o tratamento íntimo, usava-se *tu* ou *vós* (singular/plural), ao passo que para o tratamento marcado pelo distanciamento ou pela cortesia, priorizava-se o uso de *vós*. Faraco (1996, p.54) refere-se a esse modelo como “[...] o sistema latino tardio de tratamento do interlocutor [...]”.

No que diz respeito à data do advento da forma substantiva *Vossa Mercê* na língua, Peres (2006) destaca a falta de consenso entre os estudiosos. A linguista argumenta que:

De acordo com Luz (1956, p. 300; 359), a expressão aparece duas vezes nas cortes de 1331, mas é provável que já existisse antes dessa época. Segundo Cintra (1972, p. 17), até o século XIV, “notamos antes de mais nada a total[...] ausência de tratamento de tipo nominal”. No entanto, Faraco (1996, p. 60) afirma que, em textos de Fernão Lopes, sobre o período de 1357 a 1433, os aristocratas já se tratavam por *Vossa Mercê*. Por outro lado, Ali (1976, p. 93) e Nascentes (1956, p. 115) afirmam que, no século XIV, *Vossa Mercê* ainda não se havia cristalizado como expressão pronominal (PERES, 2006, p.99) (grifos da autora).

Movidos por essa discussão acerca da carência de consenso entre a data em que surge na língua a forma de tratamento indireto *Vossa Mercê*, avaliamos como relevante destacar o cenário histórico que abriga tal implementação linguística. Dessa forma, consideramos

importante retomar elementos da sociedade portuguesa, principalmente, no fim do período da Idade Média, o qual, sócio-historicamente, comporta o nascimento das formas substantivas de tratamento.

Nessa direção, valendo-se de fontes históricas (Gama Barros, Oliveira Marques e Saraiva), Faraco (1996) explica que, diante do aumento das práticas artesanais e comerciais, a economia da Europa ocidental começava a assumir novas características no século XII. Assim, um novo modelo econômico começava a se delinear especialmente nas cidades, propiciando o advento de uma nova classe social, a saber, a burguesia. Essa, por sua vez, passou a conviver competitivamente, no que tange ao poder econômico e político, com a nobreza daquele tempo.

Faraco (1996) esclarece que, com o passar do tempo, a visibilidade social e econômica da burguesia passou a se tornar mais expressiva e a sua competição com a nobreza, já no século XIV, mostrava-se consideravelmente mais aparente, afinal, já era possível encontrar cargos sendo assumidos por burgueses, cargos estes que, outrora, eram assumidos tão somente pela nobreza. A expansão populacional nos centros urbanos, diante desse rearranjo político, econômico e social, é outro elemento a se destacar. E, como sublinha Faraco (1996), tornaram-se cada vez mais visíveis os impactos na sociedade portuguesa. Tais mudanças podiam ser percebidas nos novos padrões de vestimenta, alimentação e maneira de se endereçar aos interlocutores. Por conseguinte, a língua também tornou-se um dos traços característicos das mudanças sociais vivenciadas pela sociedade portuguesa.

Dentre os traços linguísticos peculiares a essa revolução social vivida pelos portugueses, encontra-se a maneira de se endereçar ao rei, figura que “[...] transformou-se numa personagem social única, para quem a criação de formas diferenciadas de tratamento se apresentou como necessidade [...]” (FARACO, 1996, p.57-58). E nesse contexto sócio-histórico, nasce a forma de tratamento *Vossa Mercê*⁴. Nascentes (1956) delinea esse surgimento do seguinte modo:

Aos reis de Portugal falou-se a princípio por **vós**, secundado muitas vezes pelo vocativo **Senhor**. A este tratamento ajuntou-se **vossa mercê**, apelo a um predicado de monarca e linguagem que afagava a sua vaidade e amor próprio. Os súditos, dependentes sempre da mercê ou da graça do príncipe, apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual **vós**. Sabiamente pediam **por mercê** e punham frequentemente **vossa mercê** por **vós**, referindo-se, não à pessoa do soberano, e sim à graça e favor que dele dimanava. (NASCENTES, 1956, p.115) (grifos do autor)

⁴ Cintra (1986) e Faraco (1996) concordam que a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* foi, na realidade, uma importação da língua castelhana.

Instaurada mais uma maneira de se reportar ao rei, torna-se saliente outra questão de ordem linguística. Inicialmente, os falantes lançavam mão apenas das formas de tratamento herdadas do sistema latino, *tu* e *vós*, as quais levam a conjugação dos verbos para segunda pessoa (singular/plural); entretanto, com a propagação das formas substantivas, a concordância no sistema de tratamento da Língua Portuguesa passa a sofrer variação, ora com a segunda pessoa, ora com a terceira pessoa. No que tange a esse assunto, Faraco (1996) comenta que:

[...] O novo elemento gramatical, em razão de sua principal característica (prônimo de segunda pessoa do discurso, mas estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal) – característica que o colocou em forte contraste com os pronomes antigos (que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal), desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas em questão, particularmente do português [...] (FARACO, 1996, p.55).

Adiante, na subseção *Gramáticas: em um cenário com contrastes contornados*, poderemos notar que os gramáticos também, ocasionalmente, pontuam sobre esse sistema heterogêneo comentado por Faraco (1996)⁵.

Dado o estabelecimento da forma de tratamento *Vossa Mercê* como tratamento honorífico ao rei, não demorou muito para as classes inferiores à realeza começarem a se apropriar também da referida expressão cerimoniosa. De acordo com Nascentes (1956, p.116), “[...] **Vossa mercê** agradava a todo mundo. A classe humilde não tardou em apoderar-se da fórmula nova para uso próprio [...]”. Cintra (1986, p.20-21) comenta que “*Vossa Mercê*, tendo começado a aparecer como tratamento próprio para o rei nos fins do século XIV [...] e tendo chegado, por volta de 1460, a ser o tratamento mais usual para o monarca, já deixa de poder ser empregado para ele em 1490.” Diante disso, percebemos que, à medida que a forma em questão passa a ser empregada para outras pessoas que não fossem o rei, suas

⁵ Essa questão recebe novos tons na contemporaneidade. Mattos e Silva (2004, p. 143-144) discute que: “No Brasil, com a expansão de *you* e *we* como pronomes pessoais e com a redução do uso do *tu* e do *vós*, a 3ª pessoa verbal se generaliza: temos hoje em convivência, no Brasil, um paradigma verbal de quatro posições (*eu falo; nós falamos; eles, vocês falam*); outro de três posições (*eu falo; ele, você, a gente fala; eles falam*); outro de duas posições, dos menos escolarizados, ou não-escolarizados, sobretudo de áreas rurais, mas não só, que não aplicam a regra de concordância verbo-nominal (*eu falo; ele, você, a gente, eles, vocês fala*). Em algumas áreas geodialetais brasileiras, usa-se o *tu* na fala corrente com o verbo na 3ª pessoa (*tu fala*) e, em reduzidas áreas, talvez a mais forte seja o litoral catarinense o sul rio-grandense, ao *tu* ainda se segue a flexão histórica (*tu falas*). Quanto mais reduzido o paradigma flexional número-pessoa do verbo, mais necessário se faz o preenchimento do sujeito pronominal, perdendo assim o português brasileiro o chamado parâmetro pro-drop, possível no português europeu, em que essas reduções não ocorrem tal como no português brasileiro.”

propriedades originais, isto é, a deferência marcada linguisticamente por ela, função maior de uma forma de tratamento, passam a ser perdidas.

Com isso, a partir do momento que a forma substantiva de tratamento passou a ser usada com frequência pelas e para outras pessoas, outras propriedades começaram, também, a perderem-se ou a transformarem-se. Assim, Nascentes (1956) pontua que, pelo fato de *Vossa Mercê* ser uma expressão consideravelmente grande e mediante o massivo uso, as pessoas começaram a abreviá-la. Fato que, no Funcionalismo, dialogaria com as noções de frequência de uso e, conseqüente, erosão fonética ou perda de massa fônica. Além disso, o catedrático explica que:

O uso constante trouxe à expressão **vossa mercê** duas alterações primordiais, mais tarde seguidas de outras: a ênclise fez desaparecer o **a** do pronome e o **r** foi absolvido pelo som seguinte (cfr. **persona-pessoa**). **Vossa mercê** se transformou em **vossemecê**. De **vossemecê** se passou a **vosmecê** e desta forma por intermédio das formas hipotéticas **vosm'cê** e **voscê**, se fez **você**, que ainda se alterou para **ocê** e finalmente para **cê**. (NASCENTES, 1956, p.117) (grifos do autor).

Nascentes (1956) não se limita a essas formas intermediárias entre *Vossa Mercê* e *(vo)cê*, haja vista que o autor apresenta muitas outras presentes nesse entremeio. “Apesar de algumas dessas formas ainda existirem, especialmente nos dialetos rurais do Brasil [...] e de Portugal [...], foi a forma *você* que se fixou na língua portuguesa, transformando-se em pronome de tratamento”, é o que pondera Peres (2006, p.103) ao considerar a referida variedade de formas pronominais oriundas do *Vossa Mercê*.

Além disso, podemos destacar a maneira que, ocasionalmente, a forma de tratamento *Vossa Mercê* foi registrada de modo abreviado. Com relação a esse assunto, prescrevendo as abreviaturas presentes na Língua Portuguesa, Leão (1576, p.69) aponta que: “[...] As muito notórias são as que andam em uso e vão em consequência de outras, como S. por senhor e V.A. por vossa alteza, **V.M. vossa mercê**, V.P. vossa paternidade, V.R. vossa reverência [...]” (grifo nosso)⁶.

Além dessas mudanças em várias esferas linguísticas de uma única forma nominal de tratamento, podemos destacar a estreita relação entre língua e sociedade nesse percurso. Diante da perda de expressividade de *Vossa Mercê*, a sociedade começou a fazer uso de

⁶ “[...] As muito notórias são, as que andão em vfo, & vão em consequencia de outras, como S. por fenhor, & V.A. por vofla alteza. V.E. vofla excellencia. V.S. vofla fenhoria. V.M. vofla mercê. V.P. vofla paternidade. V.R. vofla reverencia [...]” (LEÃO, 1576, p. 69)

outras formas que passaram a compor o repertório linguístico das classes sociais. Sousa (2008) ressalta que:

[...] entre os séculos XIV e XVIII, a língua portuguesa não apenas registrou diversas formas de tratamento, mas alterou e muito a sua forma de tratar o interlocutor, saindo do sistema duo de *tu/vós* e *vós* para as formas de V+ nome qualitativo (*Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*) (SOUSA, 2008, p.31) (grifos da autora).

Enquanto as formas de tratamento iam seguindo tanto vias principais quanto alternativas, a sociedade portuguesa protagonizava, concomitantemente, novos acontecimentos históricos. Dentre tais fatos, podemos destacar, no século XVI, o início da colonização brasileira. Sousa (2008, p.32) sinaliza que “[...] nesse século, com a massiva migração dos portugueses para o Brasil, os seus hábitos linguísticos, como sabemos, também invadiram o repertório linguístico dos nossos nativos [...]”.

Nessa direção, Lopes (2003, p.19-20) assinala que “[...] a gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você* não foi um processo isolado, mas uma conseqüência de uma mudança encaixada lingüística e socialmente [...]”. Com isso, podemos observar a língua acompanhando a história. Em outras palavras, notamos, assim, a estreita relação entre língua e sociedade e/ou cultura, haja vista que tanto em Portugal, *locus* do surgimento da expressão *Vossa Mercê* na Língua Portuguesa, quanto no Brasil, lugar onde também se observaram estágios desse processo de mudanças linguísticas, o nosso objeto passou por consideráveis transformações movidas por forças internas e externas.

Sousa (2008) assinala que, na Carta de Pero Vaz de Caminha, texto do século XVI, “[...] a forma *Vossa Mercê* não mais é usada como tratamento real, sendo substituída por outra forma *Vossa + N*, nesse caso, *Vossa Alteza* [...]” (SOUSA, 2008, p.32). Posto que o presente trabalho é desenvolvido em um dos centros urbanos de uma região conhecida como Sertão da Ressaca⁷, à guisa de exemplificação, optamos por destacar um trecho de uma carta que foi escrita, em 1730, por Pedro Leolino Mariz e endereçada a João da Silva Guimarães, felicitando-o por ter obtido sucesso em sua expedição no processo de dominação do Sertão da Ressaca. Vejamos:

Tendo *Vossa Mercê* conseguido a maior felicidade, que poderá apetecer a sua ambição, e meu sentir, tem *Vossa Mercê* feito o maior serviço que outro algum vassalo lhe podia fazer no tempo presente

⁷ Apresentaremos a referida região com mais detalhes na seção *Direcionamentos metodológicos*.

neste Estado do Brasil, pois franqueou o famoso Rio, e livres do obstáculo, que nos foi o numeroso gentio, podemos estabelecer uma nova colônia, e aproveitarmos dos ricos tesouros que encobrem estes sertões, e só desta maneira expungir as lágrimas de tanto povo, que pela declinação das Minas Gerais está reduzido ao extremo de lastimosa miséria (Códice nº I-8, 2, 38 *apud* MORAIS, DODEBEI E ORRICO, 2009, p.2) (grifos nossos).

Diante das fotografias sócio-históricas registradas anteriormente, com as quais observamos claramente a relação entre a língua e a sociedade, ressaltamos a importância de destacar que, na esfera linguística, a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* sofreu um processo de pronominalização, ou, como preferimos ao lado de alguns autores, passou por um processo de gramaticalização. Esse processo pode, sem dúvida, ser considerado como complexo, no sentido de que podemos perceber numerosos processos linguísticos interligados, que se deram ora concomitantemente ora cada um ao seu tempo.

Menon (1995) sobreleva tal processo de transformação apontando a mudança categorial que se deu nesse ínterim em que podemos perceber tanto perdas de material fonético quanto mudanças nos valores sociais. Segundo a linguista, a forma de tratamento *Vossa Mercê* “[...] se pronominalizou [...] mudando de categoria: de *nome* (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um *nome*[...] exercendo as mesmas funções gramaticais) para *pronome* [...]” (MENON, 1995, p.96-97).

Lopes e Duarte (2003) afirmam que o início do processo de pronominalização da referida forma deu-se por volta dos fins do século XVIII e que, a partir do século XIX já era possível notar a efetiva gramaticalização prevista pela forma *você*. Para explicar o processo de gramaticalização sofrido pela forma de partida, *Vossa Mercê*, até o pronome de chegada (*Vo*)*cê*, as pesquisadoras lançam mão dos princípios propostos por Hopper (1991)⁸, a saber: estratificação (“*layering*”), divergência, especialização, persistência e decategorização.

Em síntese, conforme as referidas autoras, em um dado momento, houve a convivência na língua da forma mais conservadora, *Vossa Mercê*, com a mais inovadora, *você*, em um mesmo domínio funcional (estratificação). Em outro recorte temporal, já foi possível perceber divergência funcional das formas na língua, enquanto a forma *mercê* conservou a sua integridade tanto fonológica quanto semântica, seguindo uma direção, a forma gramaticalizada *você* tornou-se um exemplo de erosão, em função da perda de material fonológico, e passou a estar a serviço de outro domínio funcional, tomando outra direção (divergência).

⁸ Voltaremos a tratar dos princípios de Hopper (1991) na seção *Duas perspectivas e uma proposta conciliatória*.

Nessa perspectiva, Lopes e Duarte (2003) ressaltam o fato de que, em um dado momento, a forma gramaticalizada *você* passou a ocorrer em contextos linguísticos específicos, especializando-se em uma dada função (especialização). Entretanto, a despeito do processo de especialização, não se pode deixar de destacar que há traços da forma original que permanecem na forma gramaticalizada (persistência). E, finalmente, as estudiosas dão destaque à mudança categorial (de categorização), a qual foi explicitada anteriormente nas palavras de Menon (1995).

Munidos, portanto, desse breve esboço a partir de questões sócio-históricas, podemos dar prosseguimento à caracterização do objeto de estudo dessa dissertação. Entretanto, antes disso, vale a pena revisitarmos pontos importantes que vimos até aqui, os quais se encontram logo a seguir:

- ✓ O pronome *você* e a sua forma variante *cê* têm como origem a forma de tratamento *Vossa Mercê*;
- ✓ Não há um consenso entre os estudiosos quanto à data do advento da forma substantiva *Vossa Mercê*, todavia podemos considerar que o início de seu uso, provavelmente, deu-se por volta do século XIV;
- ✓ O processo de gramaticalização desde a forma de tratamento *Vossa Mercê* até a forma sincopada *cê* acontece de maneira encaixada a elementos exteriores à língua, portanto, sociais, e não se trata de uma mudança *ex nihilo*, todavia de um conjunto de transformações que se dão de maneira paulatina e gradual.

Assim, concluímos essa subseção, para, na sequência, registrarmos nosso objeto tanto no cenário das gramáticas quanto no campo dos estudos linguísticos.

2.2 Fotografias em dois cenários: nas gramáticas e nos estudos linguísticos

Na subseção anterior, registramos o objeto de estudo deste trabalho em uma perspectiva diacrônica, ancorando-nos, para tanto, em contornos delineados por forças de natureza linguística, extralinguística e/ou sócio-histórica. Nesta subseção, buscaremos realizar uma abordagem do estatuto categorial dos pronomes, particularizando o objeto de estudo desta dissertação em uma perspectiva sincrônica.

Segundo Castilho (2014, p.474), “[...] para definir o estatuto categorial dos pronomes, será necessário examinar suas propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, e também

sua gramaticalização.” Assim, para traçar tal definição, tornamos o nosso objeto protagonista de “um ensaio fotográfico” em dois cenários inter-relacionados, a saber: (i) no cenário das gramáticas, por meio do qual sobrelevamos contrastes determinados por distintas perspectivas de perceber e reportar a língua; e (ii) no cenário dos estudos linguísticos, no qual demonstramos o frequente interesse de pesquisadores em investigar o pronome *você* e suas variantes, sublinhando algumas pesquisas das quais lançamos mão para analisar os dados através de possíveis diálogos.

Contudo, antes de verticalizarmos a discussão à luz de visões encontradas nas gramáticas e em estudos linguísticos, a nosso ver, cabe evidenciarmos algumas características que identificam o objeto de estudo em perspectiva e que, de uma maneira ou de outra, por meio delas, podemos facilitar a localização e interpretação das suas respectivas prescrições, descrições ou investigações tanto no campo gramatical quanto na esfera das pesquisas linguísticas do *(vo)cê*. Passemos a elas.

2.2.1 Contornos que antecedem

Inicialmente, para caracterizarmos o objeto de estudo, recorreremos a Elia (1997), o qual, baseando-se em outros estudiosos, apresenta algumas maneiras de reconhecer as palavras de uma língua. Segundo o referido autor, existem *elementos vivos* da língua, compreendendo os nomes e os verbos, e os *instrumentos gramaticais*, representando as preposições, as conjunções, os artigos e os pronomes.

Além dessas referências, podemos encontrar também, como amplia o linguista, termos como *palavras nocionais*, que, segundo Elia (1997), compõem um inventário aberto ou ilimitado, como as classes dos nomes, dos verbos e dos advérbios (com ressalvas) e, por outro lado, *palavras relacionais*, em que, nessas, encontramos os artigos, os pronomes determinativos, as preposições e as conjunções, caracterizando-se, conseqüentemente, por constituírem um inventário fechado ou limitado.

Nessa direção, Ilari (2015), didaticamente, explica a distinção entre as *palavras de classe aberta* e as *palavras de classe fechada*:

As classes “abertas” – o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio – são aquelas que ganham novos itens o tempo todo, servindo de exemplo a facilidade com que a língua dos últimos anos, atendendo a necessidades tecnológicas ou outras, assimilou substantivos como “rolezinho”, verbos como “deletar” e adjetivos como “plugado”. As classes fechadas [...] são as preposições, as conjunções, os especificadores e os pronomes. Denominam-

se classes “fechadas” porque nelas a formação de novos itens é mais lenta (pense-se no tempo que foi necessário para que a expressão de tratamento *Vossa Mercê* se tornasse *você*, hoje indiscutivelmente um pronome de segunda pessoa) e porque contêm séries de poucos elementos (como é o caso dos artigos, que, uma vez descontada a flexão de gênero e número, se reduzem a dois ou três). Generalizando bastante, e recuperando uma afirmação que já estava em Aristóteles, há uma diferença óbvia de função entre as palavras de classe aberta e as palavras de classe fechada: as primeiras têm um conteúdo descritivo que remete à realidade extralinguística, ao mundo; as segundas funcionam como “instrumentos gramaticais”, isto é, como utensílios que estruturam as sentenças da língua. (ILARI, 2015, p.9) (grifos do autor)

À vista disso, podemos enquadrar nosso objeto, que subjaz a categoria dos pronomes, no grupo dos instrumentos gramaticais, no grupo das palavras relacionais ou no grupo das palavras de classe fechada, e, assim, movidos pelo intuito de pormenorizá-lo, valeremo-nos das explicações de alguns especialistas da linguagem, que se dispuseram a delinear a categoria dos pronomes.

Sobre o assunto, Said Ali (1964, p.61) define o pronome como “[...] a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso [...]” e acrescenta que “Os pronomes ou fazem as vezes de um nome substantivo, ou se juntam a um nome como os adjetivos [...]”, sendo estes os *pronomes adjetivos* e aqueles os *pronomes substantivos*, segundo o referido gramático. Cunha e Cintra (1985) esclarecem que os *pronomes substantivos* aparecem isolados na frase e que os *pronomes adjetivos* são utilizados, por outro lado, sempre junto ao substantivo, concordando em gênero e número.

Sobre o assunto, Luft (2004) propõe que:

[...] “*Pronomes são substantivos ou adjetivos gramaticais*”, em contraposição aos *nomes* que são substantivos e adjetivos *lexicais* ou *nocionais*. Estes exprimem “noções”, ao passo que aqueles estabelecem relações “gramaticais”, de contexto. É a mesma clássica oposição entre palavras *cheias/vazias* (gram. chinesa), *nocionais/relacionais*, de *significação externa/interna*, *lexicográficas/gramaticais*, *autônomas/dependentes*, *termos categoremáticos/sincategoremáticos* (filosofia peripatética), *semantemas/morfemas*. (LUFT, 2004, p.107) (grifo do autor)

Rocha Lima (1998) avança a discussão destacando que os pronomes caracterizam-se pela falta de conteúdo semântico, assumindo significação apenas ocasionalmente, face ao conjunto da situação. Com relação a essa situação, Câmara Jr. (1980) já comentara que a significação do pronome consistia na relação estabelecida com as duas pessoas do discurso e apontara que não cabia aos pronomes nomear, mas, sim, indicar.

A respeito da classificação dos pronomes, para além da dicotômica visão de que eles podem ser identificados como *pronomes adjetivos* ou *pronomes substantivos*, observamos um determinado consenso entre os estudiosos, os quais, convencionalmente, diferenciam os pronomes em: *persoais*, *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*, *interrogativos* e *relativos*. Visto que não é de nosso interesse especificar todas essas classificações, senão apenas a que comporta o objeto de estudo deste trabalho, focalizaremos, portanto, o olhar nos *pronomes persoais*.

Dentre as variadas definições encontradas para os pronomes persoais, notamos que há um elemento comum nelas, neste caso, as pessoas do discurso. De acordo com Benveniste (1988), as pessoas do discurso correspondem ao *eu* e o *tu* do discurso. Para o autor, o “[...] *eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu* [...]” e o *tu* é “[...] o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu* [...]” (BENVENISTE, 1988, p.278-279).

Todavia, o referido linguista ressalta que, inversamente às pessoas *eu* e *tu*, encontra-se a *terceira pessoa* ou a *não-pessoa*, a qual corresponde a um domínio previsto em “[...] enunciados de discurso, que a despeito de sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos mas a uma situação ‘objetiva’ [...]” (BENVENISTE, 1988, p.282). Para caracterizar a *terceira pessoa*, o estudioso arrola quatro propriedades que, conseqüentemente, diferenciam-na das pessoas do discurso, a saber:

[...] a possibilidade de 1.º de se combinar com qualquer referência de objeto; 2.º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3.º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4.º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui*, *agora*, etc. (BENVENISTE, 1988, p.283) (grifos do autor)

Dessa forma, esclarecidas as concepções da pessoa do discurso e a da terceira pessoa (ou não-pessoa), podemos dar continuidade à nossa discussão, trazendo à baila definições previstas para a classe de palavras fechadas compreendida como *pronome pessoal*, na qual se encontra o objeto de estudo desta dissertação.

Ilari *et. al.* (2002) grifam que os pronomes persoais nem sempre tiveram tratamento analítico separadamente. Os estoicos, de acordo com os referidos pesquisadores, alocavam, anteriormente, os pronomes entre os nomes comuns, contudo, tempos mais tarde, eles perceberam a disparidade entre a natureza dos pronomes e a dos nomes, colocando aqueles

junto aos artigos e determinando-os como definidos ou indefinidos. Ressaltando que, dentre os definidos, encontram-se os pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais são notificados na gramática de Fernão de Oliveira, em 1536, e, na de João de Barros, em 1540 – duas gramáticas importantes na história da Língua Portuguesa. Oliveira (1536), no capítulo XLVI, tratando-se de nossa língua, ressalta que “[...] nós também temos casos em três pronomes: os quais são, eu, me, mi, tu, te, ti, se, si [...]”⁹.

Barros (1540, p.16), entre outras coisas, sobre os pronomes pessoais, esclarece que: “As pessoas são três: eu, primeira, que fala de si mesmo; tu, a segunda, à qual fala a primeira; ele, a terceira, da qual fala a primeira [...]”¹⁰. Vale ressaltar que Barros (1540), antes de tratar das três pessoas, pontua duas espécies para os pronomes, a saber: os primitivos e os derivados. Dentre os pronomes primitivos ou primeiros, conforme assinala o gramático, incluem-se os pessoais.

Said Ali (1964, p.61) também pontua que: “Os PRONOMES PESSOAIS denotam as três pessoas do discurso: o indivíduo que fala (1ª pessoa); o indivíduo com quem se fala (2ª pessoa), e a pessoa ou coisa de que se fala (3ª pessoa) [...]” (grifo do autor). Ademais, o gramático aponta que os pronomes pessoais que assumem posição de sujeito são classificados de *formas retas*, ao passo que os que se referem aos complementos oracionais pertencem à classe das *formas oblíquas* (podendo ser tônicas ou átonas).

Rocha Lima (1998) ratifica as palavras de Said Ali (1964) e explica que, a respeito das formas átonas e tônicas, “[...] as primeiras são partículas inacentuadas, que se colocam antes ou depois do verbo, como se fossem uma sílaba a mais desse verbo; as segundas vêm sempre regidas de preposição [...]” (ROCHA LIMA, 1998, p.111). Coutinho (1974), por sua vez, salienta que os pronomes pessoais tinham um uso mais produtivo no latim vulgar do que no latim clássico e que, das classes de palavras, são os pronomes pessoais que, a rigor, mais preservam os indícios da declinação latina.

Neves (2008; 2011; 2015) destaca que a particularidade mais geral dos pronomes pessoais é o fato de se comportarem como palavras *fóricas*, as quais são carentes de conteúdo descritivo próprio, mas que assumem referência no uso da língua, quer seja recuperando determinados fragmentos do texto a que pertencem, quer seja sinalizando elementos ou traços próprios da situação de fala. A pesquisadora, além disso, discrimina duas funções para os pronomes pessoais, a saber: (i) a *função interacional*, que corresponde, na sentença, os papéis

⁹ “[...] nos também temos casos em tres pronomes: os quaes são.eu.me.mi.tu.te.ti.se.si [...]” (OLIVEIRA, 1536, cap. XLVI).

¹⁰ “[...] As peçoas sam tres: eu, primeira, que fãla de fy mesmo, tu, a segunda, à quãl fãla a primeira, elle, a terceira, da quãl a primeira fãla [...]” (BARROS, 1540, p.16)

do discurso, fazendo referência à situação de fala; e (ii) a *função textual*, a qual confere o segmento do texto, fazendo referência aos itens do próprio texto.

No seio da classe dos pronomes pessoais, emerge também outro grupo de palavras, as formas de tratamento ou pronomes de tratamento. Segundo Cunha e Cintra (1985, p.269), “A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3ª pessoa [...]” (grifo dos autores). Bechara (2009) concorda com Cunha e Cintra (1985) e acentua que essa subcategoria pode, também, ser chamada de *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento* e acrescenta que: “A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam [...]” (BECHARA, 2009, p.165).

Cintra (1986), descrevendo as formas de tratamento, distingue três tipos delas, a saber: (i) *tratamentos pronominais*, como, por exemplo, *tu, você* e outros; (ii) *tratamentos nominais*, tais como, *o senhor(a)* etc.; (iii) *tratamentos verbais*, quando há a referência do alocutário simplesmente pela desinência verbal, por exemplo, *Queres?* Além desses três tipos, partindo do critério da função do tratamento, Cintra (1986) evidencia três tipos de formas de tratamento, sendo eles: (a) as formas para o tratamento com maior intimidade, no caso de *tu*; (b) as formas empregadas no tratamento que não implica intimidade, *você*, por exemplo; (c) formas conhecidas como de reverência ou cortesia, variando segundo o nível de distância dos interlocutores, tais como, *Vossa Excelência*, entre outros.

Delineados os contornos mais gerais e que servem de conhecimentos preliminares para que possamos verticalizar a discussão em torno de nosso objeto, podemos, então, concluir essa subseção para discutir o pronome *você*, sua forma variante *cê* e as questões que subjazem a eles no cenário das gramáticas e dos estudos linguísticos. Porém, antes, cabe fixar alguns pontos importantes que discutimos nessa subseção, como os que seguem:

- ✓ As palavras de uma língua são, geralmente, classificadas, entre outros termos, como *verbi gratia: elementos vivos da língua/instrumentos gramaticais, palavras nocionais/palavras relacionais, palavras de classe aberta/palavras de classe fechada* etc., sendo nosso objeto de estudo enquadrado no grupo das palavras de classe fechada, das palavras relacionais ou dos instrumentos gramaticais;
- ✓ Os pronomes podem ser *pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos* e *relativos*, sendo nosso objeto de estudo um exemplar da classe dos *pronomes pessoais*;

- ✓ Os pronomes pessoais denotam as pessoas do discurso, assim como, a não-pessoa, ressaltando que elestinham um uso mais produtivo no latim vulgar do que no latim clássico, sendo que, das classes de palavras, são os que, a rigor, mais preservam os indícios da declinação latina;
- ✓ Os pronomes pessoais são palavras fóricas e que assumem duas destacáveis funções, a interacional e a textual;
- ✓ Dos pronomes pessoais com referência a segunda pessoa emergem as *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*;
- ✓ As formas de tratamentos podem ser classificadas em pronominais, nominais, verbais, para indicar maior ou menor grau de intimidade entre os interlocutores ou para determinar graus de reverência, cortesia ou polidez.

Mediante a instrumentalização prevista por essa subseção, podemos ir adiante com o objetivo de focalizar o objeto de estudo desta dissertação no cenário das gramáticas.

2.2.2 Gramáticas: em um cenário com contrastes contornados

Na presente subseção, objetivamos ajustar as lentes, de modo a focalizar nosso objeto de estudo no cenário das gramáticas. Portanto, movidos por esse objetivo, apresentamos, a seguir, nos próximos três quadros¹¹, excertos de gramáticas, os quais foram selecionados com vistas a tanto descrever os pronomes *você* e *cê* quanto auxiliar, *a posteriori*, nas análises, considerando desde as gramáticas históricas, passando pelas prescritivas e arrematando a exposição e discussão com as descritivas. Ressaltamos que, ao longo dos referidos quadros, sublinhamos alguns fragmentos, com o intuito de, posteriormente, traçarmos comentários e frisarmos determinadas questões propostas pelos gramáticos. Vejamos, no Quadro 1, fragmentos extraídos de gramáticas históricas:

Quadro 1–Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas históricas

ESPECIFICAÇÕES PRONOMINAIS ENCONTRADAS NAS GRAMÁTICAS HISTÓRICAS CONSULTADAS
Gramática Histórica da Língua Portuguesa – Manoel Said Ali (1964, p. 93)

¹¹ Ao invés de suprimir as colocações dos gramáticos e apenas comentá-las, optamos por exibir os seus postulados *ipsis litteris*, incluindo os registros numéricos que algumas gramáticas, por vezes, apresentam, pois, dessa maneira, não correríamos o risco de perder detalhes importantes e fundamentais para a particularização do objeto de estudo vigente, o que configura nosso objetivo nessa subseção.

446. Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* como tratamento direto da pessoa ou pessoas a que se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insuficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indireto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portuguesa, o atrevimento de vir perante um indivíduo de hierarquia superior, e olhar para ele face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginário. Desta atenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa única, se originou o costume de empregar o plural de *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, depois de apagada da memória a imagem da situação primitiva.

447. Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. Assim, aproximavam-se os vassallos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê*, *vossa senhoria*, substituído depois por *vossa alteza* e finalmente por *vossa majestade*; assim usou-se o tratamento ducal de *vossa excelência* e adotaram na hierarquia eclesiástica *vossa reverência*, *vossa paternidade*, *vossa eminência*, *vossa santidade*.

448. Generalizando-se, de fins do século XVI em diante, o costume de dar “majestade” aos reis, reservou-se “alteza” para os príncipes, e deram-se os demais tratamentos não-eclesiásticos aos nobres, aos que ocupavam certos cargos públicos, e finalmente às pessoas de notória posição social. É de notar todavia que diversas ordens régias proibiram aos governadores do Brasil aceitarem o tratamento de *excelência*. Na monarquia brasileira uma das graças era o tratamento de *excelência*; os barões sem grandeza não o tinham.

449. Do uso e abuso da formula *vossa mercê* nasceu em boca do povo a variante *você*, a qual não só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por aplicar-se a indivíduos de condição igual, ou inferior, à da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um indivíduo, servimo-nos hoje de *vocês* como plural semântico de *tu*. Outra forma alterada de *vossa mercê* é *vossancê*: *Guarde Deos a Vossancê* (Francisco Manuel de Melo, *Fid. Apr.* 9).

Gramática Histórica – Ismael de Lima Coutinho (1974, p.255)

O pronome da 2ª pessoa *você* era antigamente o tratamento de respeito *vossa mercê*. A evolução deve ter sido a seguinte: *vossa mercê*>*vossemecê*>*vosmecê*>*você*.

Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Dr. José Joaquim Nunes (1975, p.32-33)

13. *O acento tônico; sua persistência em português.* – Havia em toda palavra latina, formulada por duas ou mais sílabas, uma que era proferida com elevação de voz maior do que a restante ou restantes, na qual, por consequência, se feria uma nota mais alta ou aguda; era a *tônica*, em relação à qual as demais tinham o nome de *átonas*, e o acento era chamado de *altura* ou *tom*, para se distinguir do de *intensidade* ou acento propriamente dito, que era um esforço maior empregado na emissão da sílaba inicial de cada palavra, o qual, tendo existido, segundo aparece, no latim pré-literário, veio a cair no princípio do período literário, subsistindo apenas o primeiro, que impediu que a vogal sobre a qual incidia fosse arrastada pela corrente de transformações que alteraram as outras, a ponto tal que, por vezes, as fizeram desaparecer. É o que mostram as palavras *chama*, *fresta*, *paz*, *vide*, *dona*, *olho*, *ombro*, *senda*, etc., as quais continuam a ser acentuadas nas mesmas sílabas que as latinas correspondentes *flamma*-, *fenestra*-, *pace*-, *vite*-, *domina*-, *oculo*-, *umeru*-, *semita* etc. A força conservadora do acento revela-se tanto melhor quanto mais gasta a palavra está pelo uso constante que dela se tem feito, como sucede com o moderno *você*, actual representante da antiga formula de tratamento *vossa mercê*, que, por seu lado, é a frase latina *vostra-mercede*-, na qual as vogais tônicas eram, como ainda hoje, *o* e *e*.

Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Dr. José Joaquim Nunes (1975, p.244-

245)

Os pronomes correspondentes à primeira e segunda pessoas do plural provêm dos clássicos nostru(m) e vostru(m), o segundo dos quais, pertence à língua arcaica, continuou a ser usado pelo povo, que pôs de parte o clássico vestru(m), decerto levado pela analogia que aquele tinha com nostru(m), mas, antes das actuais formas, que ascendem já aos primeiros monumentos escritos e não são exclusivas da nossa língua, porque, além do galego, também possuiu idênticas, a par de *nueso* e *vueso*, o antigo, castelhano, **nostro* e *vostro*; prova-o a locução *nostro senhor*, quando referida à divindade, muito frequente no antigo português, na qual a primeira parece ter-se como fossilizado, provavelmente sob influência eclesiástica. Também na forma feminina do pronome *vosso*, influiu a próclise de tal maneira, que fez que ela perdesse a sílaba final na expressão *você*, que ocorre a par de *vossemecê*, e está, como é sabido, por *vossa mercê*; contribuiu decerto para tamanha redução no pronome e no substantivo o seu uso constante no tratamento: cf. também o espanhol *usted* que corresponde à fórmula portuguesa, e o galego *misia* que está por *miasenhoria*. Todos estes pronomes fazem o seu plural como já o faziam em latim, consoante a regra dos nomes acabados em vogal.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

No Quadro 1, podemos verificar o interesse dos gramáticos em evidenciar a origem do nosso objeto, cujo consenso aponta para uma história de transformações linguísticas a partir da locução nominal *Vossa Mercê*. Said Ali (1964), nesse sentido, apresenta o cenário em que surge o uso da referida forma de tratamento indireto, sinalizando que *você* é um produto do uso e abuso da forma original *Vossa Mercê*. Ademais, o referido gramático opta por tratar de *vocês* como plural semântico de *tu*. Em relação a isso, Monteiro (2002) argumenta que:

Nossas gramáticas associam à noção de número a categoria de pessoa e ensinam, entre outras coisas, que **nós** é plural de **eu**. Ora, na realidade, a ideia de plural, tal como é concebida para os nomes, em relação aos pronomes só existe para os da chamada terceira pessoa. Lyons (1979) observa que a categoria de plural não se aplica simetricamente de modo igual à primeira e a terceira pessoa: **nós** não significa vários falantes no mesmo sentido que **eles** equivale a mais de um ser considerado fora do eixo interlocutório. É, pois, absurdo dizer que **eu** e **tu** possuem plurais, mesmo expressos por heteronímia. O raciocínio é simples: não pode haver a ideia de plural de **eu** mais **eu** nem **tu** mais **tu**, sem troca de pessoa. Uma forma como **nós** é realmente plural, mas nesse aspecto não se correlaciona com **eu**, nem morfológica nem semanticamente. E, com isso, a categoria de plural nos pronomes pessoais é bastante diferente da que existe nos nomes (MONTEIRO, 2002, p.94).

Além de Said Ali (1964), mais adiante, observaremos que Bechara (2009), um gramático prescritivista, também assume esse ponto de vista ao considerar “*vocês* como o plural de *tu*”.

No Quadro 1, notamos, também, que Coutinho (1974) restringe-se a demonstrar uma possível forma de se perceber os estágios de mudança morfológica desde a forma *Vossa Mercê* até *você*. Nunes (1975), por sua vez, preocupa-se em esclarecer questões de ordem

fonético-fonológicas, nas quais as formas antecessoras do nosso objeto podem ser tomadas como exemplos. Além disso, o gramático traça comparações com dados de outras línguas que partilham a origem latina.

Dando continuidade à exposição das considerações dos gramáticos, vejamos, no Quadro 2, excertos de gramáticas prescritivas:

Quadro 2 - Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas prescritivas

<p align="center">ESPECIFICAÇÕES PRONOMINAIS ENCONTRADAS NAS GRAMÁTICAS PRESCRITIVAS CONSULTADAS</p>
<p>Nova Gramática do Português Contemporâneo – Celso Cunha e Lindley Cintra (1985, p.284)</p> <p><u>Tu e você.</u>No português europeu normal, o pronome <i>tu</i> é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.</p> <p><u>No português do Brasil, o uso do <i>tu</i> restringe-se ao extremo sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados.</u> Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por <i>você</i> como forma de intimidade. <i>Você</i> também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que <i>você</i> possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade. <u>No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar <i>você</i> de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.</u></p>
<p>Gramática Normativa da Língua Portuguesa – Carlos Henrique da Rocha Lima (1998, p. 112)</p> <p><u>Há alguns pronomes de segunda pessoa que requerem para o verbo as terminações da terceira.</u> Tais são: <i>você, vocês</i> (tratamento familiar) [...].</p>
<p>Gramática Metódica da Língua Portuguesa – Napoleão Mendes de Almeida (2005, p.128)</p> <p><u>Na linguagem familiar, o diminutivo se aplica até aos verbos e aos advérbios: <i>dormindinho, cedinho</i> (muito cedo), <i>longinha</i> (bastante longe), <i>pertinho</i> (bem perto), <i>agorinha</i> (neste momento).</u></p> <p><u>Tais formas devem ser evitadas, havendo algumas, como <i>elinho</i> e <i>vocezinho</i> (diminutivos de <i>ele</i> e <i>você</i>), que são até ridículas, pois os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual.</u></p>

Moderna Gramática Portuguesa – Evanildo Bechara (2009, p.162)

A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa a qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar a segunda pessoa fora da alocação e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on ne peut se promener sans que quelqu’un vous aborde*, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento em que *você* (=“eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa, o indivíduo, o cristão, etc.*).

Moderna Gramática Portuguesa – Evanildo Bechara (2009, p.165-166)

FORMAS DE TRATAMENTO – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento*:

você, vocês (no tratamento familiar)

[...]

Vossa Mercê (V.M.^{cc}, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

[...]

Você, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

[...]

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Com relação às prescrições apresentadas no Quadro 2, podemos comentar uma questão que nos pareceu bastante notável. Na gramática de Cunha e Cintra (1985), a despeito de ser classificada comumente como uma Gramática Normativa (ou Prescritiva), podemos observar que os gramáticos apresentam, na realidade, uma verdadeira descrição do uso dos pronomes *tu* e *você* no Português Europeu e Brasileiro, ao invés de tão somente prescrever normas ou regras a serem seguidas pelos falantes.

Rocha Lima (1998) limita-se a salientar a possibilidade de uma forma de segunda pessoa relacionar-se sintaticamente com um verbo conjugado na terceira pessoa, dando, como exemplo, para tanto, as formas pronominais *você* e *vocês*. Na esteira dos gramáticos normativistas, Almeida (2005) prescreve que “os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual” e que se deve evitar formas como *elinho* e *vocezinho*. Todavia, podemos encontrar em redes sociais, nas quais nos deparamos com extratos da língua em uso, postagens em que

os usuários da língua, apesar da prescrição, lançam mão das duas formas, ora ridicularizadas pelo gramático. Vejamos, a seguir, dois enunciados localizados em uma rede social¹²:

- (01) Quem é que manda nisso tudo? Sim, isso mesmo: *vocêzinho*! Chega de desculpas, queremos ver resultados! Bom dia :) (A.P.P.)¹³
- (02) Mais uma vítima. Anjos raros estão ajudando *elezinho*!!! Por favor quem pode contribuir??? Cavalinho é super trabalhoso, e as despesas vcs sabem!! Por favor AJUDEM E divulguem! (C.B.S.)¹⁴

Adiante, Bechara (2009), ainda que dentro da classe dos gramáticos prescritivistas, tratando-se do pronome *você*, descreve o desvio de sentido que comumente é produzido pelos falantes ao fazerem uso dessa forma pronominal. O gramático sobreleva a possibilidade do uso do pronome de segunda pessoa com vistas a generalizar o assunto abordado ou, até mesmo, conforme o contexto, o uso que o falante faz desse pronome para se referir a si mesmo. Além disso, Bechara (2009) discute questões características à forma pronominal de tratamento em questão, salientando a origem marcada na locução nominal *Vossa Mercê*.

Feitas as considerações concernentes às gramáticas prescritivas, confirmamos, no Quadro 3, fragmentos de gramáticas descritivas:

Quadro 3 - Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas descritivas

ESPECIFICAÇÕES PRONOMINAIS ENCONTRADAS NAS GRAMÁTICAS DESCRITIVAS CONSULTADAS
<p>Gramática da Língua Portuguesa – Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch (2001, p.215-214)</p> <p>Nas formas de tratamento, em português, usa-se o pronome pessoal: <i>tu</i>, oposto a <i>você</i> (equivalente a <i>tu</i> em algumas zonas geográficas, ou situando-se num nível de distanciamento em relação ao interlocutor que fica entre <i>tu</i> e <i>senhor</i>), <i>o senhor</i>, <i>vocemecê</i>. <i>Vossa excelência</i>, <i>vossa senhoria</i>, etc. <i>Você(s)</i> exige a terceira pessoa do singular/plural.</p> <p>[...]</p>

¹² Em relação às postagens utilizadas para ilustrar os fenômenos linguísticos apontados, ressaltamos que o *facebook* estabelece classificações de privacidade para as postagens, isto é, os usuários ou administradores de páginas têm a possibilidade de tornar o material postado como de domínio público, somente para conhecidos e/ou amigos ou bloquear para qualquer pessoa. Salientamos, assim, que as postagens que foram extraídas do ciberespaço para a demonstração correspondem, unicamente, às que tanto os usuários quanto os administradores das páginas veicularam como de domínio público, ou seja, o material foi publicado para que todos que se encontram cadastrados na rede social e, até mesmo fora dela, tenham acesso.

¹³ Postagem veiculada em 23/06/2014, no *facebook*.

¹⁴ Postagem veiculada em 26/05/2016, no *facebook*.

No Brasil, a forma de tratamento mais comum é *ocê*, embora em algumas regiões predomine o *tu* (*sul, nordeste*)

[...]

As formas *ocê* e *ocês* levam tanto o verbo como os pronomes que os acompanham para a 3ª pessoa.

Gramática Houaiss da Língua Portuguesa – José Carlos Azeredo (2008, p. 175)

As formas *eu/nós* e *ocê/vocês/tu/vós* referem-se aos seres como atores da interlocução; por isso, só podem referir-se a seres humanos ou – como acontece nas fábulas – a seres personificados. *Ele/ela/eles/elas* designam tanto seres animados como seres inanimados.

A classe dos pronomes pessoais é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções: (a) os retos, para as funções de sujeito e predicativo: *eu/tu/ocê/ele/ela/nós/vós/vocês/eles/elas*, (b) os **obliquos átonos**, para as funções adverbiais de objeto e adjunto (*me/nos, te/vos, o/os, a/as, lhe/lhes, se*), e (c) os **obliquos tônicos**, para as funções de complemento e adjunto necessariamente precedidos de preposição (*mim/comigo, nós/conosco, ti/contigo, ele/ela/eles/elas, vós/convosco, si/consigo*).

Gramática do Português Brasileiro – Mario Alberto Perini (2010, p.116)

Você tem a forma oblíqua *te*, mas esta é usada em concorrência com a forma reta, de maneira que se pode dizer *eu te amo* ou *eu amo você*, indiferentemente.

Gramática de Usos do Português – Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 458)

As formas **VOCE** e **VOCÊS** se referem à 2ª pessoa, mas levam o verbo para a 3ª pessoa, do mesmo modo como ocorre com os pronomes de tratamento, como **VOSSA SENHORIA, VOSSA EXCELÊNCIA, O(A) SENHOR(A)**.

[...]

O emprego de **VOCE** é muito mais difundido do que o emprego de **TU**, para referência ao interlocutor. Além disso, ocorre frequentemente (embora mais especialmente na língua falada), que se usem formas de segunda pessoa em enunciados em que se emprega o tratamento **VOCE**, de tal modo que se misturam formas de referência pessoal de segunda e de terceira pessoa.

[...]

Gramática de Usos do Português – Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 463)

O pronome **VOCE**, embora seja forma de pessoa envolvida no discurso (**segunda pessoa**), pode indicar referência genérica. A indeterminação, nesse caso, é muito forte (**VOCE** = uma pessoa, seja qual for) [...]

Nova Gramática do Português Brasileiro – Ataliba T. de Castilho (2014, p.477)

[...] as formas contraídas *cê* e *ei* não funcionam como complemento, a não ser que preposicionadas, fato já apontado por Vitral/Ramos (1999) e Reich (2004). Assim, não ocorrem **ele procura cê, *isto é pra cê*, requerendo-se para isso a forma *ocê*: *ele precisa docê, ele vai cocê*, isto é *procê* (= *de, com, para + ocê*).

Nova Gramática do Português Brasileiro – Ataliba T. de Castilho (2014, p.478)

Com respeito ao par *tu/você*, Neves (2008b) faz uma revelação impressionante: examinando o *corpus* do Projeto Nurc ela encontrou 0,25% ocorrências de *tu*, concentradas em falantes de Porto Alegre, contra 99,75% ocorrências de *você*. Ou seja, a fala culta de brasileiros que viviam entre 1970 e 1978 em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre) tinha praticamente enterrado a forma *tu*. E como *você* leva o verbo para a terceira pessoa, imagine o terremoto que está ocorrendo na morfologia verbal e em outras regras de concordância!

Nova Gramática do Português Brasileiro – Ataliba T. de Castilho (2014, p.479)

Na segunda pessoa do singular, *tu* tem sido substituído por *você*, forma que surgiu por alterações fonológicas da expressão de tratamento *Vossa Mercê*, um sintagma nominal que deu origem a *você*, seguindo então para *ocê>cê*. A gramaticalização desse sintagma nominal se produziu simultaneamente nos seguintes campos: (1) alterações fonológicas bilineares (=fonologização) de *Vossa Mercê*: numa linha, tivemos as derivações *Vossa Mercê>vosmecê>você>ocê>cê*; em outra linha, tivemos *Vossa Mercê>vosmicê>vassuncê*; (2) alterações sintáticas: um sintagma nominal é reanalisado como pronome pessoal; (3) alterações pragmáticas: *Vossa Mercê* era um tratamento dispensado aos reis. Com o desenvolvimento da burguesia, os novos-ricos quiseram esse tratamento para eles também. Indignado, o rei passou a reclamar *Vossa Majestade* para ele, lembrando decerto aos burgueses que uma força tinha sido convenientemente erigida defronte ao paço, caso eles resolvessem repetir a gracinha. De todo modo, *Vossa Mercê* e derivados eram um tratamento cerimonioso, dados “pelos de baixo” “aos de cima”. Veja como é a roda da fortuna: pois não é que o derivado *você* passou a ser no PB um tratamento de igual para igual? Para o tratamento cerimonioso, inventou-se o *senhor*. Em regiões brasileiras em que o tratamento *tu* continua vigente, o uso de *você* traz de volta o antigo distanciamento. E onde o *tu* bateu com as botas, ele e seus derivados ressuscitam, quando se quer afetar distanciamento [...]

Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Palavras de Classes Fechadas (Pronomes) – Maria Helena de Moura Neves (2015, p.27)

[...] Originado de uma fórmula de reverência destinada ao rei e aos nobres (*Vossa Mercê*), o pronome *você* tem sido denominado tradicionalmente “pronome de tratamento”. De fato, ele é usado principalmente em função de vocativo (como convém a um pronome de segunda pessoa) e comuta como o *senhor*, *Vossa Senhoria* e outras expressões de tratamento. No Brasil [...] esse pronome suplantou a forma tradicional e etimológica *tu*, e sua avidez por ocupar novos espaços e novas funções não para por aí, porque *você* assume com frequência uma interpretação indeterminada [...]

Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Palavras de Classes Fechadas (Pronomes) – Maria Helena de Moura Neves (2015, p.27)

O exame de *nós* como referência indeterminada indica a possibilidade de pronomes em princípio determinados (por exemplo, porque se referem aos interlocutores) receberem uma interpretação “figurada”, por um processo que se pode considerar uma metáfora de pessoa: pronomes de uma determinada pessoa recebem interpretação mais abrangente ou imprecisa. Notável, nesse particular, é o emprego de *você*, exatamente um pronome referente ao alocutário, como recurso para uma forte indeterminação do sujeito.¹⁵

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

¹⁵ Vale ressaltar que Neves (2015), ao tratar da referenciação genérica por meio do pronome *você*, apresenta vários exemplos de diferentes *copora*, porém optamos por não trazer os seus exemplos e nos determos apenas ao destaque que a gramática dá ao fenômeno semântico-pragmático sofrido pela pronome *você*.

No Quadro 3, notamos que Vilela e Koch (2001) apontam que a forma de tratamento *você* figura opostamente à forma *tu*, destacam a possibilidade de se marcar distanciamento a partir do uso das referidas formas, além de comentar sobre o fato de os verbos que acompanham *você(s)* serem convencionalmente conjugados na terceira pessoa do singular.

Azeredo (2008), apresentando a categoria dos pronomes pessoais, inclui o pronome *você* na ala dos pronomes pessoais do caso reto. Ademais, apesar de se tratar de uma gramática considerada descritiva, o gramático prescreve que as formas *você(s)* só podem fazer referência a seres humanos, com exceção dos seres personificados das fábulas. Lehmann (2002, p.35), no entanto, destaca que, no Rio de Janeiro, até mesmo os cães são chamados por *você*¹⁶. Uso que, a nosso ver, é recorrente em todo território brasileiro.

Perini (2010), por sua vez, restringe-se a tratar da forma oblíqua que corresponde ao uso do pronome *você*, a qual, entretanto, é considerada, por outros gramáticos, a forma oblíqua do pronome *tu*. Adiante, Neves (2011) trata da peculiaridade de algumas formas de segunda pessoa relacionar-se com verbos conjugados na terceira pessoa. Além disso, a gramática acentua que a forma pronominal *você* é mais usada em relação à forma *tu*, e que, por vezes, os usuários da língua mesclam o uso de ambas, de modo a perceber-se na fala, sobretudo, marcas sintáticas da segunda e terceira pessoas. Outra questão levantada por Neves (2011) é o fato de *você* ser um produtivo mecanismo de indeterminação, isto é, em casos que o falante generaliza, como Bechara (2009) também ressaltou.

Na sequência, Castilho (2014) traz à baila as formas variantes *cê* e *ei*, comentando sobre as características sintáticas dessas formas. Diante dessa consideração do referido gramático, cabe ampliarmos essa discussão, recorrendo a Vitral (1996, p. 122), o qual afirma que “no estado de Goiás, ocorre o seguinte fenômeno: (i) *ê* ([e]) *besta* (sô!). “*você* é *besta*” Em (i) o verbo *ser*, flexionado, é realizado pela vogal fechada [e] [...]” (grifos do autor).

Castilho (2014) não encerra a sua participação sobre o pronome *você* apenas com essa consideração, o gramático avança ao avaliar os expressivos dados apresentados por Neves (2008) sobre o “duelo” das formas *você* e *tu* na Língua Portuguesa e finaliza suas discussões sobre a segunda pessoa do singular, abordando o processo de gramaticalização sofrido pelo sintagma nominal *Vossa Mercê*, em que podemos notar, segundo Castilho (2014), elementos de mudança de ordem fonológica, sintática e pragmática.

Por fim, fechando o grupo dos gramáticos descritivos, voltamos a destacar Neves (2015), que, posteriormente, publica um capítulo voltado aos pronomes. Nessa obra, a

¹⁶ “In Rio de Janeiro, even dogs are addressed by *você*.” (LEHMANN, 2002, p.35)

gramática, sobre nosso objeto, aponta a história do item, comentando a sua relação com o pronome *tu* e, como afirmarmos anteriormente, colocando em destaque a possibilidade de se indeterminar o sujeito por meio do pronome *você*.

Percebemos, com as discussões apresentadas nessa subseção, que:

- ✓ Nos três tipos de gramáticas investigadas, Histórica, Prescritiva e Descritiva, podemos encontrar, ora sucintamente ora amplamente, o nosso objeto sendo discutido pelos gramáticos;
- ✓ Algumas gramáticas, a despeito de serem enquadradas em uma dada classificação, apresentam discussões a respeito do pronome *você* que possibilitariam enquadrá-las em outro grupo;
- ✓ Não há um consenso, todavia, em relação à classificação do pronome *você*, pois alguns gramáticos optam por tratá-lo como uma forma de tratamento, ao passo que outros decidem classificá-lo como pronome pessoal do caso reto¹⁷;
- ✓ As formas variantes *ocê* e *cê* ainda têm pouca aparição nos compêndios gramaticais, sendo expostas, apenas, na esfera formal ou sobre suas restrições sintáticas.

Concluídas as considerações no cenário das gramáticas, podemos prosseguir, a partir da subseção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*, com a descrição do nosso objeto, porém, dessa vez, valendo-nos dos trabalhos já desenvolvidos no campo dos estudos linguísticos.

2.2.3 Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes

As formas pronominais, há muito tempo, despertam o interesse dos estudiosos da linguagem, cujas pesquisas empreendidas são realizadas em diferentes aspectos ou à luz de variadas perspectivas teóricas no seio da Linguística. Ancorados nessa premissa, objetivamos fazer um levantamento dos estudos linguísticos, os quais já foram produzidos e publicados e que trazem à baila o objeto de estudo desta dissertação.

¹⁷ Notamos, também, que, no cenário linguístico, tampouco há um consenso nesse aspecto. Encontramos trabalhos em que os pesquisadores optam por se referir ao pronome *você* e derivados como formas ou pronomes de tratamento (cf. COELHO, 1999; GONÇALVES, 2008; PERES, 2006; NOGUEIRA, 2013); há também quem pareça não se posicionar tão explicitamente, mencionando as referidas formas como pronomes (cf. CALMON, 2010), apesar de parecer alinhar-se mais aos que as concebem como formas de tratamento; há quem denomine o *você* como um pronome pessoal do caso reto (SOUSA, 2008); e há pesquisadores que se referem ao *você* e suas formas variantes como pronome de segunda pessoa.

Posto isso, catalogamos, no Quadro 4, os trabalhos em que os autores discutem as formas pronominais, especialmente, as de segunda pessoa, pois, neles, encontramos distintos olhares sobre o pronome *você*, a sua forma variante *cê*, ou a história de ambos na língua (no caso dos estudos diacrônicos ou pancrônicos). Nos trabalhos que estão expostos no Quadro 4, a seguir, encontramos pesquisas linguísticas que foram publicadas no formato de artigo científico, dissertações e teses¹⁸.

Quadro 4 - Os pronomes *você* e *cê* nos estudos linguísticos

REGIÃO	ESTUDOS LINGUÍSTICOS
Norte	Martins (2010); Costa (2013).
Nordeste	Herênio (2006); Sousa (2008); Teixeira (2008); Deus (2009); Alves (2010); Carvalho (2010b); Carneiro (2011); Alves (2012); Moura (2013); Nogueira (2013); Teixeira (2013); Oliveira (2014); Santana (2014); Souza e Oliveira (2014); Rocha e Sousa (2015); Rocha, Sousa e Silva (2015); Sousa (2016).
Centro-Oeste	Dias (2007); Andrade (2010); Scherre <i>et. al.</i> (2011).
Sudeste	Ramos (1997); Coelho (1999); Herênio (2006); Peres (2006); Peres (2007); Gonçalves (2008); Machado (2008); Mota (2008); Lopes <i>et. al.</i> (2009); Barbosa (2010); Calmon (2010); Santos (2010); Coelho (2011); Gonçalves (2011); Lopes e Cavalcante (2011); Lopes e Souza (2012); Pereira (2012); Santos (2012); Calmon (2013); Gonçalves e Coelho (2013); Mota (2013); Silva (2015).
Sul	Loregian (1996); Loregian-Penkal (2004); Coelho e Görski (2011); Franceschini (2011); Loregian-Penkal (2012); Loregian-Penkal e Menon (2012); Pacheco (2014); Franceschini e Loregian-Penkal (2015); Franceschini (2015).
Descrição do Português sem Especificação Tópica	Nascentes (1956); Cintra (1986); Menon (1995); Faraco (1996); Corradello (1997); Vitral (1996); Vitral e Ramos (1999); Cyrino e Brito (2000); Rumeu (2004); Lopes (2003); Lopes (2004); Lopes e Machado (2005); Santos (2005); Chaves (2006); Coelho (2008);

¹⁸Ressaltamos que não foi possível catalogar todos os trabalhos já realizados, primeiro porque seria indubitavelmente difícil, quicá impossível, registrar a totalidade de trabalhos desenvolvidos com a referida temática; segundo, a despeito de termos localizado muitas referências, nem sempre, encontrávamos os trabalhos disponíveis para acesso. Nesses casos, quando havia alguma viabilidade, tentávamos manter contato com os respectivos autores, com o intuito de que os próprios disponibilizassem os seus textos, e, assim, pudéssemos catalogá-los. Do contrário, automaticamente, desconsiderávamos a possibilidade de registrá-los.

	Carvalho (2010a); Scherre e Yaconveco (2011); Lopes (2008); Petersen (2008); Vitral e Ramos (2010); Gonçalves (2010); Marcotulio (2011); Lopes (2012); Marcotulio (2012); Marcotulio (2014); Othero (2013); Rumeu (2014); Chaves e Ramos (2015); Scherre <i>et. ali.</i> (2015).
--	--

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Como é possível notar, optamos por apresentar os estudos linguísticos a partir das cinco Regiões Brasileiras (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), pois, nesse modelo, podemos demonstrar as pesquisas linguísticas que já foram desenvolvidas, pautando-nos em uma concepção de mapeamento linguístico nacional. Vale ressaltarmos que, na maioria dos estudos localizados, nem sempre, era possível encontrar claras especificações tópicas que fossem relevantes para realização da pesquisa, além daqueles trabalhos em que os pesquisadores investigavam mais de uma comunidade ou variedade linguística. Nesses casos, portanto, enquadrámos tais estudos no conjunto dos trabalhos em que os pesquisadores não delimitavam as fronteiras geográficas da sua amostra e, movidos por objetivos outros, buscavam descrever fenômenos presentes na Língua Portuguesa.

Ademais, ainda que não tenhamos registrado todos os trabalhos passíveis de serem catalogados no Quadro 4, consideramos bastante pertinente apontar, nessa subseção, boa parte das pesquisas que já foram empreendidas, direta ou indiretamente, sobre nosso objeto. Tendo em vista que esse material ficará à disposição de outros pesquisadores, igualmente interessados no tema, que podem se valer dessas informações para o levantamento de referência especializada, com vistas ao refinamento de suas análises.

Postas tais ponderações, verticalizaremos a discussão, tratando de determinados tópicos que são, especialmente, de nosso interesse. Como, nesta dissertação, estamos considerando que tanto questões linguísticas quanto as extralinguísticas motivam o curso da língua, baseando-nos nos trabalhos notificados no Quadro 4, investigamos o que os estudos têm apontado no que tange: (i) à referência dos pronomes *você* e *cê*; (ii) ao paralelismo formal; (iii) ao gênero do discurso ou superestruturas textuais; (iv) aos elementos extralinguísticos (sexo, faixa etária e grau de escolaridade). Optamos por apresentar esses tópicos, que compuseram, também, as discussões dos dados, visto que, diante de algumas circunstâncias, tivemos que determinar tanto recortes metodológicos quanto as abordagens mais favorecedoras às análises.

A referência dos pronomes, não raras vezes, compõe um dos objetivos de investigação de estudos que se ocupam das formas pronominais de segunda pessoa (cf. RAMOS, 1997; COELHO, 1999; PERES, 2006; SOUSA, 2008; GONÇALVES, 2008, entre outros). Inclusive, vale lembrar que, em algumas gramáticas, já há o registro específico às particularidades do pronome *você*na Língua Portuguesa (cf. BECHARA, 2009; NEVES, 2011; NEVES 2015, entre outros), como vimos na subseção anterior.

Alguns pesquisadores, ao se referirem ao *você*, tratam do tema como uma estratégia de indeterminação do sujeito, como podemos conferir, por exemplo, nos trabalhos de Carvalho (2010b), Santana (2014), Souza e Oliveira (2014). Há estudiosos, no entanto, que, tratando da questão referencial dos pronomes de segunda pessoa, optam por assumir duas classificações, a saber: (i) referência definida, quando o informante refere-se ao seu interlocutor; e (ii) referência indefinida, quando o referente pronominal não se trata da segunda pessoa do discurso (RAMOS, 1997; COELHO, 1999; PERES, 2006; GONÇALVES, 2008; entre outros).

Para tornarmos mais claros os dois tipos de referência, recorreremos a Gonçalves (2008) que exemplifica ambos a partir de dois turnos enunciativos. Vejamos a seguir:

Tipo de contexto de interpretação da forma pronominal:

a) Contexto de interpretação definida:

(...) pra verificar a água pra ver se ela tinha qualidade realmente de poder beber... aí o pessoal falou assim pra mim... olha... **você** tem que jogar cloro... tudo na caixa... (...)

b) Contexto de interpretação indefinida:

(...) as críticas sempre **HÁ** como tinha uma Kombi lá de Camacho... a gente queria saber se ela podia rodar ou não a gente sabe que **você** pode rodar o mundo inteiro... (...) mas como era transporte escolar a gente queria sabê se ele tinha uma licitação ou não... (...) (GONÇALVES, 2008, p. 172) (grifos do autor)

Sousa (2008), por seu turno, discute a referência do pronome *você* a partir de três sentidos: (i) P1, quando o falante se refere a si mesmo, embora faça uso do pronome de segunda pessoa; (ii) P2, o sentido prototípico ou prescrito pela Tradição Gramatical (segunda pessoa do singular); (iii) genérico, nos momentos em que o falante faz referência a um conjunto de pessoas que partilham características ou condições semelhantes às mencionadas por ele. A pesquisadora apresenta exemplos das três classificações, dentre eles, selecionamos os seguintes:

(32) Olhe, *você* quando quer mandar escrever uma carta, por exemplo, *eu* não sei ler, aí *eu* mando *você* escrever uma carta pra mim: *você* sabe (IMS).

(33) A causa é problema produtivo do Brasil e distributivo de renda, porque [se *você*] *nós nós* tamø no interior produzindo tivemø trabalhar (LGP). (SOUSA, 2008, p.102) (grifos da autora)

Sousa (2008, p.102) avalia que “Na fala (32), ao ser perguntado sobre a importância de saber ler, IMS, que não possui essa habilidade, usou o *você*, claramente no sentido P1, e, em seguida, reforçou esse argumento usando o pronome *eu* [...]”. E acrescenta que é “[...] Interessante observar que, posteriormente, fazendo referência ao interlocutor que sabe ler, novamente, em duas situações, foi usado o pronome *você*, curinga na situação, para referir-se ao interlocutor” (SOUSA, 2008, p.102).

Em relação ao turno enunciativo (33), assinalado por Sousa (2008), podemos notar a estreita relação com a referência indefinida prevista pelos autores anteriormente mencionados, inclusive, observamos que a referência genérica é abarcada pela referência indefinida, haja vista que o referente não está determinado no enunciado como sendo necessariamente o alocutário, de acordo com o que prescreveria a Tradição Gramatical. Consideramos relevante salientar também que, embora Sousa (2008) trate de duas referências além do sentido P2 ou referência definida, a pesquisadora reconhece que há uma linha tênue entre a referência de P1 e Genérico.

Interessa-nos, também, apresentar os resultados alcançados por esses pesquisadores com relação à referência pronominal de segunda pessoa. Para tanto, apresentamos, a seguir, a Tabela 1, em que demonstramos os valores percentuais alcançados a partir do número de ocorrências registrado nos trabalhos realizados por Ramos (1997), em Belo Horizonte; Coelho (1999), no Norte de Minas Gerais; Peres (2006)¹⁹, também em Belo Horizonte; e Gonçalves (2008), na Região Centro-oeste de Minas Gerais²⁰. Confirmamos:

¹⁹ Devemos ressaltar que o estudo desenvolvido por Peres (2006) trata-se de uma pesquisa em tempo real e aparente, entretanto, optamos por apresentar no nosso quadro os valores referentes à sincronia prevista para o ano de 2002.

²⁰ Selecionamos trabalhos realizados apenas no Estado de Minas Gerais, porque foram pesquisas em que se controlaram as duas variantes do nosso estudo (*você/cê*). Apesar de reconhecermos a existência de outros trabalhos em diferentes regiões do país, inclusive, na Região Nordeste, nem sempre as pesquisas contemplam a investigação dos dois pronomes, ou, quando se controla a variável semântico-funcional, o programa estatístico não a seleciona, o que faz com o que os pesquisadores não discutam os resultados obtidos. Para além dessas questões, também consideramos relevante perceber como se dá o funcionamento das duas variantes no Estado de Minas Gerais, afinal, é uma região geográfica que influencia bastante o falar conquistense, como veremos na subseção *VOCÊ* versus *CÊ*: *esse duelo na ótica dos conquistenses*.

Tabela 1 -Estudos sobre a referência do *você* e do *cê* (apresentação adaptada)

FATORES	Ramos (1997)		Coelho (1999)		Peres (2006)		Gonçalves (2008)	
	Você	Cê	Você	Cê	Você	Cê	Você	Cê
Ref. Def.	40%	60%	26%	74%	16%	84%	20%	80%
Ref. Indef.	33%	67%	26%	74%	33%	67%	53%	47%

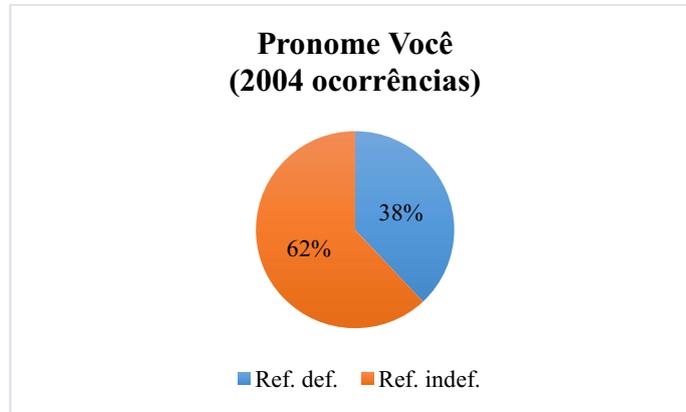
Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Devemos salientar que os quatro estudiosos destacados na Tabela 1 investigaram também a variante *ocê*. Entretanto, por um recorte eminentemente metodológico, optamos por apresentar apenas valores percentuais obtidos por meio do número de ocorrências que os pesquisadores registraram para o pronome *você* e para a variante *cê*, com relação aos fatores de referência definida e indefinida, pois, desse modo, podemos traçar comparações posteriores com os nossos resultados, visto que desconsideramos nas análises as ocorrências de *ocê*.

Posto isso, ao observarmos a Tabela 1, notamos que nas pesquisas de Ramos (1997), Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), no que tange à referência definida, há uma frequência maior de uso da forma sincopada *cê*. Com relação à referência indefinida, observamos que, nos trabalhos de Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006), houve uma maior frequência de uso também da variante *cê*, enquanto, no estudo de Gonçalves (2008), o pronome *você* apresenta uma frequência ligeiramente maior que a da variante *cê* no que diz respeito ao uso pronominal com referência indefinida. Os três primeiros resultados, entre outras questões, reforçam a hipótese, apresentada por Vitral (1996), de que a forma sincopada *cê* encontra-se em um processo de cliticização.

Como assinalamos anteriormente, Sousa (2008) também se deteve ao estudo da referência pronominal, todavia, seu estudo concentrou-se no pronome *você*. Sua pesquisa foi realizada a partir do *corpus* de Variação Linguística da Paraíba (VALPB), em que a pesquisadora procurou investigar, entre outras coisas, o comportamento do pronome *você* em relação aos sentidos P1, P2 e Genérico, encontrando em 2004 (dois mil e quatro) ocorrências, respectivamente, os seguintes percentuais: 20%, 38% e 42%. Diante dos valores apresentados por Sousa (2008), observamos que, na variedade paraibana, os resultados demonstram uma considerável tendência do uso do pronome *você* com os valores referenciais diferentes do canônico, conforme podemos visualizar no Gráfico 1.

Gráfico 1–Distribuição da frequência de uso do pronome *você* segundo a referência definida (P2) e indefinida (P1 e Genérico) – Informações provenientes da amostra de Sousa (2008) (percentuais).



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante de valores numéricos proeminentes, Sousa (2008, p.209) defende que: “Podemos assegurar que o falante paraibano, como reflexo do falar brasileiro, no momento atual, encontra-se seduzido pelo *você* com outras referências além da segunda pessoa, e esses outros valores do *você* configuram a variante inovadora.” Portanto, ancorados em estudos como os ora destacados, na seção de análise e discussão do dados, apontaremos o que os resultados obtidos nos fazem constatar e refletir sobre o curso da língua, especialmente, no vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista – BA.

O paralelismo formal²¹ é outro fenômeno considerado relevante para o nosso estudo. Sobre o assunto, recorremos a Poplack (1980, p. 64) a qual, discutindo a noção do plural no Espanhol Porto-riquenho, declara que “[...] marcas tendem a ser conservadas quando marcas precedentes foram igualmente conservadas, e quando a ocorrência encontra-se na primeira posição da série [...]”²² (tradução nossa). Em outras palavras, uma marca linguística tende a se repetir em uma cadeia enunciativa mediante a precedência de marca linguística semelhante. Nessa direção, Scherre (1998) esclarece e amplia a definição do referido fenômeno, afirmando que:

A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas lingüísticos em diversas

²¹ Sobre o termo *paralelismo formal*, alguns autores chamam-no de paralelismo linguístico, de paralelismo discursivo, de princípio da coesão estrutural etc. Dependerá, portanto, do olhar de cada pesquisador, segundo a natureza do seu objeto de estudo, seus objetivos e metodologia de investigação e, por vezes, corrente teórica adotada.

²² “[...] markers tend to be retained when preceding markers were also retained, and when the token is in first position in the string [...]” (POPLACK, 1980, p. 64)

línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra). Recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, ela é hoje bastante conhecida como *paralelismo linguístico* [...] (SCHERRE, 1980, p.30) (grifo da autora)

Encontramos, por vezes, discussões sobre o assunto em trabalhos que tratam da concordância nominal e verbal²³. Todavia, alguns estudiosos, interessados em investigar o comportamento linguístico dos pronomes, também perscrutam seus objetos de estudo por meio da concepção do paralelismo formal, visando, com isso, verificar se o uso de um pronome em uma dada cadeia enunciativa faz com que, havendo a necessidade de retomada pronominal no mesmo turno conversacional, ocorra a repetição da forma já empregada. Assumindo, portanto, a perspectiva explicitada anteriormente por Scherre (1988).

Dentre os estudos linguísticos apresentados no Quadro 4, destacamos os trabalhos de Loregian (1996), Loregian-Penkak (2004), Andrade (2010) e Martins (2010), uma vez que, por meio de tais pesquisas, os estudiosos investigaram o paralelismo formal, associando-o ao comportamento linguístico pronominal.

Loregian (1996), investigando a concordância verbal com a forma pronominal *tu* na fala do Sul do Brasil e diante dos resultados obtidos, confirmou o paralelismo formal em sua pesquisa, constatando que tanto marcas levam a marcas quanto zeros igualmente conduzem a zeros. Loregian-Penkak (2004), (re)analisando a referência de segunda pessoa na fala da Região Sul, argumenta que “[...] trabalhar e definir de forma coerente o paralelismo não é tarefa das mais fáceis”, e acrescenta que: “O primeiro desafio consiste em arranjar critérios adequados para delimitar o que seria uma *sequência* ou uma *série* [...]” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.106). Após a execução da sua pesquisa, a estudiosa observou que o princípio do paralelismo formal aplicou-se a todos os resultados encontrados dos *loci* que compuseram a amostra do seu estudo.

Andrade (2010), examinando a variação pronominal que ocorre em Brasília entre as formas *você/cê/tu*, a partir dos resultados alcançados, constata que o princípio do paralelismo formal foi confirmado em sua pesquisa. Martins (2010), pesquisando a alternância *Tu/Você/Senhor* no Município de Tefé – Estado do Amazonas, nota também o funcionamento do paralelismo formal em seu estudo, no entanto, chama atenção de que: “[...] apesar da

²³ Alguns membros do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo, ao qual estamos também filiados, discutem o fenômeno da concordância verbal e nominal, lançando mão do princípio do Paralelismo Formal para refinar suas análises; entre eles, podemos destacar os trabalhos desenvolvidos por Brito (2013), Guimarães (2014), Barbosa (2015) e Meira (2015).

robustez do fator paralelismo na manutenção de uma mesma forma em uma série, esse não é um fator de influência categórica, pois podemos encontrar, em nossos dados, séries em que as variantes se alternam [...]” (MARTINS, 2010, p.78). Além disso, sobre os exemplos em que há a alternância das variantes, o autor pondera que tais ocorrências:

[...] não anulam a força do paralelismo, antes mostram a riqueza da linguagem humana, que, sofrendo influências de fatores internos e externos, consegue revelar nuances nem sempre em linha com o que as teorias linguísticas abarcam em suas explicações e que, por isso também, continua atraindo amantes ao fascinante estudo da linguagem. (MARTINS, 2010, p.78)

Dessa forma, diante do que vimos com os estudos pronominais por meio dos quais se investigou o paralelismo formal, esse fenômeno é bastante produtivo. Por isso, consideramos relevante verificar o comportamento das variantes do nosso estudo, também lançando mão desse princípio.

Na sequência, para concluirmos as discussões sobre elementos de ordem linguística, trazemos à baila o gênero de discurso, de acordo com Loregian-Penkhal (2012) e Loregian-Penkhal e Menon (2012), ou tipo textual, como denomina Sousa (2008). Através desse elemento de natureza linguística, podemos verificar qual(is) tipo(s) de segmento(s) discursivos têm favorecido o uso de uma variante em detrimento da outra.

Nos trabalhos mencionados, Loregian-Penkhal (2012) e Loregian-Penkhal e Menon (2012) selecionam como fatores linguísticos: (i) segmentos predominantemente argumentativos; (ii) segmentos predominantemente narrativos; (iii) explicações; (iv) receitas. Loregian-Penkhal e Menon (2012), pesquisando as variantes *você* e *cê* no falar curitibano, constatam que, na amostra estudada, os segmentos predominantemente argumentativos favoreceram o uso do pronome *você*, ao passo que os outros fatores favoreceram a forma variante *cê*.

Já no estudo de Loregian-Penkhal (2012), em que a linguista analisa também as duas variantes *você* e *cê*, porém na cidade de Irati-PR, observamos uma ligeira mudança nos resultados, pois, apesar de o gênero de discurso argumentativo permanecer favorecendo o uso do pronome *você* e, por outro lado, os segmentos narrativos e as explicações favorecerem a variante *cê*, o fator gênero textual receita, nessa pesquisa, é avaliado pela estudiosa como neutro, posto que seu peso relativo é de 0.50.

Sousa (2008), como já assinalamos anteriormente, deteve-se somente ao estudo do pronome *você* na variedade do Português Brasileiro falado na Paraíba. Contudo, a

pesquisadora, lançando mão de três fatores linguísticos, a saber: (i) os segmentos argumentativos; (ii) os segmentos narrativos; (iii) e os segmentos descritivos, obteve resultados que, de alguma maneira, dialogam com os achados das estudiosas que se debruçaram no estudo do falar sulista. Sousa (2008) acentua que, dos 2004 (dois mil e quatro) dados localizados, 1551 (mil quinhentos e cinquenta e um) correspondiam a ocorrências em um segmento de natureza argumentativa e as 453 (quatrocentos e cinquenta e três) ocorrências restantes foram identificadas em trechos predominantemente narrativos, não havendo, na amostra, nenhum registro de ocorrências em contextos linguísticos descritivos.

Diante desse expressivo número de ocorrência na esfera argumentativa, tal resultado sinaliza para a produtividade do pronome *você* para esse fim, embora devamos reconhecer que para se ter uma certeza quanto a isso, é necessário uma investigação contrapondo com outras variantes. Apesar de não termos dados de uma variante que coocorra com a forma pronominal *você* no falar paraibano, Sousa (2008) aponta que, na ocorrência de *você*, em segmentos predominantemente narrativos, o sentido P2 é supremo; ao passo que os sentidos P1 e Genérico são favorecidos, em sua amostra de estudo, por segmentos predominantemente argumentativos.

Os resultados encontrados nessas pesquisas despertaram nosso interesse em averiguar, no falar conquistense, quais são os contextos linguísticos que mais favorecem uma variante em detrimento da outra.

Postas as questões linguísticas, é também de nosso interesse discutir elementos de ordem social. Para tanto, destacaremos três fatores sociais (sexo, faixa etária e escolaridade), visto que são relevantes em uma pesquisa que parte da relação entre componentes linguísticos e extralinguísticos. Inclusive, no caso do objeto de estudo em perspectiva, a relação língua e sociedade é facilmente percebida desde a sua origem.

Considerando que o pronome *você* e a sua forma variante *cê* são os protagonistas da presente pesquisa, elegemos três trabalhos, que se dedicaram à variação das referidas variantes, e rastreamos, nessas pesquisas, os resultados relacionados aos três fatores sociais já mencionados. Assim, examinamos os registros postulados por Loregian-Penkall (2012), Loregian-Penkall e Menon (2012), pesquisas que já consultamos, e por Calmon (2010), cujo estudo tem como *locus* a capital capixaba, Vitória – ES.

No Quadro 5, exposto logo a seguir, sintetizamos as considerações das linguistas no que tange aos fatores sociais (sexo, escolaridade e faixa etária), pontuando, a partir dessas variáveis independentes extralinguísticas, o (des)favorecimento do pronome *você* em detrimento da sua forma variante *cê* nas respectivas amostras estudadas. Vejamos:

Quadro 5– Fatores sociais nos estudos linguísticos empreendidos por Calmon (2010), Loregian-Penkal (2012) e Loregian-Penkal e Menon (2012)²⁴

ESTUDOS LINGUÍSTICOS	VARIÁVEIS SOCIAIS	CONSIDERAÇÕES
Calmon (2010)	Sexo	As mulheres da amostra investigada favoreceram ligeiramente o pronome <i>você</i> em detrimento da variante <i>cê</i> . Enquanto a maior frequência de uso da forma sincopada <i>cê</i> esteve nos registros dos informantes de sexo masculino. Devemos ressaltar, entretanto, que os valores entre os dois sexos não foram expressivamente distantes, pois estiveram muito próximos ao ponto neutro.
	Escolaridade	Calmon (2010) controlou dois grupos de informantes, a saber, o grupo dos menos escolarizados, ainda no Ensino Fundamental, e o grupo dos mais escolarizados, informantes universitários. Conforme seus resultados, apontaram, o pronome <i>você</i> , contrariando a hipótese da pesquisadora, foi favorecido pelos informantes do Ensino Fundamental, ao passo que a forma variante <i>cê</i> foi privilegiada na fala dos universitários. Salientamos que não houve uma destacável polaridade entre os valores para os dois grupos, visto que eles também se encontravam próximos ao ponto neutro.
	Faixa Etária	Calmon (2010) selecionou quatro faixas etárias a serem controladas, a saber: (i) de 7 a 14 anos; (ii) de 15 a 25 anos; (iii) 26 a 49 anos; (iv) mais de 49 anos. Após a verificação dos resultados obtidos, foi constatado que as faixas etárias das extremidades (7-14 anos e mais de 49 anos) favoreceram o uso do pronome <i>você</i> , ao passo que as intermediárias (15-25 anos e 26-49 anos) favoreceram o uso da forma variante <i>cê</i> , sendo a de 26 a 49 anos mais desfavorecedora do pronome <i>você</i> .
Loregian-Penkal		Na pesquisa, de Loregian-Penkal e Menon (2012), os homens favoreceram o uso do pronome <i>você</i> ,

²⁴ Vale ressaltarmos que, diferentemente do Quadro 1, 2 e 3, no Quadro 5, não apresentamos as considerações, *ipsis litteris*, feitas pelas autoras dos trabalhos em destaque. Nesse quadro, optamos por apresentar uma síntese das ponderações encontradas nos referidos estudos.

e Menon (2012)	Sexo	enquantoas mulheres estão à frente do favorecimento da variante <i>cê</i> . Cabe assinalar que na pesquisa, os resultados para ambos os sexos se mantiveram muito próximos uns dos outros, demonstrando pouca diferença entre os homens e as mulheres no que concerne ao uso das variantes.
	Escolaridade	Loregian-Penkal e Menon (2012), em seu estudo, assumiram quatro fatores para a variável escolaridade, sendo eles: (i) primário; (ii) ginásio (iii) segundo grau; (iv) universitários. Mediante os resultados, as pesquisadoras observaram que o pronome <i>você</i> foi favorecido na fala dos informantes do ginásio e dos universitários. Ao tempo que os informantes do primário e do segundo grau favoreceram ligeiramente a forma sincopada <i>cê</i> .
	Faixa Etária	A variável faixa etária, embora tenha sido constituinte do estudo, não foi considerada como estatisticamente relevante para o programa <i>Goldvarb</i> . Portanto, as pesquisadoras não apresentaram os resultados encontrados da referida variável.
Loregian-Penkal (2012)	Sexo	Na pesquisa, Loregian-Penkal (2012) constatou que as mulheres favorecem o uso do pronome <i>você</i> , enquanto os homens se mostraram mais inovadores linguisticamente, liderando, assim, o favorecimento da forma variante <i>cê</i> .
	Escolaridade	Loregian-Penkal (2012) propõe quatro fatores para a variável escolaridade, a saber: (i) primário; (ii) ginásio (iii) segundo grau; (iv) universitários. Com os resultados obtidos, a pesquisadora comprovou que quanto menos anos de escolaridade, no caso, os informantes do primário e ginásio, a tendência foi que forma variante <i>cê</i> fosse favorecida. Todavia, à medida que os anos de escolaridade aumentavam, a exemplo dos informantes do segundo grau e os universitários, a forma pronominal <i>você</i> passou a ganhar privilégio na fala iratiense.
		Loregian-Penkal (2012) controlou três fatores na

	Faixa Etária	variável faixa etária, a saber: (i) informantes de 15 a 24 anos; (ii) de 25 a 49 anos; (iii) mais de 50 anos. Diante dos resultados, a linguista observou que os informantes da faixa etária de 15-24 anos desfavoreceram o uso do pronome <i>você</i> ; os informantes da faixa de 25-49 anos também desfavoreceram o <i>você</i> , contudo, os valores para essa faixa estão muito próximos de uma neutralidade entre o uso das duas variantes; e, por fim, os informantes da faixa etária com mais de 50 anos favoreceram o pronome <i>você</i> .
--	---------------------	--

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Como vemos, o pronome *você* foi favorecido pelas mulheres do estudo de Calmon (2010) e Loregian-Penkall (2012), ao passo que as mulheres da amostra estudada por Loregian-Penkall e Menon (2012) lideraram o favorecimento da variante inovadora *cê*. No que tange à escolaridade, Calmon (2010) notou que os informantes menos escolarizados privilegiaram o uso do pronome *você*, enquanto os informantes com mais anos de escolaridade favoreceram a forma sincopada *cê*.

No estudo de Loregian-Penkall e Menon (2012), por seu turno, observamos que há um equilíbrio no uso das duas variantes, posto que os informantes do Ginásio²⁵ e do Ensino Superior favoreceram o pronome *você*, todavia o *cê* não foi apenas ligeiramente favorecido na fala dos informantes do Primário²⁶, mas também dos informantes do Segundo Grau²⁷, os quais apresentavam consideráveis anos de escolaridade.

E no que tange à faixa etária, percebemos que, enquanto, na pesquisa de Calmon (2010), os informantes das faixas etárias das extremidades favoreceram o pronome *você*, sendo o *cê*, portanto, favorecido nas intermediárias, no estudo de Loregian-Penkall (2012), percebemos que a forma *cê* foi favorecida nas primeiras faixas, tendo o pronome *você* seu apogeu na faixa etária dos informantes com mais de 50 anos.

O favorecimento de uma variante em um dado grupo de fator e não em outros, bem como os valores discrepantes entre os estudos, devem, frequentemente, a questões muito peculiares à comunidade de fala em que o estudo é empreendido. Calmon (2010), em sua pesquisa, aponta questões geográficas que, possivelmente, contribuiriam para que os

²⁵ Referente ao atual Ensino Fundamental II.

²⁶ Referente ao atual Ensino Fundamental I.

²⁷ Equivalente ao Ensino Médio.

informantes de determinados grupos de fatores, buscando se diferenciar do dialeto mineiro, por exemplo, optassem por uma variante e não outra. Loregian-Penkál e Menon (2012), por sua vez, salientam que o uso de uma variante e não de outra na fala de determinados informantes sinaliza para a ausência de estigmas no dialeto curitibano. Já Loregian-Penkál (2012) observa que as escolhas pronominais, muitas vezes, conservadoras, estão relacionadas ao conservadorismo da comunidade. Nesse caso, em específico, como fruto da colonização eslava.

Assim, finalizamos essa subseção, todavia, vale lembrar que:

- ✓ Muitos estudos sobre formas pronominais podem ser encontrados em todas as regiões brasileiras e sem especificações tópicas;
- ✓ A referência pronominal (+ ou – definido) desperta muito interesse nos estudiosos, posto que têm se percebido deslizamentos semânticos no uso dos pronomes, especialmente, os da segunda pessoa do singular;
- ✓ O princípio do paralelismo é frequentemente comprovado nos estudos em que se detêm ao estudo pronominal;
- ✓ O contexto de uso, por vezes, aponta para diferenças nas seleções pronominais;
- ✓ Variáveis extralinguísticas sinalizam para escolhas linguísticas fortemente relacionadas com o contexto social em que os falantes estão presentes.

Em suma, concluímos a seção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*, na qual apresentamos nosso objeto de estudo à luz da Sócio-história, passando pelas gramáticas históricas, prescritivas e descritivas, e finalizando as incursões no cenário linguístico científico que tem investigado as formas pronominais, especialmente, o pronome *voce* e a sua forma variante *cê*. A seguir, na seção *Duas Perspectivas e uma Proposta Conciliatória*, abrimos as cortinas para a apresentação das teorias que sustentarão a presente pesquisa.

3 DUAS PERSPECTIVAS E UMA PROPOSTA CONCILIATÓRIA

Para nós, a língua(gem) é um complexo totalitário do ser, que dizendo, redizendo ou não-dizendo, constrói-se a partir dela, com e por ela. A língua(gem), em sua essência, é síntese. É antítese e é tese. É significado, é significante e é mais, é também referente. É o momento, a sincronia, e o somatório de momentos, a diacronia. É paradigma e é sintagma. É forma e é função. Constitui-se na regularidade da língua e na irregularidade da fala também. Revela-se quando é marcada, mas também quando está na condição de não-marcada. É presença e, ao mesmo tempo, ausência de traços. É o produto da gramática e é o processo da gramaticalização. É objeto do mundo, mas é, sobretudo, objeto do discurso (SOUSA, 2008).

Nesta seção, colocamos em evidência a orientação teórica que norteará nossa pesquisa. Demostramos, para tanto, a proposta conciliatória entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização, a qual possibilita a discussão teórica do Sociofuncionalismo. A organização dessa seção se dará por meio de três importantes subseções, a saber: (i) *À luz da Sociolinguística Variacionista*, na qual elucidamos princípios relevantes da referida teoria; (ii) *Nas lentes do Funcionalismo Norte-Americano*, em que discutimos tópicos considerados essenciais para muitos estudos de base funcionalista voltados à gramaticalização; (iii) e em *Uma proposta conciliatória: o Sociofuncionalismo*, apresentamos a proposta de diálogo entre os princípios da Sociolinguística Variacionista e os princípios do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização.

Assim, entendemos que, por meio de uma conciliação, poderemos assentar teoricamente o estudo das duas formas pronominais, *você* e *cê*, no vernáculo conquistense, em uma orientação de pesquisa teórico-metodológica de natureza sociofuncionalista. Ressaltamos, ainda, que, ao longo dessa seção, priorizamos exemplos relacionados ao objeto de estudo dessa dissertação, com vistas a aproximar o próprio protagonista do nosso estudo aos postulados teóricos que embasam a presente investigação linguística. Para tanto, lançamos mão de variadas fontes, das quais pudemos extrair amostras adequadas, de acordo com as respectivas discussões.

Para começarmos a discussão, a seguir, trazemos à baila fundamentos da Sociolinguística Variacionista.

3.1 À luz da Sociolinguística Variacionista

Ao tomarmos como ponto fulcral de nossa discussão a Sociolinguística (Variacionista), também conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística, consideramos pertinente situá-la dentro do seu contexto linguístico-histórico. O advento dessa teoria dá-se no momento em que muitos estudos desenvolvidos alinhavam-se ao Estruturalismo²⁸. Assim, podemos destacar a abalizada contribuição dos estudos estruturalistas, na composição do panorama científico que abriga a Linguística Moderna²⁹, realçando o trabalho desempenhado pelo mestre genebrino Ferdinand Saussure, o qual, influenciado por seus precursores teóricos, disseminou ideias vanguardistas que deram origem ao Estruturalismo.

Nessa corrente, como seu próprio nome sugere, preocupam-se essencialmente em lançar um olhar criterioso para a *estrutura* da língua, aliando-o a uma concepção de *autonomia*. Em linhas gerais, enquanto a estrutura refere-se aos elementos linguísticos que compõem uma dada língua, os quais funcionam sistematicamente, a autonomia legitima a ideia de que os signos linguísticos são determinados em razão de suas relações internas, respeitando, para tanto, dada sistematicidade, e sem quaisquer necessidades de liames extralinguísticos para a realização de estudos sobre a língua. Sobre o assunto, Saussure (2006 [1916], p.271) pondera que “[...] a *Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.*” (grifo do autor).

Todavia, a despeito de reconhecermos o meritório lugar dessa corrente no seio da Linguística, nosso objetivo é dar margem à Teoria da Variação, que nasce nesse século e cujos postulados tomam rumos teóricos que a afastam, em certa medida, dos previstos pelo Estruturalismo. Assim, nesse cenário, a partir de uma reação e, sobretudo, revisão de alguns princípios estruturalistas, a variação e a mudança linguística passam a ocupar um lugar no palco da Linguística Moderna.

²⁸ Weedwood (2002, p. 126) destaca que: “O termo estruturalismo tem sido usado como um rótulo para qualificar certo número de diferentes escolas de pensamento linguístico e é necessário fazer ver que ele tem implicações um tanto diferentes segundo o contexto em que é empregado [...]”. Diante disso, para fins explicativos, neste trabalho, ao tratarmos de Estruturalismo, estamos considerando o Estruturalismo Europeu. Se houver a necessidade de nos referirmos a algum segmento que parta dessa corrente e carregue suas semelhanças, teremos o cuidado de especificá-lo.

²⁹ A comunidade científica, sucessora do mestre estruturalista, teve acesso ao modelo científico da Linguística, considerando os pontos fundamentais para defendê-la como ciência, a partir da publicação póstuma do Curso de Linguística Geral, em 1916, que foi uma iniciativa dos discípulos de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Lyons (1982) assegura que o nascimento do Estruturalismo, sobretudo, na Europa, se deu com a publicação do Curso de Linguística Geral.

De acordo com Calvet (2002), o estudioso William Bright tem importante papel na história da Sociolinguística, afinal, foi através da conferência organizada por esse pesquisador, em 1964, que essa teoria obteve maior perceptibilidade no campo dos estudos linguísticos, bem como teve seu nome fixado³⁰. Podemos, até mesmo, destacar alguns dos nomes que são, comumente, lembrados quando há a menção a esse evento, a saber: John Gumperz, William Labov, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fischer, José Pedro Rona, entre outros. Bright (1990), inclusive, comenta que, daquele momento em diante, o emergente campo da Sociolinguística passou a crescer de modo constante.

Uma vez inteirados do contexto histórico-linguístico supracitado e os fatos inerentes ao período em questão, abrimos as cortinas da próxima subseção para, à luz da Sociolinguística Variacionista, projetarmos a *Variação e Mudança Linguística*, temas de bastante interesse dos sociolinguistas e, na sequência, compreendermos como se dá metodologicamente um estudo variacionista através da subseção *Passos metodológicos de um estudo sociolinguístico variacionista*.

3.1.1 *Variação e Mudança Linguística*

Com vistas a delimitar os interesses desse modelo teórico-metodológico, Cezário e Votre (2015, p.141) assinalam que a Sociolinguística “[...] estuda a língua no uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística [...]”. A partir dessa premissa, podemos começar a observar as dessemelhanças no que tange aos critérios de pesquisa dos sociolinguistas e dos estruturalistas de base saussuriana. Outrossim, essa divergência delinea-se quando tomamos, por exemplo, duas das dicotomias preconizadas por Saussure (2006 [1916]), a saber: língua (*langue*) versus fala (*parole*) e sincronia versus diacronia.

Em relação à dicotomia *langue* (língua) x *parole* (fala), o estruturalista diferencia os dois constituintes da linguagem, sendo, respectivamente, um social e o outro individual. Nessa ordem, a língua (*langue*) é concebida como “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [...]” (SAUSSURE, 2006 [1916], p.17); a fala

³⁰ Sousa (2008, p.54) amplia essa discussão ao ressaltar que: “[...] Esse termo, segundo Romaine (1994), surgiu em 1950, quando se buscou fazer referências às relações intrínsecas existentes entre linguistas e sociólogos e, juntas, essas ciências procuravam esclarecer as influências da linguagem na sociedade e no contexto social da diversidade linguística. Segundo Marcuschi (1975), o termo sociolinguística teve a sua origem no ano de 1952, em um trabalho publicado por H. C. Currie sobre a relação existente entre o comportamento linguístico e o status social.”

(*parole*), por sua vez, de natureza psicofísica, é entendida como a contraparte da linguagem que se caracteriza pelo papel executivo da língua, o qual se dá de maneira particular. Então, baseando-se nessa diferenciação, por um recorte, eminentemente metodológico, o mestre genebrino opta por considerar a língua como o objeto de suas investigações.

No que diz respeito à natureza da língua, Saussure (2006 [1916], p.23) pontua que a língua “[...] é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.”; os sociolinguistas, por outro lado, a concebem como um sistema heterogêneo. Estes justificam sua posição por partirem do pressuposto de que a língua detém uma estrutura que é dotada de variabilidade, portanto, configurando-se como um sistema heterogêneo. No que tange ao assunto, Labov (2008 [1972], p.238) argumenta que: “[...] Tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala [...]”. Vale lembrarmos que, para o referido sociolinguista, tal variação não consiste em algo obscuro.

Nessa esteira, Coelho *et. al.* (2015) ponderam que:

[...] Mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a Sociolinguística vê a língua como um objeto dotado de **heterogeneidade estruturada** – logo, há regras, sim. Decorre daí que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico. (COELHO *et. al.*, 2015, p. 59)

Figueroa (1994)³¹, ao considerar tal divergência de pontos de vista a respeito da natureza da língua, pondera que Labov admite que a língua é fundamentalmente homogênea no nível da comunidade³², porém discorda de Saussure por assumir que o estudo científico da

³¹ “There is an ongoing tension in Labov's work between the claim that the object of linguistic enquiry is orderly, systematic and non-particularistic (if studied properly), and Labov's disagreement with Saussure, Chomsky and others who insist upon the necessary homogeneity of the linguistic object. On the one hand we have Labov agreeing with Saussure that *langue* is fundamentally homogeneous on the level of the community (see, for example Labov 1989), but disagreeing with Saussure that the scientific study of language needs to ignore real heterogeneity, as well as disagreeing with Saussure's contention that *parole* is chaotic and unmotivated.” (FIGUEROA, 1994, p.77-78)

³² Coelho *et. al.* (2010, p.38) esclarecem que: “Considerando a uniformidade do comportamento dos falantes quanto a normas sociais em relação à língua, Labov busca uma certa homogeneidade na definição de comunidade de fala, já que ela não vai ser caracterizada pelas regras linguísticas presentes na fala dos indivíduos – as quais são altamente variáveis –, e sim pelas atitudes dos falantes em relação às regras e formas linguísticas – que são mais uniformes.”

língua precise ignorar a heterogeneidade e, também, por afirmar que a fala é caótica e imotivada.

Ao considerar a língua como heterogênea, os sociolinguistas também se posicionam diferentemente de Saussure (2006 [1916]) em relação a outra dicotomia fixada pelo referido estruturalista suíço, a saber, sincronia *versus* diacronia. Desse binômio, grosso modo, entendemos que o primeiro termo consiste no estudo da língua em um dado momento do tempo, e o segundo termo compreende ao estudo da língua na sucessão do tempo respectivamente.

Saussure (2006 [1916]), movido pelo que lhe interessava estudar, optou por uma investigação linguística respeitando um dado estado de língua, que corresponde a um espaço de tempo considerável em que, durante sua permanência, as modificações da língua sejam mínimas, caracterizando-se, portanto, como um estudo sincrônico. Hora (2004) justifica essa preferência pela sincronia, pois o linguista suíço parte do pressuposto de que, “[...] nesse nível, a língua é concebida como um sistema completamente estático, homogêneo e regular [...]” (HORA, 2004, p.14).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), pensando de maneira distinta a língua e buscando propor uma teoria que rompa com o axioma que prevê o sistema linguístico como homogêneo, questionam a concepção saussuriana, pois, por meio dela, são vedadas a consideração de fatores sociais atuando sobre a língua e a incorporação da mudança ao sistema linguístico. Dessa forma, os autores arrazoam que:

[...] Nos parece bastante inútil construir uma teoria de mudança que aceite como seu *input* descrições desnecessariamente idealizadas e inautênticas dos estados de língua. Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico *ou* sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 35).

Portanto, ao pensar a língua como heterogênea, os autores partem do pressuposto de que tal característica pode ser compreendida tanto em uma investigação de natureza sincrônica quanto diacrônica, concebendo o estudo sociolinguístico, por assim entender, numa perspectiva cronológica complementar e não excludente. Além disso, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) preconizam que tal heterogeneidade linguística deva ser buscada na comunidade de fala. Nessa direção, Coelho *et. al.* (2015, p. 73) argumentam que a conciliação da perspectiva sincrônica e diacrônica oportuniza verificar as mudanças linguísticas no

momento em que elas ocorrem, em outras palavras, conforme os referidos autores, “[...] elas não ficam ‘escondidas’ entre estados de língua, e são observadas justamente na comunidade de fala, pela análise de padrões de variação e pela dinâmica desses padrões ao longo do tempo”(COELHO *et. al.*, 2015, p. 73). Assim, concebemos um estudo sociolinguístico conciliando sincronia e diacronia, no seio de uma comunidade de fala e não na produção linguística de um único indivíduo.

No que tange à comunidade de fala³³, compreendendo a complexidade em se definir o *locus* da pesquisa sociolinguística e a falta de consenso entre os pesquisadores, recorremos a Guy (2001), o qual define por meio de três critérios a comunidade de fala, em que os falantes devem: (i) [...] partilhar traços linguísticos que sejam distintos de outras comunidades; (ii) [...] apresentar uma frequência elevada de comunicação entre si; e (iii) dispor das mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Considerando os critérios supracitados, observamos que a definição da comunidade de fala está relacionada diretamente com fronteiras entre outras comunidades que partilham determinados comportamentos linguísticos, os quais as tornam distintas. Nessa direção, podemos tomar, como exemplos, duas comunidades de fala, a saber, a de Concórdia – SC e a de Feira de Santana – BA. Em relação ao uso das variantes *tu* e *você*, na primeira comunidade de fala, predomina-se o uso da forma pronominal de segunda pessoa *tu*, conforme nos mostra Franceschini (2011); ao passo que, em Feira de Santana – BA, a preferência dos falantes recai sobre a variante *você*, como aponta Nogueira (2013).

Dessa forma, podemos comprovar o primeiro e o terceiro critérios e, concomitantemente, verificar que o segundo justifica o primeiro, afinal, uma vez que há uma elevada frequência de comunicação entre os falantes de uma comunidade de fala, como consequência, haverá a conservação de seus comportamentos linguísticos, assim como a falta de contato linguístico entre comunidades pode propiciar o desenvolvimento de discrepâncias no que tange à língua. Portanto, ressaltamos que, nos estudos sociolinguísticos, parte-se da concepção da heterogeneidade e buscam-se, na comunidade de fala, os traços linguísticos semelhantes que a identificam e que a distinguem de outras.

Visto que as fronteiras de uma comunidade de fala se delineiam à medida que os falantes identificam-se com um modo de se expressar linguisticamente, com uma determinada norma e apresentam, portanto, uma dada atitude linguística que torna sua comunidade de fala

³³A respeito da concepção de comunidade de fala nos moldes de William Labov, Calvet (2002) fomenta uma discussão em que são relacionados o modo do sociolinguista conceber esse elemento da Teoria da Variação com os conceitos de comunidade linguística e comunidade social.

distinta de outras, podemos verificar o terceiro critério proposto por Guy (2001). A esse respeito, Beline (2014) destaca a necessidade de os membros da comunidade de fala reconhecerem a atitude como se posicionam em relação à maneira como falam e a forma como os membros de outras comunidades falam, para, assim, escolherem como desejam falar propriamente.

Compreendidos os limites de uma comunidade de fala, os sociolinguistas, baseando-se na concepção de heterogeneidade linguística ordenada, partem para o campo de pesquisa com o intuito de rastrear fenômenos de uma *variedade de língua* em busca de *variação e/ou mudança linguísticas*. Esta, por seu turno, se dá quando há a presença de uma *variável dependente* cuja constituição é permitida por meio de *variantes* que pleiteiam um determinado significado na língua e que têm a respectiva realização favorecida por *variáveis independentes linguísticas* e *extralinguísticas*. Viabilizando, dessa forma, a existência de *regras (in)variáveis*. Para fins explicativos, elucidamos os termos destacados adiante à luz da literatura sociolinguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 2007; COELHO et. al., 2010; COELHO et. al., 2015; entre outros).

Uma dada variedade de língua pode ser compreendida também como o dialeto ou o falar de uma comunidade de fala. Assim sendo, levamos em consideração as particularidades linguísticas tanto de ordem variável quanto categórica presentes no falar de uma determinada comunidade de fala. No seio de uma variedade de língua, podemos encontrar variação linguística, ou seja, formas variantes que representam, ou concorrem para representar, um único referente ou significado. A título de exemplo, na variedade da Língua Portuguesa falada pelos brasileiros, conhecido como Português Brasileiro, destacamos a coocorrência das formas pronominais *tu* e *você*, que compartilham, em dados contextos linguísticos, uma única referência, a saber, a de segunda pessoa do singular³⁴.

Uma vez que as formas pronominais *tu* e *você* assumem o mesmo referente na variedade supracitada, podemos considerá-las como variantes de uma variável dependente. Isso posto, é possível afirmarmos que a covariação de ambas configuram um fenômeno de variação linguística, visto que os falantes, diante desse fenômeno, têm em seu repertório linguístico duas formas variantes que representam um único sentido, ora uma ora outra será realizada. A produção de uma variante em detrimento da outra será condicionada, consequentemente, por fatores de ordem linguística (condicionadores imanentes ao sistema da língua) e extralinguística (condicionadores externos à língua – elementos sociais, tais como:

³⁴Relembrando que mencionamos, na subseção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*, muitos trabalhos nos quais os pesquisadores registram essa variação no Português Brasileiro.

sexo, faixa etária, escolaridade, diazonalidade etc.). Estes fatores são conhecidos, respectivamente, como variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

Diante dessa realidade linguística variável, a gramática, sob a ótica da Sociolinguística, será compreendida como um conjunto de regras variáveis e de regras invariáveis ou categóricas. As regras variáveis são, dessa forma, aplicadas ao próprio fenômeno de variação linguística; ao passo que as regras invariáveis ou categóricas são entendidas quando há a aplicação delas em 100% dos casos, sem apresentar, para tanto, comportamento variável nos contextos previstos. Para fins ilustrativos, vejamos o seguinte caso de regra invariável ou categórica na Língua Portuguesa:

Um exemplo de regra categórica no português é o da colocação do artigo em relação ao nome que ele determina – o artigo sempre aparece antes do nome: dizemos ‘a casa’, mas nunca *‘casa a’. Do mesmo modo, sabemos que não é possível uma construção como *‘o este dia’; podemos dizer apenas ‘o dia’ ou ‘este dia’, sem ‘acumular’ pronome demonstrativo e artigo na mesma posição [...] (COELHO et. al., 2015, p.60)

Posto que a variação linguística é inerente à língua, concedendo a esta uma natureza heterogênea, podemos retomar um princípio bastante difundido da Sociolinguística, o qual foi postulado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), e, assim, ampliar a discussão rumo à ideia de mudança linguística. Segundo os referidos estudiosos, “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.126). Dessa forma, ancorados na literatura sociolinguística, podemos evidenciar que, na língua, encontramos três fenômenos, a saber: (i) variação estável; (ii) mudança em curso; e (iii) mudança linguística.

O primeiro fenômeno, variação estável, diz respeito ao estado de variação linguística entre duas ou mais variantes em uma comunidade de fala, compreendendo um dado período de tempo em que nenhuma das formas linguísticas cede o lugar de representação do respectivo referente para as suas concorrentes. O segundo fenômeno, mudança em curso, ora, também, denominado como mudança em progresso, consiste no fato de uma variante, que disputa o lugar representacional de um dado sentido com outra(s) variante(s), começar a suplantar as demais concorrentes linguísticas, ainda que seja possível, no entanto, mesmo que em menor frequência, ocorrer a realização da(s) outra(s) variante(s) naquele contexto linguístico em que há a variação. E o terceiro fenômeno, a mudança linguística, significa que

é dado fim à variação linguística outrora verificada, pois uma das variantes assume a função que, em outro momento, era representada por mais de uma forma na língua.

Assim, em um dado momento da história de uma língua, a forma A e a forma B variam, ambas representando um único referente (variação estável); à medida que o tempo transcorre, a forma B passa a ser mais utilizada em detrimento da forma A, embora esta ainda ocorra na comunidade de fala (mudança em curso); finalmente, dado mais um intervalo de tempo, a forma B assume a função que antes era realizada por ela e pela forma A (mudança linguística).

Ressaltamos, entretanto, que, nem sempre, uma dada variação estável alcança o estágio de mudança linguística, porém toda mudança linguística valida a existência de uma situação de variação entre duas ou mais variantes em um dado momento anterior da história de uma língua, segundo a Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Observando o objeto de estudo em perspectiva, podemos constatar que, na Língua Portuguesa, em determinada época de sua história, a realeza era tratada por *vós*. No entanto, paulatinamente, por questões exteriores à língua, o tratamento do soberano passou a ser previsto tanto pela forma *vós* quanto por um bloco de locuções nominais com a estrutura *Vossa + Nome* (Mercê, Senhoria, Alteza, Majestade), estabelecendo-se um período de variação estável entre a variante *vós* e a variante composta por derivações de uma locução nominal basilar. Com o passar do tempo, a forma *vós* começou a arcaizar-se e perder forças no duelo com o bloco de formas nominais, dando formato a uma mudança em curso. E, finalmente, a forma *vós* perde a batalha para o bloco de formas nominais, o qual assume o tratamento real e começa um novo ciclo de variação estável, agora, tendo as formas nominais entre si como personagens principais da batalha.

E para concluir essa subseção, uma vez que estamos tratando de mudança linguística, vale ressaltar que Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) sintetizam determinados princípios, os quais se encontram relacionados aos fundamentos empíricos no que diz respeito a uma teoria da mudança. Para tanto, os referidos autores conduzem tal discussão mediante a apresentação de cinco problemas, segundo eles, a serem resolvidos, a saber: (i) o problema dos fatores condicionantes (ou problema das restrições); (ii) o problema da transição; (iii) o problema do encaixamento; (iv) o problema da avaliação; e (v) o problema da implementação.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o *problema dos fatores condicionantes*, ou *problema das restrições*, diz respeito à necessidade de se definir os grupos de mudanças e fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a mudança. O *problema da transição*, por seu turno, consiste na investigação do processo por meio do qual

a mudança ocorre, perscrutando os estágios no entremeio de uma dada estrutura que parte do ponto A até o ponto B.

O *problema do encaixamento* corresponde ao encaixamento da mudança tanto no sistema linguístico quanto na estrutura social. No que tange ao encaixamento na estrutura linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.123) argumentam que: “Se a teoria da evolução linguística quiser evitar notórios mistérios dialetais, a estrutura linguística em que os traços mutantes se localizam tem de ser ampliada para além do idioleto [...]”. A respeito do encaixamento na estrutura social, os autores advogam que: “A estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura [...]” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p.123).

Na sequência, o *problema da avaliação* refere-se à importância do julgamento dos falantes da comunidade de fala, onde se investiga uma dada variável. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p.124), “[...] a teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea”. Sobre o problema da avaliação, Sousa (2008) argumenta que:

É de se notar que esse problema vai de encontro ao postulado saussuriano de aceitação passiva por parte do indivíduo do processo de estruturação da língua. Ao tempo, em que também procura perceber em que medida a avaliação subjetiva do indivíduo interfere no processo de mudança linguística. Nessa perspectiva, a mudança pode ser detida, congelada, revertida, difundida, facilmente assimilada por consequência do estigma social que subjaz. (SOUSA, 2008, p.66)

Baseando-nos, portanto, na concepção do problema da avaliação, na subseção *VOCE versus CÊ: esse duelo na ótica dos conquistenses*, faremos as considerações sobre o teste de avaliação/percepção³⁵ que foi aplicado, com vistas ao refinamento das análises.

E, por fim, o *problema da implementação* está relacionado às causas da mudança e, conseqüentemente, associando-se aos problemas/princípios anteriores. Subjazem a esse problema questionamentos como: *Por qual motivo uma determinada mudança deu-se em um momento e não em outro? Ou em um lugar e não em outro?* Nessa direção, Lucchesi (2004, p.179) esclarece que “[...] o problema da implementação levanta menos uma discussão teórica do que uma discussão epistemológica, pois suscita a necessidade de se definir o que significa explicar alguma coisa em linguística [...]”.

³⁵ “Como o próprio nome indica, no teste de percepção você solicitará a seu informante que se manifeste em relação à aceitabilidade ou não de certas variantes [...]”, esclarece Tarallo (2007, p.55).

Dessa maneira, concluindo essa subseção, vale lembrarmos que, para a Teoria da Variação e Mudança Linguística:

- ✓ A língua deve ser compreendida como um sistema heterogêneo e ordenado;
- ✓ A língua deve ser investigada no seu uso real, no seio da comunidade de fala, considerando as associações entre os fatores condicionantes pela estrutura linguística e os fatores condicionantes pelos aspectos sociais e culturais da produção linguística;
- ✓ O estudo sociolinguístico vale-se da conciliação entre a modalidade sincrônica e diacrônica;
- ✓ A variação linguística é inerente ao sistema linguístico, além de ser considerada um requisito *sine qua non* para se chegar à mudança linguística;
- ✓ O sistema linguístico é regido por regras gramaticais variáveis e invariáveis ou categóricas.
- ✓ A mudança linguística está relacionada aos cinco problemas previstos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), os quais correspondem ao problema dos fatores condicionantes (ou problema das restrições), ao problema da transição, ao problema do encaixamento, ao problema da avaliação e ao problema da implementação.

Entendida a forma como os sociolinguistas concebem a língua e suas características, indagamos sobre o seu método de investigação linguística. Assim, com a próxima subseção, podemos compreender questões dessa natureza. Vejamos.

3.1.1.1 Passos metodológicos de um estudo sociolinguístico variacionista

Uma vez que, na subseção anterior, discutimos premissas da Teoria da Variação e Mudança Linguística, nesta, objetivamos lidar com o aparato metodológico do qual tal corrente teórica lança mão para desenvolver seus estudos. Para tanto, ancoramo-nos na literatura sociolinguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; GUY E ZILLES, 2007; TARALLO, 2007; COELHO *et. al.*, 2010; MOLLICA E BRAGA, 2013; COELHO *et. al.*, 2015; entre outros), com vistas a descrever os passos metodológicos de um estudo sociolinguístico variacionista.

Os sociolinguistas, quando partem para execução de sua pesquisa, estão à procura de vernáculos. Isso significa que tais pesquisadores interessam-se em investigar a língua, a qual sofre influência do contexto social, especialmente, por meio de amostras de fala casual nas quais se verifica um grau de monitoramento consideravelmente baixo. O informante, nessa perspectiva, preocupa-se no que falar e não, necessariamente, na maneira como falar. No que se refere ao vernáculo, Labov (2008 [1972]) esclarece que:

Nem todos os estilos ou pontos do *continuum* estilístico são de igual interesse para os linguistas. Alguns estilos exibem padrões fonológicos e gramaticais irregulares, com um grande volume de “hipercorreção”. Em outros estilos, encontramos a fala mais sistemática, onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente. Esse é o “vernáculo” – o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística. (LABOV, 2008 [1972], p.244)

Buscando analisar amostras da língua vernacular de uma dada comunidade de fala, os pesquisadores variacionistas montam o *corpus* de seu estudo por meio de entrevistas gravadas com membros da comunidade de fala investigada. Uma vez que os informantes nem sempre conhecem o entrevistador, este, por seu turno, deve empregar estratégias para tornar a entrevista um tanto descontraída, pois, dessa maneira, impede-se que a assimetria prevista entre os interlocutores (informante e entrevistador), até o momento desconhecidos, não comprometa o advento do vernáculo na fala do sujeito da pesquisa sociolinguística.

A seleção e organização dos informantes são administradas por células sociais definidas pelo pesquisador. Essas células correspondem ao conjunto de fatores sociais (sexo, faixa etária, escolaridade, diazonalidade etc.) que caracterizam os informantes da amostra. Feitas as gravações dos inquéritos, o pesquisador transcreve-os orientado por alguma chave de transcrição³⁶ que facilite posteriormente o tratamento dos dados.

Assim sendo, determinadas a variedade de língua a ser estudada e a comunidade de fala que a realiza, feitas a seleção, a organização e a distribuição dos informantes segundo células sociais, gravadas e transcritas as entrevistas, o pesquisador parte para a definição do envelope de variação do seu estudo, que consiste na descrição minuciosa de uma variável dependente, das variantes que disputam pela hegemonia na representação de um significado e os contextos linguísticos que elas podem ou não ser realizadas.

³⁶ As entrevistas realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo, das quais lançamos mão para compor nossa amostra de estudo, foram transcritas a partir da chave de transcrição proposta pelo Grupo Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia. Vale ressaltarmos que a chave está disponível no próprio site do grupo (<http://www.vertentes.ufba.br/>).

Adiante, posto que se identificou o fenômeno de variação linguística, o variacionista lança hipóteses, por meio das quais, busca-se elucidar as tendências sistematizáveis do fenômeno variável em perspectiva e, para tanto, faz com que as hipóteses lançadas se tornem operacionais através da especificação dos grupos de fatores condicionadores que são tanto linguísticos quanto sociais.

E os derradeiros passos metodológicos de uma pesquisa sociolinguística é a coleta dos dados no *corpus*, seguida da sua codificação e do seu tratamento estatístico por meio de programas que realizam cálculos de frequência, percentuais e pesos relativos relacionados a cada fator das variáveis independentes no que diz respeito à aplicação da regra, abarcando a influência de cada um desses condicionadores sobre o uso de uma das variantes em detrimento da(s) outra(s) e selecionando, estatisticamente, os grupos de fatores por ordem de relevância.

Por fim, cumprido esses passos, finalmente, o pesquisador tem em mãos valores numéricos, apresentados em tabelas, os quais precisam ser analisados cuidadosamente, com vistas a verificar se as hipóteses lançadas inicialmente são confirmadas ou não. Além disso, é por meio desses valores numéricos que o sociolinguista pode comprovar estágios de variação estável, mudança em progresso, ou, até mesmo, a total mudança linguística oriunda de uma situação de variabilidade em outro momento da língua. Portanto, é muito importante que o pesquisador esteja instrumentalizado para interpretar os resultados alcançados após a pesquisa realizada.

Assim, vimos nessa subseção que, sobre os passos metodológicos de uma pesquisa sociolinguística, são cumpridas as seguintes etapas:

- ✓ Determinação da variedade linguística e da comunidade de fala que a realiza;
- ✓ Seleção, organização e distribuição dos informantes segundo células sociais;
- ✓ Construção do *Corpus* – gravação e transcrição das entrevistas realizadas;
- ✓ Definição do envelope de variação da pesquisa;
- ✓ Lançamento de hipóteses e a sua operacionalização por meio da especificação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos;
- ✓ Coleta e codificação dos dados;
- ✓ Tratamento dos dados por um programa de análise multivariada;
- ✓ Análise e discussão dos resultados alcançados.

Uma vez delineados os fundamentos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, questionamo-nos: como outra teoria, no paradigma funcional, compreende a língua e o

fenômeno de mudança? Encontramos respostas para essa pergunta a partir da próxima subseção.

3.2 Nas lentes do Funcionalismo Linguístico Norte-Americano

Para fins contextuais, de acordo com Furtado da Cunha (2015), Dwight Bolinger é, com frequência, posto em proeminência quando se mencionam os precursores da abordagem funcionalista norte-americana, por mais que o estudioso não tenha dado andamento em um esboço completo de uma gramática funcionalista. A autora ainda sinaliza que é, por volta de 1975, que estudos declaradamente funcionalistas evidenciam-se na literatura científico-linguística norte-americana. Alguns teóricos, dentre outros, assumem lugar de destaque no referido campo de estudo, a saber: Talmy Givón, Sandra Thompson e Paul J. Hopper. Furtado da Cunha (2015), inclusive, ressalta que alguns funcionalistas alemães, como, por exemplo, Bernd Heine e Tânia Kuteva, trabalham com questões voltadas à gramaticalização, mudança linguística e empréstimo, aderindo um modelo congênere ao desempenhado pelos linguistas norte-americanos.

Estabelecido o lugar do qual discutimos o Funcionalismo, a seguir, veremos como a língua e a gramática são percebidas nas lentes dessa corrente teórica, em *Língua e Gramática na Ótica Funcionalista*; posteriormente, em *Gramaticalização: em vias de mudança*, exploraremos um dos processos mais comuns no engate da mudança linguística à luz do Funcionalismo de base norte-americana.

3.2.1 A língua e a gramática na ótica funcionalista

Os funcionalistas, embora o movimento tenha nascido no seio do Estruturalismo, veem, assim como os sociolinguistas, a necessidade, em seus estudos, de considerar a relação língua e sociedade, realçando a concepção da língua como heterogênea. Givón (1995) assume, entre outras coisas, que a linguagem é uma atividade sociocultural, que a estrutura é maleável e atende a funções comunicativas e cognitivas. A respeito da gramática, o linguista postula que, na ótica funcionalista, ela é vista como emergente e que as regras gramaticais permitem algumas exceções.

Hopper (1987) esclarece que compreender a gramática como emergente consiste em considerar a sua estrutura em um processo, no qual ela vai emergindo com vistas à sua constituição, a qual não chega a acontecer, exatamente, pela sua natureza emergente. Assim,

ancorados em Furtado da Cunha, MCunha (2015), podemos sintetizar que a língua é compreendida, no Funcionalismo, como uma entidade que desempenha funções exteriores ao sistema linguístico propriamente e que tais funções corroboram para a organização interna do sistema linguístico, realçando, dessa maneira, a noção de que a língua sinaliza para a adaptação feita correntemente pelo falante face às distintas situações de comunicação.

Os funcionalistas captam a língua a partir das mesmas lentes da Sociolinguística. A esse respeito, Martelotta e Areas (2003), dialogando com Givón (1995), assinalam que os funcionalistas, não diferenciam *langue* de *parole*, mas entendem que “[...] o acidental ou casual que caracteriza o discurso passa a ser a gênese do sistema, que, por sua vez, alimenta o discurso [...]” (MARTELOTTA E AREAS, 2003, p.26-27). Nessa direção, Brinton e Traugott (2005) explicam que os funcionalistas partem do pressuposto de que há uma relação casual entre sentido e a estrutura linguística e que, além disso, fatores exteriores à língua podem definir a estrutura linguística. A linguagem, conforme os referidos linguistas, é uma atividade humana e não um epifenômeno de uma capacidade estática.

A iconicidade é outro tópico a se destacar quando elucidamos questões relacionadas ao modo como os funcionalistas percebem a língua. Para introduzir esse assunto, cabe-nos tratar, primeiramente, da arbitrariedade, outro dogma da linguística estruturalista, como classifica Givón (1995), e que, com frequência, é visto de modo antitético em relação ao princípio da iconicidade. Para Saussure (2006 [1916], p.81), “[...] o signo linguístico é arbitrário”, ou seja, a relação entre o significado (conceito) e o significante (imagem acústica), contrapartes do signo linguístico, consiste em um laço sem motivação.

Martelotta e Areas (2003) afirmam que o princípio da arbitrariedade do signo, ao menos na sua definição mais radical, é passível de questionamento, assinalando que as línguas são por um lado arbitrárias e por outro icônicas (não-arbitrárias). Segundo os autores, “[...] Saussure reconheceu que havia exceções ao seu princípio da arbitrariedade do signo linguístico, mas, segundo Ullmann (1977: 169), ‘desprezou-as por serem pouco importantes’ [...]” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p.25).

No que tange a essas exceções, Wilson e Martelotta (2015) sublinham que o mestre suíço admite uma possível arbitrariedade relativa, a qual comporta casos em que se possa resgatar um conceito e uma forma com base em um signo linguístico, como, por exemplo, podemos recuperar da palavra “dezenove” a ideia de “dezena”.

Diante disso, com o intuito de defender as pressuposições funcionalistas que preconizam a iconicidade (não-arbitrariedade), Martelotta e Areas (2003) argumentam que se uma palavra é analisada de modo isolado, como orientam os estruturalistas, sem o respectivo

contexto de uso para tanto, indubitavelmente, o que será destacado é uma eminente união não-necessária entre uma dada estrutura sonora e um significado (ou um objeto referente). Então, segundo os linguistas, para que se entenda os mecanismos linguísticos frequentes que sinalizam um processo mais funcional de conceber novos rótulos para novos referentes, é necessária a mudança de foco de investigação para uma abordagem que se leve em consideração a língua em uso.

Além da ausência de elementos contextuais que dificultam a percepção da motivação que estabelece a relação necessária entre uma palavra e o seu sentido, Votre (1996) assinala que, ao considerar os estágios finais de um processo de mudança linguística, o que outrora apresentava-se como transparente e icônico, ao final do processo, possivelmente, perderá a iconicidade prevista de início e se mostrará, portanto, como menos transparente, opaco ou arbitrário.

Ademais, esclarecendo o princípio da iconicidade, Martellota e Areas (2003) dilucidam que, no processo de criação de novos rótulos para novos referentes, os falantes não concebem sequências novas de som arbitrariamente, porém, de modo tendencioso, lançam mão de material já presente na língua para concebê-las. Assim, segundo os referidos funcionalistas, os falantes estendem o sentido de palavras, assegurados por uma motivação semântica; dão margem à criação de novas palavras via derivação ou composição de palavras, sublinhando uma motivação morfológica; e criam palavras onomatopaicas, as quais surgem na língua com vistas a, por meio da sua produção fonética, aludir à coisa que conceitua, observando, dessa maneira, uma motivação fonética.

Destarte, ancorados em uma orientação funcionalista, ressaltamos que, ao considerarmos a língua no seu uso em situações reais, há duas razões salientes que movem o falante a criar novos rótulos para novos referentes, a saber: (i) a busca pela maior expressividade no momento da comunicação, haja vista que elementos linguísticos, por pressões do uso, perdem expressividade; (ii) e o fato da mudança constante do ambiente social dos falantes, o que, por conseguinte, demanda novos meios para nomear as inovações ao redor dos falantes.

Para os funcionalistas, na esfera sintática, podemos também notar a motivação, ou o princípio da iconicidade. Conforme Haiman (1980, p.516, tradução nossa³⁷) “[...] a ordem dos enunciados em uma descrição narrativa corresponde à ordem dos eventos por eles descritos [...]”. Posteriormente, Givón (1990) postula três subprincípios que caracterizam a iconicidade

³⁷ “[...] the order of statements in a narrative description corresponds to the order of the events they describe [...]” (HAIMAN, 1980, p.516)

no campo da sintaxe, a saber: o subprincípio da ordem sequencial; o subprincípio da quantidade; e o subprincípio da proximidade.

Givón (1990) apropria-seda assumption supracitada de Haiman (1980), para definir o *subprincípio da ordem sequencial*, ou da ordenação linear, retomando a questão da ordenação das orações em uma narrativa e ampliando o subprincípio com a topicalização, em que, por exemplo, as informações mais relevantes são apresentadas primeiramente na cadeia de conteúdo exibida.

Osubprincípio da quantidade, destacado também pelo referido linguista, representa o fato de que, quanto maior for o material informativo ou quanto menos previsível for a informação a se passar, maior será o material linguístico registrado. E a respeito do *subprincípio da proximidade*, conhecido, também, como da integração, Givón (1990) prevê que as entidades que se encontram mais próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão registradas mais próximas tanto no nível temporal quanto espacial. Além disso, os operadores funcionais serão dispostos, também, mais próximos às unidades conceptuais tanto no nível temporal quanto no espacial.

Givón (2001) amplia a discussão sobre a iconicidade, relacionando-a a outro princípio. Segundo o linguista: “[...] a marcação pode ser considerada como o metaprincípio aplicável da iconicidade, expressando a correlação – reconhecidamente nem sempre perfeita – entre a complexidade estrutural e funcional [...]” (GIVÓN, 2001, p.38, tradução nossa³⁸). Cunha, Costa e Cezario (2003) assinalam que o princípio de marcação é uma herança da linguística estrutural elaborada na Escola de Praga e que subjazem ao princípio três critérios que funcionam distinguindo categorias marcadas de não-marcadas, considerando, para tanto, um contraste binário. Para definir os três princípios, recorremos a Givón (1990;1995). Segundo o autor, temos:

- a) **Complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa – ou maior – em relação a estrutura não-marcada;
- b) **Distribuição de frequência:** a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente, do que a categoria correspondente não-marcada;

³⁸ “[...] markedness may be viewed as the governing meta-principle of iconicity, expressing the correlation — admittedly not always perfect — between structural and functional complexity [...]” (GIVÓN, 2001, p.38)

- c) **Complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de atenção, esforço mental ou tempo de processamento – do que a categoria não-marcada.

Comentando sobre os três critérios, Givón (1995) afirma que eles podem coincidir seguindo uma tendência geral nas línguas. Para o autor, a associação comum entre a marcação estrutural, a marcação cognitiva e a baixa frequência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, sendo essa correlação que se deve explicar ao se invocar tanto princípios gerais quanto os mecanismos de desenvolvimento pormenorizados. Além disso, Givón (1990;1995) frisa que uma dada estrutura que é marcada em um contexto pode não ser em outro, pois, conforme o estudioso, a marcação não pode ser determinada de única forma, uma vez que se depende do contexto.

Então, retomando o princípio estruturalista da arbitrariedade e contrapondo com o princípio funcionalista da iconicidade, Wilson e Martelotta (2015) ponderam que:

[...] as noções de arbitrariedade e de motivação (ou iconicidade) não são exclusivas, ou seja, não constituem antônimos, mas antes visões diferentes de um mesmo fenômeno. A noção de arbitrariedade observa exclusivamente a relação existente entre o som e o sentido da palavra, já a noção de motivação ou iconicidade leva em conta o fato do falante, de algum modo, fazer corresponder a forma da palavra com o significado que ela expressa (WILSON; MARTELOTTA, 2015, p.77) (grifo nosso).

Essa colocação leva-nos a refletir sobre o enfoque dado. Assim, se o enfoque é formalista, observando primeiramente a estrutura linguística, será, reconhecidamente, arbitrário o signo linguístico. Por outro lado, se o enfoque é estabelecido pelo viés funcionalista, atentando-se não exclusivamente à estrutura, mas, sobretudo, a estrutura em um determinado contexto de uso, consideramos a realização linguística e, conseqüentemente, o signo como fruto de uma motivação. Em nosso estudo, a esse respeito, adotamos a visão branda, na qual reconhecemos a arbitrariedade em alguns signos e a motivação entre outros tantos.

Isso posto, chamamos a atenção para o fato, como foi visto, da iconicidade poder ser perdida ao longo do tempo, o que aponta para outra perspectiva reproduzida nos estudos funcionalistas, a saber, a metodologia empregada quanto ao recorte temporal no estudo da língua. No Funcionalismo, os pesquisadores partem do pressuposto de que a língua e suas

vicissitudes devem ser consideradas em estudos de natureza pancrônica³⁹, ou seja, valendo-se tanto da sincronia quanto da diacronia. Na próxima subseção, trataremos do processo de gramaticalização, todavia podemos antecipar que a preferência de estudos pancrônicos pelos funcionalistas está relacionada, também, à precisão como se pode perceber o processo de mudança linguística via gramaticalização.

Nessa direção, Hopper e Traugott (2003) apontam que, na perspectiva diacrônica, podemos investigar as fontes das formas gramaticais e os passos de mudança típicos sofridos por elas; na perspectiva sincrônica, a gramaticalização é vista fundamentalmente como um fenômeno pragmático, discursivo e sintático a ser estudado do ponto de vista de padrões fluidos do uso da língua. Diante disso, verificamos o motivo da preferência funcionalista pela conciliação da sincronia e diacronia para propiciar um estudo, a nosso ver, mais completo do fenômeno em análise.

Nessa subseção, vimos que a língua e a gramática são caracterizadas pelo Funcionalismo Norte-Americano a partir das seguintes atribuições:

- ✓ A linguagem é uma atividade sociocultural;
- ✓ A língua é concebida no seio da sociedade;
- ✓ A estrutura linguística é maleável e atende a funções comunicativas e cognitivas;
- ✓ A gramática é vista como emergente e as regras gramaticais permitem algumas exceções;
- ✓ A estrutura linguística é icônica;
- ✓ A perspectiva pancrônica é a mais recomendável para os estudos de base funcionalista.

Valendo-nos das especificações de língua e gramática discutidas nessa subseção, indagamo-nos de que maneira se dá a mudança linguística para essa corrente teórica. Diante disso, na próxima subseção, lançamos luz a tal indagação. Vejamos.

3.2.2 Gramaticalização: em vias de mudança

A mudança linguística é recorrente na língua, e um dos processos que abonam tal fenômeno é o da gramaticalização. Hopper e Traugott (2003) acentuam que o termo

³⁹ De acordo com Tavares (2003, p.75) a perspectiva pancrônica já havia sido “[...] apontada por Saussure, no início do século XX, como uma das possibilidades de abordagem à língua.”

“gramaticalização”⁴⁰ foi fixado pelo linguista francês Antoine Meillet, no artigo *L'évolution des formes grammaticales*, datado de 1912, em que tal designação consistia, segundo o referido estudioso, no desenvolvimento de morfemas gramaticais oriundos de formativos lexicais⁴¹.

A partir de então, muitos estudiosos debruçaram-se sobre o estudo desse processo. Gonçalves et. al (2007, p.19) destacam os trabalhos “[...] na Alemanha (Lehmann, Heine, Claudi, Hünne Meyer) e na Costa Oeste Americana (Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, entre outros).” No Brasil, ressaltamos que é possível encontrar muitos pesquisadores igualmente interessados no estudo da gramaticalização (cf. MARTELOTTA, VOTRE E CEZÁRIO, 1996; CASTILHO, 1997; POGGIO, 2002; VITRAL E SUELI, 2010; LIMA-HERNANDES *et. al.*, 2010; SOUSA *et. al.* 2016, entre outros tantos).

Não raras vezes, encontramos o conceito de gramaticalização como sendo o processo em que itens lexicais migram-se para o estatuto de gramaticais, ou quando itens já gramaticais avançam para um estágio de maior gramaticalidade. Sobre essa questão, Castilho (1997) assinala que se partirmos do pressuposto de que, na gramaticalização, um item migra do léxico para a gramática, a suposição é a de que estamos separando elementos que compõem o léxico de uma língua das categorias gramaticais e, após essa consideração, o linguista argumenta que:

É preciso ter em conta que mesmo fora do enunciado (em “estado de dicionário”, no feliz achado de Carlos Drummond de Andrade), as palavras **já** dispõem de propriedades gramaticais (fonológicas, morfológicas e sintáticas), semânticas (referencialidade, predicatividade, dêixis, foricidade) e discursivas (topicidade) (CASTILHO, 1997, p.58-59) (grifo do autor).

Dessa forma, o referido linguista defende que tanto os itens lexicais quanto os considerados gramaticais já apresentam certa gramaticalidade, a qual, a partir do processo de gramaticalização, torna-se, portanto, mais acentuada.

⁴⁰ Gonçalves et. al. (2007, p.18-19) ressaltam que “[...] enquanto o termo *gramaticalização* é o mais recorrente na literatura, aparecem também, na referência ao mesmo processo, e sem diferenças muito significativas, termos variantes como *gramaticização* (Hopper, 1991; Givón, 1975; Matisoff, 1991), sendo que a distinção mais relevante que se observa é a tendência de uma maior relação do termo *gramaticalização* com a perspectiva diacrônica e de *gramaticização* com a perspectiva sincrônica da mudança contínua de categorias e significados. Ocasionalmente, aparecem ainda como sinônimos de *gramaticalização* termos inadequados para a descrição do processo em si, porque identificam apenas suas características semânticas e/ou sintáticas [...]”.

⁴¹ Hopper e Traugott (2003) grifam que a designação do termo gramaticalização como é concebido por Meillet tem clara descendência dos *insights* de Wilhelm von Humboldt e Georg von der Gabelentz, os quais desenvolveram trabalhos que já elucidavam anteriormente o processo de gramaticalização, a despeito da ausência do uso do termo em si.

Hopper e Traugott (2003) propõem que quando um item lexical marcha em direção a um estatuto de maior gramaticalidade, podemos observar a existência de um *cline*. Segundo os referidos funcionalistas norte-americanos, o termo *cline* corresponde a uma metáfora para uma observação empírica em diferentes línguas, nas quais itens linguísticos tendem a sofrer os mesmos tipos de mudança ou detêm séries similares de relacionamentos, em ordem semelhante. Diante disso, os autores ilustram essa proposta por meio de um *cline* de gramaticalidade, conforme podemos visualizar a seguir, na Figura 1:

Figura 1 - *Cline* proposto por Hopper e Traugott (2003, p.7, tradução nossa)⁴²



Por meio do *cline* ilustrado na Figura 1, Hopper e Traugott (2003) esclarecem que cada item disposto à direita caracteriza-se por maior gramaticalidade e menor caráter lexical em relação ao estágio previsto à sua esquerda. Por meio dessa proposta, entendemos que a gramaticalização, por vezes, é licenciada por um princípio em que verificamos os estágios de abstratização de um item ao longo do processo. Apesar de muitos autores afirmarem que há uma única direção, a unidirecionalidade, outros estudiosos concebem o assunto por outro caminho, como, por exemplo, Castilho (2014), para o qual, por meio de uma teoria linguística multissistêmica, defenderá a multidirecionalidade. Dessa forma, itens ora gramaticalizados podem assumir caráter de itens lexicais ou de categorias plenas⁴³.

O processo de gramaticalização é admitido por meio de mecanismos que funcionam nas diferentes esferas linguísticas, tais como, sintática, fonético-fonológica, morfológica, semântica e discursiva. Diante disso, podemos destacar os princípios previstos por Hopper (1991) e os mecanismos postulados por Heine (2003). Os funcionalistas apregoam princípios com vistas a esclarecer o que ocorre, por vezes, com as formas linguísticas entre/nos estágios assumidos por Hopper e Traugott (2003).

Para Hopper (1991), a gramaticalização é viabilizada por cinco princípios, a saber: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização (ou descategorização); para Heine (2003), o processo é, também, possibilitado por meio de quatro

⁴² “content item>gramatical word>clitic>inflectional affix” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.7)

⁴³ Conferir o trabalho de Silva, Sousa e Silva (2015).

mecanismos, sendo eles: dessemantização, extensão, decategorização e erosão (ou redução fonética). Verifiquemos, adiante, os cinco princípios de Hopper (1991).

A *estratificação*, segundo Hopper (1991), corresponde à convivência de camadas inovadoras com conservadoras em um mesmo domínio funcional a partir do processo de gramaticalização. À luz da Sociolinguística Variacionista, como vimos anteriormente, o fenômeno semelhante é compreendido como uma variação linguística em que formas variantes (conservadoras e inovadoras) coexistem na língua para fazer referência a um mesmo significado. Por exemplo, na comunidade de fala de Vitória da Conquista, *locus* de nossa pesquisa, podemos comprovar o princípio da estratificação ocorrendo nos itens *você* e *cê*. Vejamos a seguir o excerto de fala 03⁴⁴, no qual o princípio está ilustrado:

(03)I* Não, cálculo exatamente não. Envolve muita arte. Cê tem que tê muita arte pra sabê adequá... adequá uma coisa com a ôtra, né. Sabê se... se... eh... um certo tipo de... de... de decoração vai sê a cara daquele cliente. Tudo você tem que fazê baseado no que o cliente gosta, no que vai satisfazê o cliente, né. O conforto do cliente. Então você tem que tê a arte de sabê fazê o ambiente daquele cliente. (A.S.A.)

Como podemos notar através dos itens em destaque, em um único turno enunciativo, o falante lança mão ora de uma forma pronominal *cê* ora de outra *você*, sendo que ambas se afiliam a um único domínio funcional.

A *divergência* é o princípio que, para alguns estudiosos, pode ser concebido como um subprincípio do anteriormente descrito, refere-se a existência de formas linguísticas que procedem da mesma etimologia, mas que, diacronicamente, tomaram rumos diferentes na língua (cf. MARTELOTTA, 2003), ou, também, quando um item linguístico assume funções distintas que divergentemente são utilizados pelos falantes mediante elementos pragmático-discursivos (cf. GONÇALVES; CARVALHO, 2007).

Constatamos, na Língua Portuguesa, um claro exemplo de divergência quando tomamos como base o vocábulo *mercê*. Segundo Sousa (2008), a despeito de ter ocorrido uma evolução do item lexical, *mercê*, para o item mais gramatical, *Vossa Mercê* (pronome), o primeiro tem sua forma e significados preservados na língua. Assim, compreendemos uma origem e dois rumos divergentes. Podemos perceber esse fenômeno a partir do seguinte

⁴⁴ O excerto de fala utilizado foi extraído do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC.

fragmento da carta⁴⁵ do diplomata Alexandre Gusmão para o Abade Diogo Barbosa Machado, no século XVIII. Vejamos:

- (04) Sinto que *Vossa Mercê* tomasse o incômodo de buscar-me, e que o não achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimável conversação, da qual procurarei aproveitar-me sem moléstia sua. Muito tenho que agradecer a *Vossa Mercê* ocorrer-lhe o meu nome ao formar um Catálogo dos Portugueses eruditos, sendo o maior agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e suposto que não desconheça ou deixe de apreçar a honra que *Vossa Mercê* me faz, é justo também que me não induza o amor-próprio a abusar dela. Alguns amigos me fazem a *mercê* de espalhar no público um conceito vantajoso dos meus estudos, porém, como estes, enquanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo atribuir o estabelecimento daquela fama senão à benevolência dos que me favorecem; pois até ao presente não tenho mostrado composição por onde pudesse adquiri-la [...] (Casa, 2 de Maio de 1740).

Diante do fragmento exposto, podemos observar o uso do vocábulo *mercê* em domínios funcionais discrepantes, constatando, dessa maneira, o princípio da divergência.

Verificamos o princípio da *especialização* na língua, no momento em que, mediante o convívio de formas em um certo domínio funcional, ocorre um estreitamento de possibilidades, uma vez que uma ou mais de uma forma pode se especializar a um determinado uso pragmático-discursivo, de modo a fazer com que se dê cabo da coocorrência naquele domínio funcional. Sobre esse princípio, Lopes e Duarte (2003) assinalam que, em um dado momento da língua, a forma conservadora, *Vossa Mercê*, coocorre com a forma emergente, *você*, e que, gradativamente, a forma inovadora especializa-se, de modo a ocorrer em contextos linguísticos específicos e diferentes daqueles favorecedores da forma conservadora *Vossa Mercê*.

Na *persistência*, por seu turno, é explicada a presença de traços semânticos da forma original que se mantêm ao longo do processo de gramaticalização e podem ser verificados na forma resultante do processo de gramaticalização. Uma maneira de entendermos esse princípio é verificar, por exemplo, a função de sujeito, notada no uso da forma conservadora *Vossa Mercê*, a qual persiste ao longo da gramaticalização, sendo observada na forma inovadora *você* (cf. SOUSA, 2008).

⁴⁵ Extraímos essa carta do *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe.

Adiante, segue um fragmento de uma carta⁴⁶ do diplomata José Cunha Brochado, em 1707, em que notamos o uso da forma *Vossa Mercê* na função de sujeito pleno, e um turno enunciativo⁴⁷ de um informante da comunidade de fala de Vitória da Conquista, em que comprovamos a persistência da referida função, porém, na forma gramaticalizada *você*, vejamos:

- (05) [...] ***Vossa Mercê*** me convida para irmos passar dois dias a Belém; eu aceito a oferta
[...] (José Cunha Barbosa)
- (06) [...] Maria disse: “eu pago! Eu pago ai depois ***você*** me paga [...]” (Z.S.N.)

A *decatégorização* (ou *descatégorização*) corresponde ao fenômeno no qual há uma perda ou neutralização de marcas morfológicas, causando, portanto, uma mudança categorial de itens linguísticos que sofrem gramaticalização e migram de uma categoria mais lexical a outra mais gramatical ou, também, de uma categoria já gramatical para outra com nível de gramaticalidade mais elevada que a de partida. Na Língua Portuguesa, como vimos na subseção *Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao Cê*, o que temos, hoje, como uma forma pronominal sincopada, *cê*, outrora, figurava-se na língua como uma forma de tratamento representada pela locução nominal *Vossa Mercê*. Logo, constatamos uma visível mudança categorial, em que um item migra de uma classe de palavras abertas para uma classe de palavras fechadas.

Postos os princípios de Hopper (1991), recorremos, nesse momento, a Heine (2003), com vistas a ampliar a discussão sobre o processo de gramaticalização. Segundo o autor, a principal motivação para o desencadeamento da gramaticalização é o intuito de se alcançar uma comunicação bem-sucedida. Heine (2003), portanto, esclarece que uma estratégia proeminente dos falantes é usar formas linguísticas com sentido concreto, facilmente acessível e/ou claramente delineado para exprimir também conteúdos semânticos menos concretos, menos facilmente acessíveis e menos claramente delineados. Então, de acordo com o autor, para esse fim, expressões lexicais ou menos gramaticalizadas ficam a serviço das expressões com funções mais gramaticalizadas, e, conseqüentemente, a gramaticalização consiste em um processo, por meio do qual expressões de sentido concreto (fonte) são usadas em contextos para se referir a sentidos gramaticais (alvo), tal qual acontece em processos metafóricos por exemplo.

⁴⁶ O referido excerto de carta foi retirado do *Corpus* do Português: 45 million words, 1300s-1900s.

⁴⁷ O turno enunciativo utilizado foi extraído do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista – PPVC.

Diante disso, Heine (2003) pondera que esse processo tem uma série de implicações na esfera estrutural das expressões envolvidas e, a partir daí, o linguista assegura que, tecnicamente, a gramaticalização de expressões linguísticas abarca quatro mecanismos inter-relacionados. Sinteticamente, o autor os define da seguinte forma:

- i. **Dessemantização** (ou redução semântica): perda de conteúdo semântico;
- ii. **Extensão** (ou generalização contextual): uso em novos contextos;
- iii. **Decategorização**: perda de propriedades morfossintáticas características da forma fonte, incluindo a perda do *status* de palavra independente (nos casos de cliticização e afixação);
- iv. **Erosão** (ou redução fonética): perda de substância fonética.

Heine (2003) salienta que cada um dos mecanismos corresponde a diferentes aspectos da estrutura linguística ou do uso da língua, como, por exemplo: a dessemantização está relacionada à esfera semântica; a extensão está envolvida com elementos pragmáticos; a decategorização concerne a questões morfossintáticas; e a erosão está voltada para fatores de ordem fonética. Assim como os princípios de Hopper (1991), podemos observar os quatro mecanismos de Heine (2003), usando como exemplo a escala *Vossa Mercê* > *Cê*.

A dessemantização é verificada devido ao uso desmedido de uma determinada forma, a qual, diante da frequência de uso, perde expressividade no domínio funcional para o qual é usada. Assim, podemos notar esse fenômeno, quando a forma *Vossa Mercê*, em um dado momento da história, perde a sua expressividade no que tange ao uso honorífico diante da realeza e passa, por essa razão, a fazer referência a classes sociais dispostas hierarquicamente abaixo do Rei, como vimos na subseção *Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao Cê*.

Em relação à extensão semântica, por meio da qual um item linguístico pode assumir outras funções em contextos diferenciados, podemos considerar os trabalhos que apontam a extensão semântica das formas de segunda pessoa, especialmente, o pronome *você* e a forma variante *cê*. Essa extensão semântica dá-se quando as referidas formas pronominais deixam de assumir o sentido de pronome de segunda pessoa do singular (P2) e passam a assumir um valor genérico, ou para alguns estudiosos, uma referência indeterminada.

Essa extensão semântica é licenciada por uma extensão metafórica/metonímica. A extensão metafórica dá-se pelo fato do informante lançar mão de um pronome prototipicamente relacionado a segunda pessoa do singular para, pragmaticamente, referir-se a um valor generalizado (+/- inclusivo); e a extensão metonímica, por sua vez, consiste no fato

do pronome de segunda pessoa, na verdade, deixar de representar uma segunda pessoa do singular, conforme a estrutura sinaliza, para representar indivíduo(s) não marcado(s) linguisticamente, porém, marcado(s) pragmaticamente, e que, portanto, ancorados no contexto podem ter sua referência recuperada com a ajuda da inferência ou implicaturas conversacionais, por exemplo.

No que tange a essa questão, podemos salientar que, na literatura linguística, esse fenômeno é abordado mais amplamente ou mais especificamente. Entendemos como mais amplamente, aqueles trabalhos em que os autores optam por diferenciar a referência do pronome de segunda pessoa com um traço +definido ou –definido (RAMOS, 1997; COELHO, 1999; PERES, 2006; GONÇALVES, 2008, entre outros)⁴⁸; por outro lado, numa perspectiva mais específica, encontramos trabalhos em que os pesquisadores assumem que o pronome de segunda pessoa perpassa, além do seu valor prototípico, o sentido de primeira pessoa do singular (P1) e o sentido genérico (cf. SOUSA, 2008; ROCHA, SOUSA E SILVA, 2015, entre outros), os quais corresponderiam à referência com traço –definido assegurada pelo outro grupo de estudiosos.

A extensão semântica que resulta no valor genérico dos pronomes de segunda pessoa do singular tem sido considerada um mecanismo na língua para a indeterminação do sujeito (cf. CARVALHO, 2010b; SANTANA, 2014). Para fins ilustrativos, recomendamos revisitar a subseção *Fotografias em dois cenários: nas Gramáticas e nos Estudos Linguísticos*, na qual destacamos trabalhos que tratam da temática.

Na sequência, propomo-nos a discutir o processo de decategorização. Heine (2003) toca no ponto em que, na língua, ocorrem processos de cliticização, por meio do qual, formas perdem o *status* de uma dada categoria mais lexical e passa a ser representante de outra mais gramatical.

No cenário dos estudos linguísticos voltados à investigação de pronomes de segunda pessoa do singular, podemos destacar o trabalho desenvolvido por Vitral (1996), em que o linguista reconhece o processo de gramaticalização sofrido pelo item em estudo, destacando, para tanto, a migração categorial, uma vez que o *cé*, hoje, ocupa o núcleo de uma categoria funcional (DP – *Determiner Phrase*), mas que outrora compunha o núcleo de uma categoria lexical (NP – *Noun Phrase*). Além disso, partindo das etapas previstas para o processo de gramaticalização, *item com significado lexical > item gramatical > clítico > afixo flexional*,

⁴⁸ Podemos destacar trabalhos em outras línguas que, também, apontam a extensão semântica sofrida por formas de segunda pessoa do singular, a saber: Allen (2007), no inglês, e Fernández (2013), no espanhol.

Vitral (1996) defende que a forma sincopada *cê* compõe a etapa na qual se dá o processo de cliticização.

Para justificar seu posicionamento, o pesquisador advoga que, ao comparar a forma *cê* com *você* e *ocê*, a variante *cê* nem sempre pode assumir as mesmas posições sintagmáticas das outras formas, que, em função da sua natureza átona, não pode receber foco ou ênfase, tampouco o acento que caracteriza a entoação de uma construção de topicalização e nem pode ser realizada como resposta única a alguma pergunta.

Obviamente, alguns autores preferem reconhecer o item linguístico em destaque por outra perspectiva que não, exatamente, como um processo de cliticização (cf. OTHERO, 2013; PERTERSON, 2008), entretanto, confirmada ou não a hipótese de cliticização do pronome *cê*, anterior a esse processo já se verificou a mudança categorial na história do referido item linguístico.

E a respeito do quarto mecanismo preconizado por Heine (2003), erosão ou redução fonética, motivada, também, pela frequência considerável do uso de uma dada forma linguística, podemos destacar o que ocorreu com a estrutura da forma *Vossa Mercê* até a forma sincopada *cê*. Assim, Gonçalves *et. al.* (2007, p.36) esclarecem que: “[...] Certamente o aumento de frequência levou à fusão e à redução fonológica da forma [...] de modo a ajustá-la totalmente ao paradigma das formas pronominais do caso reto, no máximo dissilábicas, ou formas clíticas, geralmente monossilábicas.” Vale lembrar, como foi visto na subseção *Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao Cê*, que entre a forma original até a forma alvo, muitos estágios foram verificados, demonstrando a natureza processual das modificações na esfera fonética.

Diante do que foi visto, o processo de gramaticalização segue um fluxo que, para alguns, tomará um rumo unidirecional, embora outros defenderão uma multidirecionalidade. Além disso, é um processo que pode ser conduzido com as manifestações de princípios, como os de Hopper (1991), ou de mecanismos que atuam tecnicamente, favorecendo o processo de mudança linguística via gramaticalização, conforme Heine (2003).

Assim, à guisa de conclusão dessa subseção, vimos que:

- ✓ A gramaticalização consiste em um processo por meio do qual formas lexicais ou menos gramaticalizadas avançam rumo a um estatuto de maior gramaticalidade;
- ✓ A gramaticalização pode seguir de modo unidirecional ou multidirecional a despeito do processo de mudança funcional envolvido;

- ✓ A gramaticalização é viabilizada por meio da manifestação tanto de princípios (HOPPER, 1991) quanto de mecanismos (HEINE, 2003) que corroboram ao longo do processo;
- ✓ A mudança linguística, licenciada pela gramaticalização, propicia o fenômeno da variação linguística.

Enfim, depois de entender as características da Teoria da Variação e Mudança Linguística na subseção *A Luz da Sociolinguística Variacionista* e dar destaque a pressupostos do Funcionalismo Norte-Americano através da presente subseção, perguntamos: há como conciliar os fundamentos dessas grandes correntes teóricas? Respondemos a essa questão na próxima subseção.

3.3 Uma proposta conciliatória: o Sociofuncionalismo

Abrimos essa subseção buscando explicar o motivo de nomeá-la *Uma proposta conciliatória: o Sociofuncionalismo*. Segundo Neves (1999), alguns membros do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL definiram, pioneiramente, os seus trabalhos como sociofuncionalistas. Isso se justifica pelo fato de tais trabalhos se apoiarem em dois lastros teóricos, a saber: a Sociolinguística Variacionista (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2008 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; entre outros) e o Funcionalismo (cf. HOPPER, 1987; HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; GIVÓN, 1995; entre outros), as duas teorias discutidas nas subseções que antecedem a vigente.

A proposta do Sociofuncionalismo não é, na verdade, a junção completa de duas teorias. A esse respeito, Tavares (2003;2013) propõe uma “conversa na diferença”, isto significa, para a estudiosa, que é possível traçar uma conciliação de pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização, os quais se encontram em interseção.

Tavares (2003;2013) arrola várias pontos de congruência entre as duas teorias, e, dentre eles, podemos destacar os seguintes: a prioridade dada à língua em uso, concebendo-a como heterogênea e passível de variação e mudança; o interesse no fenômeno da mudança linguística, que se dá contínua e gradualmente; o uso de dados sincrônicos e diacrônicos com vistas ao refinamento da análise; e o estudo dos fenômenos linguísticos considerando elementos extralinguísticos. Esses pontos de congruência verificados pelos sociofuncionalistas foram, de alguma maneira, discutidos tanto na subseção *A luz da*

Sociolinguística Variacionista quanto *Nas lentes do Funcionalismo Norte-Americano*, o que torna a apreensão mais facilitada.

Com relação aos pontos favorecedores de uma pesquisa ancorada no Sociofuncionalismo, Tavares e Görski (2015) argumentam da seguinte forma:

O que se ganha com a incorporação de premissas funcionalistas na análise variacionista? Alguns ganhos podem ser apontados: (i) controle mais refinado de grupos de fatores linguísticos, com a incorporação de restrições do âmbito discursivo/pragmático (planos discursivos, status informacional dos referentes, graus de integração etc.) com tratamento analítico escalar; (ii) possibilidade de tratar como variáveis fenômenos tipicamente funcionais [...]; (iii) consideração mais detalhada do aspecto social da variação, refinando fatores a fim de incorporar aspectos interacionais concernentes à negociação entre falante e ouvinte na situação comunicativa. (TAVARES; GÖRSKI, 2015, p. 264)

Compreendida a proposta da conciliação de duas teorias que podem dialogar e considerados os benefícios de uma pesquisa assentada nos pressupostos sociofuncionalistas, é importante arrematarmos algumas questões que se encontram às margens, mas que precisam ser definidas diante do posicionamento do pesquisador que empreende um estudo sociofuncional e, assim, poder ocupar lugar no entremeio.

A despeito de sermos capazes de traçar esse diálogo conciliatório entre as duas teorias, visto que há consideráveis características em comum entre ambas, devemos reconhecer que há pontos em que não é facilmente perceptível a convergência teórico-metodológica. Diante dessa questão, podemos sublinhar dois pontos que precisam de uma certa reflexão ou um dado posicionamento, pois são destoantes, quando comparados a *Sociolinguística Variacionista* e o *Funcionalismo Norte-Americano* voltado à gramaticalização, a saber: (i) os limites da mudança; (ii) e a concepção de gramática.

Quanto à questão da mudança linguística, vale recorrermos a Naro e Braga (2000), os quais ressaltam que:

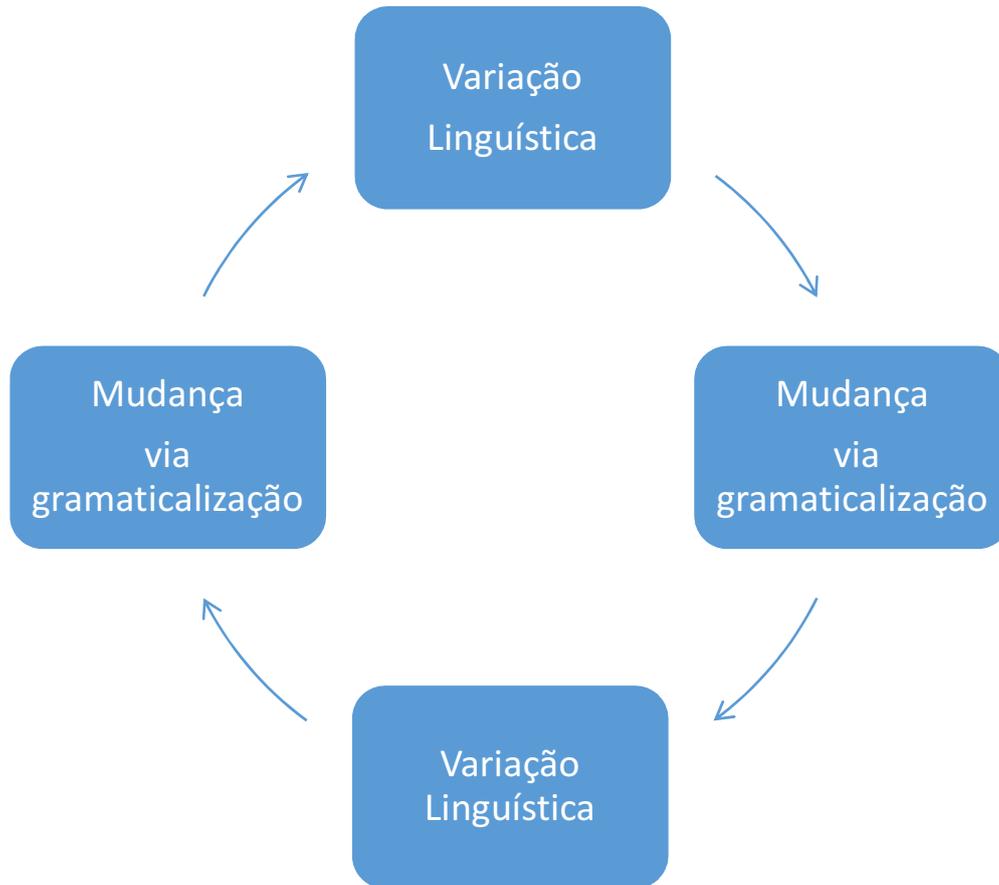
Existe uma divergência essencial entre a teoria da variação e a gramaticalização no que diz respeito ao tratamento da mudança: as duas abordagens apresentam pontos de partidas e áreas de interesse distintos. A grande maioria dos variacionistas aceita que toda mudança é acompanhada por variação, mas que nem toda variação leva à mudança no curto ou médio prazo. Em outras palavras, o enfoque laboviano admite uma variação estável, que pode persistir por vários séculos; a gramaticalização, por outro lado, explica a coexistência de formas capazes de codificar um mesmo valor como uma etapa de um longo processo que tanto pode se interromper a meio do

caminho, quanto levar ao desaparecimento da estrutura original. (NARO E BRAGA, 2000, p.133)

Dessa forma, entendemos que, ao basearmo-nos na Sociolinguística Variacionista, percebemos, primeiramente, que há um estágio de variação e que, posteriormente, caso uma forma suplante a(s) outra(s), dá-se a mudança linguística; por outro lado, ao ancorarmo-nos no Funcionalismo Norte-Americano, a leitura é feita por outra ótica, afinal, há, *a priori*, uma mudança linguística licenciada pela gramaticalização e, *a posteriori*, a percepção de um estágio de variação, visto que formas inovadoras, que são frutos da gramaticalização, passam, também, a codificar dados valores que já eram codificados por formas mais conservadoras, estabelecendo-se, assim, a variação linguística. Diante disso, cabe-nos, em poucas palavras, afirmar que, se por um lado, o gatilho, na Sociolinguística, é disparado a partir da variação linguística; por outro lado, no Funcionalismo, ele se dá na mudança.

No que concerne aos limites da variação que resultam na mudança ou o processo inverso, Castilho (1997, p.55) argumenta que “[...] dado o caráter cíclico da gramaticalização, parece não haver contradição em afirmar que a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança lingüística”, ou, de modo inverso, como aponta Tavares (2003, p.109) que “[...] a mudança é ponto de partida e o ponto de chegada da variação” (TAVARES, 2003, p.109). Assim, podemos ilustrar a conciliação no seio da orientação de pesquisa sociofuncionalista a partir da Figura 2. Vejamos:

Figura 2 - Ciclos entre mudança e variação linguísticas

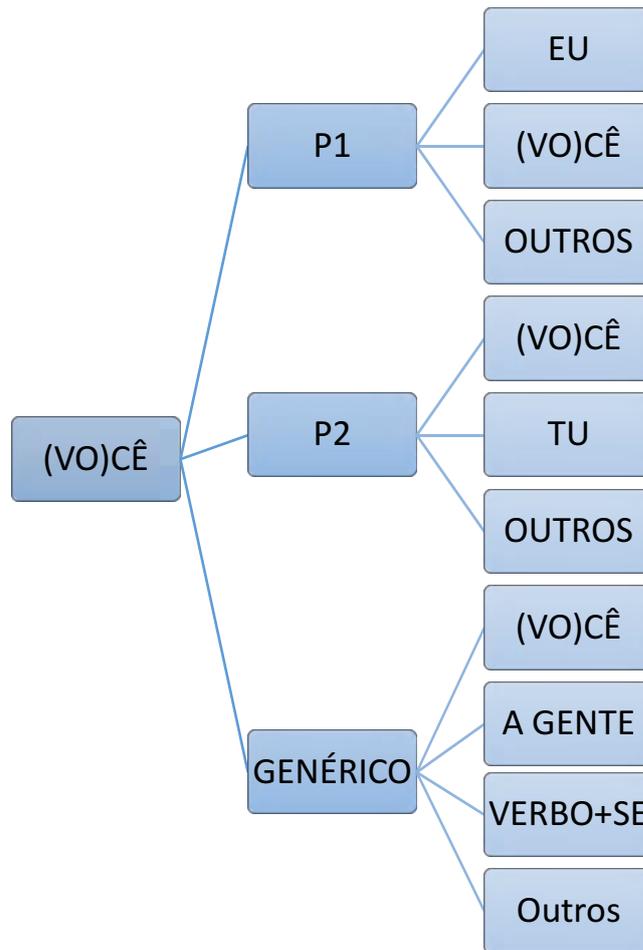


Valendo-nos desse esquema, podemos observar a possibilidade de relacionar a mudança linguística resultante do processo de gramaticalização e o fenômeno da variação linguística, em que um decorre do outro ciclicamente.

Dessa forma, o processo se dá no momento em que um item passa a assumir várias funções (gramaticalização), em decorrência disso, o uso desse item com novas propriedades passa a ocorrer em outros domínios já marcados por outros itens linguísticos, causando a disputa de mais de uma forma linguística para aquele domínio (variação linguística) cuja coocorrência pode ser interrompida por uma especialização das formas, a partir de outro processo que envolva a gramaticalização.

A seguir, nos apropriamos da proposta de Sousa (2008), presente mais detalhadamente na subseção *Fotografias em dois cenários: nas Gramáticas e nos Estudos Linguísticos*, e a adaptamos com o propósito de demonstrar, na Figura 3, como os processos em que mudança via gramaticalização e variação linguística estão ocorrendo na língua, de modo que uma decorre da outra.

Figura 3 - (VO)CÊ: gramaticalizando-se e variando



Na Figura 3, depreendemos que o pronome *(vo)cê* assume três funções discursivas na língua (P1, P2 e Genérico), dando margem a um processo de gramaticalização através do princípio da divergência (HOPPER, 1991). Diante disso, em cada domínio funcional que o pronome passa a figurar, já existem outras formas que codificam aquele domínio, portanto o pronome *(vo)cê* se encontra em uma situação de estratificação ou variação com outras formas já presentes na língua⁴⁹.

Diante dessa estratificação/variação⁵⁰, uma das formas pode, em um dado momento, tanto se especializar naquela função quanto permanecer por muito tempo coexistindo com as

⁴⁹ No caso de P1, podemos encontrar estudos que investigam a estratificação/variação nesse domínio funcional, como, por exemplo, o de Mendonça (2012). Entretanto, vale ressaltar que, além das formas destacadas na figura 2, podemos encontrar falantes lançando mão de outras expressões como *a pessoa*, para se referir também a atividades/práticas realizada por eles mesmos; embora reconheçamos que seja preciso fazer um estudo para registrar esse uso. No caso de P2 e genérico, na subseção *Estudos Linguísticos: registros com diferentes lentes*, apresentamos muitos trabalhos, em que os pesquisadores se dedicam às formas de segunda pessoa e, também, que elucidam as estratégias de indeterminação do sujeito.

⁵⁰ Segundo Tavares (2003): “Hopper admite que *estratificação e variação lingüística* referem-se ao mesmo fenômeno: convivência de formas de mesma função (em uma palestra na UFSC, a 07/06/2002).

demais na língua a serviço do mesmo domínio funcional ou significado sem se especializar. E dessa forma, conciliamos os limites de variação e mudança linguística para o Sociofuncionalismo, compreendendo que uma decorre da outra.

Sobre a concepção de gramática, ponto considerado incongruente entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Norte-Americano, não localizamos na literatura da área nenhuma proposta clara que concilie as visões das duas correntes teóricas. Por isso, para esse ponto, especificamente, ressaltamos que há a necessidade de um posicionamento do pesquisador, conforme seus objetivos, afiliando-se ou à concepção de gramática como um conjunto de regras variáveis e invariáveis que norteiam a língua, como prevê a Teoria da Variação, ou à ideia de uma gramática emergente, maleável, a qual permite a presença de algumas exceções, como preconizam os funcionalistas norte-americanos.

Face a esse corolário, Tavares (2003) ressalta que é possível conceber o Sociofuncionalismo no plural, isto é, um Sociofuncionalismo mais variacionista ou um Sociofuncionalismo mais funcionalista. Portanto, movidos por essa premissa, esclarecemos que, nesta dissertação, adotamos uma perspectiva sociofuncionalista mais alinhada ao Funcionalismo Norte-Americano, ao concebermos a gramática como emergente e em constante processo de construção. Todavia, ressaltamos que, a nosso ver, embora a predicação seja inerente a cada uma das perspectivas teóricas, a noção de regra variável dialoga com o conceito de estruturas maleáveis, posto que ambas percebem a variabilidade ordenada da língua.

Visto, então, que podemos conciliar os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização, para, dessa forma, dar margem a uma pesquisa alicerçada na orientação teórico-metodológica concebida como Sociofuncionalismo, cabe, para finalizar essa subseção, pontuar as características desse novo modelo teórico-metodológico. Vejamos:

- ✓ Prioriza-se o estudo com a língua em uso;
- ✓ Concebe-se a língua como heterogênea e passível de variação e mudança;
- ✓ Há o interesse no fenômeno da mudança linguística;
- ✓ Assume-se que a mudança linguística acontece de forma contínua e gradualmente;
- ✓ Utiliza-se dados sincrônicos e diacrônicos com vistas ao refinamento da análise;
- ✓ Estuda-se os fenômenos linguísticos considerando elementos extralinguísticos;

- ✓ Entende-se que a mudança linguística por gramaticalização resulta em variação linguística/estratificação, a qual propicia o advento de outras mudanças linguísticas por gramaticalização e assim sucessivamente;
- ✓ Admitem-se pesquisas sociofuncionalistas mais alinhadas à Sociolinguística Variacionista ou ao Funcionalismo Norte-Americano, segundo os propósitos do pesquisador.

Assim, concluímos a presente seção, na qual discutimos princípios relevantes da Teoria da Variação e Mudança Linguística, do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização e, a partir disso, apresentamos a proposta conciliatória entre as duas teorias, para dar margem, dessa forma, à orientação de pesquisa teórico-metodológica sociofuncionalista, cujos princípios lançaremos mão para executar nossa pesquisa.

4 DIRECIONAMENTOS METODOLÓGICOS

CANTAR CONQUISTA

*Mongiós, Catingueiros
Vamos cantar de coração
Pra nossa Conquista mãe
De tantos filhos guerreiros
A capital do sertão*

*Ser filho de Conquista é uma vitória
E a nossa história cantamos com emoção*

*Da Serra do Marçal aos Campinhos
Lagoa das Flores, Poço Escuro
Do Pradoso ao São Sebastião*

*Conquista do frio, dos festivais,
Toa Toa, São João
De Glauber Rocha, Elomar, Cajaíba*

Edigar Mão Branca, 2010

Nesta seção, apresentaremos as orientações metodológicas que nortearam a pesquisa. Para tanto, organizamo-la em quatro subseções principais, a saber: (i) *O locus da pesquisa*, na qual retratamos a comunidade linguística selecionada para a realização do trabalho; (ii) *Descrevendo o corpus*, em que elucidamos questões a respeito da composição da amostra de pesquisa; (iii) *Variáveis*, na qual apontamos quais foram as variáveis dependente e independentes controladas e suas respectivas hipóteses; e (iv) *Procedimentos de análise*, em que descrevemos quais foram os métodos que viabilizaram a análise dos dados.

4.1 O locus da pesquisa

A comunidade de fala selecionada para o desenvolvimento da pesquisa, no caso, a de Vitória da Conquista – Bahia, encontra-se no Sertão da Ressaca, região brasileira que é conhecida no cenário nacional por, entre outros motivos: ser o berço ou o lugar onde se instalaram ícones da música, da literatura, da escultura, da pintura e do cinema, tais como Elomar Figueira, José Mozart Tanajura, Aurino Cajaíba da Silva, Sílvio Jessé, Glauber Rocha; por ser um dos grandes centros de criação de gado, produção e exportação de café e de outras culturas; além de ser um lugar que abastece outras regiões da Bahia e do norte de

Minas Gerais, que se encontram em seu entorno, com serviços voltados à educação, saúde e geração de empregos.

Ao olharmos pelo retrovisor do tempo, no que tange à historiografia que objetiva retratar o sertão, conforme nos descreve Ivo (2012), vemos o seu início com a história dos sertanistas e bandeirantes no começo do século XVIII. Nessa historiografia, lançou-se mão da categoria “sertão”, com o intuito de reconhecer as regiões fora do perímetro litorâneo, considerando-o, portanto, como lugares pouco povoados, em que se verificava, sobretudo, a prática de atividades voltadas à agropecuária. Desde os tempos coloniais, circula-se a ideia de que é no sertão que se encontra a carência, a falta de ordem e o isolamento, particularidades opostas ao que se concebia para o estilo de vida das regiões litorâneas, as quais, inclusive, gozavam de maior reconhecimento valorativo.

Ainda segundo a referida historiadora, em meados do século XVIII, três europeus partiram do Sertão de Minas Novas do Araçuai em direção aos sertões da Bahia, sendo esses três desbravadores: Pedro Leolino Mariz, João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa. O primeiro ocupou-se em organizar as entradas e conquistas dos sertões da Bahia, obtendo bastante reconhecimento da Coroa portuguesa. O segundo, designado por Mariz, partiu do sertão de Minas Gerais rumo aos sertões baianos e o recôncavo, encontrando, durante o percurso, muitas riquezas, como, por exemplo, esmeraldas, diamantes e ouro. Com a morte de Guimarães, João Gonçalves da Costa encarregou-se, oficialmente, da incumbência de conquistar o Sertão da Ressaca.

No Sertão da Ressaca, como aponta Ivo (2012), era possível encontrar povos de variadas origens, como, por exemplo, índios, negros, mestiços e brancos. Segundo a historiadora, esses povos apresentavam “[...] trajetórias e experiências distintas que, nem sempre de forma idílica, compartilhavam experiências naquele espaço com constante mutação [...]” (IVO, 2012, p.101). Então, nesse ambiente bastante diverso, João Gonçalves da Costa avançou, sem moderação, movido pelo interesse em tornar robustos os cofres da metrópole, exterminando, sobretudo, os povos autóctones.

Uma vez conquistado, o Sertão da Ressaca, no século XVIII, começou a se construir, desconstruir e reconstruir com outros tons, por meio dos caminhos abertos, tanto em seu entorno quanto em seu interior, uma heterogênea forma de viver. Nessa direção, Ivo (2012) pondera que:

As artérias abertas pelos sertanistas esculpam imagens de caleidoscópio cujas cores, formas, **línguas** e saberes **dísparos conviveram**, às vezes de forma idílica, outras vezes com resistência, mas condicionadas pela

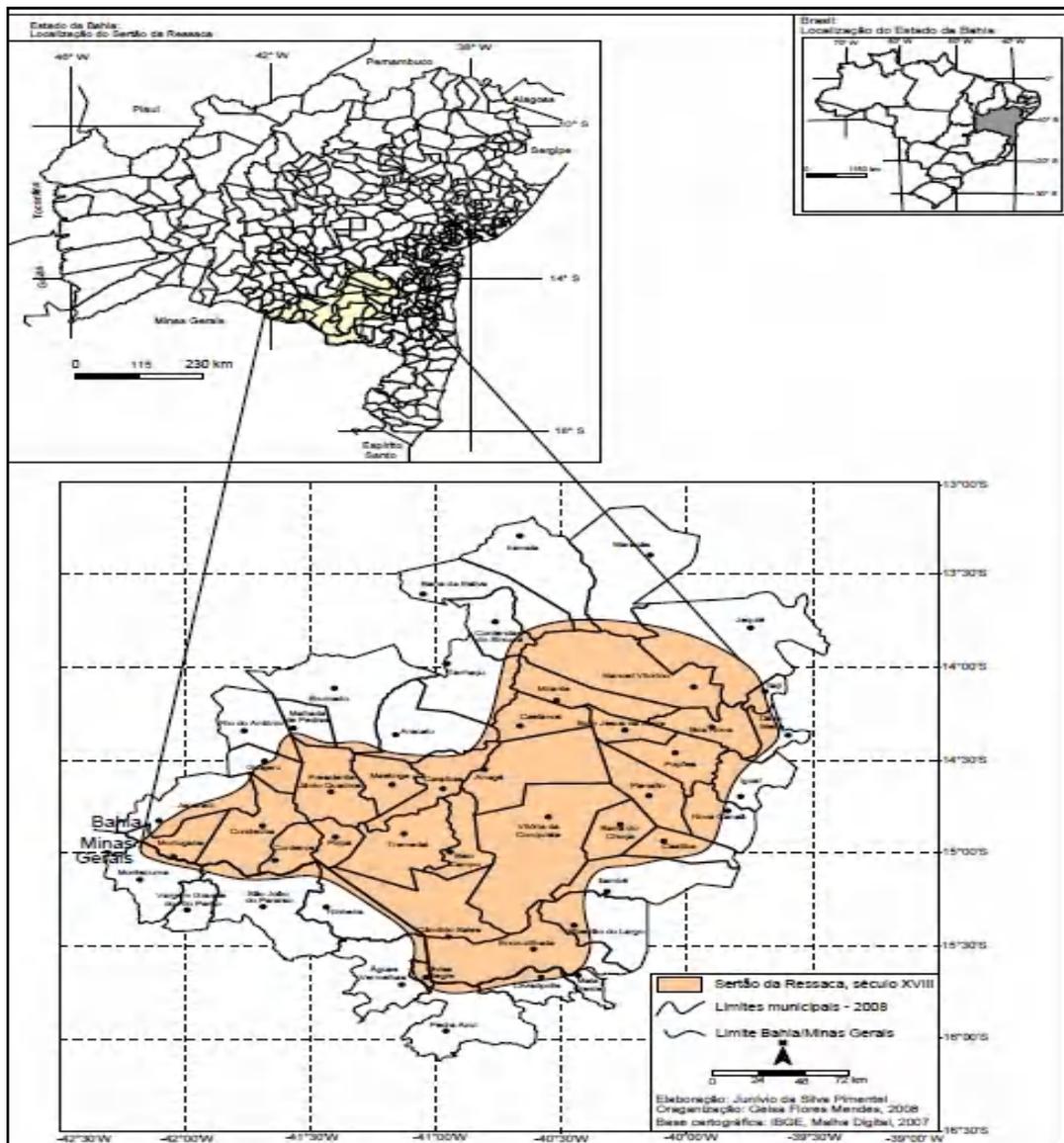
permeabilidade e impermeabilidade das fronteiras culturais. **Encontros e confrontos permitiram diálogos incessantes, matizando, colorindo e forjando, intensamente**, novos tons, **novos dialetos** e novas práticas. Foi um arco-íris de cores em mutação num universo cultural que abarcou distintos matizes. (IVO, 2012, p.111) (grifo nosso)

Dessa forma, notamos o quanto o Sertão da Ressaca é um lugar produtivo para se empreender estudos que investiguem fenômenos linguísticos, afinal, desde as suas bases, os protagonistas de sua formação foram, também, grandes contribuintes e figuras representativas no processo de construção, difusão e consolidação do Português Brasileiro, cuja natureza é essencialmente heterogênea.

Postas, brevemente, algumas questões históricas que caracterizam a região do Sertão da Ressaca, consideramos importante apontarmos esse lugar em uma ótica geográfica. Sobre a delimitação do Sertão da Ressaca⁵¹ (nos limites entre os rios Pardo e das Contas), Mendes (2009) demonstra os limites aproximados do Sertão da Ressaca no século XVIII como é possível verificar na figura seguinte apresentada pela referida geógrafa:

⁵¹ “[...] Os portugueses utilizaram termos do mar ou da costa tanto para acidentes geográficos como também para a vida sertaneja. *Navegar pelo sertão*, por exemplo, ou *baía de mato*, baía (lagoa formada pelos rios ao longo de suas margens); ou *galeota* (para denominar pequeno carro manual de transporte de mercadoria em feira); *enseada* (área de campo entre dois igarapés, área de campo numa volta do rio); *praia* (leito de riacho coberto de cascalho) etc. O relevo formado por vales semicirculares assemelhados, em sua forma, ao recuo das águas da praia para o mar. Talvez essa seja a origem do termo: o emprego, mais uma vez, de vocábulo aplicável ao movimento das ondas, ao movimento do relevo no interior.” (MEDEIROS, 2013, p.43) (grifos do autor)

Figura 4 - Delimitação histórico-geográfica da Região do Sertão da Ressaca proposta por Mendes (2009)



Com essa figura, é possível observar que o Sertão da Ressaca abarca um território na Mesorregião Centro-sul da Bahia (área colorida) e que, na atualidade, corresponde a vários centros urbanos (limites estabelecidos pelas divisões com as linhas), em maiores ou menores proporções, rodeados por áreas ruralizadas. Dentre esses centros urbanos, selecionamos como *locus* de nossa pesquisa, a cidade de Vitória da Conquista – BA, que se encontra em um ponto central do Sertão da Ressaca, o que faz com que muitos a reconheça como a capital dessa importante região.

Vitória da Conquista – BA, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵², possui uma população estimada, no ano de 2016, de 346.069 (trezentos e quarenta e seis mil e sessenta e nove) habitantes. De acordo com Mares (2016), Vitória da Conquista – BA, terceira maior cidade do Estado da Bahia⁵³, está estabelecida em uma área total de 3.204.257 (três milhões duzentos e quatro mil duzentos e cinquenta e sete) km². Segundo a referida geógrafa:

Vitória da Conquista, que desde a década de 1940 concentrava as funções residenciais, econômicas, culturais, políticas no centro principal, passou por mudanças em sua dinâmica interna e externa para adequar-se aos novos comandos do sistema produtivo. Nesse panorama, as práticas espaciais do lazer se constituíram como produto e produtoras das transformações territoriais com vistas à expansão urbana e valorização do solo urbano. (MARES, 2016, p.154)

Além das práticas espaciais do lazer que contribuíram para as transformações territoriais, não podemos deixar de mencionar que Vitória da Conquista é um município que recebe diariamente pessoas de várias cidades dos seus entornos, com vistas a buscarem tratamento médico, consumirem os produtos do comércio local, matriculem-se nas instituições de ensino básico, médio e superior ou procurarem novas oportunidades de emprego. Para tanto, a cidade dispõe de variadas especialidades médicas, com centros hospitalares devidamente equipados; estabelecimentos comerciais atacadistas e varejistas; uma gama de opções desde instituições do ensino básico ao superior tanto na esfera privada quanto pública; centro industrial etc.

Desse modo, após delinear os contornos do *locus* do presente estudo, a seguir, apresentaremos o *corpus* da pesquisa.

4.2 Descrevendo a amostra de nossa pesquisa

O Português Brasileiro pode ser compreendido em duas subclassificações, a saber: (i) Português Culto Brasileiro; e (ii) Português Popular Brasileiro. Mattos e Silva (2004) destaca que, conforme evidências históricas, o início da definição do Português Culto Brasileiro é verificado na segunda metade do século XVIII, visto que essa variante perpassa elementos

⁵² Dados disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=293330>).

⁵³ Estando Salvador, a capital do Estado, e o município de Feira de Santana à sua frente.

como a escolarização, normativização e uso da modalidade escrita, mediante ao fato histórico da implementação da política pombalina linguística.

Assim, se o Português Culto Brasileiro define-se sócio-historicamente a partir das práticas sociais de uma elite, minoritária numericamente; na outra extremidade, encontra-se o estabelecimento do Português Popular Brasileiro, cuja essência é caracterizada, sobretudo, pelas influências de um período histórico marcado pelo multilinguismo. Esse multilinguismo deve-se ao fato de que a norma vernácula consolidou-se sócio-historicamente a partir das classes subordinadas, sendo os principais representantes delas os índios, os negros africanos e seus descendentes.

De acordo com Mattos e Silva (2004), numerosas foram as línguas faladas pelos índios e africanos durante o processo de colonização e, sobre esses pilares linguísticos híbridos, firmou-se o que compreendemos, na atualidade, como o Português Popular Brasileiro. Segundo a autora, conjectura-se que a base linguística dessa variante:

[...] Apresentaria desde variedades pidginizadas até variedades próximas ao português europeu, não excluindo-se a possibilidade de existência de línguas crioulas, tudo a depender da história social e sociolinguística dos indivíduos, de grupos de indivíduos e, no caso de línguas crioulas, a depender da sócio-história linguística das comunidades. (MATTOS; SILVA, 2004, p. 85).

Dessa forma, baseando-nos em elementos sócio-históricos, verificamos que as duas variantes do Português Brasileiro estabelecem-se a partir de relações sociais desiguais, em que o dominador busca diferenciar-se do dominado a partir de padrões linguísticos prestigiados (norma culta mais alinhada a padrões linguísticos europeus), sustentado, muitas vezes, por um processo de educação formal, ao passo que a população subserviente é caracterizada por seu comportamento linguístico bastardo.

Com base nessa breve discussão, concluímos que o Português Culto Brasileiro consiste na variante falada por falantes escolarizados, ou com um número considerável de anos de escolaridade, enquanto os falantes do Português Popular Brasileiro são caracterizados pela precariedade de letramento ou, até mesmo, ausência dele. Obviamente, reconhecemos que subjazem ao Português Culto Brasileiro e ao Português Popular Brasileiro outros elementos sociais que os identificam e que contribuem para sua caracterização, todavia, em nosso trabalho, delinearemos tal distinção a partir do acesso a práticas de letramento, isto é, de acordo com o parâmetro social escolaridade.

Ancorados nesses pressupostos e objetivando descrever a variedade do Português Brasileiro (culto e popular) falada na cidade de Vitória da Conquista – BA, os pesquisadores

do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq (Grupo Janus) empreenderam, entre os anos de 2011 e 2015, o projeto de construção de dois *corporalinguísticos*, sendo eles: (i) o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC), cujos falantes entrevistados possuíam 11 (onze) anos ou mais de escolaridade; e (ii) o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC), em que os entrevistados detinham até 4 (quatro) anos de escolaridade. Para a elaboração dos referidos *corpora*, os membros do grupo Janus basearam-se nos modelos metodológicos labovianos de pesquisa, os quais apresentamos na subseção *Passos metodológicos de um estudo sociolinguístico variacionista*.

Assim, gravaram-se 48 (quarenta e oito) entrevistas com informantes da cidade de Vitória da Conquista – BA. Desse número, 24 (vinte e quatro) entrevistas foram destinadas à formação do *Corpus* PCVC e as outras 24 (vinte e quatro) entrevistas para a composição do *Corpus* PPVC. Em cada um dos *corpora*, 12 (doze) entrevistas correspondem a informantes do sexo masculino e, conseqüentemente, 12 (doze) entrevistas referem-se a informantes do sexo feminino. Além dessas especificidades, ambos os *corpora* são estruturados de acordo com três faixas etárias: (a) faixa I, representando informantes jovens; (b) faixa II, informantes adultos; (c) faixa III, informantes com mais idade, conforme especificaremos na subseção *Nossa amostra*.

Para a realização das entrevistas, os pesquisadores do grupo Janus valeram-se de um roteiro de perguntas (cf. Anexo A) previamente estabelecido e da ficha social de identificação preenchida (cf. Anexo B), na qual continham desde dados de registro (nome, filiação, endereço etc.) até dados mais subjetivos (preferências, hábitos, entre outros) dos informantes.

Com essas informações e um gravador em mãos, os pesquisadores buscaram conduzir as entrevistas, de aproximadamente 60 (sessenta) minutos de duração, da maneira mais descontraída possível, fazendo perguntas instigantes, para que os informantes, além de se sentirem à vontade no momento do inquérito e motivados a responder as perguntas, conseguissem sentir-se despreocupados com a presença do gravador e, assim, revelassem, em sua fala, o vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista – BA.

Após a gravação dos inquéritos, os pesquisadores lançaram mão da chave de transcrição proposta pelo Grupo Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, liderado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi, para transcrever as entrevistas. Uma vez transcritas as 48 (quarenta e oito) entrevistas, os membros do grupo Janus, com auxílio dos bolsistas de Iniciação Científica (UESB/FAPESB/CAPES/CNPq), revisaram-nas, com a finalidade de

refinar as transcrições feitas *a priori* e conferir maior confiabilidade aos trabalhos desenvolvidos a partir dos dados extraídos dos *corpora* PCVC e PPVC.

Uma vez conhecidos os *corpora* dos quais nos valem para compor a amostra da pesquisa, a seguir, descrevemo-la e apresentamos alguns critérios que nortearam a fase de coleta de dados.

4.2.1 Nossa amostra

Para a elaboração da amostra de pesquisa, como já anunciamos, lançamos mão dos *corpora* PCVC e PPVC, cujas especificações foram descritas na subseção anterior. Antes de selecionarmos as entrevistas das quais coletaríamos os nossos dados, definimos as três faixas etárias que respeitaremos, posteriormente, na seleção dos inquiridos. Determinamos, também, três faixas de idade como orientação, a saber: (a) faixa I – de 15 a 35 anos; (b) faixa II – de 36 anos a 49 anos; (c) faixa III – de 50 anos em diante. Selecionamos, de cada um dos referidos *corpora*, doze entrevistas de informantes do sexo masculino e outras doze de informantes do sexo feminino. Desse modo, a amostra da presente pesquisa é composta por um total de 24 (vinte e quatro) entrevistas. Vejamos, a seguir, com o Quadro 6, como se deu a distribuição a partir das faixas etárias.

Quadro 6 - Mapeamento da nossa amostra de pesquisa

FAIXAS ETÁRIAS	CORPORA	INFORMANTES	SEXO	
FAIXA I	17 ANOS	<i>Corpus</i> PPVC	L.B.R.	MASCULINO
	19 ANOS	<i>Corpus</i> PCVC	F.S.L.B.	MASCULINO
	20 ANOS	<i>Corpus</i> PCVC	L.C.S.	FEMININO
	21 ANOS	<i>Corpus</i> PCVC	C.B.S.	FEMININO
	21 ANOS	<i>Corpus</i> PCVC	J.L.S.	MASCULINO
	28 ANOS	<i>Corpus</i> PPVC	J.S.R.	MASCULINO
	33 ANOS	<i>Corpus</i> PPVC	S.J.S.	FEMININO
	33 ANOS	<i>Corpus</i> PPVC	S.S.C.	FEMININO
	36 ANOS	<i>Corpus</i> PCVC	H.F.D.S.	MASCULINO
	37 ANOS	<i>Corpus</i> PCVC	R.F.V.	MASCULINO
	37 ANOS	<i>Corpus</i> PPVC	S.A.A.	MASCULINO

FAIXA II	37 ANOS	<i>CorpusPCVC</i>	L.S.S.	FEMININO
	38 ANOS	<i>CorpusPPVC</i>	A.A.B.	FEMININO
	38 ANOS	<i>CorpusPPVC</i>	E.S.P.	FEMININO
	39 ANOS	<i>CorpusPCVC</i>	A.S.A	FEMININO
	41 ANOS	<i>CorpusPPVC</i>	W.S.O.	MASCULINO
FAIXA III	50 ANOS	<i>CorpusPCVC</i>	P.A.R.C.	MASCULINO
	51 ANOS	<i>CorpusPCVC</i>	D.A.O.	MASCULINO
	54 ANOS	<i>CorpusPCVC</i>	J.V.B.	FEMININO
	60 ANOS	<i>CorpusPCVC</i>	A.I.R.M.	FEMININO
	75 ANOS	<i>CorpusPPVC</i>	M.C.A.O.	FEMININO
	83 ANOS	<i>CorpusPPVC</i>	E.J.R.	MASCULINO
	86 ANOS	<i>CorpusPPVC</i>	Z.S.N.	MASCULINO
	96 ANOS	<i>CorpusPPVC</i>	E.L.C.	FEMININO

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Após a seleção das entrevistas, que se deu de acordo com os critérios sociais pré-estabelecidos, partimos para a coleta dos dados, os quais seriam, *a posteriori*, analisados. Como forma de tratamento preliminar dos dados, as ocorrências linguísticas que consideramos válidas foram separadas e organizadas em um programa de edição de planilhas eletrônicas (*Microsoft Excel* – versão 2013). Durante o processo de extração dos dados, observamos a necessidade de excluir da análise alguns e manter outros, os quais, em outras circunstâncias, poderiam também ser excluídos, todavia, segundo os nossos objetivos, preferimos mantê-los. Na próxima subseção, apresentamos quais paramentos nortearam-nos nessa tarefa.

4.2.1.2 Critérios para exclusão de dados

Selecionamos todas as ocorrências do pronome *você* e da sua forma variante *cê*, todavia, como sabemos, a forma sincopada intermediária *ocê* não foi considerada na presente pesquisa. Portanto, ocorrências, como as destacadas a seguir, foram descartadas:

(07) Aí eh com pôco ela: “Nêga, me dá um café e uma raiz de impim assada.” Aí ela... ela comeu essa raiz de mandioca tudo, quando cabo de comê, x’ô vê o que que ela pediu otra

vez [Jesus]... ela falô: “Com’ê que você não molô, *ocê*... *ocê* não tava viajano.” Aí ele disse: “Tava.” Aí ele disse: “Se a chuva fosse... se o capão... com’ê que é? Se a chuva fosse grossa... (E.L.C.)

- (08) É. Que *ocê* num vai saí[r] dum canto que você tá se dando bem pra ir prum lugar que *ocê* nem sabe {INIT} (W.S.O.)

Desconsideramos, também, das análises as formas pronominais flexionadas em número *vocês* e *cês*. Assim, ocorrências, como as destacadas a seguir, foram, também, descartadas da nossa coleta:

- (09) Pereirinha né? É que eu num lembro muito o nome aí a vizinha tava lá, a gente tava debaixo da árvore lá conversano, aí minha colega falou assim “”Oh seu {ININT}o senhor parece aquele Pereirinha”. Aí ele falô assim “”Eu tô mais pra seu Madruga. Pereirinha tá é bem que pega tudo quanto é mulher, eu não, eu sô mais, eu tô mais pareceno seu Madruga” Meu pai é muito engraçado gente, *vocês* têm que que vê assim, *cês*...*cês* ri muito dele, assim quando [CÊ] vai conversá com ele, se você fala uma coisa né? Aí quando ele vai falá *cê* já num aguenta, é muito engraçado a manêra dele fala aí [eu] já falo ele é diferente de mim {risos}. (S.J.S.)

Além das já mencionadas, descartamos das análises as ocorrências repetidas⁵⁴ em cadeia, visto que casos como esses, geralmente, indicam momentos de hesitação ou formulação do discurso. Vejamos os seguintes exemplos:

- (10) É complicado, mas *você*... *você* consegue assimilá uma história contando a ôtra. (A.S.A.)
 (11) As vez’ *cê*... *cê*... *cê* vê violência em casa, né, do... do padrasto até mesmo do pai violência contra criança com tudo então a gente vê assim que o... o que falta é amor (J.V.B.)

Delineados os critérios de coleta e exclusão dos dados, cabe apresentarmos quais as variáveis que licenciaram as análises. Assim, na próxima subseção, trazemos tais especificações.

4.3 Delineando nosso envelope de variação

Como vimos na seção *Duas perspectivas e uma proposta conciliatória*, as análises de nosso estudo assentam-se nos pressupostos sociofuncionalistas, os quais nascem de uma conciliação entre a Teoria da Variação e Mudança Linguística e do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização. Dessa forma, visto que objetivamos investigar um

⁵⁴ Vale salientarmos que, no Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo, ao qual estamos filiados, há o estudo da repetição (cf. SANTOS; SOUSA, 2016).

fenômeno que sofre variação/estratificação, faz-se necessário determinarmos o envelope de variação.

A seguir, descreveremos a variável dependente, a qual, como seu nome já sinaliza, depende de fatores condicionantes ou variáveis independentes, que podem ser de ordem linguística ou extralinguística.

4.3.1 Variável dependente

Como discutimos na subseção *Gramáticas: em um cenário com contrastes contornados*, o item linguístico *você* enquadra-se ora no grupo dos pronomes pessoais de tratamento, ora no grupo dos pronomes pessoais do caso reto. Há quem afirme que o pronome *você* é uma forma linguística padrão (GONÇALVES, 2008), todavia, alguns pesquisadores pensam o contrário (LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2012).

Para além dessa discussão, sabemos, também, que outras formas coocorrem com o pronome *você* em um único domínio funcional que, inclusive, algumas delas consistem na redução fonológica da própria forma *você*, como, por exemplo, *ancê*, *ocê*, *cê* e *ê* (COELHO, 1999; VITRAL, 1996), tendo sua maior frequência de uso de acordo com o dialeto no qual são faladas. Assim, optamos por selecionar duas dessas formas, *você* e *cê*, e investigá-las em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas, no vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista – BA, compreendendo-as como variantes que integram uma variável linguística, no caso, a variável dependente do presente estudo.

Hipoteticamente, pressupúnhamos que ambos os itens linguísticos apresentariam considerável produtividade em nossa amostra, demonstrando um caso de variação estável, em que nenhuma das variantes suplanta a concorrente. E a partir da distribuição de frequência, supúnhamos que a variante *cê* seria a menos produtiva, tornando-a, portanto, como a forma mais marcada, de acordo com o subprincípio de distribuição de frequência, o qual está subjacente ao princípio funcionalista de marcação.

Na próxima subseção, apresentamos as variáveis independentes ou grupos de fatores condicionadores da pesquisa.

4.3.2 Variáveis independentes

Na subseção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*, apresentamos estudos linguísticos que também se ocupavam, prioritária ou parcialmente, com a investigação

do objeto de estudo de nossa pesquisa. Baseando-nos nesses estudos já realizados em outras comunidades linguísticas e nos pautando em nossas observações em relação à maneira como o pronome *você* e *cê* são realizados em Vitória da Conquista – BA, propusemos as variáveis independentes da pesquisa.

No entanto, antes de apresentá-las, consideramos importante ressaltar que, apesar de podermos controlar outras variáveis, além das selecionadas, não o fizemos em função do tempo de que dispúnhamos, visto que, em alguns casos, seria necessário analisar os dados através de outros aparatos metodológicos para alcançar, sobretudo, o refinamento e a confiabilidade das análises.

Posto isso, a seguir, apresentamos as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

4.3.2.1 Variáveis linguísticas

Determinamos três variáveis linguísticas, a saber: (i) natureza semântico-funcional; (ii) superestrutura textual; (iii) paralelismo formal, em consonância ao que apresentamos na subseção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*.

Vejamos, adiante, as especificações das referidas variáveis.

4.3.2.1.1 Variável linguística: natureza semântico-funcional

Na subseção *Fotografias em dois cenários: nas gramáticas e nos estudos linguísticos*, apontamos que tanto gramáticos (BECHARA, 2009; NEVES, 2011; NEVES 2015, entre outros) quanto linguistas (CARVALHO, 2010b; SANTANA, 2014; SOUZA; OLIVEIRA, 2014 e outros) têm colocado em evidência o pronome *você* como um mecanismo de indeterminação do sujeito, revelando, portanto, dada impessoalidade em certos contextos linguísticos e ampliandoos usos do referido pronome.

Podemos observar, também, como vimos na subseção supracitada, essa discussão sendo estendida à variante *cê*. Dessa forma, propusemo-nos a controlar, em nosso estudo, a

variável independente linguística *natureza semântico-funcional*⁵⁵, a qual é constituída pelos fatores *referência definida* e *referência indefinida*.

No que diz respeito à hipótese para essa variável, acreditávamos que a *referência indefinida* favoreceria o pronome *você*, por considerarmos esse tipo semântico-funcional inovador na língua, enquanto a variante *cê* teria o seu uso favorecido pela *referência definida*, visto que, por ser uma variante inovadora no quadro dos pronomes de segunda pessoa, a expectativa era a de que o *cê* fosse favorecido pelo sentido prototípico.

4.3.2.1.2 Variável linguística: *superestrutura textual*

Segundo Macedo (2010, p.11), “[...] *superestruturas* [...] são esquemas abstratos e de natureza cognitiva, nos quais os textos se encaixam. Elas não sofrem interferência do conteúdo dos textos e se adaptam à maioria dos que conhecemos.” (grifo da autora) Sousa (2008), por sua vez, acrescenta que:

[...] temos três superestruturas que dão suporte às categorias esquemáticas: a *descritiva*, na qual há o tema, os subtemas e as expressões que caracterizam tais elementos; a *narrativa*, na qual há um esquema de resumo, orientação, complicação, solução, avaliação e coda (LABOV, 1967) e *argumentação*, na qual há tese, argumentos e nova tese (SOUSA, 2008, p.151).

Assim, com base nesses pressupostos, propusemo-nos a investigar quais superestruturas estavam predominantemente regendo os segmentos em que as variantes *você* e *cê* eram realizadas na amostra, constituindo, portanto, a variável *superestrutura textual* a partir de três fatores, a saber: (i) *predominância descritiva*; (ii) *predominância narrativa*; e (iii) *predominância argumentativa*.

Considerando, como apontam alguns estudos, que o pronome *você* tende a ser favorecido por segmentos predominantemente argumentativos, e a variante *cê* por segmentos predominantemente narrativos e descritivos, de maneira hipotética, prevíamos que, no vernáculo conquistense, comprovaríamos a mesma realidade linguística, podendo, quiçá, apontar tendências de especialização.

⁵⁵ Apesar de outros estudiosos denominarem essa variável como *tipo de contexto de interpretação*, optamos por categorizá-la como *natureza semântico-funcional* por compreendermos que ao verificar se a ocorrência consiste em uma referência definida ou indefinida, conseqüentemente, tocamos na esfera semântica e também na função que o item está desempenhando naquele momento (ou com função prototípica – referência definida – ou com função indeterminadora do sujeito – referência indefinida).

Além disso, como vimos anteriormente, no estudo de Sousa (2008), os segmentos predominantemente narrativos favoreceram o uso do pronome *você* com o sentido P2, ao passo que os segmentos predominantemente argumentativos favoreceram o uso do referido item com o sentido P1 e Genérico. Dessa forma, em nossa análise, supúnhamos que, ao cruzarmos as variáveis *natureza semântico-funcional* e *superestrutura textual*, verificaríamos a maior frequência de ocorrências com referência definida em segmentos predominantemente narrativos e descritivos, enquanto as ocorrências com referência indefinida protagonizariam nos contextos predominantemente argumentativos.

A seguir, apresentamos a descrição da última variável linguística que controlamos no estudo.

4.3.2.1.3 Variável linguística: paralelismo formal

Como vimos na subseção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*, o *paralelismo formal* caracteriza-se pelo fato de que marcas tendem a ser mantidas a partir da precedência de marcas semelhantes ou quando a ocorrência encontra-se na primeira posição da série. Ancorando-nos nessa premissa, verificamos a possibilidade de controlar a ocorrência do *paralelismo formal* nos dados. Assim, essa variável independente linguística é composta pelos seguintes fatores: (i) *primeira ocorrência da série*; (ii) *ocorrência isolada*; (iii) *precedido de você*; (iv) *precedido de cê*. E nossa hipótese era a de que, na amostra do presente estudo, o *paralelismo formal* seria confirmado, visto que, dentre os trabalhos em que tem se controlado essa variável, a confirmação é, praticamente, categórica.

Após delinear as variáveis independentes linguísticas do estudo, partiremos para a próxima subseção, em que apresentaremos as especificações das variáveis independentes extralinguísticas.

4.3.2.2 Variáveis extralinguísticas

Elucidamos, na seção *Duas perspectivas e uma proposta conciliatória*, a importância que tem a relação entre língua e sociedade nos estudos sociofuncionais. Desse modo, para controlarmos essa relação na presente pesquisa, definimos três variáveis sociais cujas especificações apresentaremos nas próximas subseções, a saber: sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

4.3.2.2.1 Variável extralinguística: sexo

Labov (2008 [1972]) faz algumas considerações sobre a disparidade do comportamento linguístico entre homens e mulheres em dados contextos. Vejamos a seguir:

[...] na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens [...] e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio [...] [e] como em toda parte, fica claro que as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual [...], as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais [...] (LABOV, 2008 [1972], p.281-282).

Diante das ponderações do sociolinguista, observamos a relevância de controlar a variável *sexo*⁵⁶ no nosso estudo, constituindo-a dos fatores *masculino* e *feminino*.

Por considerarmos que a variante inovadora *cê* não sofria estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA e por sermos mulheres, geralmente, sensíveis aos valores sociolinguísticos explícitos, pressupúnhamos que a variante *cê* seria favorecida na fala das mulheres, ao passo que os homens demonstrariam comportamento mais conservador.

4.3.2.2.2 Variável extralinguística: faixa etária

Dentre os fatores sociais que influenciam na produção linguística de uma comunidade de fala, o fator *faixa etária* é considerado bastante relevante, pois é um elemento extralinguístico que sinaliza para indícios ou mudança linguística propriamente, dependendo da maneira como é conduzida a pesquisa (ou em tempo aparente ou em tempo real, por exemplo). Desse modo, propusemo-nos a controlar os dados a partir de estratificações etárias, por meio da variável independente extralinguística *faixa etária*. Definimos três fatores como constituintes dessa variável social, a saber:

- *Faixa I*: de 15 a 35 anos;
- *Faixa II*: de 36 anos a 49 anos;
- *Faixa III*: de 50 anos em diante.

⁵⁶ Na atualidade, há uma ampliação no cenário de discussões sobre aspectos teórico-metodológicos da variável *sexo*, a qual é denominada, em uma porção de estudos, como *sexo/gênero* (FREITAG, 2015). Todavia, em nossa pesquisa, por uma deliberação eminentemente metodológica, quando lançamos mão do termo *sexo* estamos compreendo, única e exclusivamente, o *sexo* biológico *masculino* e *feminino*.

Estabelecidos os limites etários, hipoteticamente, acreditávamos que a forma sincopada *cê*, por ser entendida como inovadora, seria favorecida na fala dos informantes presentes nas faixas *I e II*, ao passo que a variante conservadora *você* se destacaria na fala dos informantes da *faixa III*.

Tínhamos também o interesse em observar os resultados a partir da relação entre as variáveis *sexo* e *faixa etária*. Portanto, pressupúnhamos que as mulheres das faixas *I e II* favoreceriam a variante inovadora *cê* e os homens a forma conservadora *você*, enquanto, na fala das mulheres e homens da *faixa III*, o uso da variante conservadora *você* lideraria. Assumíamos tais pressuposições por acreditarmos que a forma inovadora tanto está entrando produtivamente na fala conquistense quanto não está sofrendo estigma na comunidade linguística em foco.

Ainda compondo as hipóteses para essa variável, por meio dela, tínhamos o intuito de verificar o caráter inovador da *referência indefinida*. Assim, propusemo-nos a cruzar os resultados da variável *faixa etária* com a variável *natureza semântico-funcional*, pois acreditávamos que a *referência indefinida* apresentaria maior frequência na fala dos informantes das duas primeiras faixas.

4.3.2.2.3 Variável extralinguística: escolaridade

O controle da *escolaridade* tem um papel muito relevante nas análises dos resultados provenientes de variantes que se encontram, sincronicamente, figurando em variação/estratificação na língua. As práticas de letramento a que os informantes têm acesso podem influenciar consideravelmente a sua produção linguística, além de sinalizar os indícios ou evidências da maneira como a comunidade de fala avalia as variantes que se encontram concorrendo por um lugar na língua.

Desse modo, um dos nossos objetivos foi distribuir os informantes da amostra investigada conforme o grau de escolaridade. Assim, definimos a variável social *escolaridade*, compondo-a por meio de dois fatores, a saber: (i) *informantes menos escolarizados* – compreendendo os informantes que possuíam até 4 (quatro) anos de escolaridade; (ii) *informantes mais escolarizados* – representando os informantes com 11 (onze) anos ou mais de escolaridade.

Acreditando que a variante *cê* não sofreria estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA, lançamos a hipótese de que os informantes mais escolarizados favoreceriam o uso do pronome *você*, entretanto, supúnhamos que o peso relativo respectivo

ao uso da variante *cê* para esse estrato social não ficaria muito abaixo de .50, não revelando, portanto, muita distância do ponto neutro e, conseqüentemente, sinalizando para dada neutralidade em relação ao uso das duas variantes no vernáculo dos informantes caracterizados por falar o Português Culto. Pressupúnhamos, por outro lado, que os informantes menos escolarizados favoreceriam expressivamente a variante inovadora *cê*.

Além disso, como objetivávamos investigar qual o cenário de favorecimento do *você* e do *cê*a partirda junção da variável *escolaridade* com as variáveis *faixa etária* e *sexo*, lançamos outras hipóteses, a saber: (i) os informantes mais escolarizados das faixas I e II favoreceriam a variante *cê*, o que sinalizaria tanto a entrada da forma sincopada no falar conquistense quanto a ausência de avaliação negativa da variante inovadora; (ii) os informantes menos escolarizados das faixas I e II também favoreceriam a variante *cê*; (iii) tanto os informantes mais escolarizados quanto os menos escolarizados da faixa III favoreceriam o pronome *você*; (iv) as mulheres e homens mais escolarizados manteriam a preferência pela variante conservadora *você*; (v) as mulheres e os homens menos escolarizados favoreceriam a variante *cê*.

Portanto, concluímos essa subseção e podemos, por meio do Quadro7,a seguir, visualizarmos as variáveis dependente e independentes linguísticas e extralinguísticas que nortearam as análises, bem como as variantes que compuseram cada uma delas.

Quadro 7- Síntese das variáveis controladas

VARIÁVEL DEPENDENTE		VOCÊ
		CÊ
VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS	NATUREZA SEMÂNTICO-FUNCIONAL	REFERÊNCIA DEFINIDA
		REFERÊNCIA INDEFINIDA
	SUPERESTRUTURA TEXTUAL	PREDOMINÂNCIA NARRATIVA
		PREDOMINÂNCIA DESCRITIVA
		PREDOMINÂNCIA ARGUMENTATIVA
	PARALELISMO FORMAL	PRIMEIRA OCORRÊNCIA DA SÉRIE
		OCORRÊNCIA ISOLADA
		PRECEDIDO DE VOCÊ
		PRECEDIDO DE CÊ
VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS	SEXO	MASCULINO
		FEMININO
	FAIXA ETÁRIA	FAIXA I
		FAIXA II
		FAIXA III
	ESCOLARIDADE	INFORMANTES MAIS ESCOLARIZADOS
		INFORMANTES MENOS ESCOLARIZADOS

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

4.4 Procedimentos que viabilizaram as análises

Para analisar os dados, como já mencionamos, os excertos de fala que continham as ocorrências foram todos separados e organizados em um programa de edição de planilhas eletrônicas (*Microsoft Excel* – versão 2013). Ainda nesse programa, codificamos os dados de acordo com as variáveis determinadas, as quais especificamos nas subseções anteriores. Posteriormente, a partir desse arquivo, geramos um segundo arquivo de texto, caracterizado pela sua carência de formatação, para que pudéssemos, então, exportar os dados, já codificados, para o programa estatístico *GoldVarb X*.

Assim, visando obter o maior refinamento das análises, além de poder verificar as hipóteses que foram lançadas, fizemos: (i) seis rodadas, sendo uma rodada geral e outras cinco rodadas complementares com a união dos fatores de duas variáveis em cada rodada; (ii) um cruzamento de variáveis.

Seguem abaixo maiores especificações:

- **Rodada geral dos dados:**
 - Variáveis rodadas:
 - Natureza semântico-funcional;
 - Superestrutura textual;
 - Paralelismo formal;
 - Sexo
 - Faixa etária;
 - Escolaridade.
 - **1º Cruzamento de variáveis:**
 - Variáveis cruzadas:
 - Natureza semântico-funcional e superestrutura textual.
- **Rodada complementar dos dados (junção dos fatores de duas variáveis):**
 - Variáveis rodadas:
 - Natureza semântico-funcional;
 - Superestrutura textual;
 - Paralelismo formal;
 - Sexo + Faixa etária;
 - Escolaridade.

- **Rodada complementar dos dados (junção dos fatores de duas variáveis):**
 - Variáveis rodadas:
 - Natureza semântico-funcional;
 - Superestrutura textual;
 - Paralelismo formal;
 - Sexo + Escolaridade;
 - Faixa etária.
- **Rodada complementar dos dados (junção dos fatores de duas variáveis):**
 - Variáveis rodadas:
 - Natureza semântico-funcional;
 - Superestrutura textual;
 - Paralelismo formal;
 - Faixa etária + Escolaridade;
 - Sexo;
- **Rodada complementar dos dados (junção dos fatores de duas variáveis):**
 - Variáveis rodadas:
 - Natureza semântico-funcional +Escolaridade;
 - Superestrutura textual;
 - Paralelismo formal;
 - Faixa etária;
 - Sexo;
- **Rodada complementar dos dados (junção dos fatores de duas variáveis):**
 - Variáveis rodadas:
 - Natureza semântico-funcional +Faixa etária;
 - Superestrutura textual;
 - Paralelismo formal;
 - Escolaridade;
 - Sexo;

Postas tais informações, vejamos, na próxima subseção, quais foram os caminhos que foram realizados para a aplicação do teste de avaliação.

4.5 Encaminhamentos para o teste de avaliação

Para a realização do teste de avaliação (cf. Apêndice), solicitamos que alguns dos informantes mais escolarizados de amostra deste estudo e outros informantes conquistenses com mais de onze anos de escolaridade – também distribuídos entre as três faixas etárias previstas –, respondessem o referido teste. O principal intuito de nossa investigação com tal atividade era o de comprovar que, entre os conquistenses (especialmente, os mais escolarizados), não há estigma com relação à variante *cê*.

A seguir, por meio do Quadro 8, apresentaremos os informantes que contribuíram para essa etapa da pesquisa.

Quadro 8 - Mapeamento dos informantes conquistenses que responderam o teste de avaliação/percepção

DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DO TESTE DE AVALIAÇÃO		
INFORMANTE	SEXO	FAIXA ETÁRIA
D.T.B.	MASCULINO	FAIXA I
F.S.L.B.	MASCULINO	FAIXA I
I.U.S.S.	MASCULINO	FAIXA I
T.M.L.C.	MASCULINO	FAIXA I
Y.C.	MASCULINO	FAIXA I
C.B.S.	FEMININO	FAIXA I
G.G.J.	FEMININO	FAIXA I
M.T.R.	FEMININO	FAIXA I
V.M.S.N.	FEMININO	FAIXA I
A.L.P.	MASCULINO	FAIXA II
K.R.L.A.	FEMININO	FAIXA II
L.S.S.	FEMININO	FAIXA II
N.L.A.	FEMININO	FAIXA II
A.C.	MASCULINO	FAIXA III
P.A.R.C.	MASCULINO	FAIXA III
E.G.S.	MASCULINO	FAIXA III
A.I.R.M	FEMININO	FAIXA III

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Conforme podemos observar no Quadro 8, a maioria dos informantes concentra-se na faixa I. Justificamos a falta de equilíbrio no que tange ao número de informantes entre as faixas etárias, em função do nosso interesse em verificar, sobretudo, entre os informantes jovens mais escolarizados, a sua percepção linguística em relação à forma sincopada *cê*, visto que é exatamente na primeira faixa que há um comportamento conservador da parte dos informantes mais escolarizados.

Uma vez apresentados os informantes conquistenses que contribuíram na última etapa da pesquisa, respondendo os testes de avaliação, finalizamos a presente seção, na qual vimos os percursos metodológicos trilhados ao longo do trabalho. Na próxima seção, apresentaremos as análises dos dados e as discussões dos resultados obtidos.

5 VOCÊ E CÊ EM UM DUELO: OS RESULTADOS DESSA BATALHA

[...] você desde logo observará que o ‘caos’ basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa [...] se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte [...] (TARALLO, 2007).

Nesta seção, apresentamos os resultados alcançados após o tratamento dos dados pelo programa *GoldVarb X*. Como sabemos, o referido programa realiza uma análise multivariada e tem a capacidade de considerar as múltiplas forças que atuam simultaneamente sobre a estratificação/variação em estudo, que, no nosso caso, consiste na coocorrência do pronome *você* e da sua variante *cê*, em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas, presente na fala da comunidade de Vitória da Conquista – BA.

Para tanto, inicialmente, relataremos alguns passos que antecederam a obtenção dos dados a serem discutidos nessa subseção; em seguida, apresentaremos o resultado global da variável dependente; posteriormente, analisaremos o comportamento das duas variantes em estudo a partir das variáveis independentes previamente estabelecidas; e, por fim, faremos as considerações provenientes do teste de avaliação que foi respondido por conquistenses com mais de onze anos de escolaridade.

5.1 Ponderações que antecedem o duelo principal

Como anunciamos anteriormente, os resultados a serem apresentados e discutidos nessa seção correspondem às ocorrências do pronome *você* e de sua variante *cê* em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas⁵⁷. Todavia, antes de estabelecermos esse critério de recorte, limitando-nos a esse contexto linguístico, fizemos um levantamento mais amplo das ocorrências.

Consideramos, nesse caso, os dados do pronome *você* em contextos, por exemplo, de orações não finitas e em posições tanto pré-verbais quanto pós-verbais (nos casos de complemento verbal preposicionado ou não). Levamos em consideração, também, aqueles casos em que há a repetição das formas em cadeia, quando os informantes hesitam ou estão (re)formulando o discurso.

⁵⁷ O refinamento do contexto linguístico a ser considerado na pesquisa foi sugerido, no exame de qualificação, pela Profª. Dra. Cristiane Namiuti Temponi, a qual, por sua vez, compunha a banca examinadora do referido exame.

Dessa maneira, inicialmente, registramos um total de 996 (novecentos e noventa e seis) dados, sendo 60% de ocorrências do pronome *você* e 40% de ocorrências da forma variante *cê*. Fizemos, também, todas as rodadas no *GoldVarb X* previstas na seção *Direcionamentos metodológicos*. O programa selecionou como estatisticamente relevante, na rodada geral, quatro variáveis (duas linguísticas e duas extralinguísticas), sendo elas, na ordem de relevância, as seguintes: (i) *paralelismo formal*; (ii) *escolaridade*; (iii) *faixa etária*; (iv) *natureza semântico-funcional*. Consequentemente, duas variáveis foram eliminadas, a saber: *superestrutura textual* e *sexo*.

Apesar desse trabalho inicial, como discutimos na subseção *Gramaticalização: em vias de mudança*, Vitral (1996) argumenta que a variante *cê* não assume as mesmas posições sintáticas do pronome *você*. Por essa razão, recodificamos os dados, descartando todas as ocorrências que não estivessem em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas. Descartamos, também, os casos em que havia a repetição das formas em cadeia, nos momentos em que os informantes hesitam ou estão (re)formulando o discurso.

A seguir, vejamos os resultados após o refinamento de seleção dos dados.

5.2 Resultados gerais

A partir dos resultados obtidos da amostra, observamos que tanto o pronome *você* quanto a sua variante *cêsão* formas linguísticas bastante produtivas na fala dos conquistenses. Registramos um total de 788 (setecentos e oitenta e oito) dados, sendo 56% de ocorrências do pronome *você* e 44% de ocorrências da forma variante *cê*, conforme descrito na Tabela 2:

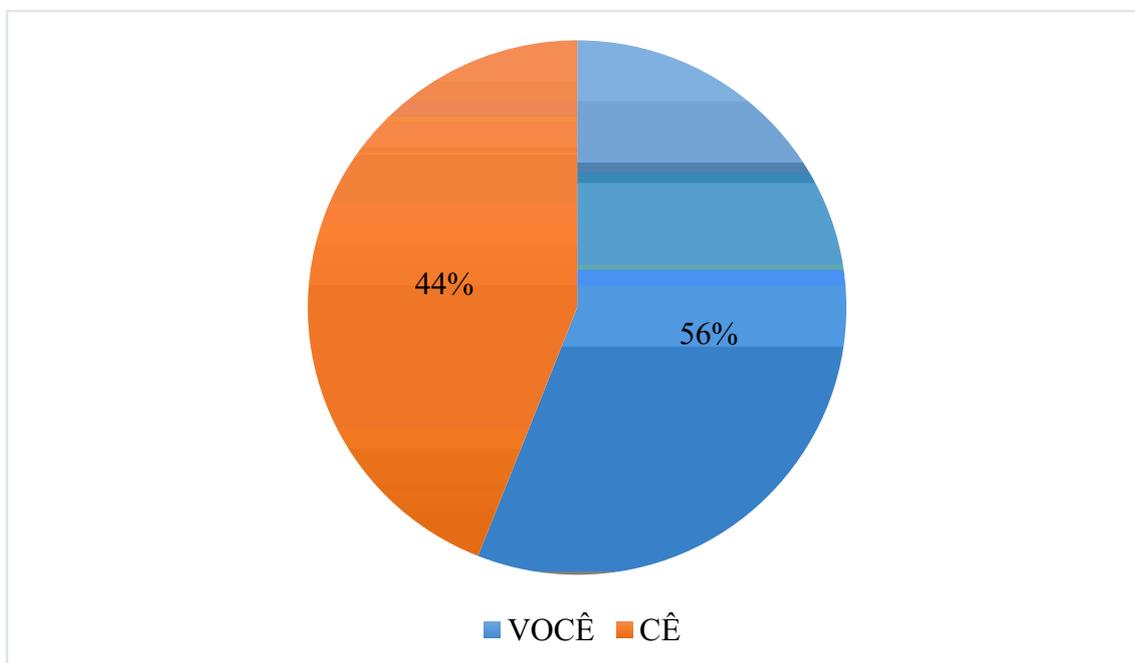
Tabela 2 – Resultado global de nossa amostra
– Vitória da Conquista – BA

Variante	Total	%
<i>Você</i>	438/788	56%
<i>Cê</i>	350/788	44%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante dos valores apresentados na Tabela 2, observamos que a variante *cê* é consideravelmente produtiva na comunidade de Vitória da Conquista – BA, os valores percentuais das duas variantes não estão tão distantes do ponto neutro, revelando indícios de um franco crescimento do uso da forma *cê* no vernáculo conquistense. No gráfico a seguir, podemos visualizar a distribuição de frequência das variantes.

Gráfico 2 - Distribuição de frequência das variantes *você* e *cê* – Vitória da Conquista – BA
(percentuais)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Ao analisarmos a frequência do uso de uma variante em detrimento da outra, apesar de serem valores não muito distantes do ponto neutro, de acordo com o subprincípio da distribuição de frequência, o qual está subjacente ao princípio funcionalista de marcação, em nossa amostra, a variante *cê* caracteriza-se por ser a mais marcada, em função da menor frequência de uso em relação ao pronome *você*. Isso confirma a hipótese de que a variante *cê* seria a mais marcada no quesito frequência.

Vale ressaltar, entretanto, que se a análise for feita quanto aos outros dois subprincípios de marcação, nesse caso, o da complexidade estrutural e cognitiva, o pronome *você*, à luz da teoria funcionalista, seria considerado como mais marcado em relação à variante *cê*, pelo fato de a forma conservadora apresentar maior material fonético e, possivelmente, demandar um esforço maior no que tange ao processamento cognitivo.

No cenário linguístico, encontramos também pesquisas com os resultados gerais próximos entre si e destoantes dos resultados do nosso trabalho, como, por exemplo:

- i. Loregian-Penkhal (2012), investigando a variação *você/cê* na comunidade de Irati – PR, constatou um percentual de 75% de ocorrências do pronome *você* e 25% de realizações da variante *cê*;
- ii. Loregian-Penkhal e Menon (2012), em sua pesquisa sobre a variação *você/cê* na comunidade de Curitiba – PR, verificou que 70% das realizações eram do pronome *você*, face a 30% de ocorrências da variante *cê*;
- iii. Calmon (2010), investigando a variação *você/cêna* comunidade de Vitória – ES, notou que, na fala dos informantes, 74,2% das ocorrências eram do pronome *você*, a passo que 25,8% consistiam em ocorrências da variante *cê*.

Podemos observar que, nos três estudos em destaque, o pronome *você* lidera em termos de frequência de uso, assim como em nossa pesquisa. Todavia, é válido ressaltarmos que o percentual de uso da forma variante *cêna* amostra investigada foi maior do que os encontrados pelas pesquisadoras supracitadas.

Partindo da premissa de que o presente estudo fundamenta-se nos pressupostos sociofuncionalistas, nas análises, a relação entre língua e sociedade tem bastante relevância. Assim, podemos destacar tanto forças internas quanto externas ao sistema linguístico que têm importante papel no curso da língua. Vejamos a seguir alguns excertos de fala, com as variantes do estudo em destaque, extraídos da amostra investigada:

(12) É:: Sou daquela região de lá, VOCÊ entendeu? (J.S.R..)

(13) Não, né difís não, é no começo é um pôco difís, mas CÊ pega é fás. (J.S.R.)

(14) Então o São João num que eu [seja] assim extremamente contra é porque eu gosto bastante da comida do... desse... dessa época gosto das músicas porém não sei dançar então quando CÊ num sabe, VOCÊ não consegue fazê determinada coisa você toma uma apatiazinha então é só por isso que eu não gosto muito do São João {risos} (C.B.S.)

Nos turnos enunciativos (12), (13) e (14), podemos perceber a coocorrência do pronome *você* e da sua forma variante *cê*, em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas, presente no vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista – BA. Com base no que discutimos na seção *Retratos do passado ao presente: um olhar pancrônico e Duas perspectivas e uma proposta conciliatória*, sabemos que ambas as formas (*você* e *cê*) são produtos de um longo processo de erosão, um dos princípios formulados por Heine (2003), que consiste na perda de substância fonética.

Assim, se verticalizarmos a análise apenas no *você* e no *cê*, compreenderemos que aquele constitui uma redução fonética da forma pronominal *Vossa Mercê* e que esse, por sua vez, uma redução fonética daquele. A partir do momento em que os falantes intensificam o uso do pronome *você* e licenciam o processo de sua redução fonética, assim como aconteceu com o *Vossa Mercê*, a forma resultante desse processo (*cê*) passa a coexistir na língua com a forma matriz (*você*).

Conseqüentemente, o *cê* passa a ser considerado como uma nova forma para um domínio funcional em que a antiga já figurava, viabilizando, desse modo, a materialização do princípio funcionalista denominado estratificação (cf. HOPPER, 1991). Portanto, percebemos a presença tanto de forças externas ao sistema linguístico, visto que é o uso desmedido da sociedade que funciona como o disparador do gatilho para o início dos processos de mudança estrutural, quanto de forças internas, uma vez que as transformações linguísticas respeitam a sistematicidade da língua.

O processo de estratificação entre as duas camadas *você* e *cê* pode ser entendido, também, como um estágio de variação linguística entre os dois pronomes. Os valores referentes à distribuição de frequência dos dois itens linguísticos na comunidade de Vitória da Conquista – BA legitimam uma regra variável no tocante ao uso de formas com sentido de pronome de 2ª pessoa do singular. Portanto, como nosso estudo consiste em uma pesquisa sociofuncional, assumimos que, na amostra investigada, é possível registrar um caso de estratificação/variação em que duas variantes/camadas concorrem por um único domínio funcional/sentido.

Adiante, apresentaremos, primeiramente, os resultados da rodada geral.

5.3 Rodada geral

Na rodada geral, o programa *GoldVarb X* não acusou a presença de nenhuma ocorrência de regra categórica entre as variáveis controladas, isto é, não houve casos de *knockout* (ou nocaute⁵⁸). Portanto, obtivemos os pesos relativos logo na primeira rodada. O programa selecionou como estatisticamente relevante três variáveis (uma linguística e duas extralinguísticas), sendo elas, na ordem de relevância, as seguintes: (i) paralelismo formal; (ii) escolaridade; e (iii) faixa etária. Conseqüentemente, três variáveis foram eliminadas, a saber: (i) natureza semântico-funcional; (ii) superestrutura textual; e (iii) sexo. Nessa rodada, o

⁵⁸ “Um nocaute [...] é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou de 100% para um dos valores da variável dependente [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p.158).

*input*⁵⁹ inicial foi de 0.556 e o final de 0.566, o *log likelihood*⁶⁰ foi de -469.901, e o nível de significância⁶¹ foi de 0.001.

Nas próximas subseções, apresentaremos os resultados obtidos das variáveis selecionadas, linguística e extralinguísticas – respectivamente, nessa ordem. E, em seguida, faremos nossas considerações a respeito das que não foram selecionadas nessa rodada, apesar de terem sido consideradas para o programa como estatisticamente irrelevantes.

5.3.1 Paralelismo formal

Vimos, na subseção *Estudos linguísticos: registros com diferentes lentes*, que o paralelismo formal é bastante produtivo nas pesquisas e que, nos estudos que destacamos (LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ANDRADE, 2010; MARTINS, 2010), de modo categórico, comprovou-se que marcas, de fato, levam a marcas. Em nosso estudo, observamos também a relevância dessa variável, posto que, em todas rodadas, e não somente nessa, esse grupo de fatores foi selecionado como estatisticamente relevante pelo programa. Vejamos, na Tabela 3, os resultados obtidos para essa variável.

Tabela 3 - Paralelismo formal (valores de aplicação *dovocê*) – Análise
geraldos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores	Nº de Ocor.	Valor %	Pesos Rel.
Primeira ocorrência da série	91/145	63%	.58
Ocorrência isolada	65/137	47%	.41
Precedido <i>devocê</i>	219/298	74%	.67
Precedido <i>decê</i>	63/208	30%	.27

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

⁵⁹ Segundo Guy e Zilles (2007, p.238), “[...] O *input* representa o nível geral de uso de determinado valor variável dependente [...]”.

⁶⁰ Guy e Zilles (2007) esclarecem o conceito de *log likelihood* aplicado ao pacote *Varbrul*, o qual pode ser, também, aplicado ao pacote *Goldvarb X*. Segundo os autores: “LOG-LIKELIHOOD (logaritmo de verossimilhança): Este é o número calculado pela rotina do *Varbrul* que mede a qualidade da aproximação entre o modelo (os fatores que caracterizam os contextos, os pesos associados com os fatores, o *input* e o modelo matemático logístico) e os dados observados. O valor absoluto do *log-likelihood* (I.I) varia em função de duas coisas: a quantidade de dados (quanto maior o número de dados, tanto mais alto o valor absoluto do I.I), a aproximação entre as previsões do modelo (número de aplicações esperado em cada célula, se o modelo for correto) e os dados observados (quanto pior ou mais distante esta aproximação, tanto mais alto o I.I). Portanto, valores do I.I de diferentes rodadas somente são comparáveis quando se mantém o mesmo número de dados nas análises.” (GUY; ZILLES, 2007, p.238-239)

⁶¹ “Significância estatística é essencialmente um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características [...] quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos. Em estudos científicos, os dados disponíveis são quase sempre um subconjunto do total de dados possíveis, ou, em outras palavras, uma amostra extraída de um ‘universo’ [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p.85).

Observamos, na Tabela 3, que o pronome *você* teve o seu uso ligeiramente favorecido quando sua ocorrência iniciou uma série, com o peso relativo de .58, e, confirmando a hipótese, quando sua ocorrência acontecia após a precedência de uma ocorrência de outro *você*, com peso relativo de .63. Notamos que, por outro lado, os casos de ocorrências isoladas em uma série apontaram, com um peso relativo correspondente a .59, para um favorecimento pouco contundente da forma variante *cê*, a qual, também, obteve o seu uso expressivamente favorecido nos casos em que a ocorrência era precedida pela realização de *outrocê*, com peso relativo correspondente de .73.

Vejamos, a seguir, alguns exemplos:

- (15) Na verdade eh... quando o cliente solicita um trabalho assim, por exemplo, residencial, a gente senta com o cliente e faz um briefing. O briefing é... é exatamente perguntas, um questionário de coisas que VOCÊ vai descobrir o que o cliente gosta, por exemplo, a cor de um ambiente, o estilo de móveis que ele quer naquele ambiente, o piso que ele vai querer. Eh... a iluminação. Tudo isso a gente sente pra saber o gosto do cliente. Quantos quartos eh... com'ê que ele gosta, se gosta de um estilo... de um estilo, com'ê que eu posso dizer, de um estilo mais clássico. Então tudo isso VOCÊ senta pra fazê essa pesquisa com o cliente e sai dali com a ideia e a partir do momento que VOCÊ joga no... no papel, faz os seus rabiscos e depois VOCÊ pode jogá no Autocad. (A.S.A.)
- (16) Na verdade é muita pesquisa, né. No campo de história eh... história é... é bem abrangente. CÊ tem vários campos pra pesquisá eh... história. Então não tem uma forma exata assim não. É muita pesquisa, muito estudo, muita leitura, né? É por aí. (A.S.A.)
- (17) Digo, eu vou ficar com essa dona que tem a roça. Mas ela tem muito namorado em São Paulo, tem outro pra cá, tem outro pra lí, eu digo, se ela tem 3 vai ficar com 4. Mas eu não quero nem saber, eu vou pra lá. E nun foi só o que deu! E quando eu cheguei lá, que eu me sentei, tava a carreira de banco assim, que eu entrei pra me sentar aqui, ela tava sentada, ela e outra senhora ai também. Ai eu comecei a conversar com ela, ajeitou, e nós com pouco mais fizemos uma viagem aqui pro... Ibicuí, nessa saída daqui de manhã nós se sentamos junto na cadeira e fomos conversando. E quando chegamos ai... VOCÊ conhece a Ibicuí? Esse... a cidadezinha que tem aqui... o município que tem aqui! (Z.S.N.)
- (18) As crinaça0 da minha época né? A gente era mais assim responsáve, obediente aos pais. Na minha época bastava a minha mãe olhar pra mim com rabo de olho eu já entendia

tudo. Hoje CÊ tá falano com o filho, CÊ ta bateno, CÊ ta brigano e ele não tá entendeno!
(A.A.B.)

No excerto (15), observamos um caso em que o pronome *você* tanto é o primeiro da série quanto é repetido nos momentos em que o falante sente a necessidade de remeter a um sujeito. Nesse excerto, são ilustrados os dois fatores que favoreceram o uso da forma conservadora *você*. No excerto (16), encontramos um caso de ocorrência do *cê* isolado no turno enunciativo, um fator linguístico, inclusive, que demonstrou favorecimento ao uso do *cê*, com um peso relativo correspondente de .59. No exemplo (17), exibimos um caso em que o pronome *você* é realizado isoladamente no turno.

No excerto (18), vemos um caso em que a ocorrência da forma sincopada *cê* tanto inicia a série quanto é repetida posteriormente. Nesse exemplo, podemos visualizar a recorrência de uso da variante *cê* quando há a precedência de outro *cê*. Além disso, podemos notar que, como também vimos na Tabela 3, apesar de o fator *primeira ocorrência da série* ter favorecido moderadamente o uso do pronome *você* com o peso relativo de .58, não podemos deixar de ressaltar que é um valor que ainda se encontra próximo ao ponto neutro, o que indica tendências de neutralidade de uso em casos como esse.

Apesar de observarmos, por meio dos números bastante expressivos, que o paralelismo formal realmente ocorre, demonstrando que marcas levam a marcas, não podemos deixar de notar que os números também sinalizam, ainda que minimamente em relação aos valores que comprovam o paralelismo formal, a ocorrência de casos em que realizações do pronome *você* não foram precedidas necessariamente por outro *você* sim, por uma ocorrência da variante *cê* – o que equivale a 26% das ocorrências. Acontecendo o mesmo com a variante *cê*, quando precedida por *você* – referente a 30% das ocorrências (cf. ex. 19). Logo, de que maneira podemos explicar esses números?

Na subseção *A língua e a gramática na ótica funcionalista*, apresentamos o subprincípio da proximidade, o qual está subjacente ao princípio da iconicidade. Vimos que, de acordo com Givón (1990), o subprincípio da proximidade prevê que as entidades que se encontram mais próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão registradas mais próximas. Isso, em certa medida, pode explicar tanto a grande frequência registrada nos casos que comprovam o paralelismo formal quanto os números mínimos que decorrem dos casos que demonstram o contrário.

Nos excertos (15) e (18), expostos anteriormente, comprovamos o subprincípio da proximidade, uma vez que as recorrências muito próximas do pronome *você* e da sua variante

cê, nos respectivos turnos em que são realizados, podem ser justificadas por serem itens linguísticos caracterizados pela proximidade funcional, conceptual e cognitiva. Já no excerto (19), que segue, podemos perceber o oposto acontecendo.

(19)[...] Aí eu perturbava ele todo dia e perguntava: “aí, prefeito, como é que vai ficá? VOCÊ vai resolver minha situação quando? VOCÊ sabe que eu não quero briga, mas não quero ficá sem dinheiro”, e aí a gente acabou criando vinculo quando me encontra hoje fala: “professora, como CÊ tá?” e já tem quase vinte anos [...] (L.S.S.)

No exemplo (19), observamos exatamente um caso em que a variante *cê* é precedida por uma série de *você*. O subprincípio da proximidade é verificado nas duas primeiras ocorrências do *você*, afinal temos o registro próximo de duas formas que partilham idênticas características funcionais, conceptuais e cognitivas. Porém, a relação existente entre a última ocorrência do *você* com o *cê* não se dá de todo equivalente, pois, do ponto de vista hierárquico, apesar de existir uma proximidade funcional entre as duas formas, conceptualmente, elas divergem, apresentando uma relação assimétrica, visto que, na primeira, o informante usa o *você* para se referir ao *prefeito* e, na segunda, o *prefeito*, ao se referir ao informante, usa o *cê*; e, sendo o *você* ligeiramente mais complexo estruturalmente do que a forma variante *cê*, cognitivamente, elas não estarão próximas. Por conseguinte, diante de uma regra variável, o falante pode oscilar entre o uso do *você* ou *cê* em casos como esse.

Além disso, outra explicação para os valores mínimos contrários ao paralelismo formal é o fato de, em alguns casos, o pronome *você* e a variante *cê*, constituintes de uma regra variável, em turnos muito extensos, ocorrerem consideravelmente distante um do outro. Vejamos o excerto seguinte:

(20) Nem que num paga muito, mas a gente acaba gastano, que é tudo mais Caro, né? Merenda, tá com adolescente é tanta coisa pra comprá que pede, se a gente pudesse a gente... dava assim... abraçava o mundo pra dá, mas a gente num pode, né, e também nem pode dá tudo que qué, porque como eu não tiv’, eu num tiv’, tudo que eu queria, aliás eu um tinha nem... eu nem queria nada, porque meu pai e minha mãe não tinha condição de nada, pra dá um rôpa era uma vez no ano, que vestia aquela rôpa lá, vestia aquela rôpa lavava, botava no saquin’ pra vestir no ôtro ano. Esse ano a minha... eu costume falá pra menina, a minha tem mais, tem as coisa que qué, ás veze uma coisa que ela qué ela pega, um celulá, um sapato, uma rôpa, “Ah mãe eu quero, eu quero isso...”, assim num dô, que eu... que eu vejo que eu num posso, que eu falo pra ela eu dô, eu vou lhe dá essa rôpa, porque assim, esse ano eu tô mais folgada, mas se eu num pudé dá eu num dô não, falo “Oh [Érica] num posso te dá ou então CÊ espera, ou então quando CÊ tiver trabalhano CÊ compra.”, mas pra mim dá pra mim fazê os gostinho ela, eu tenho que fazê os gosto do meu bolso, né? nas condições do meu bolso, se eu tivé condições de dá, eu dô. Tá doida por causa de um celulá agora “Ah mãe na internet tá duzentos e cinquenta.”, eu falei “Eu num to teno nem cinquenta, quando mais duzentos e cinquenta,

pra mim dá na inter... pra mim dá num celulá pela internet.”, compra lá naqu... paga lá na hora, e eu também num confio, né? pra gente abre um olho, e fica com um olho aberto e ôtro fechado pra esses trem, eu falei “Não, pode dêxá, dêxa o ano que vem que eu lhe dô.”, então assim lá em casa já é tudo conversado já, o meu menino e a minha menina é tudo assim, a gente só dá as coisa que a gente vê que pode e que tá no alcance, num é pra gente num... também pra eles num ficá osado, né? “Ah o que minha mãe pediu.”, daqui um dia pede um carro e a gente vai tê que dá, né? E sem pudê, dá! [barulho] e aí se acha no direito de que... de... de... de achá que qué... que qué tуди... que qué tudo e pode tudo, e nem sempre VOCÊ pode. (E.S.P.)

No excerto (20), exemplificamos um caso em que o informante, fluidamente, discorre sobre algum assunto sem a interrupção/interação verbal do entrevistador, fato encontrado em outros momentos. Então, em casos como esse, em que as variantes *você* e *cê* são realizadas consideravelmente afastadas umas das outras, a variação entre elas é, de alguma forma, facilitada, contribuindo para os casos em que não se verifica o paralelismo formal. Todavia, vale ressaltar que, se separarmos em unidades discursivas, obteremos, possivelmente, o paralelismo. À guisa de exemplificação, no excerto (20), no seguinte fragmento “[...]Oh [Érica] num posso te dá ou então *CÊ* espera, ou então quando *CÊ* tiver trabalhano *CÊ* compra [...]”], podemos notar um caso de paralelismo.

A seguir, apresentaremos a primeira variável extralinguística selecionada nessa rodada.

5.3.2 *Escolaridade*

As variáveis sociais assumem um papel muito importante nesta pesquisa, pois, a partir dela, identificamos algumas tendências, além de verificarmos questões como a avaliação da comunidade no que tange a uma variante em relação à outra, diante do favorecimento de uma em detrimento da outra.

Os resultados da variável escolaridade são bastante reveladores, visto que estamos lidando com o uso do pronome *você* e sua forma variante *cê* sob influência das práticas de letramento a que o informante teve ou não acesso. Vejamos, a seguir, a Tabela 4, em que apresentamos os resultados para essa variável:

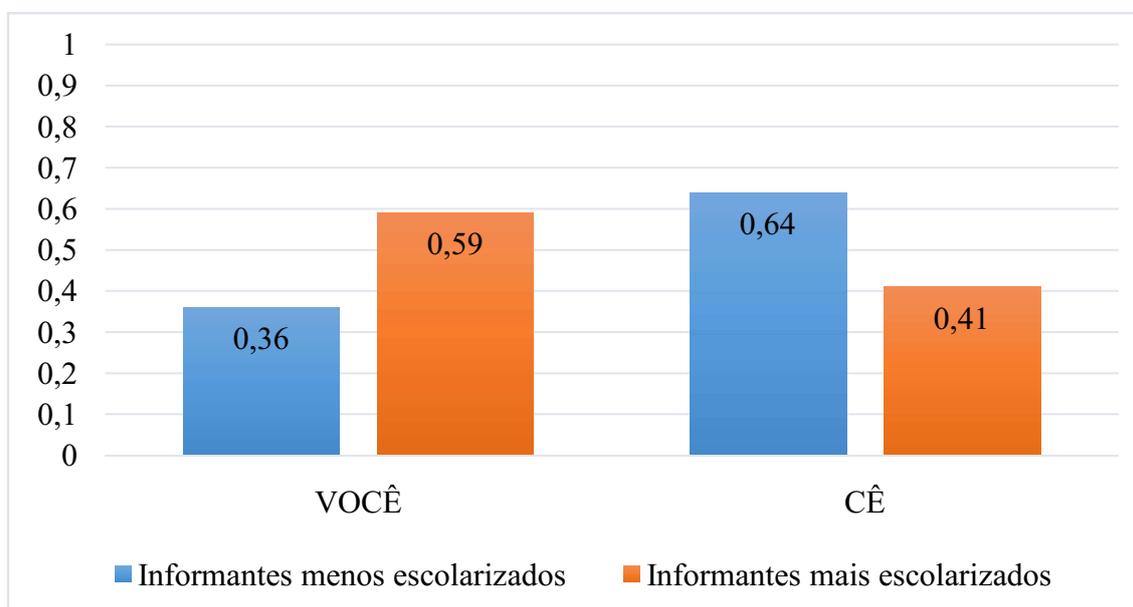
Tabela 4 - Variável escolaridade (valores de aplicação do *você*) –
Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores	Nº de	Valor	Pesos
	Ocor.	%	Rel.
Informantes menos escolarizados	127/297	43%	.36
Informantes mais escolarizados	311/491	63%	.59

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante dos resultados apresentados na Tabela 4, observamos que o uso do pronome *você* obteve favorecimento pelos informantes mais escolarizados, com um peso relativo de .59. Isso confirma a hipótese de que os falantes do Português Culto da amostra favoreceriam o pronome *você*, entretanto, também esperávamos que os números estatísticos que representassem esse favorecimento não fossem tão marginais. Para facilitar a análise quanto a isso, vejamos o Gráfico 3:

Gráfico 3 - Variável escolaridade (valores de aplicação do *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Com relação à hipótese de que a variante *cê* seria moderadamente desfavorecida pelos informantes mais escolarizados, obtendo, portanto, um peso relativo mais próximo a .50, em certa medida não foi confirmada, visto que devemos considerar nove pontos decimais como significativos. Todavia, é importante ponderarmos que um peso relativo de .41 não revela um

não favorecimento contundente. Verificamos, também, que os informantes menos escolarizados, por seu turno, favoreceram expressivamente a variante inovadora, com um peso relativo de .64, confirmando a hipótese de que os falantes do Português Popular da amostra utilizada nesse estudo favoreceriam de modo significativo a variante inovadora.

Notamos, ainda, uma diferença de vinte e três pontos decimais entre os pesos relativos associados aos informantes menos escolarizados e aos mais escolarizados no que tange ao favorecimento da forma inovadora, revelando, desse modo, a liderança dos falantes menos escolarizados quanto ao uso da forma sincopada *cê* na comunidade de Vitória da Conquista. Assim, lançamos as seguintes indagações: (i) seria, portanto, o pronome *você* mais prestigiado no vernáculo conquistense? (ii) a comunidade de Vitória da Conquista – BA pode, então, ser considerada como mais conservadora à medida que os falantes avançam em anos de escolarização?

Com vistas a acalorar essa discussão, conforme Cezário e Votre (2015, p.145), “[...] a variante padrão é ensinada na escola e valorizada pelos membros da sociedade, tanto pelos que dominam como pelos que gostariam de dominá-la, posto que sabem da sua importância para se adquirir prestígio.” Gonçalves (2008), por seu turno, advoga que o pronome *você* é considerado uma forma padrão e as variantes *ocê* e *cê* consistem em formas não padrões. Loregian-Penkall e Menon (2012), pensando de maneira contrária a esse respeito e chegando a algumas conclusões sobre o seu estudo, que evidencia uma realidade do Sul, as quais nos interessam, defendem que:

[...] *você* não é uma forma considerada padrão. O mesmo pode-se dizer da forma *cê*. Assim sendo, o esperado aqui, se a escola de fato tivesse uma atuação efetiva sobre os falantes, seria que os informantes utilizassem como pronome de segunda pessoa apenas o pronome *tu*, pois é esta forma que é ainda disseminada pela escola – e pelas gramáticas normativas e grande maioria dos livros didáticos. (LOREGIAN-PENKALL E MENON, 2012, 239)
(grifos das autoras)

Ao considerarmos as colocações das pesquisadoras e à guisa de maiores esclarecimentos sobre a variação *você/cê* no vernáculo conquistense, fomos motivados a verificar, na amostra estudada, qual seria a frequência de uso da forma *tu*, que é a variante preconizada como padrão pelas gramáticas normativas e por grande parte dos livros didáticos até os dias de hoje. Apesar de não ser um dos nossos objetivos propostos inicialmente, mas, por considerarmos relevante para a presente pesquisa, fizemos um levantamento de todas as ocorrências do pronome *tu*, nas 24 (vinte e quatro) entrevistas descritas na seção

Direcionamentos metodológicos, e constatamos um número de ocorrências equivalente a tão somente 5% do valor total de ocorrências das formas *você* e *cê* da amostra em estudo.

Esse resultado fez-nos concluir que, apesar de a forma pronominal *tu* ser consagrada como padrão, na comunidade de Vitória da Conquista, ela não ocupa um lugar de destaque, visto que sua frequência de uso resume-se a valores muito baixos. Além disso, o fato de os informantes favorecerem moderadamente o pronome *você* em detrimento da forma variante *cê* leva-nos, por ora, a reflexão de que, entre *você* e *cê*, recai sobre a primeira forma o *status* de maior prestígio na comunidade conquistense. Todavia, temos a certeza de que podemos chegar a maiores conclusões a partir da relação entre a variável escolaridade e os demais grupos de fatores sociais.

Portanto, para que tenhamos um refinamento nas análises e cheguemos a conclusões mais concretas sobre a presença ou ausência de prestígio em relação à variante inovadora, verificaremos os resultados das outras rodadas, especialmente, os resultados da combinação dos fatores das variáveis escolaridade e sexo, os quais apresentaremos juntamente com os resultados obtidos para a variável sexo, além das considerações possíveis a partir do teste de avaliação aplicado na comunidade em foco.

Para dar cabo a essa subseção, ressaltamos que os resultados encontrados em nossa pesquisa são semelhantes aos encontrados por Loregian-Penkall (2012), no estudo realizado em Irati – PR, em que os informantes mais escolarizados favoreceram o uso da forma conservadora *você*, ao passo que os informantes menos escolarizados lideraram o uso da variante *cê*. No estudo de Calmon (2010), ocorre exatamente o contrário, sinalizando, portanto, para a ausência de estigmas com a forma inovadora, visto que são os universitários na comunidade capixaba que favorecem o uso do *cê*. E já no estudo de Loregian-Penkall e Menon (2012), há uma espécie de equilíbrio no uso das duas variantes, uma vez que o pronome *você* é favorecido pelos informantes do segundo grau e universitários, enquanto o *cê* destaca-se na fala dos informantes do primário e ginásio.

Vejamos, na próxima subseção, os resultados gerais da variável social faixa etária.

5.3.3 Faixa etária

A terceira variável selecionada na rodada geral foi a faixa etária. Essa variável assume um lugar de importância nas análises, pois, por meio dela, podemos identificar estágios de mudança em curso ou variação estável. Confirmamos, a seguir, na Tabela 5, os resultados obtidos para o referido grupo de fatores:

Tabela 5 - Variável faixa etária (valores de aplicação do *você*) –
Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores	Nº de Ocor.	Valor %	Pesos Rel.
Faixa I	127/180	71%	.63
Faixa II	144/287	50%	.49
Faixa III	167/321	52%	.43

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

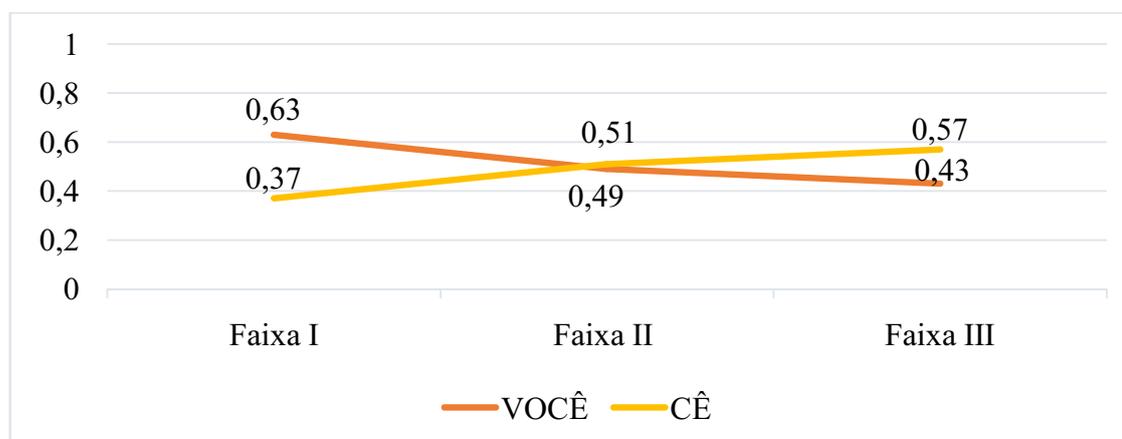
Os resultados gerais para essa variável foram bastante reveladores e, em certa medida, surpreendentes, visto que nossas hipóteses não foram confirmadas. Observamos, na Tabela 5, que os conquistenses da primeira faixa etária, que, geralmente, são grandes responsáveis pela entrada de formas inovadoras na língua, mantiveram-se conservadores em relação à variação *você/cê*, em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas, obtendo um peso relativo de .63 na aplicação do *você*.

Verificamos, por outro lado, determinada neutralidade de uso das variantes na faixa II, representada pelo peso relativo de .49, um valor muito próximo ao ponto neutro. Já os informantes com mais idade, para os quais lançamos a hipótese de que favoreceriam a forma conservadora, demonstraram-se ligeiramente inovadores, com um peso relativo correspondente a .57 no uso da forma variante *cê*.

No estudo de Calmon (2010), a pesquisadora observou, por meio das oposições de favorecimento entre as faixas etárias, que tem ocorrido entre os capixabas de sua amostra uma intensificação do uso do pronome *você* em detrimento da forma variante *cê*. Por outro lado, Loregian-Penkal (2012) comprovou resultados distintos em sua pesquisa, na cidade de Irati – PR, visto que o uso da forma *cê* está em franca expansão em todas as faixas etárias, especialmente, na mais jovem.

Diante disso, notamos que os resultados apontam para as mesmas tendências do estudo de Calmon (2010). E como reiteramos anteriormente, a partir da investigação dessa variável social, podemos identificar as projeções de uma variável em uma dada comunidade de fala. Por isso, vejamos, no Gráfico 4, a relação de uso das variantes *você* e *cê* na comunidade de Vitória da Conquista – BA, de acordo com as diferentes faixas etárias:

Gráfico 4 - Variável faixa etária (valores de aplicação do *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Inelutavelmente, as linhas representacionais do Gráfico 4, de alguma maneira, sinalizam tendências intrigantes. Apesar da faixa etária intermediária apresentar certa neutralidade no uso das variantes, a faixa I, em nossa amostra, não favoreceu o uso da forma inovadora, que obteve um peso relativo .37, o qual é consideravelmente baixo. Portanto, subjaz a esse resultado o seguinte questionamento: o que estaria, então, impulsionando o aumento da frequência de uso da forma conservadora na faixa mais jovem e influenciando esses informantes a não adotarem a forma inovadora, cujo favorecimento recai sobre a faixa III?

Afinal, percebemos um claro enfraquecimento do uso da variante *cê* quando analisamos a linha ascendente da faixa I à faixa III, obtendo um aumento de vinte pontos decimais de uma extremidade à outra. Ao tempo que o pronome *você* realiza uma trajetória descendente quanto ao seu uso, se considerarmos a linha representacional entre a faixa I e faixa III. O favorecimento de uso do pronome *você* obtém entre as duas extremidades etárias um decréscimo medido por, também, vinte pontos decimais de diferença.

Com vistas a buscar respostas mais concretas para tal cenário, realizamos outras duas rodadas, em que, na primeira, fizemos a combinação dos fatores das variáveis faixa etária e escolaridade e, na segunda, os fatores das variáveis faixa etária e sexo. Confirmamos, adiante, os resultados dessas rodadas por meio de tabelas e gráficos, seguidos de suas considerações.

Na rodada em que combinamos os fatores das variáveis faixa etária e escolaridade, obtivemos o *input* inicial de 0.556 e o final de 0.583, o *log likelihood* de -434.130, e o nível de significância foi de 0.000. Nessa rodada, o programa eliminou duas variáveis

independentes linguísticas e uma extralinguística, a saber: (i) natureza semântico-funcional; (ii) superestrutura textual; e (iii) sexo. Apesar da variável paralelismo formalter sido selecionada como estatisticamente relevante, focalizaremos, nesse momento, os resultados encontrados a partir da combinação entre as variáveis faixa etária e escolaridade. Vejamos, a seguir, na tabela 6, os valores encontrados:

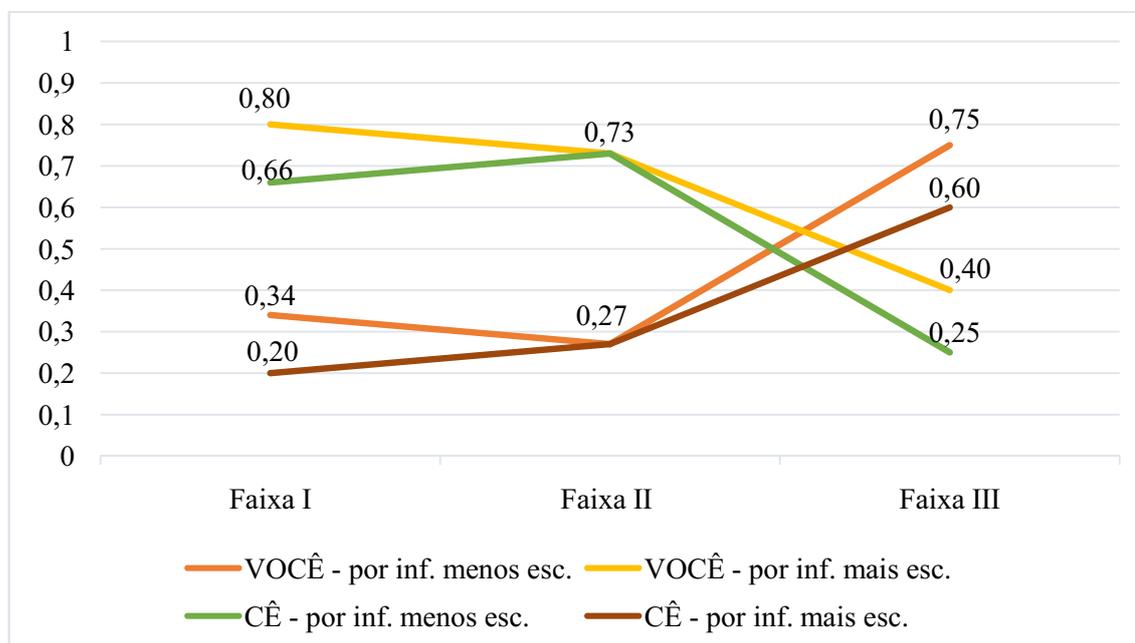
Tabela 6 -Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e escolaridade (valores de aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores		Nº de Ocor.	Valor %	Pesos Rel.
Faixa I	Inf. menos escol.	26/64	41%	.34
Faixa II	Inf. menos escol.	55/178	31%	.27
Faixa III	Inf. menos escol.	46/55	84%	.75
Faixa I	Inf. mais escol.	101/116	87%	.80
Faixa II	Inf. mais escol.	89/109	82%	.73
Faixa III	Inf. mais escol.	121/266	46%	.40

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante da Tabela 6, encontramos alguns resultados bastante esclarecedores, os quais, inclusive, sinalizam quais fatores sociais contribuem para as oposições de favorecimento verificadas na Tabela 5 e no Gráfico 4. Então, podemos observar que, na faixa etária III, em que se espera um comportamento mais conservador, os informantes menos escolarizados mostraram-se favorecedores do pronome *você*, com peso relativo de .75, ao passo que os informantes mais escolarizados, por seu turno, mantiveram-se inovadores, com um peso relativo de .60, conforme podemos visualizar no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e escolaridade (valores de aplicação de *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante das curvas delineadas no Gráfico 5, podemos notar os jogos de favorecimento da variante *cê*, verificando que, apesar de ser desfavorecida na faixa I pelos informantes mais escolarizados, com peso relativo correspondente a .20, a linha representacional de favorecimento da referida variante traça uma trajetória completamente ascendente até a faixa III dos informantes cultos, aumentando exatamente quarenta pontos decimais da faixa etária I até a faixa etária III dos informantes mais escolarizados. Esse fenômeno é bastante significativo, pois, decerto, esse aumento substancial de favorecimento entre os falantes mais escolarizados influenciou fortemente para que, como vimos no Gráfico 5, os informantes mais jovens apresentassem comportamento conservador.

No duelo entre o *você* e o *cê*, notamos um comportamento linguístico tendencioso no que tange ao crescente favorecimento da forma conservadora em sincronias futuras pelos informantes menos escolarizados. Para fazermos essa leitura, precisamos perceber a trajetória da linha representacional do uso dos informantes menos escolarizados que empregaram o pronome *você* da direita para a esquerda. Desse modo, podemos depreender do Gráfico 5 que da faixa III até a I, a linha que representa os informantes menos escolarizados que falam *você* parte de um ponto de expressivo favorecimento (.75), sofre uma brusca queda na faixa II (.27) e, em seguida, apresenta um aumento de 6 pontos decimais até a faixa I (.33), finalizando em

uma reta ascendente e favorecedora do pronome *você*, apesar de consistir ainda em um valor abaixo de .50.

Notamos, com isso, que as hipóteses foram parcialmente comprovadas, visto que: (i) esperávamos que os informantes mais escolarizados das faixas I e II favorecessem a variante *cê*, o que sinalizaria tanto a entrada da forma sincopada no falar conquistense quanto a ausência de avaliação negativa da variante inovadora, todavia, se compararmos o comportamento de ambas as faixas, apenas a faixa II, entre as duas primeiras faixas, favoreceu o uso do *cê*, e, ainda assim, com um valor abaixo do ponto neutro; (ii) acreditávamos que os informantes menos escolarizados das faixas I e II também favoreceriam a variante *cê*, e comprovamos tal preferência, diante dos pesos relativos favorecedores de .66 e .73; e (iii) pressupúnhamos que tanto os informantes mais escolarizados quanto os menos escolarizados da faixa III favoreceriam o pronome *você*, porém tão somente os informantes menos escolarizados se mostraram conservadores, com peso relativo de .75.

É importante ressaltarmos que o fato de os informantes mais escolarizados da faixa III favorecerem o uso da forma inovadora indica que, na comunidade de fala de Vitória da Conquista – BA, a variante *cênão* sofre estigma e, apesar de os informantes mais escolarizados das faixas I e II favorecerem o pronome *você*, isso não nos fornece, todavia, evidências suficientes para concluirmos que a forma variante *cê* tem passado a sofrer estigma no falar conquistense, visto que, a nosso ver, elementos de outra natureza podem estar influenciando esse aumento de frequência da forma conservadora nas primeiras faixas, como, por exemplo, o fato do uso pronominal com referência indefinida estar sendo um fator favorecedor do *você* na fala dos mais jovens.

Para elucidarmos tal evidência, combinamos as variáveis natureza semântico-funcional e faixa etária. Então, nessa rodada complementar, obtivemos o *input* inicial de 0.556 e o final de 0.572, o *log likelihood* de -453.452, e o nível de significância foi de 0.000. O programa eliminou uma variável independente linguística, superestrutura textual, e uma variável independente extralinguística, sexo. Apesar de outras variáveis, como paralelismo formal e escolaridade, terem sido selecionadas como estatisticamente relevantes, daremos destaque aos resultados encontrados a partir da combinação entre as variáveis natureza semântico-funcional e faixa etária. Vejamos a seguir, na Tabela 7, os resultados obtidos da referida combinação.

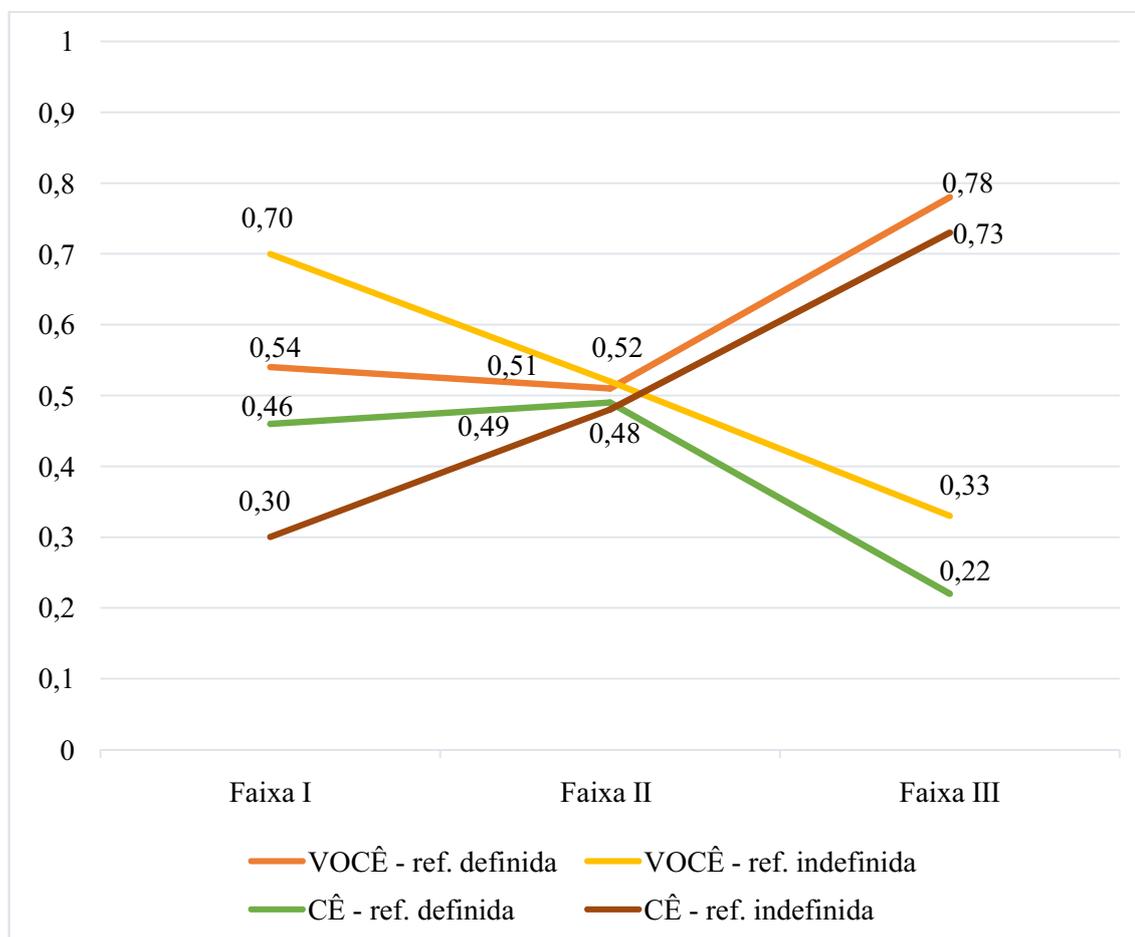
Tabela 7 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e natureza semântico-funcional (valores de aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores		Nº de	Valor	Pesos
		Ocor.	%	Rel.
Faixa I	Ref. definida	32/59	54%	.54
Faixa II	Ref. definida	38/71	54%	.51
Faixa III	Ref. definida.	40/53	76%	.78
Faixa I	Ref. indefinida.	95/121	79%	.70
Faixa II	Ref. indefinida.	106/216	49%	.52
Faixa III	Ref. indefinida.	127/268	47%	.33

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante da Tabela 7, podemos constatar, com um peso relativo de .70, o expressivo favorecimento do pronome *você* na faixa I, quando empregado com a referência indefinida. Esse resultado é bastante revelador, visto que, conforme pesquisas apontam, a referência indefinida tem um caráter inovador na língua (cf. SOUSA, 2008), justificando, conseqüentemente, uma frequência do uso do pronome *você* na faixa I com esse valor semântico-funcional. Para visualizarmos melhor os valores apresentados na Tabela 7, confirmamos, a seguir, o Gráfico 6.

Gráfico 6 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e natureza semântico-funcional (valores de aplicação de *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante do que podemos observar no Gráfico 6, em nossa amostra, fica ainda mais evidente a estreita relação entre o comportamento linguístico dos informantes mais escolarizados e os resultados obtidos para o emprego do pronome *você* na faixa I com referência indefinida. Parece-nos muito mais sensato descartar a hipótese de estigma para a variante *cê*, a partir da franca expansão do uso do pronome *você* com referência indefinida no vernáculo conquistense.

Ao considerarmos a Tabela 7 e o Gráfico 6, percebemos que o uso inovador do pronome com referência indefinida parece estar entrando no falar conquistense, especialmente, pelo pronome *você*, visto que podemos observar uma crescente frequência de uso. Por outro lado, constatamos que o uso da forma sincopada com a referência indefinida tem sido menos frequente nas duas primeiras faixas. Curiosamente, observamos que enquanto a frequência de

uso do pronome *você* com referência indefinida revela a sua alta produtividade na faixa I, onde notamos a tendência de entrada de formas/funções inovadoras na língua, a frequência de uso da variante *cê* com referência indefinida caracteriza-se pela sua baixa produtividade na mesma faixa etária.

Podemos, também, notar que a frequência de uso do pronome *você* com referência definida mantém-se praticamente estável entre as duas primeiras faixas etárias, sofrendo um considerável aumento entre as faixas II e III. Já com a variante *cê*, observamos que entre as faixas II e III houve uma queda da frequência de uso e, igualmente, mantendo-se consideravelmente estável entre as faixas I e II.

Isso revela uma possível tendência de especialização no uso das duas variantes no vernáculo conquistense, em que o pronome *você* tende a especializar-se no uso com referência indefinida, ao passo que o pronome *cê* pode especializar-se no uso com referência definida, ainda que, na análise geral, os jogos de favorecimentos assumam rotas opostas.

Por isso, reconhecemos que não podemos afirmar que acontecerá essa especialização, entretanto, os dados em tempo aparente sinalizam tais tendências quando observamos a relação de uso pronominal com determinada referência, considerando a faixa etária em que ocorre.

Portanto, essas reveladoras informações, de alguma maneira, confirmam as hipóteses iniciais, visto que pressupúnhamos um aumento de uso da referência indefinida nas primeiras faixas etárias. Apesar de não termos, àquela altura, lançado hipóteses mais específicas, contrapondo possíveis resultados para o pronome *você* e a variante *cê*.

Na sequência, à guisa de refinamento das análises, também observamos a necessidade da realização de outra rodada complementar, na qual fosse possível combinar os fatores da variável natureza semântico-funcional com os fatores da variável escolaridade, a fim de reforçarmos o nosso argumento de que o favorecimento do pronome *você* nas primeiras faixas decorre de elementos de outra ordem, especialmente linguística, inviabilizando, assim, a possibilidade da forma inovadora sofrer estigma pelos jovens conquistenses.

Nessa rodada complementar, então, obtivemos o *input* inicial de 0.556 e o final de 0.566, o *log likelihood* de -464.464, e o nível de significância foi de 0.000. Na rodada, o programa eliminou uma variável independente linguística, superestrutura textual, e uma variável independente extralinguística, sexo. Apesar de outras variáveis, como paralelismo formal e faixa etária, terem sido selecionadas como estatisticamente relevantes, destacaremos os resultados encontrados a partir da combinação entre as variáveis natureza semântico-funcional e escolaridade. Confirmamos a seguir, na Tabela 8, os resultados obtidos nessa rodada.

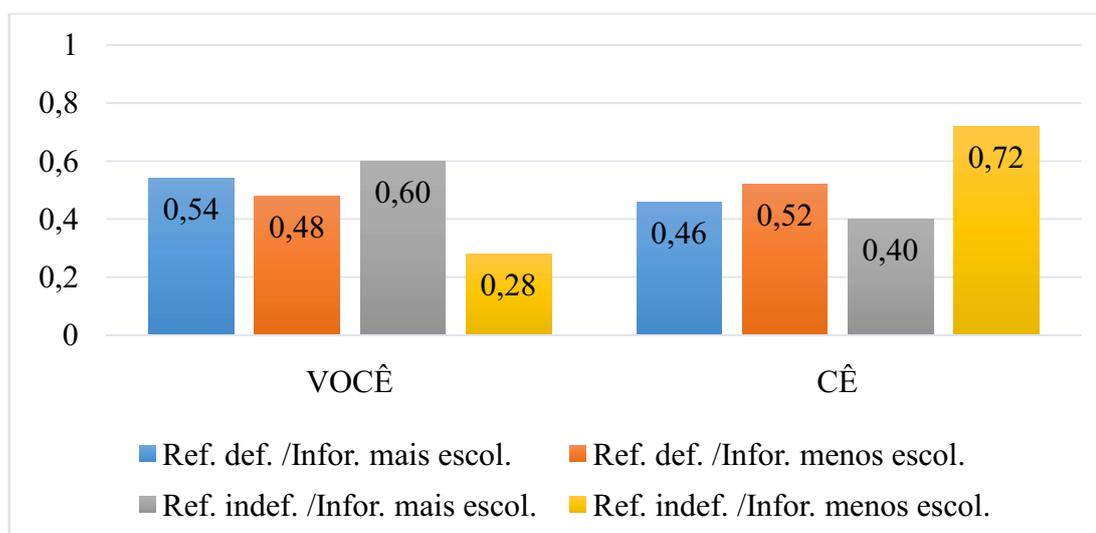
Tabela 8 - Combinação dos fatores das variáveis natureza semântico-funcional e escolaridade (valores de aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

	Fatores	Nº de Ocor.	Valor %	Pesos Rel.
Ref. def.	Mais escol.	49/73	67%	.54
Ref. def.	Menos escol.	61/110	56%	.48
Ref. indef.	Mais escol.	262/418	63%	.60
Ref. indef.	Menos escol.	66/187	35%	.28

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante da Tabela 8, constatamos que os valores previstos para o uso do pronome *você* com referência definida encontram-se em uma zona de neutralidade, tanto para os mais escolarizados quanto para os menos escolarizados, com pesos relativos de .54 e .48, respectivamente. Por outro lado, notamos uma visível distinção entre o uso pronominal com referência indefinida entre os informantes mais e menos escolarizados. Enquanto os mais escolarizados favorecem o uso da forma conservadora, com peso relativo de .60, os informantes menos escolarizados favorecem o uso da forma inovadora *cê*, com peso relativo correspondente de .72, conforme podemos visualizar no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Combinação dos fatores das variáveis natureza semântico-funcional e escolaridade (valores de aplicação do *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Como anunciamos anteriormente, combinar, em uma rodada complementar, os fatores da variável natureza semântico-funcional com os fatores da variável escolaridade foi uma tomada de decisão estritamente metodológica, para que encontrássemos subsídios de ordem linguística que justificassem o expressivo favorecimento do pronome *você* na fala dos mais jovens e descartassem a possibilidade da variante *cê* sofrer estigma nas primeiras faixas, visto que o *cê*, na faixa III, é favorecido pelos informantes mais escolarizados, como podemos conferir no Gráfico 6.

De acordo com o que prevíamos, os informantes mais escolarizados favoreceram o *você*, especialmente, nos casos em que a referência empregada é indefinida. E, ao observarmos a Tabela 7, vamos constatar que, segundo a distribuição de frequência, é exatamente nas primeiras faixas que há um notável emprego do pronome *você* com a referência indefinida. Justificando, assim, o maior favorecimento do pronome conservador nas faixas I e II, e reforçando a proposição de que a forma variante *cê* não sofre estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA.

Posto isso, vejamos, nesse momento, os resultados provenientes da combinação dos fatores das variáveis faixa etária e sexo. Na rodada em que propusemos a referida combinação, obtivemos o *input* inicial de 0.556 e o final de 0.568, o *log likelihood* de -465.323, e o nível de significância foi de 0.033. Nessa rodada, o programa eliminou uma variável independente linguística, neste caso, a variável superestrutura textual. Apesar de outras variáveis, como paralelismo formal, escolaridade e natureza semântico-funcional, terem sido selecionadas como estatisticamente relevantes, destacaremos os resultados encontrados a partir da combinação entre as variáveis faixa etária e sexo, conforme podemos observar na Tabela 9.

Tabela 9 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e sexo (valores de aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores		Nº de Ocor.	Valor %	Pesos Rel.
Faixa I	Homem.	52/67	78%	.67
Faixa II	Homem.	66/139	48%	.53
Faixa III	Homem	55/135	41%	.36
Faixa I	Mulher	75/113	66%	.60
Faixa II	Mulher	78/148	53%	.46
Faixa III	Mulher	112/186	61%	.48

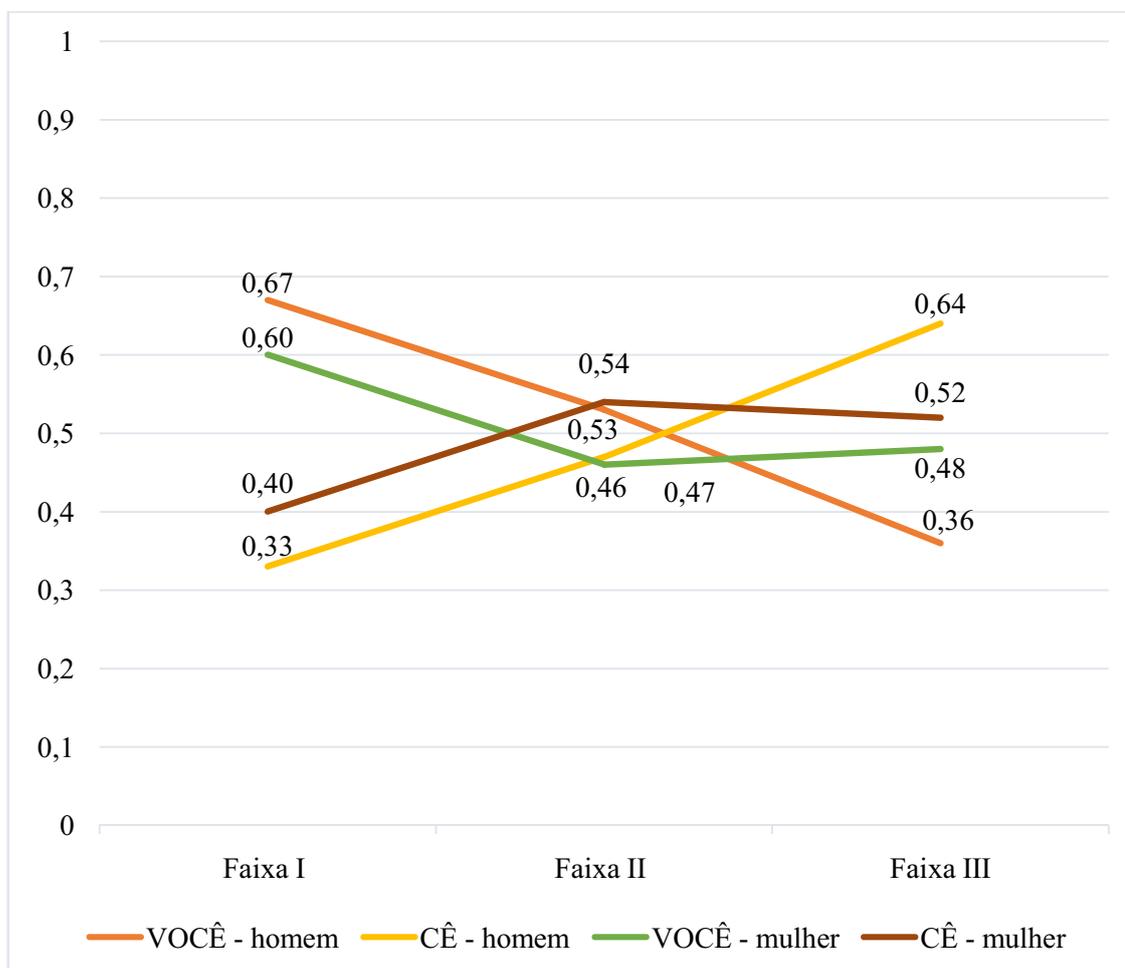
Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Podemos notar, por meio da Tabela 9, que os resultados obtidos auxiliam-nos a chegar a conclusões mais concretas sobre o estágio de variação entre o pronome *você* e a sua forma variante *cê* no vernáculo de Vitória da Conquista – BA. Notamos que, na faixa etária III, os homens favorecem a forma sincopada *cê*, com um peso relativo correspondente a .64, enquanto as mulheres demonstram valores muito equilibrados, favorecendo também a variante inovadora, com peso relativo pouco contundente (.52).

Já na faixa intermediária, constatamos valores muito próximos ao ponto neutro, sendo o pronome *você*, sutilmente, favorecido pelos homens, com peso relativo de .53, ao passo que a forma sincopada *cê* é ligeiramente favorecida pelas mulheres, com um peso relativo correspondente a .54.

Para maiores considerações sobre a combinação entre as variáveis faixa etária e sexo, confirmamos, a seguir, o Gráfico 8:

Gráfico 8 - Combinação dos fatores das variáveis faixa etária e sexo (valores de aplicação do *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Notamos, no Gráfico 8, que enquanto, na faixa II, os usos das variantes encontram-se em uma zona de neutralidade, com pesos relativos próximos a .50, na faixa III, a forma variante *cê* encontra-se em lugares de destaque, com pesos relativos equivalentes a .52 e .64, assumindo posições quanto ao seu favorecimento acima do ponto neutro. Todavia, ao observarmos as linhas que partem da faixa I até a faixa intermediária, notamos o inegável aumento do favorecimento ao uso da variante inovadora pelas mulheres e pelos homens, considerando, na faixa I, pesos relativos de .40 e .33, respectivamente. Isso, de alguma maneira, dialoga com a nossa proposição de que os pesos relativos expressivos na faixa I, tanto para mulheres quanto para homens (.60 e .67, respectivamente), no que tange ao uso da forma conservadora, estão relacionados ao maior emprego do pronome *você* com referência indefinida na faixa dos mais jovens.

Com relação às hipóteses para a combinação entre as variáveis faixa etária e sexo, confirmamos que os homens da faixa I favoreceriam o pronome *você*. As demais não foram satisfatoriamente comprovadas, o que, de alguma maneira, surpreendeu-nos, pois lançamos hipóteses visando comprovar que a variante *cê* obteria, também, prestígio na comunidade. Entretanto, os resultados sinalizaram que a forma conservadora, no duelo de prestígio, aparentemente, vence a inovadora.

Após analisarmos os resultados obtidos da variável faixa etária e da combinação desse grupo de fatores com as variáveis escolaridade e sexo, podemos chegar a algumas conclusões. Vejamos, portanto, na próxima subseção, nossas considerações.

5.3.3.1 Variação estável ou mudança em curso?

Diante de tudo que discutimos na subseção anterior, podemos fazer algumas deduções, também de ordem extralinguística, com relação aos prováveis motivos que levam os informantes mais jovens a favorecerem o pronome *você*. Indubitavelmente, a instituição escolar tem forte peso no curso da língua. Percebemos, a partir dos resultados, que o pronome *você* tem apresentado maior entrada no falar conquistense a partir dos informantes jovens mais escolarizados, evidenciando que, ao invés de ser a forma padrão, preconizada por gramáticas e livros didáticos, no caso o *tu*, a forma que tem entrado via escolarização no vernáculo conquistense é, na verdade, o pronome *você* que tem assumido tal lugar. Ainda que não tenhamos feito um estudo formal na escola para investigar isso, os números, claramente, acenam isso.

Um elemento que pressiona esses informantes jovens mais escolarizados a buscarem formas linguísticas padrões, as quais são, por seu turno, difundidas no ambiente escolar, é a entrada ou o vislumbre de ingresso em instituições de ensino superior (IES). Sobre as possibilidades de IES em Vitória da Conquista – BA, Lopes (2012) argumenta que:

Nos últimos dez anos, surgiram, em Vitória da Conquista, como externalidade gerada da demanda insatisfeita pela Uesb, cinco novas instituições de ensino superior. Surgem, no município, IES privadas formadas através de poupança local, como é o caso do Juvêncio Terra e da FAINOR (Faculdade Independente do Nordeste). Estas duas IES originaram-se, respectivamente, de uma escola de segundo grau (Educandário Juvêncio Terra) e de um cursinho pré-vestibular da cidade (Opção). Além destas instituições formadas a partir de capital local, o município vem atraindo investimentos nesta área. O exemplo disto é a implantação, em 1999, da FTC (Faculdade de Tecnologia e Ciências), uma IES privada oriunda de outra região. Mais recentemente, em 2010, foi implantada no município a Faculdade Santo Agostinho, oriunda de outro estado. Além destas instituições privadas, a Universidade Federal da Bahia criou um campus em Vitória da Conquista. Neste período, o Instituto Federal de Educação da Bahia – IFBA, instituição que atuava no ensino médio e tecnológico, passou a oferecer cursos de ensino superior (LOPES, 2012, p.317).

O geógrafo destaca exatamente o aumento de possibilidades de IES na modalidade presencial, que a população de Vitória da Conquista – BA pode usufruir. Todavia, Lopes (2012) não enquadra em sua colocação as demais IES que funcionam no município na condição de polos de educação superior à distância. Logo, notamos que, nos últimos anos, a comunidade passou a ter mais acesso a práticas de letramento e, conseqüentemente, isso tem refletido no modo de se expressar linguisticamente, visto que as oportunidades de qualificação são cada vez maiores.

Além das IES, não podemos deixar de mencionar que a cidade dispõe de escolas estaduais que oferecem ensino técnico integrado ao ensino médio. Com isso, os jovens saem do ensino médio já profissionalizados e buscam ou se especializarem mais na área em que já são técnicos ou adentrar o mercado de trabalho, cujas exigências recaem também sobre a maneira de falar. Fato que, possivelmente, faz com que os jovens de Vitória da Conquista – BA, buscando sucesso profissional, passem a favorecer a forma pronominal *você*, que tem entrado via escolarização no vernáculo conquistense, como discutimos anteriormente, atribuindo a ela maior prestígio e tornando-a a forma padrão no falar conquistense.

Então, mediante tais ponderações e análises feitas, advogamos que, na comunidade de Vitória da Conquista, encontramos uma realidade um tanto curiosa, afinal não percebemos um estágio de variação estável, mas um caso de mudança em curso em duas direções. Essa

conclusão decorre do fato de que, se analisarmos a alternância entre o pronome *você* e a variante *cêdo* ponto de vista da escolarização, observaremos que, entre os informantes menos escolarizados, isto é, entre os falantes do Português Popular de Vitória da Conquista – BA, há uma mudança em curso, favorecendo a entrada da forma variante *cê* no falar conquistense. Por outro lado, se tomarmos como base a variação/estratificação dos pronomes em estudo a partir da produção linguística dos informantes mais escolarizados, ou seja, dos falantes do Português Culto de Vitória da Conquista, a mudança em curso dá-se na direção diferente do outro caso, favorecendo, desse modo, a manutenção da forma conservadora *você* no vernáculo conquistense.

Assim, concluímos essa subseção para, na próxima, apresentarmos nossas considerações sobre as variáveis que foram eliminadas pelo programa na rodada geral.

5.3.5 Considerações sobre as variáveis eliminadas

Como vimos no início da subseção *Rodada geral*, três variáveis foram eliminadas pelo *GoldVarb X*, no caso, as variáveis independentes linguísticas natureza semântico-funcional e superestrutura textual, e a variável independente extralinguística sexo. Em função dos objetivos de refinamento das análises, fizemos rodadas complementares.

Dessas rodadas complementares, as variáveis superestrutura textual e sexo não foram selecionadas como estatisticamente relevantes em nenhuma delas. Por outro lado, a variável independente linguística natureza semântico-funcional foi selecionada em duas das rodadas complementares, a saber: (i) quando combinamos as variáveis extralinguísticas sexo e escolaridade; e (ii) quando combinamos as variáveis extralinguísticas faixa etária e sexo.

Nas próximas subseções, *a priori*, apresentaremos os resultados obtidos para a variável linguística natureza semântico-funcional, considerando os valores encontrados na rodada complementar em que combinamos os grupos de fatores faixa etária e sexo, e, *a posteriori*, exibiremos os percentuais da variável linguística superestrutura textual e da variável extralinguística sexo.

5.3.5.1 Natureza semântico-funcional

Comumente, encontrarmos, nos estudos em que os pesquisadores se dedicam à investigação da alternância pronominal de segunda pessoa, a verificação da natureza semântico-funcional das variantes controladas. Exibimos, na subseção *Estudos linguísticos*:

registros com diferentes lentes, alguns resultados provenientes desses estudos, os quais compararemos posteriormente com os nossos resultados. Vejamos, na Tabela 10, os valores obtidos da amostra:

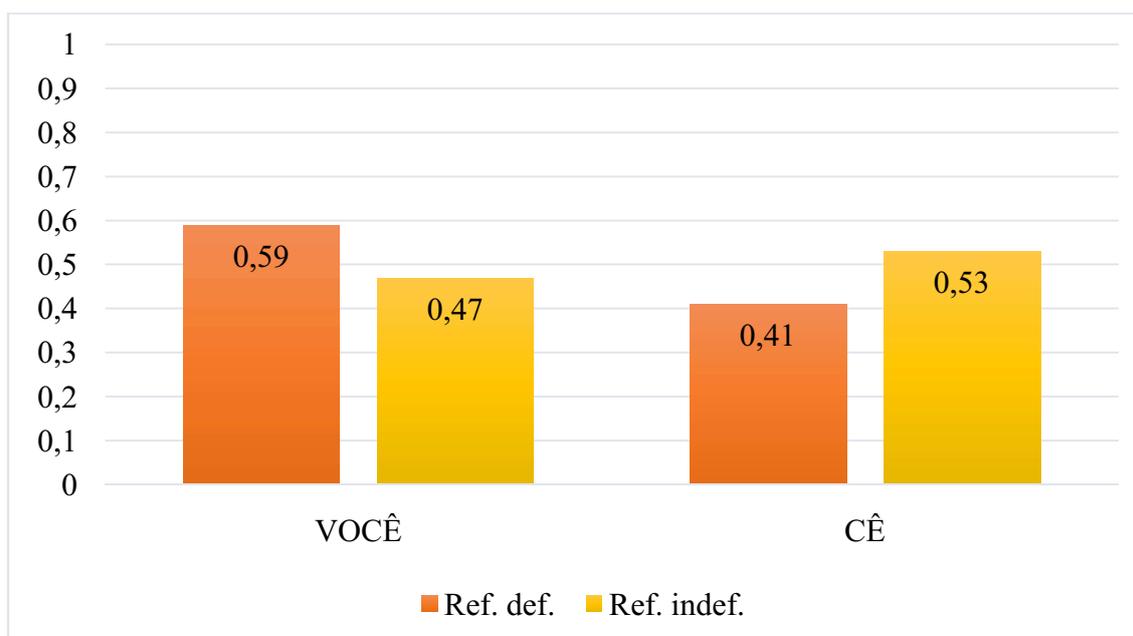
Tabela 10⁶² - Natureza semântico- funcional (valores de aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores	Nº de Ocor.	Valor %	Pesos Rel.
Referência definida	110/183	60%	.59
Referência indefinida	328/605	54%	.47

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante dos valores apresentados na Tabela 10, depreendemos que, na totalidade da amostra, a referência definida é um fator linguístico que favorece moderadamente o uso do pronome *você* com um peso relativo de .59, ao passo que, em ocorrências com a referência indefinida, a variante *cê*, com um peso relativo correspondente a .53, assume o lugar de favorecimento, conforme podemos visualizar no Gráfico 9.

Gráfico 9 - Natureza semântico- funcional (valores de aplicação do *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

⁶² Conforme especificamos anteriormente, nessa rodada, em que propusemos a combinação entre as variáveis independentes extralinguísticas faixa etária e sexo, obtivemos o *input* inicial de 0.556 e o final de 0.568, o *log likelihood* de -465.323, e o nível de significância foi de 0.033.

No Gráfico 9, percebemos que, enquanto o fator referência definida tem favorecido o pronome *você*, com o registro de doze pontos decimais à frente do valor para referência indefinida, notamos exatamente o contrário com relação à variante *cê*, cujo favorecimento recai sobre a referência indefinida, que se encontra também com doze pontos de diferença à frente do valor respectivo à referência definida. Isso revela que as hipóteses não foram confirmadas, visto que esperávamos que a referência indefinida favorecesse o uso do pronome *você* e a sua forma variante fosse favorecida pelo fator referência definida.

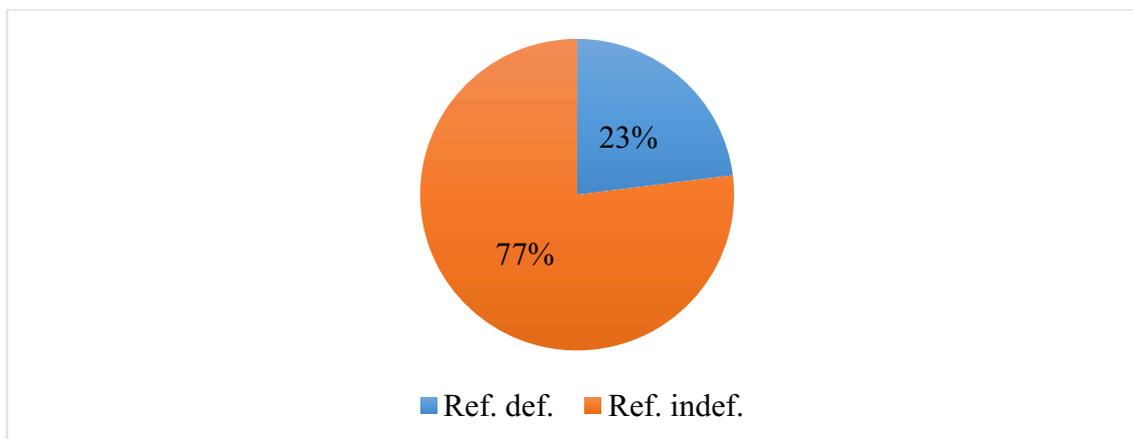
Ao compararmos os valores percentuais apresentados na Tabela 1, referentes às amostras de estudo de Ramos (1997), Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), com os valores percentuais exibidos na Tabela 10, observamos que os nossos resultados são discrepantes dos resultados oriundos das amostras dos referidos estudiosos. Em nossa amostra, no fator referência definida, o pronome *você* liderou, com uma frequência de uso equivalente a 60%, ao passo que nas amostras dos quatro estudiosos, a variante *cê* apresentou frequência de uso maior nesse fator, com valores equivalentes a 60%, 74%, 84% e 80%, respectivamente.

Já com relação ao fator referência indefinida, notamos que tanto na amostra de Gonçalves (2008) quanto na amostra investigada nesta pesquisa, há uma maior frequência de uso do pronome *você*, com valores percentuais equivalentes a 53% e 54%, respectivamente. Nas amostras de Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006), com relação ao fator referência indefinida, verificamos também a discrepância entre seus resultados e os nossos, visto que, nas amostras das pesquisadoras, é a forma variante *cê* que lidera, com frequência de uso equivalente a 67%, 74% e 67%, respectivamente.

Sousa (2008), apesar de não investigar um caso de alternância de formas pronominais no vernáculo paraibano, em sua amostra, mostra-nos que a referência indefinida, caracterizada como inovadora, em oposição à referência definida (entendida por P2 em seu estudo), corresponde a 62% das ocorrências.

Em nossa amostra, constatamos que o uso da referência indefinida tem sido, também, bastante produtiva na comunidade de Vitória da Conquista – BA, conforme podemos visualizar no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Distribuição geral de ocorrências de *você* e *cê* com referência definida e referência indefinida na comunidade de Vitória da Conquista (percentuais)

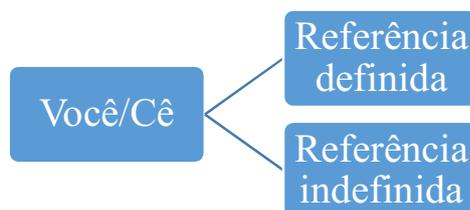


Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante dos valores exibidos no Gráfico 10, verificamos que, no vernáculo conquistense, a indeterminação do sujeito via pronomes *você* e *cê* tem sido surpreendentemente produtiva, visto que 77% das ocorrências gerais correspondem ao uso das variantes com referência indefinida, ou seja, um valor inovador, e, conseqüentemente, 23% com a referência definida – nesse caso, o valor semântico-funcional P2, estabelecido pela Tradição Gramatical.

Os percentuais de frequência, apresentados no Gráfico 10, são bastante reveladores e nos levam a refletir sobre a funcionalidade do princípio da divergência em nossa amostra. Como vimos, na seção *Dois perspectivas e uma proposta conciliatória*, o princípio da divergência consiste no fato de um item linguístico assumir funções distintas, as quais, divergentemente, são utilizadas pelos falantes de acordo com elementos pragmático-discursivos. Em outras palavras, notamos o referido princípio ocorrendo com o pronome *você* e a variante *cê* na comunidade de Vitória da Conquista – BA, visto que, em determinados contextos, ambas as formas podem tanto assumir uma referência definida quanto uma referência indefinida, conforme podemos verificar na Figura 5.

Figura 5- Ilustração do princípio de divergência relacionado ao uso das variante *você* e *cê* na comunidade de Vitória da Conquista – BA



À guisa de exemplificação, vejamos, a seguir, alguns excertos de fala:

- (21) Chovê aqui se eu lembro aqui agora dá um um branco + tinha um home que foi casado três vezes e as treyz veyz a sogra morreu aí um um outro home chegou pra ele e perguntou pra ele assim: VOCÊ teve treys sogra e as treys sogra morreu? Ele falou assim: foi. Aí ele perguntou: morreu de que? Aí ele disse assim: a primeira morreu porque comeu uma nanana envenenada. Aí ele perguntou assim: e a segunda? Ele: também por que comeu uma nanana envenenada. Aí ele perguntou: e a terceira? Ele: morreu de pancada na cabeça. Aí ele perguntou: por quê? Ele disse assim: por que ela não quis comer a nanana envenenada [risos]. (A.A.B.)
- (22) O Natal eu gosto muito porque como eu sou católica, né, então tem toda essa questão dos nascimento de Cristo essa esperança que surge no coração das pessoas de uma vida nova e tal e também porque é um momento de confraternização com a minha família é um momento que todos se... eh... se encontram porque não é tidi dia que VOCÊ encontra todo mund' de sua família por conta do corre-corre eh... gente que trabalha gente que estuda gente que num mora na cidade... (C.B.S.)
- (23) Não + Só ficava no hospital + aí quando compretei + aí já fui pra lá, já fui pra São Paulo doente + aí quando eu voltei + tinha quatro ano + aí comecei a disvertir ver as pessoa brincá, fui inventano + aí fomo brincano + <aí já eu, pensei em um colega meu> + eu falei bem assim: CÊ quer brincar {init}? Quero.. [...] brincar com que? De bola. Eu só gosto de jogar bola... (L.B.R.)
- (24) [...] tá tudo ruim mas a saúde acho que a pior coisa que tá... tá no momento é a saúde...e as drogas também né tá [fei'] mas a saúde [tu] for num hospital assim CÊ fica assombrado e olha que eu nem vô viu eu fui sexta-fêra mas. (S.J.S.)

Nos excertos (21) e (22), podemos observar a materialização do princípio da divergência, funcionando no uso do pronome *você*. No turno (21), temos uma ocorrência do pronome *você* com referência claramente definida (o interlocutor do homem cujas sogras haviam morrido), ao passo que, no exemplo (22), notamos a ocorrência do mesmo item linguístico, porém, com uma referência indefinida, isto é, em um uso genérico. Já os excertos (23) e (24) são evidências do mesmo fenômeno, porém, com a variante *cê*. No turno (23), há a ocorrência da forma sincopada com referência definida (o amigo do informante), enquanto, no excerto (24), não é possível definir a referência do *cê*, visto que se trata do uso da forma pronominal com um sentido genérico.

Além disso, percebemos que nos excertos (21) e (23), em que encontramos ocorrências do *você* e do *cê* com a referência definida, há uma predominância da superestrutura narrativa, enquanto nos excertos (22) e (24), nos quais verificamos o uso do *você* e do *cê* com referência indefinida, notamos a predominância da superestrutura argumentativa.

Segundo Sousa (2008), em segmentos predominantemente narrativos, há a tendência de favorecimento do uso pronominal com a referência definida; em contrapartida, casos de ocorrências em segmentos predominantemente argumentativos, há a tendência da referência ser indefinida. Salientamos que a pesquisadora não comenta sobre a natureza semântico-funcional de ocorrências em segmentos predominantemente descritivos, visto que, em seu estudo, não foram registrados dados essencialmente descritivos, conforme registramos anteriormente.

Diferentemente de Sousa (2008), na amostra do presente estudo, além de analisarmos ocorrências dos pronomes *você* e *cê* em segmentos predominantemente narrativos e argumentativos, registramos, também, o uso das referidas variantes em segmentos com predominância descritiva, conforme os exemplos que seguem:

(25) Tranquilo. Assim, pode se usá os dois quesitos, né? Eh... movimentado, tem bastante pessoas, e tranquilo, VOCÊ num vê muita violência, num vê tantos casos como em alguns bairros acontece de matá por causa de droga, aqui num vê... a gente num vê isso. Eu gosto. INITN sim. (J.L.S.)

(26) Na verdade a gente dá a dica. A gente faz todo... todo o processo, né, o desenho. A gente mostra pra ele, num... num... num... num... mostra o projeto tanto se fô um projeto de... de... de... feito no... no... no Autocad... aí no papel impresso a gente tem ali a ideia da disposição de móveis, que tipo de móveis CÊ vai colocá ali, que tipo de tem aquele sofá eh... as cadeiras como vai sê, se vai sê um estilo romano, um estilo francês eh [...]
(A.S.A.)

Como podemos observar, no excerto (25), o informante, ao ser solicitado que descreva o seu bairro, apresenta elementos descritivos sobre a localidade, enquanto, no exemplo (26), notamos a descrição das práticas desempenhadas pelo próprio informante em seu trabalho. Devemos salientar que, ao longo das análises, percebemos, muitas vezes, que as ocorrências eram registradas em turnos nos quais havia um *continuum* entre descrição e argumentação. Isso se deve ao fato de que, na maioria dos casos, o informante, para descrever algo ou alguém, valia-se de alguma tese sobre o tópico discutido. Por isso, buscamos sempre encontrar qual superestrutura predominava nos segmentos e, assim, categorizar os dados.

Posto isso, para concluirmos as considerações acerca da variável linguística em foco, cruzamos os dados referentes aos grupos de fatores natureza semântico-funcional e superestrutura textual, em busca de confirmar a pressuposição de que segmentos predominantemente narrativos viabilizam a maior frequência de uso pronominal com referência definida, ao passo que segmentos predominantemente argumentativos caracterizam-se como favorecedores ao uso dos pronomes em estudo com a referência indefinida, além de verificar tendências de especialização de uso na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Vejamos, a seguir, a Tabela 11:

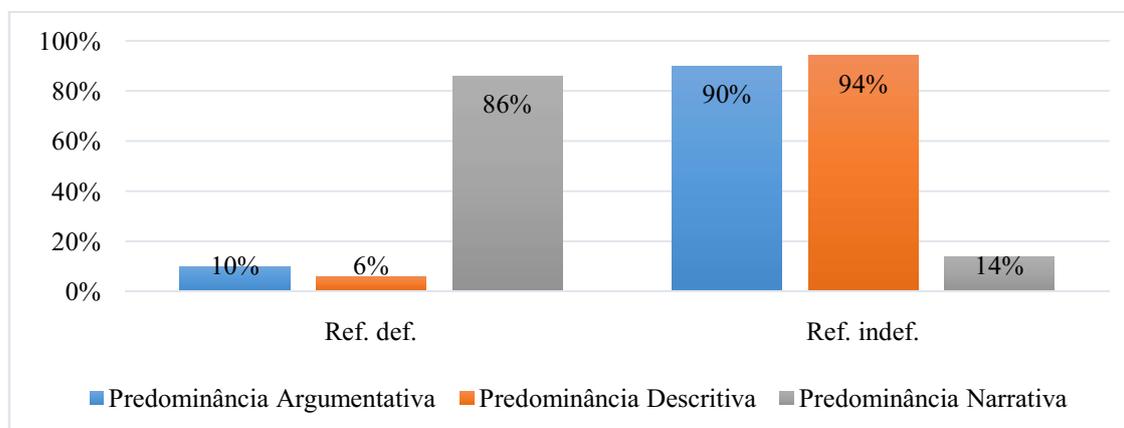
Tabela 11- Cruzamentos dos grupos de fatores *natureza semântico-funcional* e *superestrutura textual*(valores aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

FATORES	Referência definida		Referência indefinida	
	Nº deOcor.	%	Nº deOcor.	%
SegmentoArgumentativo	25/52	48%	278/491	57%
Segmento Narrativo	80/125	64%	6/20	30%
Segmento Descritivo	5/6	83%	44/97	45%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Na Tabela 11, podemos ter uma noção sobre a relação entre os grupos natureza semântico-funcional e superestrutura textual. Constatamos a maior frequência de uso tanto do *você* quanto do *cê* com referência definida nos segmentos em que predomina a superestrutura narrativa, posto que, de um total de 183 (cento e oitenta e três) ocorrências das duas variantes em foco, 68% delas encontram-se em no referido tipo de segmento; ao passo que em se tratando do uso das variantes com a referência indefinida, constatamos uma expressiva frequência de ocorrências em contextos em que há a predominância da superestrutura argumentativa, seguida das ocorrências em segmentos predominantemente descritivos. Podemos visualizar melhor essas relações no Gráfico 11. Vejamos:

Gráfico 11 - Cruzamento das variáveis independentes linguísticas *natureza semântico-funcional* e *superestrutura textual*(valores de aplicação de *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (percentuais)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

A partir do gráfico apresentado, sem muito esforço, percebemos que segmentos predominantemente argumentativos e descritivos são campos férteis para a realização das variantes *você* ou *cê* com referência indefinida, enquanto, nos contextos em que impera a narração, há a maior incidência do uso pronominal com a referência definida.

Diante disso, surge a indagação: estaríamos diante de um processo de especialização? Não podemos afirmar com segurança no momento, pois apenas com um estudo em tempo real, teríamos mais evidências acerca desse indício. Todavia, os resultados obtidos são consideravelmente contundentes no que tange à presença de fortes tendências de especialização dos usos com referência definida ou indefinida de acordo com a superestrutura textual predominante.

Assim, as hipóteses sobre a relação dos dois grupos de fatores linguísticos discutidos foram parcialmente confirmadas, visto que pensávamos que haveria a maior frequência de ocorrências com referência definida em segmentos predominantemente narrativos e descritivos, enquanto as ocorrências com referência indefinida protagonizariam nos contextos predominantemente argumentativos.

A seguir, vejamos as próximas variáveis que não foram selecionadas pelo programa como estatisticamente relevante.

5.3.5.2 Superestrutura textual

A variável superestrutura textual foi o primeiro grupo de fatores eliminado pelo programa na rodada geral e ficou entre os grupos não selecionados como estatisticamente relevantes nas rodadas complementares. Apesar disso, a nosso ver, consideramos pertinente apresentar os resultados percentuais desse grupo de fatores e tecer algumas considerações que nos restam, uma vez que foi um grupo controlado que viabilizou tanto a investigação da variação em foco quanto o refinamento da análise da variável natureza semântico-funcional, como vimos anteriormente.

Vejamos, a seguir, na Tabela 12, os valores obtidos para essa variável:

Tabela 12 - Variável superestrutura textual (valores de aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

Fatores	Nº de Ocor.	Valor %
Predominância narrativa	86/145	59%
Predominância descritiva	49/100	49%
Predominância argumentativa	303/543	56%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Na Tabela 12, observamos que o pronome *você* obteve uma frequência de uso destacável, e que os valores percentuais da frequência de uso desse pronome, com exceção dos casos segmentos predominantemente descritivos, estão moderadamente acima do ponto neutro. Diante desses resultados, apesar de não termos posse dos pesos relativos correspondentes, podemos facilmente comprovar a hipótese de que o pronome *você* é bastante produtivo em contextos de natureza narrativa, bem como em contextos argumentativos. Os valores percentuais obtidos para os segmentos predominantemente narrativos e argumentativos não nos permitem chegar a maiores conclusões sobre a hipótese de que ambos favoreceriam a variante *cé*.

Vejamos, abaixo, alguns excertos de fala, nos quais identificamos a predominância das superestruturas controladas:

- (27) Como eu disse antes amor e Deus CÊ tend' Deus CÊ é feliz as vezes CÊ é feliz só em levantá falá assim "Ô brigad' viu por deixá eu levantá hoje" ou então à noite deitá e falá assim "obrigad' Senhor que meu dia foi completo sofri chorei eh.... caí mas levantei e graças a Deus muita obrigad' por esse dia que tá se acabando", né, então eu acho que é

isso que falta, né, VOCÊ lembra que Deus existe que Deus tá ali... tem dificuldade sim nós como ser humano e a vida tem suas dificuldades mas é com as dificuldades que eu vô... vô vencê que eu vô aprender, né, então eu ach' que é Deus pra mim Deus tá em primêro [plano]. (J.V.B.)

- (28) Não isso aí isso num história não isso foi real a gente foi pra Cândido Sales quando a gente foi embora pra lá, aí foi um casal de amigo da gente, aí quando a gente morô lá cinco anos, quando eles viero embora que a gente [vei'] também, [o] marido [mais] no caso mais minha colega tava se separano né por causa de coisa errada no caso né por causa de galha, só que aí ela aprontô com ele...ele descobriu sabe, mas ele perdoou, eles continuaro bem aqui de novo, aí quando foi esses dias... esses dias aí atrás eles teve ôtra crise né no caso, aí eles tava se separano e eu num sabia que eles tava se separano aí ele me chamô pra ir pra Candido Sales, chamô eu e meu marido, domingo {ININT} pra Candido Sales, domingo passado aí ela ficô chateada porque eu e meu marido foi e não chamô ela no caso quem teria que chamá ela seria o marido dela né, só que ele falô dento do carro pra gente assim “ {ININT} por que VOCÊ num leva sua esposa?”, ele falou assim: “Porque a gente tá se separano” e eu num sabia ,aí ela veio lá em casa e falô assim que eu não deveria tê feito aquilo que eu não deveria tê ido com ele que eles não ‘tão bem e que se já que eu fui com ele eu tava a gente tava dando apoio pra ele aí eu falei pra ela que eu não tinha nenhum problema com meu marido, se ela tinha com o dela eu num podia fazê nada tipo assim entendeu e [aí] ela ficô chateada aí eu falei pra ela o seguinte que se ela tinha algum problema com ele que ela resolvesse né que a gente num tinha nada com isso e aí ela falô: “não, que a gente tá se separano” e num sei o que, aí eu falei pra ela: “num posso fazê nada” aí eu peguei e fiquei mais chateada que ela ficô com raiva que a gente foi pra Candido Sales com ele, no carro dele e ela não queria que a gente fosse que... que num era pra gente dá apoio ele, no caso ninguém tava dando apoio sabe, ele convidô a gente foi, aí eles tão se separano, e vira e mexe ele tá lá em casa então ela falô assim que... (S.J.S.)
- (29)[...] Um dia Dona G. ficou besta+ por que teve uma festa de Santa Terezinha, aí botou pra cada coordenador de CEBs fazer uma prece e eu fiquei com a prece da pa falar sobre a vida do papa, /foi?/ foi, aí eu falei: “Padre Z. CÊ tá me matando, comê que eu vou ficar de junto do bispo falandu”, “Não, mais CÊ vai fala0”. Aí us outro levou tudo escrito e eu levei na cabeça, o dom de Deus, o dom do Espírito Santo, Quando terminou o Dom G. falou: “O que! Padre Z., melhor prece que teve foi a de dona N., por que os outro falou leno, olhando pro papel e ela falou espontânea e falou bonito demais.” Então eu em cima do palanque encostada no bispo, assim ó, <paru a paru> com o Bispo, falei tranquila e calma, não me temo, num, não, acostumei. (M.C.A.O.)
- (30) VOCÊ é daquele A. que tem os trator que tem lá na Rio Bahia que casou com a senhora, irmã de P.? (Z.S.N.)
- (31) Na verdade é muita pesquisa, né. No campo de história eh... história é... é bem abrangente. CÊ tem vários campos pra pesquisá(A.S.A.)

Nos excertos de fala acima, podemos ter mais alguns exemplos de segmentos que verificamos a predominância de alguma das três superestruturas controladas em nossa amostra. No excerto (27), observamos o emprego das duas variantes em um contexto, sobretudo, argumentativo, em que notamos o emprego de argumentos para convencer o interlocutor de algo. Enquanto nos turnos (28) e (29), por outro lado, percebemos a presença de estruturas narrativas, em que encontramos elementos como personagens, cenas, a

transcorrência temporal. E, nos derradeiros excertos, (30) e (31), estamos diante de segmentos de natureza descritiva, os quais caracterizam-se especialmente por estruturas qualificadoras.

Após verificarmos esses exemplos, podemos concluir que os resultados obtidos refletiram também uma realidade muito semelhante às constatadas em outros trabalhos, como os de Sousa (2008), Loregian-Penkal e Menon (2012) e Loregian-Penkal (2012), em que o pronome *você* lidera na frequência de uso em contextos argumentativos.

Consideramos que um elemento que pode influenciar nessa expressiva produtividade da superestrutura textual argumentativa é o gênero textual *entrevista*, sobretudo, nos moldes da Sociolinguística Laboviana, do qual nos valem para coletar os dados de estudo. A partir desse gênero, o entrevistador procura fazer com o que o informante sinta-se mais motivado a falar, sem se preocupar, entretanto, como está falando. Então, para que isso seja possível e facilitado, por vezes, o entrevistador busca problematizar determinados assuntos, para que o informante se sinta estimulado a se posicionar ou compartilhar seu ponto de vista sobre alguma temática, favorecendo, portanto, a produção de textos orais regidos pela superestrutura textual argumentativa.

5.3.5.3 Sexo

Para concluirmos as análises, discutiremos os resultados referentes à variável extralinguística sexo e, posteriormente, também traçaremos as considerações a partir da sua relação com a variável escolaridade. Como anunciamos, anteriormente, nem narodada geral e tampouco nas rodadas complementares, a variável sexo não foi selecionada como estatisticamente relevante. Todavia, assim como fizemos com a variável superestrutura textual na última subseção, apresentaremos, a seguir, os valores gerais percentuais da referida variável extralinguística, juntamente com as possíveis considerações correspondentes. Desse modo, vejamos, na Tabela 13, os resultados obtidos na rodada geral.

Tabela 13 - Variável sexo (valores de aplicação do *você*)

– Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

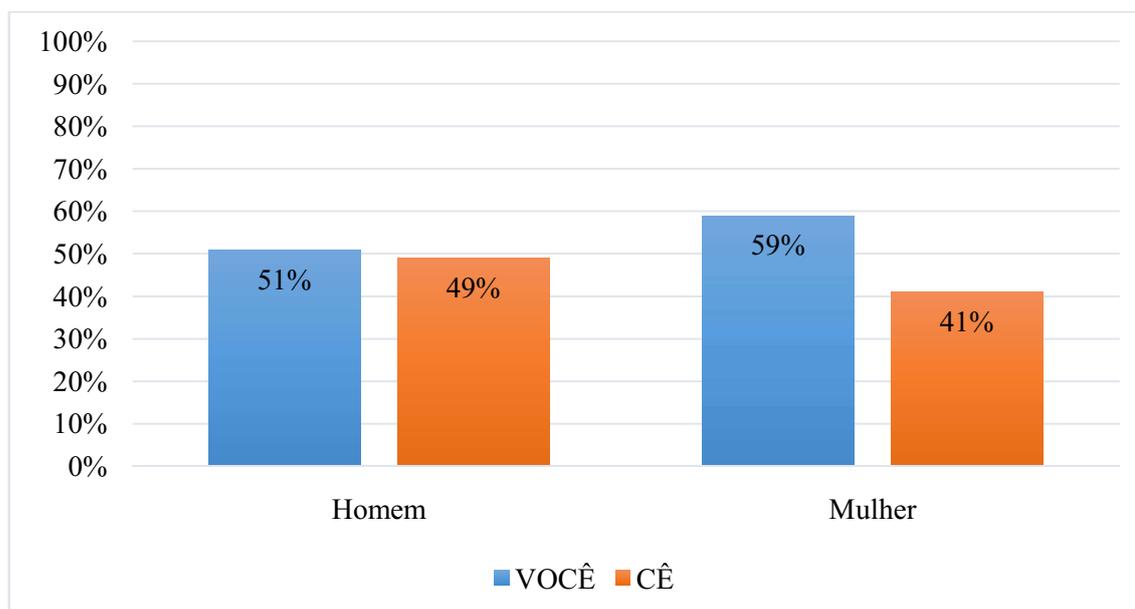
Fatores	Nº de Ocor.	Valor %
Homem	173/341	51%
Mulher	265/447	59%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Mediante os resultados exibidos na Tabela 13, verificamos, a partir dos valores percentuais, os quais indicam a frequência de uso das variantes, números consideravelmente equilibrados e muito próximos de certa neutralidade. Porém, não podemos deixar de ressaltar que as mulheres demonstraram, em sua fala, uma frequência de uso moderada no que tange ao pronome *você*, com um percentual de 59% das ocorrências, enquanto os valores para homens indicaram uma frequência de uso que sinaliza determinada neutralidade entre as duas variantes em estudo, com um percentual de 51% das ocorrências. Esse resultado vai ao encontro do que afirmou Labov (2008 [1972]) sobre o fato de as mulheres, quando submetidas a situações de maior monitoramento da fala, tenderem a usar as formas melhor aceitas no ambiente escolar.

A seguir, vejamos a representação dos resultados da variável sexo, por meio do Gráfico 12, acompanhada de algumas considerações acerca das hipóteses gerais.

Gráfico 12 - Variável sexo (valores de aplicação do *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (percentuais)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Com a visualização dos resultados facilitada, por meio do Gráfico 12, podemos notar claramente que as hipóteses não foram confirmadas. As mulheres favoreceram ligeiramente a forma conservadora em detrimento da forma inovadora, enquanto os homens mantiveram-se neutros com relação às variantes. Porém, como argumentamos anteriormente, percebemos valores muito próximos ao ponto neutro também para as mulheres, o que reforça ainda mais a

nossa proposição de que a forma variante *cê* não sofre estigma na comunidade Vitória da Conquista – BA, conforme percebemos, no Gráfico 5, a preferência dos informantes mais escolarizados da faixa III pela forma inovadora.

Calmon (2010) e Loregian-Penkal (2012) observaram exatamente as mesmas preferências entre os dois sexos, sendo os resultados daquela semelhantes aos nossos no que tange à proximidade dos valores ao ponto neutro. Já no estudo de Loregian-Penkal e Menon (2012), as pesquisadoras observaram o contrário, ou seja, enquanto as mulheres mostraram-se ligeiramente inovadoras, os homens demonstraram comportamento conservador, favorecendo o pronome *você*.

Paiva (2013, p.39), discutindo a relação entre as variáveis sociais, argumenta que: “Há indicações ainda de que o processo de escolarização atua de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens [...] A mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos.” Diante dessa premissa, rodamos os dados a partir de uma combinação entre os fatores das variáveis sexo e escolaridade.

E nessa rodada, então, obtivemos o *input* inicial de 0.556 e o final de 0.568, o *log likelihood* de -465.748, e o nível de significância foi de 0.034. O programa eliminou uma variável independente linguística, no caso, superestrutura textual. Apesar de outras variáveis, como, paralelismo formal, faixa etária e natureza semântico-funcional, terem sido selecionadas como estatisticamente relevantes, nesse momento, verticalizaremos a discussão nos resultados encontrados a partir da combinação entre as variáveis sexo e escolaridade.

Assim, na Tabela 14, podemos conferir os resultados obtidos da combinação entre os fatores das referidas variáveis. Vejamos:

Tabela 14- Combinação dos fatores das variáveis sexo e escolaridade (valores de aplicação do *você*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA

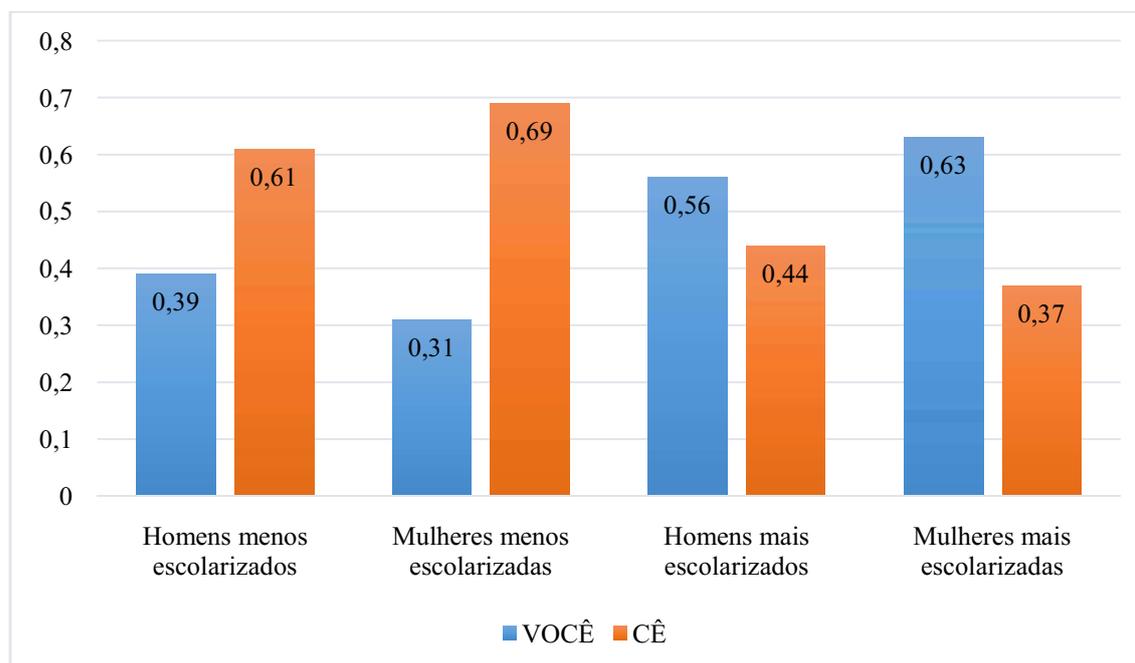
Fatores		Nº de Ocor.	Valor %	Pesos Rel.
Homem	Menos escol.	61/141	43%	.39
Mulher	Menos escol.	66/156	42%	.31
Homem	Mais escol.	112/200	56%	.56
Mulher	Mais escol.	199/291	68%	.63

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Conforme a Tabela 14, e munidos dos resultados anteriormente apresentados quanto à variável social sexo, podemos constatar exatamente o que Paiva (2013) ressaltou. Notamos que as mulheres mostraram-se, nos resultados gerais, favorecedoras da forma considerada padrão na comunidade de Vitória da Conquista – BA, e, na relação com a variável escolaridade, foram, a rigor, as mulheres mais escolarizadas que lideraram o uso e o favorecimento do pronome *você*, com peso relativo de .63. Observamos, também, que os homens mais escolarizados acompanharam as mulheres, favorecendo o *você*, com peso relativo de .56.

Vejamos, a seguir, o Gráfico 13, acompanhado de outras considerações com relação à combinação entre sexo e escolaridade:

Gráfico 13 - Combinação dos fatores das variáveis sexo e escolaridade (valores de aplicação de *você* e do *cê*) – Análise geral dos dados de Vitória da Conquista – BA (pesos relativos)



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Observamos, no Gráfico13, que tanto os homens quanto as mulheres menos escolarizados preferem o uso da variante inovadora, com pesos relativos de .61 e .69, respectivamente. Esses resultados, especialmente das mulheres, por serem mais sensíveis a questões sociolinguísticas, chamam-nos a atenção, pois, de acordo com que o que a Teoria

Variacionista preconiza, são elas que podem tanto favorecer mais uma variante de prestígio em condições de monitoramento quanto favorecerem uma variante inovadora, sendo responsáveis pela implementação dessas formas na língua. Logo, as mulheres conquistenses mais escolarizadas demonstram tal premissa da teoria, visto que elas favorecem a forma padrão na comunidade em estudo, a forma *você* e, (in)diretamente favorecem a referência indefinida que se caracteriza por sua natureza inovadora na língua e que tem sido licenciada, sobretudo, pelo pronome *você*.

Os resultados obtidos, portanto, levam-nos a refletir sobre questões relacionadas ao prestígio social das variantes, pois, a nosso ver, a forma inovadora *cê* não sofre estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA, e os resultados que poderiam levar a uma conclusão contrária a essa, na verdade, relacionam-se a elementos de ordem linguística.

Assim, reconhecemos que, para conclusões mais concretas sobre essa questão, faz-se necessária a aplicação de testes específicos de avaliação, especialmente, entre os informantes mais escolarizados. Portanto, na próxima subseção, faremos as devidas considerações a partir dos testes de avaliação realizados com conquistenses que se enquadram no grupo dos mais escolarizados.

5.4 VOCÊ versus CÊ: esse duelo na ótica dos conquistenses

Diante dos resultados obtidos, bem como das análises possíveis de serem feitas por meio deles, verificamos a necessidade de realizar um teste de avaliação para confirmarmos a hipótese de que a forma sincopada *cê* não sofre estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Dessa forma, além de compreendermos que, em nosso objeto, atuam forças estruturais, não pudemos deixar de nos atentar também às influências externas ao sistema linguístico, o que tanto explicaria o comportamento conservador das faixas mais jovens quanto confirmaria a nossa hipótese.

Assim, diante dessa realidade (extra)linguística, solicitamos a alguns informantes da amostra investigada, bem como outros informantes conquistenses (todos com mais de onze anos de escolaridade), para que respondessem a um teste de avaliação (cf. Apêndice), por meio do qual teríamos maiores evidências para confirmar a hipótese de que o pronome *cê* não é estigmatizado entre os falantes de Vitória da Conquista – BA. Para a apresentação do conteúdo obtido a partir dos testes aplicados, lançaremos mão de quadros, nos quais exibiremos as respostas dos informantes, seguidos das devidas considerações.

Inicialmente, perguntamos aos informantes sobre a maneira como os conquistenses falam, visando investigar a percepção deles acerca do próprio dialeto. Para tecermos alguns comentários sobre as respostas para a primeira pergunta, as quais se encontram expostas de acordo com as faixas etárias correspondentes dos informantes (da I a III), confirmamos o Quadro 9.

Quadro 9 - As respostas do teste de avaliação para a primeira pergunta sobre o dialeto conquistense

PERGUNTA: <i>Nesse primeiro momento, gostaríamos de saber a sua opinião sobre a forma como os conquistenses falam? Você percebe alguma característica no modo de falar dos conquistenses que os identifica ou diferencia da maneira de falar de pessoas de outro(s) lugar(es)? Ou alguma semelhança como a maneira de falar de outros lugares?</i>	
INFORMANTES	RESPOSTAS
D.T.B.	“Não identifico qualquer traço distintivo na fala do conquistense.”
F.S.L.B.	“A fala dos conquistenses se diferencia da fala de outros lugares, como por exemplo o extremo nordeste do país onde se pronuncia oclusivas alveolares, não as africadas correspondentes que os conquistenses produzem. Também a prosódia conquistense é diferente daquela usada no extremo nordeste, bem como a de outras regiões do país, como sul e sudeste. A fala conquistense se assemelha, parcialmente, à fala paulista no que se refere às consoantes e vogais.”
I.U.S.S.	“Não consigo perceber de maneira impactante, uma característica em específico, que diferencie a nossa fala em detrimento a de outros locais. Porém, quando em contato com pessoas de locais diferentes, como a nossa própria capital, é gritante nossa diferença na maneira de falar.”
T.M.L.C.	“Acredito que os conquistenses, assim como os indivíduos que vivem na região sudoeste da Bahia, diferem muito dos demais habitantes do estado no que diz respeito ao sotaque e expressões que usualmente são utilizadas, de modo que, frequentemente, aproximam-se muito dos mineiros. De maneira geral, os habitantes de Vitória da Conquista compartilham poucas características na maneira de falar com os soteropolitanos, por exemplo.”
Y.C.	“Nós conquistenses, achamos que não temos sotaque, entretanto temos, e puxamos para o mineiro.”
C.B.S.	“Creio que nós conquistenses temos uma mistura de dois sotaques: o baiano e o mineiro. Visto que, utilizamos expressões em nosso cotidiano fortemente empregadas na Bahia, assim como, reduzimos muitas palavras na hora da fala, como fazem os mineiros. Creio que isso destoa o nosso sotaque do restante do estado, que tendem para algo mais próximo dos soteropolitanos ou aquele que se assemelha a outros estados do Nordeste.”
G.G.J.	“Acho muito semelhante a maneira de falar dos mineiros.”
M.T.R.	“Uma característica bem marcante no modo de falar dos conquistenses é a mistura do ‘baianês’ com o ‘mineirês’. A proximidade da cidade com o norte de Minas Gerais e a distância em relação à Salvador faz com que os conquistenses falem de forma bem mais parecida com o jeito de falar dos mineiros.”
V.M.S.N.	“Acredito que por conta da localização geográfica, os habitantes de Vitória da Conquista sofrem muita influência do norte de Minas Gerais

	no que diz respeito ao modo de falar. Tendo sotaque, gírias e demais hábitos de fala, mais parecidos com os dos mineiros do que dos soteropolitanos e dos habitantes do norte do estado, por exemplo.”
A.L.P.	“Apesar de estarmos no nordeste, acho que somos muitos mais influenciados na linguagem pelo sudeste, especificamente por Minas Gerais, principalmente a utilização do “moço” ou “moss” em diversas situações. Nosso sotaque é muito divergente de outras regiões do estado, principalmente da região metropolitana de Salvador e do norte, talvez pelo uso de gírias serem menos utilizadas aqui em relação as regiões citadas. Acho a sonoridade, o tom de voz utilizado aqui mais suave. Um exemplo seria o T, aqui não falamos de forma cantada como ocorre no norte do estado e na maioria dos estados nordestinos.”
K.R.L.A.	“Percebo diferença em relação a outras regiões da Bahia e percebo também, influência do sotaque e expressões mineiras.”
L.S.S.	“Os conquistenses carregam o peso sim do baianês mas traz um pouco do cantar mineiro prefiro dizer que temos um falar próprio com nossas individualidades, mas não muito distantes de um baimineirês.”
N.L.A.	“Percebo uma mistura de falas entre os conquistenses, acredito que devido a proximidade com a capital e também com estado de minas.”
A.C.	“Sim , inclusive quanto ao sotaque. Lembra a forma de falar do Norte de Minas Gerais.”
P.A.R.C.	“Percebo o uso de expressões e formas de entonação e pronúncia que são próprias dos conquistenses, mas que podem ser verificadas também em algumas cidades que estão sob a sua área de influência geográfica, política, econômica e cultural.”
E.G.S.	“Essa questão é complexa. Veja bem, temos inclusive um artista conquistense, Elomar Figueira de Melo, que aborda em suas composições a maneira de falar do caatingueiro, por outro lado, Ocorreu (e ainda ocorre) uma forte influência dos meios de comunicação, principalmente da era do rádio (hoje, através de outros meios digitais e virtuais), quando o domínio da linguagem era bem maior da rádio globo, e não de rádio da capital Salvador, mais próxima geograficamente.”
A.I.R.M	<p>“Os falantes de Vitória da Conquista apresentam, no uso da língua, certa similaridade com o falar do norte de Minas Gerais, o que os distingue bastante dos falantes das demais regiões do estado da Bahia.</p> <p>Algumas características são apresentadas. Por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - um ô antes do vocativo – Ex: Ô Maria, venha cá! - o plural não é “chiado” - uma ditongação é criada em certos vocábulos – [nois, rapaiç, vocês etc...]

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

A partir do que Quadro 9, observamos que há quem não perceba traços distintivos no modo de falar dos conquistenses, como é o caso dos informantes D.T.B. e I.U.S.S., apesar desse ressaltar que reconhece a diferença dialetal quando em contato com pessoas de outras comunidades linguísticas. Podemos destacar, também, aqueles informantes que consideraram os traços linguísticos que distinguem o modo de falar dos conquistenses dos falantes de outras

localidades do próprio Nordeste, como é o caso de F.S.L.B. e A.L.P, os quais salientam questões da esfera fonética.

Notamos, ainda, que muitos dos informantes contrastaram a maneira dos conquistenses falar com a forma que as pessoas da região metropolitana de Salvador se comportam linguisticamente, como foi o caso dos informantes I.U.S.S., T.M.L.C., C.B.S, M.T.R., V.M.S.N. e A.L.P. Outra aspecto interessante de se comentar é o fato de alguns informantes sinalizarem dada influência de São Paulo na maneira como os conquistenses falam, como apontaram F.S.L.B. e E.G.S., esse, quando ressalta a influência midiática da Região Sudeste brasileira (especialmente, a Rádio Globo, que surge no Estado de São Paulo).

Tratando-se da influência da Região Sudeste do Brasil, cerca de 70% dos informantes que responderam ao teste de avaliação destacaram a forte influência do Estado de Minas Gerais no dialeto conquistense. Sobre essa questão, sabemos que, além das cidades baianas que são abastecidas por Vitória da Conquista – BA, não podemos negar a estreita relação desta com as cidades e as pequenas comunidades do norte do Estado de Minas Gerais. As conexões entre o norte mineiro e os sertões baianos, onde se encontra Vitória da Conquista – BA, dão-se há muito tempo. Ivo (2012, p.115), por sua vez, argumenta que “[...] o norte de Minas Gerais estava conectado com os sertões da Bahia desde os primeiros anos da colonização e, a partir do século XVIII, estes contatos foram intensificados com as buscas de riquezas minerais [...]”.

Decerto, essa relação entre Vitória da Conquista – BA e Minas Gerais influencia no modo de falar dos conquistenses, os quais, como observamos, reconhecem essa influência. Os resultados dessas influências, às vezes, tocam até mesmo em traços identitários dos conquistenses. Podemos observar esse aspecto por meio de algumas considerações feitas pelos informantes da amostra de estudo quando questionados sobre seu sotaque. Vejamos os turnos abaixo:

(32) Eles demoraram pra identificar que eu sou baiana, porque disseram que eu não tenho tanto sotaque. Então pelo fato de eu morar em Conquista que é uma cidade próximo, né, a... a... a Minas, então a gente tem um pouquinho desse... de mineiro. Então eh... eh... consegue diminuir esse... esse sotaque forte que é o do baiano, né. Eh... o soteropolitano tem um sotaque muito carregado. É perceptível quando VOCÊ conversa com um soteropolitano. Já aqui o pessoal de Conquista, o sotaque já... já diminui mais, já vai diminuindo e fica um pouco perto dos mineiros. (A.S.A.)

(33) Acho... o conquistense tem características bastante interessantes, a comunidade conquistense é um pouco baiana. Certo? Assim uma mistura de baiano com mineiro, sabe, essa população. Conquista tem uma influência de... do estado de Minas muito grande... muito grande, então é assim eh... ele tem às vezes aquele arrôbo baianos

pampampam, mas tem a desconfiança mineira também. É a... eh... é exatamente isso, o termo baiano ou mineirano, baiano, mineirano, eu acho que são termos que caracterizam essa mistura da cultura baiana com a cultura mineira. Ela é encontrada aqui em Conquista, até mesmo nos hábitos alimentares, é um povo meio alegre e meio desconfiado, fica assim, sabe? (A.I.R.M.)

- (34) Cada um tem sua cultura, então o mineiro tem um jeito, né, o baiano fala de ôto. Nós somos baiano, mas a gente já fala diferente do... do... do... do baiano de Salvador, o povo de {INIT} fala que a gente fala cantand' igual os minêros, né? (J.V.B.)

Nesses três excertos, os informantes da amostra de estudo comentam a relação entre Vitória da Conquista – BA e Minas Gerais, a qual reflete na maneira como os conquistenses falam. No turno enunciativo (32), inclusive, o informante amplia essa discussão contrapondo o modo como os conquistenses falam com os dialetos soteropolitano e mineiro, alinhando o de Vitória da Conquista – BA a esse último, como também fizeram os informantes que responderam ao teste de avaliação.

Posto isso, podemos dar sequência à análise do conteúdo obtido do teste de avaliação. Conforme vimos na subseção *Gramaticalização: em vias de mudança*, a forma sincopada *cê* não assume as mesmas posições sintáticas do pronome *você* (VITRAL, 1996). Assim, por meio da segunda questão, em que propomos algumas sentenças e perguntamos qual(is) delas os informantes não diriam, objetivamos investigar a percepção dos informantes com relação a tal restrição proposta por Vitral (1996), especialmente, em casos do pronome *você* e *cê* na posição de sujeito e complemento. Vejamos, a seguir, no Quadro 10, os resultados dessa investigação.

Quadro 10 - Avaliação dos informantes com relação a algumas sentenças propostas

INFORMANTES	SENTENÇAS AVALIADAS							
	<i>Você</i> pode me encontrar amanhã.	<i>Cê</i> passa lá em casa.	<i>Você</i> estuda onde?	Eu trouxe isso pra <i>você</i> .	Ele não gosta de <i>cê</i> .	<i>Cê</i> tá onde?	<i>Você</i> pode pegar o ônibus UESB.	<i>Cê</i> compra isso na farmácia.
D.T.B.					X			
F.S.L.B.					X			
I.U.S.S.					X			
T.M.L.C.					X			
Y.C.					X			
C.B.S.					X			
G.G.J.					X			
M.T.R.					X			
V.M.S.N.					X			
A.L.P.					X			
K.R.L.A.		X			X			X

L.S.S.					X			
N.L.A.					X			
A.C.		X			X	X	X	X
P.A.R.C.					X			
E.G.S.					X			
A.I.R.M					X		X	

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Observamos, no Quadro 10, um resultado bastante interessante. A sentença *Ele gosta de cê*. foi categoricamente rejeitada pelos informantes. Essa avaliação é um elemento favorecedor à hipótese de Vitral (1996), afinal, diante das respostas, o uso do pronome *cê* na posição de complemento, em Vitória da Conquista – BA, não é (tão) aceito. Além dessa sentença, observamos também que dois informantes, K.R.L.A. e A.C., destacaram as outras sentenças que continham o pronome *cê*.

Dois informantes, A.I.R.M. e A.C., assinalaram a sentença *Você pode pegar o ônibus UESB*. como enunciados que eles não usariam. Todavia, seus argumentos, como veremos a seguir, referem-se a uma questão, especialmente, de preposição e não, necessariamente, sobre o nosso objeto. Todavia, cabe salientarmos que, apesar dos informantes A.C. e A.I.R.M. avaliarem negativamente a referida sentença, não acreditamos que seja um enunciado incomum no vernáculo conquistense. Justificamos tal posicionamento, visto que cerca de 88% dos informantes que responderam o teste de avaliação não se opuseram ao uso dessa sentença. E a atitude linguística dos dois informantes parece-nos mais uma questão relacionada ao idioleto de ambos.

Após a apresentação das alternativas, solicitamos aos informantes que justificassem as alternativas rejeitadas por eles. Confirmamos, portanto, no Quadro 11, as respostas que foram dadas diante da nossa solicitação.

Quadro 11 - Justificativa dada pelos informantes com relação às sentenças que eles sinalizaram que não usariam

INFORMANTE	JUSTIFICATIVAS
D.T.B.	<i>Ele não gosta de cê</i> : “A sua esquisitice. A frase não soa natural.”
F.S.L.B.	<i>Ele não gosta de cê</i> : “O motivo que me levou a marcar a alternativa 5 foi o uso do pronome <i>cê</i> como objeto.”
I.U.S.S.	<i>Ele não gosta de cê</i> : “É algo distante da minha maneira de falar, utilizar o <i>cê</i> no final das frases. Portanto, me causa estranheza a sentença.”
T.M.L.C.	<i>Ele não gosta de cê</i> : “Dentre as alternativas, esta representa a sentença que certamente nunca utilizei e dificilmente usaria numa conversa espontânea.”
Y.C.	<i>Ele não gosta de cê</i> : “Porque diríamos ‘ela não gosta de você’.”
C.B.S.	<i>Ele não gosta de cê</i> : “Marquei a 5, pois me soou estranha, não utilizo o

	‘cê’ em final de frase a não ser em junções com a preposição ‘para’ (procê).”
G.G.J.	Ele não gosta de cê: “Uso frequentemente o Cê, mas nessa situação em especial não usaria, acho que faltou concordância.”
M.T.R.	Ele não gosta de cê: “Não gostei da frase quando a pronunciei.”
V.M.S.N.	Ele não gosta de cê: “Utilizo o pronome CÊ com certa frequência, mas apenas verbalmente e no início das frases.”
A.L.P.	Ele não gosta de cê: “Esse especificamente, em minha opinião, fica feio a sonoridade do uso do pronome Cê. O você fica mais coeso e mais harmônico.”
K.R.L.A.	Ele não gosta de cê. / Cê passa lá em casa. / Cê compra isso na farmácia. : “Não costumo usar ‘cê’, mas as vezes uso o TU substituindo o você.”
L.S.S.	Ele não gosta de cê: “Nunca me imaginei usando essa expressão ou falando assim e algum contexto. Achei feio.”
N.L.A.	Ele não gosta de cê: “Não costumo usar o Cê, além de nessa frase específica a fonética dar outro sentido na frase.”
A.C.	Ele não gosta de cê. / Cê passa lá em casa. / Cê compra isso na farmácia. / Cê tá onde? : “Não costumo usar o pronome de tratamento “Cê”, embora conheça algumas pessoas que o faça.” Você pode pegar o ônibus UESB: “Na alternativa do ônibus diria: Você pode pegar o ônibus que leva até a UESB, ou que passa pela UESB. Não conheço pessoas que usem a expressão cujo itinerário seja o nome do ônibus.”
P.A.R.C.	Ele não gosta de cê: “A forma abreviada de se pronunciar ‘você’ (‘cê’) é relativamente comum entre os conquistenses, mas apenas para iniciar uma frase, jamais citando-a no seu final.
E.G.S.	Ele não gosta de cê: “A frase pode estar certa, mas não costumo falar dessa maneira. Diria: Ele não gosta de você.”
A.I.R.M	Ele não gosta de cê: “Em Vitória da Conquista, CÊ é um pronome de tratamento, mas que só é usado quando ele é sujeito da oração. Tal fato sintático o diferencia do pronome VOCÊ, vez que usamos ‘Ele não gosta de VOCÊ’.” Você pode pegar o ônibus UESB: “Sem a preposição DE, não costumamos usar tal frase.”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Como havíamos apontado anteriormente, a sentença em que o pronome *cê* encontra-se na posição de complemento foi categoricamente rejeitada pelos informantes. Diante do Quadro 11, notamos que, alguns informantes, como D.T.B e L.S.S., resumem-se a qualificadores de natureza negativa para justificar sua rejeição face à referida construção. Porém, outros informantes, como F.S.L.B., C.B.S., V.M.S.N. e P.A.R.C., justificam sua atitude linguística em função da posição na qual o pronome *cê* foi empregado na sentença.

Alguns informantes rejeitaram a sentença com o *cê* na posição de complemento em função da sua sonoridade, que, para eles, causava-lhes estranhamento, como foi o caso dos informantes M.T.R., A.L.P. e N.L.A. Observamos, também, que houve aqueles, como Y.C.,

A.L.P e E.G.C., que sugeriram a troca pronominal do *cê* para o *você*, confirmando, desse modo, a hipótese de Vitral (1996).

É interessante ressaltarmos o que a informante C.B.S. fala do uso pronominal preposicionado. “[...] não utilizo o ‘cê’ em final de frase a não ser em junções com a preposição ‘para’ (procê).”, argumenta a informante. Porém, apesar da ressalva feita, a informante “inconscientemente” emprega a forma pronominal *ocê*, ao invés de *cê*, na proposição que faz. Segundo Vitral (1996), a forma *ocê* assume as posições sintáticas previstas para o pronome *você*, o que justificaria o uso proposto pela informante, apesar dela pensar estar empregando a forma sincopada *cê* numa construção preposicionada.

Ainda sobre o Quadro 11, podemos notar que dois informantes, K.R.L.A e A.C., assinalaram as outras sentenças que continham o pronome *cê*, todavia, suas justificativas foram bastantes intrigantes, pois, segundo os informantes, eles não fazem o uso da forma sincopada em análise. A informante K.R.L.A., inclusive, salientou que ao invés de permutar o pronome *você* pela sua forma variante *cê*, ela, às vezes, emprega a forma *tu*.

Os informantes A.C. e A.I.R.M., ambos da faixa III, referiram-se ao pronome *cê* como um pronome de tratamento. A nosso ver, a forma sincopada *cê*, assim como o pronome *você*, apesar de terem surgido na língua como uma forma de tratamento, na atualidade, funcionam produtivamente, no vernáculo conquistense, como pronomes pessoais do caso reto.

Feitas tais considerações, partiremos para a próxima questão do teste de avaliação, por meio da qual objetivamos investigar a percepção/avaliação dos informantes a respeito da alternância pronominal entre o *você* e o *cê* na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Para tanto, vejamos, primeiramente, as respostas dos informantes no Quadro 12.

Quadro 12 - As respostas do teste de avaliação para a terceira pergunta sobre a alternância pronominal entre o *você* e o *cê*

PERGUNTA: Estudos comprovam que os conquistenses usam tanto o pronome VOCÊ quanto o pronome CÊ. Você também usa os dois pronomes? Por favor, apresente uma breve justificativa.	
INFORMANTE	RESPOSTAS
D.T.B.	“Sim. Mesmo reconhecendo o uso recorrente do pronome “tu”, as formas ‘cê’ e ‘você’ também são muito usadas. Ambas aparecendo em contextos formais e informais, diferentemente do ‘tu’, que fica adstrito à informalidade, ao que me parece.”
F.S.L.B.	“Sim, eu uso os dois pronomes. A fala coloquial permite que eu escolha qual pronome usar. Em contextos mais informais cabe usar o <i>cê</i> .”
I.U.S.S.	“Sim, como respondido na questão anterior, acho estranho a utilização do pronome <i>CÊ</i> no final das frases. Porém, no início das sentenças é um tanto quanto normal sua utilização. Como na situação ‘ <i>CÊ</i> comprou isso na farmácia?’”

T.M.L.C.	“Sim. O uso do CÊ normalmente ocorre em diálogos que não exigem formalidade.”
Y.C.	“Sim, por exemplo as alternativas anteriores, ‘cê tá onde’, ‘cê tá fazendo o que?’... Entretanto esses pronomes só são usados na fala, apesar de que quem pronuncia na maioria das vezes escreve de outra forma, ou seja, fala de um jeito “errado”, mas escrevem certo.”
C.B.S.	“Sim, creio que faço uma alternância entre os dois. Noto que utilizo o ‘cê’ principalmente em situações corriqueiras, quando não faço um policiamento da fala, comportamento típico de situações informais.
G.G.J.	“Uso frequentemente, e isso, herdei da convivência com minha avó e de até mesmo dos colegas do primário, pois é muito comum abreviar algumas palavras.”
M.T.R.	“Sim, uso os dois pronomes. O pronome VOCÊ é o que eu mais uso, principalmente na escrita. Porém, sempre uso o CÊ na fala.”
V.M.S.N.	“Utilizo regularmente os dois pronomes. Todavia, opto pelo uso do CÊ apenas em linguagem coloquial com pessoas mais próximas, como familiares e amigos íntimos. Em relação ao VOCÊ utilizo com mais frequência e principalmente em diálogos mais formais, com colegas de trabalho, autoridades e pessoas desconhecidas, por exemplo.”
A.L.P.	“Por mais que sabemos que a forma correta é você, acabo utilizando o cê quase que de forma automática em vários momentos, principalmente nos diálogos com pessoas mais próximas.”
K.R.L.A.	“Uso o você, mas é muito comum o uso do cê em diálogos que participo.”
L.S.S.	“Uso em bate papo entre amigos, e como uma expressão de exagerada alegria ‘Cê tá doido’.”
N.L.A.	“Normalmente uso o você, no entanto, em conversas informais ocasionalmente posso utilizar esse pronome cê.”
A.C.	“Não uso embora identifique quem o faça, mas sem muita frequência.”
P.A.R.C.	“Sim, eu posso usar as duas formas. Costumo usar ‘cê’ na linguagem falada. Abreviações facilitam e tornam mais ágil a fala. Na linguagem escrita, sempre utilizo apenas ‘você’, porque nessa forma de expressão há mais tempo para pensar e se manifestar com expressões que me parecem mais corretas.”
E.G.S.	“O pronome você a gente costuma usar de forma mais formal, quanto a Cê, utiliza-se de maneira mais descontraída em bate-papo, barzinho, etc. na informalidade, linguagem popular, coloquial.”
A.I.R.M	“Sim, confirmo: os dois usos são intercambiáveis, na maioria das situações linguísticas.”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

No quadro 12, podemos notar o consenso entre os informantes, que responderam ao teste de avaliação, no que tange à variação dos pronomes *você* e *cê* na comunidade de Vitória da Conquista. Todos reconheceram que os conquistenses usam tanto o pronome *você* quanto a sua forma variante *cê*, todavia, dois dos informantes, K.R.L.A. e A.C., apesar de tal reconhecimento, asseguraram que não usam a forma sincopada *cê*. Dentre as colocações dos informantes, podemos salientar a avaliação do informante D.T.B, o qual retoma a ocorrência do pronome *tu* no vernáculo em estudo, considerando o uso dessa forma pronominal restrito a contextos de informalidade.

Observamos, também, que a alternância de formalidade foi uma questão recorrentemente abordada entre as respostas dos informantes. Quando mencionado o tópico formalidade, os informantes alinham o uso do *você* a contextos caracterizados pela formalidade, ao passo que o uso do pronome *cê* estaria relacionado aos contextos nos quais impera a informalidade. Podemos destacar, ainda, que três informantes, Y.C., M.T.R. e P.A.R.C., diferenciaram o uso pronominal a partir da modalidade do texto, isto é, em textos escritos, a preferência de uso recai sobre o pronome *você*, enquanto, na oralidade, haverá o favorecimento do uso da forma sincopada *cê*.

Não poderíamos deixar de destacar que, na resposta de dois informantes, Y.C. e A.L.P., as concepções de certo e errado foram retomadas. Para ambos, há uma ideia de que o *você* assume o lugar da forma certa, ao passo que o *cê* é considerado uma forma errada. Notamos que Y.C. tenta até modalizar o uso do qualificador *errado* por meio das aspas. As colocações desses dois informantes nos fazem pensar no papel da escola, afinal, é, no contexto escolar, que há a normatização da língua e onde concepções como essas são comumente reproduzidas mediante as prescrições encontradas nos materiais didáticos. Isso nos mostra a importância do uso de materiais didáticos que lancem mão de dados linguísticos reais, uma vez que, por meio desse caminho, é possível desmistificar a ideia de certo e errado e, conseqüentemente, dar lugar a compreensão da adequabilidade nos diferentes contextos linguísticos.

É válido ressaltar a colocação da informante V.M.S.N., pois, além de ela tratar da questão da formalidade, cujos comentários tecemos anteriormente, a informante diferencia o uso do pronome *você* e *cê* de acordo com o grau de intimidade que possui com o seu interlocutor. Para ela, quando a situação linguística requer dado distanciamento interpessoal, a forma empregada será o pronome *você*; por outro lado, com interlocutores próximos, como familiares e amigos íntimos, sua preferência de uso pronominal recai sobre a forma sincopada *cê*. A resposta dessa informante faz-nos lembrar a maneira como os informantes A.C. e A.I.R.M. referiram-se à forma sincopada *cê*, quando a denominou de pronome de tratamento.

Para essa pergunta, a informante A.I.R.M. faz uma ponderação muito pertinente. Segundo ela, tanto o pronome *você* quanto a sua forma variante *cê*, na maioria dos contextos linguísticos, podem ser intercambiáveis. A informante G.G.J., por seu turno, reconhece que emprega as duas formas e argumenta ter herdado tal atitude linguística de sua avó e de seus colegas do fundamental I.

A informante L.S.S. faz uma consideração bastante interessante sobre o pronome *cê*. De acordo com ela, o referido pronome é empregado em sua fala quando usa a expressão “*Cê*

tá doido!”. Notamos que expressões como a mencionada podem ser consideradas já cristalizadas na língua e que, por vezes, são expressões que já sofreram mudanças estruturais em função da frequência de uso. Nesse ponto, podemos retomar o parâmetro da *erosão*, preconizado por Heine (2003), cujas mudanças estruturais dão-se em função da pressão de uso, além do princípio de marcação, previsto por Givón (1990;1995), uma vez que, diante do processo erosão, as formas linguísticas tendem a ficar menos marcadas, segundo os subprincípios da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva.

Assim, fechamos a discussão da terceira questão, para, então, dar início às ponderações provenientes da pergunta seguinte do teste de avaliação aplicado. Vejamos, a seguir, no Quadro 13, as respostas dadas para a quarta pergunta, por meio da qual objetivamos investigar a avaliação dos informantes, especificamente, quanto à forma pronominal *cê*, visto que os resultados da amostra investigada sinalizavam para um aparente estigma quanto a essa variante.

Quadro 13 - As respostas do teste de avaliação para a quarta pergunta sobre a percepção/avaliação do uso do pronome *cê*

PERGUNTA: O que você acha do uso do pronome CÊ?	
INFORMANTE	RESPOSTAS
D.T.B.	“Dotado de sonoridade agradável.”
F.S.L.B.	“Eu não tenho uma opinião quanto ao uso do <i>cê</i> ser positivo ou negativo. Da maneira como eu vejo, é simplesmente inevitável. As línguas humanas mudam.”
I.U.S.S.	“Penso ser uma maneira de abreviarmos as sentenças, utilizando esse pronome para agilizarmos nossa fala. Hoje é algo tão comum de ser falado, que nem nos apercebemos de sua utilização, assim como a utilização do ‘vc’ nos meios tecnológicos.”
T.M.L.C.	“Acredito que torna a conversa mais informal, utilizado normalmente com pessoas mais próximas. Entretanto, isso não ocorre de maneira premeditada.”
Y.C.	“Econômico, não na escrita, mas na fala, a informação é passada de forma que o receptor consegue entender em um curto espaço de tempo.”
C.B.S.	“Gosto de utilizá-lo. É simples, prático e tem a mesma eficiência que o ‘você’.”
G.G.J.	“Não apropriado, mas no meu caso se tornou um vício de linguagem.”
M.T.R.	“Acho bastante interessante para ser usado na fala, principalmente em conversas informais.”
V.M.S.N.	“Creio que seja parte da evolução da língua portuguesa haja vista que o pronome VOCÊ teve origem como expressão de tratamento (vossa mercê), passando por vosmecê, que caiu em desuso, sendo substituído por VOCÊ, OCÊ e CÊ.”
A.L.P.	“Eu prefiro o Você, acho que fazemos uso do Cê mais como forma de abreviação, ou também pela constante convivência com pessoas que o utilizam muito.”
K.R.L.A.	“Penso que pode ser influência do jeito de falar mineiro, que costuma

	diminuir sílabas e fonemas na língua falada. Na oralidade não vejo problemas, já faz até parte do vocabulário popular, é um jeito carinhoso e produz a ideia de intimidade.”
L.S.S.	“Sem a preocupação de onde estamos e de quem está nos ouvindo o CÊ faz a conversa, mas intimista e menos polida, com orações mas breves.”
N.L.A.	“Acho meio antigo, lembro bastante de pessoas mais idosas.”
A.C.	“Considero uma violência fonética, mas reconheço que é mais usado por pessoas que não passaram pelo benefício de uma educação formal.”
P.A.R.C.	“Uma maneira menos formal (e ágil) de se dirigir a uma outra pessoa.”
E.G.S.	“A língua portuguesa é muita rica, muitas vezes alguns diminutivos podem criar códigos de entendimentos de um determinado grupo ou comunidade. É salutar.”
A.I.R.M	“CÊ é uma segunda redução do pronome VOCÊ. (VOCÊ – OCÊ – CÊ) Entretanto vale ressaltar que o pronome VOCÊ já é a quarta redução de VOSSA MERCÊ (VOSSA MERCÊ – VOSMICÊ – VANSUNCÊ – VOCÊ – OCÊ – CÊ”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

No Quadro 13, podemos extrair algumas ponderações muito interessantes acerca do pronome *cê*, além de confirmar a hipótese de que tal forma pronominal não sofre estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Quatro informantes avaliaram positivamente a variante *cê*, como, por exemplo: (i) o informante D.T.B. considerou que o referido pronome é dotado de sonoridade agradável; (ii) a informante M.T.R. avaliou-o como bastante interessante para a oralidade e em contextos informais; (iii) a informante K.R.L.A., apesar de, em outras momentos do teste, assumir que não usa o pronome *cê*, afirmou que é um a forma pronominal que promove uma ideia de carinho e intimidade; e (iv) o informante E.G.S. considerou o pronome *cê* como salutar.

Outros aspectos do pronome *cê* apontados pelos informantes foram sua economia e praticidade, como sinalizaram, por exemplo, os informantes I.U.S.S, Y.C., C.B.S. e P.A.R.C. Alguns deles associaram tal economia e praticidade à redução estrutural da forma sincopada *cê*. Tratando-se também disso, duas informantes, V.M.S.N. e A.I.R.M., levaram em consideração a origem do *cê*, retomando os estágios primários da forma pronominal, quando ainda funcionava na língua como a forma de tratamento *Vossa Mercê*.

A informante N.L.A., por sua vez, avaliou o pronome *cê* como uma forma antiga, o que a remetia, inclusive, a pessoas idosas. Essa avaliação faz-nos retomar as considerações da informante G.G.J. para a terceira pergunta do teste de avaliação, quando a informante assinalou que sofreu influência da avó.

Além de todas essas questões, dois informantes, I.U.S.S. e T.M.L.C., apontaram um elemento muito interessante quanto ao uso do pronome *cê*. Segundo ambos, o uso desse pronome não acontece conscientemente. I.U.S.S., por exemplo, argumenta que “[...] Hoje é

algo tão comum de ser falado, que nem nos apercebemos de sua utilização [...]”. Já T.M.L.C., por seu turno, argumenta que o uso do *cê* em seus contextos linguísticos “[...] não ocorre de maneira premeditada”.

Não poderíamos deixar de comentar a avaliação negativa que foi feita pelo informante A.C., considerando o pronome *cê* como uma “violência fonética”, além de alegar que o seu uso decorre da falta de escolarização. Ao longo de nossas discussões, paulatinamente, vamos nos dando por convencidos de que o pronome *cê* não sofre estigma na comunidade Vitória da Conquista – BA, o que nos faz reforçar a hipótese de que a avaliação desse informante é algo peculiar. Além disso, na amostra em estudo, constatamos que foram os informantes escolarizados da faixa III que favoreceram o uso da variante *cê*, a faixa etária que se encontra, inclusive, o referido informante.

Diante dessas análises, como anunciamos anteriormente, parece-nos muito evidente que a forma variante *cê* não sofre estigma em Vitória da Conquista – BA e que, por essa razão, o favorecimento do pronome *você* na faixa etária I pode ser explicado a partir das questões linguísticas postas ao longo da subseção *Rodada geral*.

Por fim, no Quadro 14, verificaremos as respostas para a última questão do teste de avaliação, por meio da qual objetivamos investigar o papel do pronome *tu* no vernáculo conquistense, posto que encontramos 5% do valor total de ocorrências das formas *você* e *cê* da nossa amostra, além das considerações feitas por alguns informantes nas primeiras perguntas do teste de avaliação.

Quadro 14 - As respostas do teste de avaliação para a quinta pergunta sobre a percepção do informantes com relação ao seu comportamento linguístico no que tange ao uso, ou não, do pronome *tu* e, em casos afirmativos, em quais contextos linguísticos

PERGUNTA: <i>Você usa o pronome TU? Em que situações você usa (ou prefere usar) o tu em detrimento ao VOCÊ/CÊ?</i>	
INFORMANTE	RESPOSTAS
D.T.B.	“Uso o pronome ‘tu’ com frequência, especialmente em contextos relações sociais mais íntimas, como nos círculos de familiares e amigos.”
F.S.L.B.	“Eu já me peguei usando o pronome tu, mas não sei especificar em que situações eu faço uso desse pronome.”
I.U.S.S.	“Utilizo muito raramente, sendo até difícil determinar um momento que prefiro a utilização do TU em detrimento ao VOCÊ. A utilização preponderante ainda continua sendo o VOCÊ/CÊ.”
T.M.L.C.	“Normalmente não utilizo o pronome TU. Acredito que apenas o utilizo ao estudar assuntos gramaticais que necessariamente necessitam de sua utilização, como na conjugação verbal.”
Y.C.	“São raras as vezes, por exemplo, ‘por tua causa’ ao invés de ‘por causa de você’.”

C.B.S.	“Sim, mas não conjugo o verbo conforme a gramática normativa. Eu uso o ‘tu’ principalmente quando me irrita com a atitude de alguém e repreendo essa pessoa através da fala. Nesse contexto, utilizo frases como ‘moss, tu tá doído, é?’”
G.G.J.	“Geralmente uso em questionamentos.”
M.T.R.	“Sim, uso o pronome TU. Prefiro usá-lo em conversas com amigos mais próximos. Principalmente quando preciso aconselhar alguém.”
V.M.S.N.	“Não utilizo o pronome TU. Creio que por uma questão de regionalismo já que as pessoas de Vitória da Conquista comumente não utilizam esse pronome na linguagem coloquial.”
A.L.P.	“Uso, apesar de preferir você, mas assim como o Cê, creio eu, que uso mais nos diálogos com pessoas mais próximas, a exemplo da família em casa, de conversas com amigos. Sempre que posso, que percebo antes de falar que iria utilizar o Tu, substituo-o por Você.”
K.R.L.A.	“Uso bastante em situações informais e o pior de tudo é que substituo o você pelo tu sem conjugar devidamente o verbo.”
L.S.S.	“Muitas vezes quando faço uma pergunta e que desejo que a outra pessoa perceba a minha urgência e um tom de solicitação. Com pessoa muito íntima.”
N.L.A.	“Difícilmente. Quando uso em detrimento a você.”
A.C.	“O uso da segunda pessoa não é muito comum em Conquista, geralmente é usado numa linguagem mais formal.”
P.A.R.C.	“‘Tu’ é um pronome que não faz parte do meu vocabulário, nem mesmo na linguagem escrita.”
E.G.S.	“A verdade é que em nossa região utiliza-se muito pouco o pronome TU. O pronome você é utilizado comumente.”
A.I.R.M	“O falante de Vitória da Conquista usa muito pouco o TU, e quando usa é com o verbo de terceira pessoa. Ex.: TU quer doce? Eu, particularmente, por questão de estilo, às vezes, uso o TU, porém com a forma verbal da pessoa 2.”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Diante do Quadro 14, podemos observar que o pronome *tu* divide opiniões entre os informantes, e, conseqüentemente, entre os conquistenses. Os informantes A.C. e E.G.C., por exemplo, não nos responderam se fazem o uso ou não do pronome *tu*, todavia, a partir de suas respostas, podemos depreender que não o fazem. Segundo os referidos informantes, o uso desse pronome não é recorrente na fala dos conquistenses e, para A.C., o seu uso, quando feito, limita-se aos contextos que demandam formalidade. Há, ainda, quem acredite que os falantes de Vitória da Conquista – BA não usam o pronome *tu*, como é o caso da informante V.M.S.N., alegando ser uma questão de regionalismo cuja aplicação não se observa no *locus* da presente pesquisa.

Dentre os informantes que admitiram usar o pronome *tu*, I.U.S.S e Y.C. ressaltaram que o fazem raramente. E segundo o informante Y.C., o uso do pronome *tu* revela-se na sua fala quando em casos específicos, como, por exemplo, quando há o emprego do pronome possessivo concordando com a segunda do singular. Quatro informantes, C.B.S. G.G.J.,

M.T.R. e L.S.S., argumentaram que o uso do *tu* está associado a situações específicas, a saber, quando repreendem, questionam, solicitam ou aconselham.

Dois informantes, além de V.M.S.N., também alegaram não usar o pronome *tu*, como foi o caso de P.A.R.C. e T.M.L.C. Este, por seu turno, acrescentou que apenas inclui o referido pronome em sua fala quando está diante de uma situação de estudo formal, em que há a necessidade de se deter aos assuntos gramaticais, como, por exemplo, no momento de conjugar algum verbo.

Alguns informantes, como podemos conferir no Quadro 14, associaram o uso do pronome *tu* às situações em que há dada intimidade com os seus interlocutores, como foi o caso dos informantes D.T.B., A.L.P. e L.S.S. É interessante ressaltarmos que, dentre esses informantes, a colocação de A.L.P. é bastante reveladora, visto que, segundo o informante, quando há uma situação de maior monitoramento da sua parte, ele evita usar o pronome *tu* em detrimento do *você*, o que nos faz questionar essa atitude linguística e considerarmos que seria um caso de um estudo futuro mais específico.

Além da questão da proximidade apontada, a informante K.R.L.A., diferentemente de A.C., avalia o uso do pronome *tu* mais apropriado aos contextos informais, nos quais, inclusive, há o pouco monitoramento da fala, o que justificaria, portanto, a colocação do informante F.S.L.B, quando afirma que já ter se observado utilizando o item, como se fosse algo que fugisse do seu controle.

Na subseção *Gramáticas: em um cenário com contrastes contornados*, vimos que “[...] como você leva o verbo para a terceira pessoa, imagine o terremoto que está ocorrendo na morfologia verbal e em outras regras de concordância!” (CASTILHO, 2014, p.478). Três informantes, C.B.S., K.R.L.A., A.I.R.M., retomaram esse assunto quando questionadas sobre o emprego do *tu*, cuja conjugação, de acordo com a prescrição gramatical, deve concordar com a 2ª pessoa do singular. As informantes C.B.S. e K.R.L.A. afirmaram que, apesar de usar o pronome *tu*, fazem-no sem conjugar o verbo que o acompanha conforme a prescrição gramatical. Todavia, a informante A.I.R.M, por seu turno, assegura que, por uma questão de estilo, quando lança mão do pronome de 2ª pessoa, conjuga o verbo também na pessoa verbal correspondente.

Concluimos, então, que a aplicação do teste de avaliação foi bastante importante para a pesquisa, uma vez que pudemos cruzar os resultados obtidos tanto do estudo de da amostra quanto do conteúdo extraído do teste de avaliação. Ao final das discussões dessa seção, temos evidências suficientes para confirmarmos a hipótese de que o pronome *cê* não sofre estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Além disso, temos, também, elementos que

podem nos levar a pesquisas futuras, como, por exemplo, a presença do pronome *tu* no *locus* de nosso estudo, quer seja realizado como tal quer seja indiretamente, como, por exemplo, nos casos da realização dos pronomes possessivos concordando com a segunda pessoa do singular.

Assim, finalizamos a presente discussão e, na próxima seção, teceremos as considerações finais sobre a pesquisa *VOCÊ e CÊ: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusões são chaves que fecham (do latim *com e claudere*, fechar). Palavras não conclusivas, que deixam abertas as portas das gaiolas para que os pássaros voem de novo. Cada conclusão faz parar o pensamento (ALVES, 2013).

Não foi arbitrariamente que escolhemos as palavras de Rubem Alves para abrir essa seção. A despeito de termos chegado a essa altura do nosso estudo, nas considerações finais, de modo algum, temos a intenção de encerrar as discussões que emergem a partir do estudo pronominal, mais especificamente, da variação/estratificação entre o pronome *você* a sua forma variante *cê* na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Temos, inclusive, a certeza de que, apesar de, pioneiramente, termos avançado de maneira considerável na investigação do fenômeno destacado na comunidade conquistense, não tivemos condição de explorar de maneira ainda mais ampla, em função dos limites temporais que nos são impostos, as possibilidades de estudo que se concentram em torno do objeto deste trabalho. E que bom por isso! Afinal, o fazer científico, a nosso ver, está longe de ser resumido a uma única pesquisa e, além disso, constitui-se por meio de “muitas mãos”.

Posto isso, cabe fazermos algumas ponderações sobre o que discutimos ao longo do texto. Na seção *Retratos do passado ao presente: um olhar pancrônico*, apresentamos o objeto de estudo em uma perspectiva ao longo do tempo. Para tanto, valemo-nos, inicialmente, das contribuições da Sócio-história, expostas na subseção *Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao 'Cê* e, posteriormente, na subseção *Fotografias em dois cenários: nas gramáticas e nos estudos linguísticos*, fizemos uma pesquisa de como o pronome *você* e suas variantes são discutidos nas gramáticas, histórica, prescritiva e descritiva, além de fazermos o levantamento de um número considerável de estudos linguísticos que foram desenvolvidos nas regiões brasileiras e, também, sem especificação tópica, para que tivéssemos mais subsídios no refinamento das análises e facilitássemos o percurso de novos pesquisadores na busca de informação sobre o tema.

Na seção *Dois perspectivas e uma proposta conciliatória*, objetivamos elucidar os princípios teóricos que embasaram as análises. Ancoramo-nos nos pressupostos do Sociofuncionalismo, cujo nascimento se dá a partir de dois grandes faróis teóricos, a saber: a Teoria da Variação e da Mudança Linguística e o Funcionalismo Norte-Americano voltado ao estudo da gramaticalização. Então, nessa ordem, apresentamos as duas teorias nas subseções *À luz da Sociolinguística Variacionista* e *Nas lentes do Funcionalismo Linguístico Norte-*

Americano. Para que, desse modo, na subseção *Uma proposta conciliatória: o Sociofuncionalismo*, pudéssemos nos concentrar na proposta conciliatória entre as duas teorias que licenciam o Sociofuncionalismo, no qual assentamos as posteriores discussões acerca dos resultados obtidos dos dados.

Na sequência, já nos valendo de muitos dos termos elucidados nas seções anteriores, descrevemos a metodologia empregada em nosso estudo, por meio da seção *Direcionamentos metodológicos*. Nela, apresentamos elementos fundamentais para realização do trabalho, como, por exemplo, o *locus* da pesquisa, a constituição da amostra, o delineamento das hipóteses, de que modo organizamos as etapas das análises e quais materiais metodológicos empregamos no momento do tratamento dos dados.

Posto isso, finalmente, na seção *Você e cê em um duelo: os resultados dessa batalha*, registramos as análises, bem como as considerações correspondentes à luz da teoria sociofuncionalista. Observamos, nessa seção, a utilidade dessa teoria no processo de análises. Afinal, como apontou Tavares e Görski (2015), podemos controlar de maneira mais refinada os grupos de fatores linguísticos, como foi o caso, por exemplo, das variáveis independentes *natureza semântico-funcional* e *paralelismo formal*, nas quais pudemos lançar mão da complementariedade entre os princípios tanto da Teoria da Variação e da Mudança Linguística quanto do Funcionalismo Norte-Americano, com o intuito de refinar o olhar para os fenômenos linguísticos verificados.

Vimos, nessa seção, que, na comunidade de Vitória da Conquista – BA, o pronome *você* e a forma sincopada *cê*, em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas, encontram-se em um processo de estratificação/variação. Afinal, os dois itens linguísticos concorrem por um sentido ou um domínio funcional no falar conquistense. Além disso, destacamos que, segundo o subprincípio da distribuição de frequência, o qual está subjacente ao princípio funcionalista de marcação (GIVÓN, 2001), em nossa amostra, a variante *cê* caracterizou-se por ser a mais marcada, em função da menor frequência de uso em relação ao pronome *você*. Confirmando, portanto, a hipótese de que a variante *cê* seria a mais marcada no quesito frequência.

Verificamos, também, por meio da variável independente linguística *natureza semântico-funcional*, que ambas as formas têm apresentado dada extensão de sentido, conforme os princípios de Heine (2003), viabilizando o funcionamento das duas variantes em outros domínios funcionais e, conseqüentemente, legitimando, no vernáculo estudado, o princípio da divergência (cf. HOPPER, 1991). Nossas hipóteses, para essa variável, não foram

confirmadas, visto que esperávamos que o sentido indefinido favorecesse o uso do pronome *você* e a sua forma variante fosse favorecida pelo fator referência definida.

O fato da forma variante *cê* ter sido favorecida pelo fator referência indefinida levamos a considerar outra questão que é a hipótese de cliticização desse item linguístico no Português Brasileiro, proposta por Vitral (1996). Além dessa evidência, nos testes de avaliação, pudemos também observar um elemento que reforça a hipótese do referido estudioso, quando a sentença com o pronome *cê* em posição de complemento verbal foi categoricamente rejeitada pelos informantes que responderam ao teste.

Entretanto, a questão da cliticização do *cê* é um tema a ser discutido em outra pesquisa, pois faz-se necessário controlarmos outros fatores, valer-nos de outros aparatos metodológicos, como programas de análises acústicas, por exemplo, para, assim, obtermos uma análise refinada e chegar a conclusões mais satisfatórias sobre o assunto. E como reconhecemos a necessidade de um recorte e, também, e os nossos limites temporais, além de interessar-nos em perscrutar outros elementos por ora, esperamos que, a partir da presente pesquisa, outros pesquisadores se sintam estimulados a investigar esse fenômeno na comunidade de fala de Vitória da Conquista – BA.

Confirmamos a hipótese de que constataríamos o efetivo funcionamento do *paralelismo formal* no vernáculo conquistense. Além disso, observamos que, apesar da expressiva produtividade do paralelismo estrutural, podemos encontrar respostas em princípios funcionalistas que expliquem quando ocorre a falácia do paralelismo formal. Confirmamos, também, embora parcialmente, as nossas hipóteses para a variável *superestrutura textual*, em que prevíamos uma frequência considerável do pronome *você* ocorrendo em contextos predominantemente argumentativos. Não podemos deixar de destacar a relação que observamos entre as variáveis *natureza semântico-funcional* e *superestrutural textual*.

Com relação às variáveis sociais controladas (*faixa etária, sexo e escolaridade*), pudemos perceber o quanto as marcas subjetivas da sociedade influenciam no curso da língua. Segundo os nossos dados, notamos que, na comunidade de Vitória da Conquista – BA, enquanto os jovens mais escolarizados favorecem o uso do pronome *você*, os informantes mais escolarizados da faixa III favorecem a forma inovadora *cê*. Ao passo que os informantes menos escolarizados favorecem as camadas/variantes exatamente de modo contrário.

As mulheres e homens mais escolarizados da amostra investigada também favorecem o uso da forma conservadora, ao contrário das mulheres e homens menos escolarizados que lideram com o favorecimento da forma inovadora. Esses fatos, apesar de sinalizarem-

nosoposições de prestígio social das variantes, não defendemos que haja estigma com relação à forma inovadora no vernáculo conquistense. Para tal posicionamento, valemo-nos de análises na esfera linguística, apontando a relação com a entrada da referência indefinida na língua, o favorecimento do *cê* pelos mais escolarizados da faixa III, questões de diazonalidade, a relação entre a comunidade de Vitória da Conquista – BA com o Estado de Minas Gerais e a aplicação de teste de avaliação. Obtendo, portanto, subsídios suficientes para confirmar a hipótese inicial de que a forma sincopada *cê* não sofre estigma na comunidade de fala em análise.

Sobre a hipótese de que registraríamos um quadro de variação estável, notamos, na verdade, que, na comunidade de Vitória da Conquista, encontramos uma realidade um tanto intrigante, afinal não constatamos um estágio de variação estável como prevíamos, mas um caso de mudança em curso em direções opostas. Chegamos a esse entendimento, visto que, se analisarmos a variação/estratificação entre o pronome *você* e a variante *cê* do ponto de vista da escolarização, perceberemos que, entre os falantes do Português Popular de Vitória da Conquista, existe uma mudança em curso favorecendo a entrada da forma variante *cê* no falar conquistense. Em contrapartida, se considerarmos a alternância pronominal em estudo a partir da produção linguística dos falantes do Português Culto de Vitória da Conquista, a mudança em curso será concebida na direção diferente, favorecendo a manutenção da forma conservadora *você* no vernáculo conquistense. Isso, portanto, refuta a hipótese aventada.

Diante de todos esses fatos, temos a certeza do quanto é importante continuar os estudos com a temática discutida nessa dissertação. Sabemos que há ainda muito a se pesquisar no vernáculo conquistense no que tange ao comportamento das formas pronominais, como, por exemplo: (i) a hipótese de cliticização da variante *cê*; (ii) a variação/estratificação entre pronomes possessivos *teu/tua* e *seu/sua*, a qual tem influência do rearranjo pronominal, em função do processo de pronominalização/gramaticalização das formas de tratamento; (iii) a investigação mais profunda do pronome *tu*, afinal, o que levaria alguns conquistenses a não usar o pronome *tu*, sendo, inclusive, em alguns casos de maior monitoramento, evitado, dando lugar ao pronome *(vo)cê?*; (iv) o controle da variável número, considerando as formas *vocês* e *cês*; etc.

A despeito de tantas possibilidades de pesquisa dentro da temática, podemos afirmar que o presente estudo, apesar de todos os recortes feitos, deu conta dos seus objetivos geral e específicos, além de fazer um percurso de investigação linguística consideravelmente exaustiva, o qual contribuirá, certamente, para a realização dos trabalhos vindouros com o mesmo objeto de estudo.

Apesar de, no cenário nacional de estudos linguísticos, já existirem muitos trabalhos nos quais os pesquisadores detiveram-se à investigação da variação pronominal, quer seja do *você* quer seja com as suas formas variantes *tu*, *ocê* e *cê*, o nosso estudo, realizado no vernáculo conquistense, caracteriza-se por sua natureza pioneira nos estudos da região com essa temática, visto que consiste na primeira pesquisa de cunho sociofuncionalista na comunidade de fala de Vitória da Conquista – BA.

Assim, esse trabalho pode ser considerado o disparo do gatilho para que novas pesquisas sejam empreendidas, com vistas a, cada vez mais, ampliar o cenário nacional de estudos linguísticos e, ao mesmo tempo, contribuir no refinamento dos pareceres científicos linguísticos acerca da temática por nós, também, discutida.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Wendy. Australian Political Discourse: pronominal choice in campaign speeches. In: LAUGHREN, Mary; MUSHIN, Ilana **Selected Papers from the 2006 Conference of the Australian Linguistic Society**. Queensland: Australia, 2007.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, 2010.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. “Por onde tá ‘o tu’?” no português falado no Maranhão. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 15, n. 1, p. 13-31, 2012.
- ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2013.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. **Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua da Português**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARBOSA, Elenita Alves. **Uma relação de intimidade ou um fosso profundo entre sujeito e verbo: estudo da concordância verbal de 3º pessoa do plural no 9º ano**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2015.
- BARBOSA, Liliane Pereira. Estatuto da forma cê: clítico ou palavra? **Gragoatá**, v. 15, n. 29, 2010.
- BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa** - Olyssipone - *apud* Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. 6. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 2. ed. – Campinas: Pontes, 1988.
- BRIGHT, William. **Language Variation in South Asia**. New York: Oxford University Press, 1990.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. **Lexicalization and Language Change**. New York: Cambridge University Press, 2005.
- BRITO, Danilo da Silva Santos. **A concordância verbal no Português Popular do Brasil: aspectos teóricos da concordância verbal na 3ª pessoa do plural ou P6 na comunidade de**

Vitória da Conquista Bahia. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

CALMON, Elba Nusa. **Ponte da Passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES).** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

CALMON, Elba Nusa. **Pontes da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória.** In: CARDOSO, Caroline Rodrigues *et. ali.* (Orgs). *Variação Linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III encontro do grupo de estudos avançados de sociolinguística da Universidade de Brasília.* Coleção Linguagem e Sociedade, vol. 5. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Trad. De Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa.** 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.

CARNEIRO, Honorina Maria Simões. **As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense.** Tese (Doutorado) – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 2011.

CARVALHO, Danniell. Geometria de traços e a sintaxe de pronomes no português brasileiro. Texto Seleccionado, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, pp. 243-258, 2010a.

CARVALHO, Valter. **Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador.** Dissertação (Mestrado) – UNEB. Salvador – BA, 2010b.

CASTILHO, Ataliba T. A gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários.** n. 19, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Unidirectionality or multidirectionality? **Revista do GEL,** São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 35-48, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In.: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística.** 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CHAVES, Elaine. Implementação do Pronome Você: a contribuição de pistas gráficas. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, v. 183, p. 143-147, 2006.

CHAVES, Elaine; RAMOS, Jânia Martins. Abreviaturas no período 1800-1950: nova fonte de pesquisa diacrônica. **Cadernos de Estudos Lingüísticos,** v. 57, n. 2, 2015.

CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre Formas de Tratamento na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et. al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et. al.* **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes Tu e Você em Santa Catarina. In: COUTO, Letícia Rebollo; SANTOS, Célia Regina dos. (Orgs.). **As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais – Las formas de tratamento em español y en português variación, cambio y funciones conversacionales**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011.

COELHO, Maria do Socorro V. **Uma abordagem variacionista do uso de formas de tratamento no norte de Minas**. 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 1999.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. De *Vossa Mercê* a *cê* no português brasileiro: da gramática ao discurso. **Revista Vertentes**. Universidade Federal de São João Del-Rei. n. 32, 2008.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. O uso da forma Você no Norte de Minas Gerais. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro- CiFEFiL, 2011.

CORRADELLO, Elaine de Fátima Alcará. *QUEM É VOCÊ?* Análise de um pronome pessoal. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 1997.

COSTA, Lairson Barbosa da. **Variação dos Pronomes “Tu”/“Você” nas Capitais do Norte**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, Ângela Furtado da. Funcionalismo. In.: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CYRINO, Sônia ML; BRITO, Onilda RM de. Perda (do uso do tu/te) e aquisição (de você/te). Marília (SP): **Fundação Eurípedes**, [199]. _____, DUARTE, Maria Eugênia L., KATO, Mary A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary, NEGRÃO, Esmeralda. *Brazilian portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuert, Iberoamericana, p. 55-73, 2000.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006. URL: <http://www.corpusdoportugues.org>.

DEUS, Viviane Gomes de. Você ou tu? Nordeste versus Sul: o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do Projeto ALiB. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 2009.

DIAS, Edilene Patrícia. O uso do tu no português brasileiro falado. 2007. vii, 104 f. Dissertação (mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ELIA, Silvio. Língua e Sociedade. In.: _____. **Sociolinguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Padrão, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português; uma abordagem histórica. In: **Fragmenta**, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

FERNANDÉZ, Susana S. Impersonality in Spanish personal pronouns. In: KRAGH, Kirsten Jeppesen; LINDSCHOUW, Jan. **Deixis and Pronouns in Romance Languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V., 2013.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Pergamon, 1994.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. Variação pronominal tu/você em Concórdia-SC: o papel dos fatores sociais. **Signótica**, Goiânia, v. 27 n. 2, p. 265-286, jul./dez. 2015.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A variável sexo/gênero e o uso de tu/você no sul do Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 18, n. 1, p. 182-205, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero da Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GALVES, Charlotte; FARIA, Pablo. 2010. Tycho Brahe Parsed *Corpus* of Historical Portuguese. URL: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GONÇALVES, C. R. De Vossa Mercê a Cê: Caminhos, Percursos e Trilhas. **Cadernos do CNLF**, vol. XIV, n. 4, t. 3, p. 2535-2550, 2010.

GONÇALVES, Clézio Roberto. Cê qui sabi: um caso de variação linguística. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolingüística do uso das formas você, ocê e cê no português**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Clézio Roberto; COELHO, Maria do Socorro Vieira. O uso do pronome ‘você’ em Minas Gerais. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues *et. ali.* (Orgs). **Variação Linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III encontro do grupo de estudos avançados de sociolingüística da Universidade de Brasília**. Coleção Linguagem e Sociedade, vol. 5. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et. al.* Tratado Geral sobre Gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDEZ, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de Gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDEZ, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUILHERME, Ana Rita Bruno; BERMEJO, Víctor Lara. Quão cortês é você? O pronome de tratamento você em Português Europeu. *LaborHistórico*, v. 1, n. 2, p. 167-180, 2015.

GUIMARÃES, Maria Aparecida Souza. **Concordância nominal de número no português popular do Brasil: estudo de variação e mudança no vernáculo conquistense**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, UESB, 2014.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN**, Fortaleza, março de 2001.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa – instrumento de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAIMAN, John. The Iconicity of Grammar: Isomorphism and Motivation. **Language**, v. 56, n. 3. Linguistic Society of America, 1980.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Blackwell handbooks in linguistics. Oxford/Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HUNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HERÊNIO, Kerly Karine Pereira. **Tu e Você em uma perspectiva intralingüística**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

HOPPER, Paul J. **Emergent grammar**. In: BLS. v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: Elizabeth C. Traugott & Bernd Heine (eds.). **Approaches to Grammaticalization**. Vol.1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 17-35, 1991.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HORA, Dermeval. Teoria da Variação: Trajetória de uma Proposta. In: _____ (Org.) **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. UFPB: João Pessoa, 2004.

ILARI, Rodolfo *et. al.* Os pronomes pessoais do Português Falado: roteiro para análise. In.: CASTILHO, Ataliba T.; BASÍLIO, Margarida. **Gramática do Português Falado: estudos descritivos**. Vol. IV. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

ILARI, Rodolfo. Introdução. In.: _____. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: palavras de classe fechada**. Volume IV. São Paulo: Contexto, 2015.

IVO, Isnara Pereira. **Homens de caminho: trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa**. Século XVIII. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEAO, Duarte Nunes de. **Orthographia da lingoa portuguesa** :obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem ; Item hum tractado dos pontos das clausulas. pelo licenciado Duarte Nunez do Lião. - Em Lisboa : per Ioão de Barreira, 1576.

LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, 2002.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia *et. al.* **Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino**. São Paulo: Paulistana, 2010.

LOPES, Célia Regina dos Santos *et. al.* Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; REICH, Uli. **Neue România: Variação linguística em Metrópoles Latino-Americanas**. vol. 39. München: Lincom GmbH, 2009.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Vossa Mercê>Você e Vuestra Merced>Usted: O percurso evolutivo Ibérico. **Revista de Linguística da ALFAL**, São Paulo, v. 14, p.173-190, 2004.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.) **Português Brasileiro II**– contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EDUFF, 2008.

LOPES, Célia Regina dos Santos. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan./jun. 2012.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. A cronologia do Voceamento no Português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico. **Lingüística**, n. 25, p. 30-65, 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo e MOTA, Maria Antonia. (org). **Análise constrativa de variedades do português**: primeiros estudos. 1. ed. Rio de Janeiro, 2003.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antônia. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. I ed. Rio de Janeiro, 2003, v. I, p. 61-76.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. **A Norma Brasileira em Construção**. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século, v. 19, p. 45-66, 2005.

LOPES, Célia; SOUZA, Janaína de. Os caminhos trilhados por *você*... em cartas cariocas (séculos XIX-XX). In: LOBO, Tânia *et. ali.* (Orgs.) **ROSAE**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012.

LOPES, Roberto Paulo Machado Lopes. **Universidade, externalidades e desenvolvimento regional**: as dimensões socioeconômicas da expansão do ensino superior em Vitória da Conquista. Tese de doutorado em Geografia. Planificación Territorial y Gestión Ambiental, Faculdade de Geografia e História da Universidad de Barcelona. Barcelona, 2012.

LOREGIAN, Loremi. Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. Curitiba: Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, 2004.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação Você(s), Ocê(s) e Cê(s) em Irati, Paraná. **Anais do X Encontro do CELSUL** – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR, 2012.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; MENON, Odete Pereira da Silva. Você, ocê e cê em Curitiba, Paraná. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 15, n. 1, p. 223-243, 2012.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da língua moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUFT, Celso Pedro. **Gramática resumida**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2004.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MACHADO, Ana Carolina Morito. A implementação de você no quadro pronominal do português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 5, n. 2, p. 23-47, 2008.

MACEDO, Ana Isabel Rocha. **O texto e sua estrutura: aspectos superestruturais e macroestruturais** – Caderno de Apontamentos – nº 2. Série Textos Didáticos. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

MÃO BRANCA, Edigar. Cantar Conquista In: _____. **Briquiteiro**. CD. Faixa 8. São Paulo: Nany CDs, 2010.

MARCOTÚLIO, Leonardo Lennertz. Gramaticalização e padrões vacilantes de concordância verbal: o caso de vossa mercê. In: **La lengua, lugar de encuentro [Recurso electrónico]: actas del XVI Congreso Internacional de la ALFAL** (Alcalá de Henares 6-9 de junio de 2011). Servicio de Publicaciones, p. 4327-4336, 2011.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. **Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português**. Tese de Doutorado. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2012.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Formas de tratamento no português arcaico: contribuições do teatro português quinhentista. **Confluência**, v. 1, n. 46, 2014.

MARES, Rizia Mendes. **A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA: lógicas e práticas espaciais do lazer**. 170 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2016.

MARTELOTTA, M. E. A mudança linguística. In: CUNHA, M. A. F. da; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.

MARTINS, Germano Ferreira. A alternância tu/você/senhor no município de Tefé-estado do Amazonas. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaios para uma Sócio-história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. **História local e memorial: limites e validade**. Campinas, SP: Librum Editora, 2013.

MEIRA, Gilberto Almeida. **Estudo comparativo entre as normas popular e culta do português de Vitória da Conquista: concordância nominal de número.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2015.

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma? território/lugar, memória e representações sociais.** 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. **Revista Percursos Linguísticos.** v. 2. n. 4, 2012.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras,** v. 44, 1995.

MOLLICA, Maria Cecília Mollica; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa.** 4. ed. revista e ampliada. Campinas: Pontes, 2002.

MORAIS, Gerlane; DODEBEI, Vera; ORRICO, Evelyn. Os discursos construídos historicamente no campo patrimonial a partir de dois monumentos erigidos na cidade de Vitória da Conquista (BA): o Monumento aos Bandeirantes e o Monumento aos Índios. **Anais do ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História.** Fortaleza, 2009.

MOTA, Maria Alice. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no Português Oral de São João da Ponte (MG).** *Dissertação* (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

MOTA, Maria Alice. Uso de ‘tu’ e ‘você’ no Português oral de São João da Ponte (MG). In.: RAMOS, Jânia M.; COELHO, Sueli Maria (org.) – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

MOURA, Kássia Kamilla de. **A implementação do você em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX.** *Dissertação* (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá.** Niterói, n. 9. p. 125-134, 2000.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de “você” no Brasil. In: **Letras.** Curitiba/PR: Ed. UFPR, v.6, n.05, p. 114-122, 1956.

NASCIMENTO, Ivanete Belém do. Cê num tá se cliticizando?–Processos de cliticização e mudança linguística no PB. In: **CONGRESO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VI, João Pessoa. Anais...** João Pessoa: Ideia. 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos Funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.* Vol. 15. Nº Especial, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os Pronomes. In.: CASTILHO, Ataliba T.; ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Classes de Palavras e Processos de Construção**. Vol. II. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os Pronomes. In.: ILARI, Rodolfo (org). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: palavras de classe fechada**. Volume IV. São Paulo: Contexto, 2015.

NOGUEIRA, Francieli Motta da Silva Barbosa. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?** Dissertação de Mestrado – UFBA: Salvador, 2013.
NUNES, Dr. José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia**. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da lingoagem portuguesa** – (Fernão Doliueira). - Em Lixboa - e[m] casa d'Germão Galharde, 27 Ianeyro, 1536.

OLIVEIRA, Sandra Carneiro de. **“Se eu falar você, painho me mata!” Tratamento entre pais e filhos em Salvador**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2014.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Revisitando o status do pronome *cê* no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 135-156, jan./jun. 2013.

OTHERO, Gabriel. Revisitando o status do pronome *cê* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, p. 135-156, 2013.

PACHECO, Cíntia da Silva. Alternância *nós* e *a gente* no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil - Uruguai (Aceguá). 2014. 311 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In.: MOLLICA, Maria Cecília Mollica; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, Rachel. “NEGRÃO” E “NEGRINHA”: UM ESTUDO DA VARIAÇÃO NO TRATAMENTO EM CARTAS AMOROSAS DA FAMÍLIA PENNA. **PERcursos Linguísticos**, v. 2, n. 6, 2012.

PERES, Edenize Ponzo. **O Uso de Você, Océ e Cê em Belo Horizonte: Um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real**. 2006. Tese de Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

PERES, Edenize Ponzo. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 1, n. 1, 2007.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editorial Parábola, 2010.

PETERSEN, Carol. The tripartition of the pronominal system and the status of the proforms você, ocê and cê. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 24, n. 2, p. 283-308, 2008.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista**. Salvador: EDUFBA, 2002.

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William, (eds.) **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.

RAMOS, Jânia. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: DA HORA, Demerval (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa, PB: Idéia, 1997.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa: 36 ed.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ROCHA, Warley José Campos. (VO)CÊ. In.: _____. **Olhando de uma janela: (d)escrevo o que vejo dela...** Disponível em: <<http://olhandodeumajanela.blogspot.com.br/2016/06/voce.html>>. Acesso em: 26/06/2016, às 23:54h.

ROCHA, Warley José Campos; SOUSA, Valéria Viana; SILVA, Jorge Augusto Alves da. O pronome você e a sua forma variante cê na fala conquistadas: semelhanças ou diferenças sociofuncionais? **Revista Philologus**, Ano 21, N° 63 – Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2015.

ROCHA, Warley José Campos; SOUSA, Valéria Viana; Um Você Gramaticalizado nos Caminhos do Marketing: Um Valor Binário. **Periódicos UESB: Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 11, p. 2869-2882, 2015.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Para uma história da pronominalização de “vossa mercê” na língua portuguesa: uma abordagem sócio-funcionalista. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 23, 2004.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Traços formais e semântico-discursivos No processo de Gramaticalização de 'Vossa mercê' > 'você'. **Revista do GEL**, v. 3, p. 67-82, 2014.

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. Indeterminação do sujeito no português rural do Semiárido baiano. In: ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). **Variação Linguística no Semiárido Baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

SANTOS, Adriana Cabral dos. **A construção do referencial para o pronome você: uma análise discursiva dos títulos de livros de auto-ajuda.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística, 2005.

SANTOS, Viviane Maia. A constituição de *corpora* orais para a análise das formas de tratamento. Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça, SC, out. 2010.

SANTOS, Viviane Maia. **"Tu vai para onde?... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca.** Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2012.

SANTOS, Lorenna Oliveira dos; SOUSA, Valéria Viana. A repetição de sintagmas verbais na oralidade a partir de uma perspectiva funcionalista. **Guavira Letras**, Três Lagoas/MS, n. 22, p. 146-158, jan./jun. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** 27. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 [1916].

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 21, n. 3, p. 117-134, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira *et. ali.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marco Aantonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo lingüístico. **Revista de estudos da linguagem**, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, 2011.

SILVA, Ivanilde da. **Em terras de você o natural é misturar pronomes de segunda pessoa do singular:** estudos dos pronomes TU e VOCÊ no Português Popular do Brasil. 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SILVA, Milca Cerqueira Etinger; SOUSA, Valéria Viana; SILVA, Jorge Augusto Alves da. Um estudo preliminar sobre o estudo da unidirecionalidade no futuro verbal. **Revista Philologus**, Ano 21, Nº 63 – Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2015.

SOUSA, Valéria Viana. **Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você.** 2008. Tese (Doutorado) - UFPB, João Pessoa, 2008.

SOUSA, Valéria Viana. **Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você.** In: SILVA, Camilo Rosa

Silva; HORA, Dermeval da. (org.). **Forma e conteúdo: estudos de sintaxe e semântica de português**. João Pessoa: Ideia, 2016.

SOUSA, Valéria Viana *et. al.* **Variação e mudança linguística na língua portuguesa: olhares sociolingüísticos e (socio)funcionalistas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016 (*no prelo*)

SOUZA, Soliane Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação no uso das estratégias de indeterminação do sujeito no português popular da Matinha – BA. In: ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). **Variação Linguística no Semiárido Baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolingüística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Tese de Doutorado em Linguística – UFSC: Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, p. 27-48, 2013.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e Sociofuncionalismo. In.: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J (Orgs). **Mapeamento sociolingüístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. Comédias podem ser altamente formais ou sobre a seleção de textos. **Sitientibus**. n. 29, p. 41-49, jul./dez. Feira de Santana, 2013.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. Por onde andava o tu no final do século XIX? **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 1, p. 161-175, 2008.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Livraria Almeida, 2001.

VITRAL, Lorenzo. A forma CÊ e a noção de gramaticalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, ano 5, n. 4, v. 1, UFMG, p. 116-124, 1996.

VITRAL, Lorenzo. COELHO, Sueli. **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Gramaticalização de “Você”: um processo de perda de informação semântica? **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 3, 1999.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Réplique a Petersen (2008): a tripartição pronominal e o estatuto das proformas cê, ocê e você. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 26, n. 2, p. 387-407, 2010.

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. VOTRE, Sebastião Josué. CEZÁRIO, Maria Maura (organizadores).

Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcionalista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WILSON, Victória; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e iconicidade. In.: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística.** 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Teste de Avaliação



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLin
 Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL
Mestrando: Warley José Campos Rocha
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa
Coorientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

TESTE DE AVALIAÇÃO

Pedimos a você a gentileza de responder cinco (05) questões, sendo, para tanto, bastante sincero(a). Suas respostas são de grande importância para a realização do nosso estudo. Lembramos, também, que a sua identidade não será revelada em momento algum. Desde já, agradecemos a sua atenção e contribuição a nossa pesquisa.

Nome Completo: _____

FAIXA ETÁRIA:

- () faixa I – de 15 a 35 anos
 () faixa II – de 36 anos a 49 anos
 () faixa III – de 50 anos em diante

Quantos anos de Escolaridade? _____

1 – Nesse primeiro momento, gostaríamos de saber a sua opinião sobre a forma como os conquistenses falam? Você percebe alguma característica no modo de falar dos conquistenses que os identifica ou diferencia da maneira de falar de pessoas de outro(s) lugar(es)? Ou alguma semelhança como a maneira de falar de outros lugares?

2 – Dentre as sentenças abaixo, há alguma que você NÃO diria?

- 1 - *Você* pode me encontrar amanhã.
- 2 - *Cê* passa lá em casa.
- 3 - *Você* estuda onde?
- 4 - Eu trouxe isso pra *você*.
- 5 - Ele não gosta de *cê*.
- 6 - *Cê* tá onde?
- 7 - *Você* pode pegar o ônibus UESB.
- 8 - *Cê* compra isso na farmácia.

Se você marcou alguma das alternativas acima, o que lhe levou a assinalá-la?

3 – Estudos comprovam que os conquistenses usam tanto o pronome *VOCÊ* quanto o pronome *CÊ*. Você também usa os dois pronomes? Por favor, apresente uma breve justificativa.

4 – O que você acha do uso do pronome *CÊ*?

5 – Você usa o pronome *TU*? Em que situações você usa (ou prefere usar) o tu em detrimento ao *VOCÊ/CÊ*?

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro de perguntas para a entrevista



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL
Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo
&
Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

Abaixo, seguem sugestões de perguntas, topicalizadas por tema, que podem ser feitas na entrevista com o informante selecionado através do Perfil Social. É importante que: (1) sejam realizadas previamente a leitura e a seleção das perguntas; e que (2), quando necessário e desejado, as perguntas sejam reformuladas pelo entrevistador.

Infância:

1. Como foi a sua infância?
2. Você se lembra de alguma história interessante que tenha acontecido com você na sua infância? Ou você se lembra de alguma história interessante na sua infância com você, com sua família ou com alguém conhecido?
3. Como eram as brincadeiras na sua infância?
4. O que você acha das brincadeiras de sua época em relação às brincadeiras de hoje?
5. Na sua opinião, as crianças sempre se divertem independentemente do tipo de brinquedo, sempre se adaptam? Ou as crianças eram mais felizes antes que hoje ou o contrário disso são mais felizes hoje, porque têm mais recursos, do que antes?
6. No Brasil e na própria região onde moramos, há crianças que trabalham desde cedo. Você conhece alguém nessa situação?
7. O que você acha disso?

Localidade - bairro/ rua

1. Você sempre morou nesse bairro?
2. Você acha bom morar aqui? Por quê?
3. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
4. Como é que é morar nesse bairro? É movimentado ou tranquilo? Você preferiria que fosse como?
5. E a vizinhança? Como ela é?

Localidade – cidade

1. O que você acha de morar em Vitória da Conquista? Por quê?
2. Você falou que gosta (ou que não gosta) de Micareta/ Carnaval. O que você costuma fazer nesse período?
3. Você falou que gosta (ou que não gosta) de São João. O que você costuma fazer nesse período?
4. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
5. O que você acha do clima daqui? Você gosta ou não? Por quê?
6. E os conquistenses? O que você acha das pessoas que moram aqui?
7. Quando você viaja e passa um tempo fora, quando volta tem saudades de quê? Por quê?

Profissão:

1. Você trabalha em quê?
2. O que você faz no seu trabalho? Conte a sua rotina, um dia de trabalho.
3. É essa sua profissão?
4. Você tem vontade de trabalhar em outra coisa ou em outro lugar? Por quê?
5. Como foi a experiência para você do primeiro emprego?
6. Se fosse para você escolher hoje uma profissão, qual você escolheria? Por quê?
7. Você se lembra de algum fato interessante ocorrido no seu trabalho?

Escola:

1. Onde você estuda? Tem quanto tempo que estuda lá?
2. Quais foram os motivos que impediram/ que dificultaram que você estudasse?
3. Você gosta da escola? Por quê?
4. Você teve vontade de estudar?
5. Você acha o estudo interessante e importante? Por quê?
6. O que você acha da educação em Conquista?
7. Você vê diferença na educação de hoje e na educação de antes? Em que são diferentes?
8. Você se lembra de alguma história interessante que aconteceu na escola?
9. Qual é a disciplina que você mais gosta? Por quê?
10. Se você pudesse retirar uma disciplina da escola, qual você retiraria? Por quê?
11. Você pensa em fazer vestibular? Para quê?
12. Quais os motivos que contribuíram para você escolher esse curso?
13. O que você mais gosta (ou mais gostava) na escola?

Família:

1. Como é a sua família? Você tem quantos irmãos?
2. Como é que são seus pais? Fale um pouco sobre eles.
3. Como é que são seus irmãos? Onde moram? O que fazem?
4. Vocês passavam muito tempo juntos na infância? O que vocês faziam juntos?
5. Lembra de alguma história interessante vivida com a sua família na infância?
6. Lembra de alguma história interessante vivida com a sua família?

7. Lembra de alguma viagem? Conte.
8. Você tem filhos? Como é o seu relacionamento com eles?
9. O que você acha que faz por eles que seus pais não fizeram com você?
10. Você é casado (a), tem namorado (a)? Como vocês se conheceram?

Lazer:

1. O que você costuma fazer em Conquista nos finais de semana? Você costuma sair? Para onde?
2. O que costuma fazer nesse lugar?
3. Você disse que gosta de cinema/ novela. Tem algum (a) filme/novela em especial que tenha marcado você? Que você goste mais? Qual?
4. Conte um pouco a história dele (a).
5. O que você acha das opções de lazer em Conquista?
6. O que você acha que poderia melhorar?
7. Qual é a sua diversão preferida?
8. Qual é o estilo de música que você mais gosta? Por quê?
9. O que você acha dessas músicas atuais?
10. Qual é a sua religião? Fale um pouco a respeito dela.
11. Com relação à religiosidade, a sua família também pensa com você?
12. Costuma ler livros? Lembra de algum que tenha lido? Conte a história.

Pessoais:

1. Estudar e trabalhar para você são difíceis de conciliar? Por quê?
2. O que você acha da sua forma de falar? Por quê?
3. Você mudaria alguma coisa no seu jeito de falar?
4. Você acha que todos os brasileiros falam da mesma forma? Por quê?
5. Você conhece alguém que fala diferente de você? Como é essa diferença?
6. Você já teve alguma doença mais séria? Qual foi?
7. Você já esteve diante evento de morte de uma pessoa querida? Como foi?
8. Como você se sentiu?
9. Você já fez algo que se arrependeu depois? Conte.
10. O que mais magoa você?
11. Você tem algum sonho? Conte.
12. Se tivesse um cargo tipo presidente da república o que faria de imediato? Por quê?
13. O que você gostaria de ver publicado na manchete de um jornal?
14. Você gosta de novelas? Quantas costuma assistir diariamente? Qual é a que mais gosta na atualidade? Por quê?
15. Ao ler revistas, o que procura nas mesmas? Qual é o seu maior interesse nas revistas?
16. E futebol? Qual é o seu time? Gosta de assistir aos jogos pela televisão ou rádios? Por quê?
17. Costuma ir a estádios?
18. Como é assistir a um jogo em um estádio?
19. Costuma viajar nas férias?
20. Há algum lugar específico que sempre vai ou escolhe lugares diferentes?
21. O que você procura fazer quando viaja? Geralmente, qual é o motivo que o faz viajar: férias, ver amigos, visitar parentes, trabalhar, participar de eventos?
22. E esse São João? O que você fez nesse São João?

23. Tem planos para as próximas férias? Quais?

ANEXO B – Ficha Social do Informante



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL
 Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo
 &
 Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Número: _____ Data : _____ / _____ /20____
 Entrevistador: _____ Local / Bairro : _____

1. Nome: _____
2. Endereço: _____
3. Telefone(s) para contato: _____
4. Data de nascimento: _____
5. Naturalidade: _____
6. Oriundo da : () Zona urbana () Zona rural
7. Há quanto tempo você mora nesse bairro?

8. Qual é a naturalidade dos seus pais?
 PAI : _____
 MÃE: _____
9. Há quanto tempo seus pais moram em Vitória da Conquista?

10. Você estuda?
 () sim
 () não
 () nunca estudou
11. Qual a série? _____
12. Até que série estudou? _____
13. Por que não continuou os estudos? _____

14. Você trabalha? () sim () não

15. Em quê? _____

16. É essa a sua profissão? () sim () não

17. Você tem uma outra profissão? () sim () não

18. Qual é a sua profissão? _____

16. Você se sustenta sozinho(a)? () sim () não

17. Você recebe ajuda financeira de quem?

() família

() outros (quem? _____)

18. Qual a sua renda mensal aproximada (ou renda familiar)

Renda individual : _____

Renda familiar : _____

19. Além de você, quantas pessoas moram em casa?

20. Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?

() parente (s) (indicar) : _____

() não parente (indicar): _____

21. Você costuma ver TV? () sim () não

22. Qual (is) programa(s) assistidos por você?

() novela Quais? _____

() notícias Quais? _____

() esportes Quais? _____

() outros Quais? _____

23. Você acompanha alguma novela ? Qual (quais)? _____

23. Você costuma ouvir rádio? () sim () não

24. Em que horário você ouve? _____

25. Qual(is) é/são o(s) programa(s) ouvido(s) por você? _____

26. Em média , quanto tempo do se dia você passa:

a) assistindo TV _____

b) ouvindo rádio _____

26. Você lê jornal?

() sim, diariamente () não () de vez em quando

27. Qual (is) jornal (is)? _____

28. Quais são as partes do jornal que você mais tem interesse?

29. Você gosta de ler revistas? () sim () não

30. Qual (is) revista (s)? _____

31. Você costuma usar internet? () sim () não

32. Onde? _____

33. Quanto tempo você costuma usar? _____

34. O que você costuma acessar (ver) na internet? _____

31. Você costuma ir ao cinema?

() sempre

() não

() de vez em quando

32. Qual tipo de filme você prefere?

() romance

() comédia

() drama

() suspense

() ação

() outros

33. Você se lembra de algum filme em especial?

33. Qual a sua diversão favorita? _____

34. Você gosta de micareta/carnaval? () sim () não

35. Você gosta de São João? () sim () não

36. Você gosta do Natal () sim () não

37. Você gosta de futebol? () sim () não

38. Qual time? _____

39. Você tem alguma religião? () sim () não

40. Qual é a sua religião? _____

41. Você é uma pessoa que
- nunca sai de Vitória da Conquista
 - só sai a negócio
 - sempre sai para passear

42. Passa muito tempo fora da cidade?
- menos de um mês
 - mais de um mês (especificar)

Atitude: Receptivo/Extrovertido ()

Refratário/Introvertido ()